

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE MESTRADO EM TEOLOGIA– *STRICTO SENSU*

JONH ANDERSON RODRIGUES DE MORAIS

O REINADO TRINITÁRIO DO DEUS CRISTÃO
NA PERSPECTIVA DE SIMONE WEIL E JOSEPH COMBLIN

CURITIBA

2024

JONH ANDERSON RODRIGUES DE MORAIS

O REINADO TRINITÁRIO DO DEUS CRISTÃO
NA PERSPECTIVA DE SIMONE WEIL E JOSEPH COMBLIN

Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia (PPGT), Área de Concentração Teologia Sistemática Pastoral, Linha de Pesquisa Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

M827r
2024

Morais, Jonh Anderson Rodrigues de
O reinado trinitário do Deus cristão na perspectiva de Simone Weil e Joseph
Comblin / Jonh Anderson Rodrigues de Moraes ; orientadora: Andréia Cristina
Serrato. – 2024.
157 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2024
Bibliografia: f. 146-157

1. Santíssima Trindade. 2. Comunidades cristãs. 3. Povo de Deus. 4. Weil,
Simone. 5. Comblin, Joseph, 1923-2011. I. Serrato, Andréia Cristina. II. Pontifícia
Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia.
III. Título.

CDD 20. ed. – 231.044

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 011.2024
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos dez dias de junho de dois mil e vinte e quatro, reuniu-se às dez horas, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Profa. Dra. Andreia Cristina Serrato, Profa. Dra. Alzirinha Rocha de Souza, Prof. Dr. Waldir Souza, para examinar a Dissertação do mestrando **Jonh Anderson Rodrigues de Moraes**, ano de ingresso 2023, aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Teologia Sistemático - Pastoral - Linha de Pesquisa: "Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa". O mestrando apresentou a dissertação intitulada "**O REINADO TRINITÁRIO DO DEUS CRISTÃO NA PERSPECTIVA DE SIMONE WEIL E JOSEPH COMBLIN**". O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi APROVADA pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às 11h30. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

Profa. Dra. Andreia Cristina Serrato - Presidente/Orientadora



Profa. Dra. Alzirinha Rocha de Souza - Convidada Externa

Prof. Dr. Waldir Souza - Convidado Interno



Prof. Dr. Waldir Souza

Coordenador interino do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu

À Santíssima Trindade, à Virgem Maria, Mãe da Conceição; aos Santos Cônegos Regulares de Latrão; ao Padre Ibiapina; aos Missionários e Missionárias; à comunidade canonical do Seminário Lateranense e a todos os meus amigos e amigas que marcam essa trajetória, bem como a todo o povo de Deus. À professora Andréia Serrato. Dedico.

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade Deus de Amor e Comunhão que, ao longo desse itinerário, tem me dado força e coragem a fim de superar as dificuldades, dando-me sabedoria e entendimento para realizar este trabalho conforme a sua vontade. Bem como à bem-aventurada Virgem da Conceição, a Mãe do Salvador, que tem sido meu refúgio nos momentos de estudos e reflexão.

Ao Programa de Pós-graduação em Teologia, que me proporcionou uma boa formação intelectual teológica sólida e, assim, vislumbrando um horizonte superior, fez possível o desenvolvimento desta dissertação. A todos os professores e professoras pela dedicação e empenho para tal formação. À PUCPR, a minha eterna gratidão por ter confiado nesta tarefa teológica-filosófica de um jovem pesquisador com incentivos para o aprendizado desde a graduação.

À professora e doutora Andréia Cristina Serrato, uma professora excepcional. A grande Mestra do ensino teológico que, sempre disposta, auxiliou-me neste estudo para tal trabalho e fomentou a potencialidade para este desenvolvimento com total empenho e disponibilidade.

Agradeço ao Prof. Dr. Rudolf Von Sinner e também ao Prof. Dr. Waldir Souza, coordenador do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUCPR, pela sua compreensão e orientações diante dos momentos difíceis.

A meus pais, José Paulino da Silva e Josefa Alves de Moraes; a meus avós, José Rodrigues da Silva (*in memória*) e Eunice Paulino de Andrade; a meu tio, Josinaldo, as minhas tias, Maria do Livramento, Leoneide Paulino e Maria Gracelita e a minha irmã, Maria Beatriz. Nestas pessoas, todos os meus familiares.

Enfim, à comunidade canonical São Miguel, pela confiança estabelecida. Aos padres Valdir Bianchet e Jair Ari Scariot. Ao padre Mario Tadeu Paulino, visitador dos Cônegos Regulares Lateranenses; bem como a seu Conselho. Ao Ir. Nenilton Santana e aos seminaristas que residem comigo no Seminário Lateranense. A todos os colegas e à comunidade São José e Nossa Senhora das Mercês, pois com elas aprendi a encarar a realidade, não como pronta, mas uma construção cotidiana.

“O sábio busca a sabedoria de todos os antigos e dedica seu tempo às profecias. Conserva as narrações de homens célebres, penetra na sutileza das parábolas. Investiga o sentido oculto dos provérbios, deleita-se com os segredos das parábolas” (Eclo 39, 1b-3).

RESUMO

A história do Reinado Trinitário do Deus Cristão, mais especificamente na vida mística de Simone Weil e Joseph Comblin, é uma teologia que versa não apenas o âmbito eminentemente eclesial, mas também aponta concessões acerca da relação entre a totalidade do ser humano e a sua abertura para o transcendente. A problemática que consiste nessa pesquisa é como compreender/entender o Reinado Trinitário do Deus Cristão vivenciados por Simone Weil e Padre José Comblin. A hipótese levantada foi que, para entender o significado da Trindade para a vida dos pobres pode-se mergulhar nos exemplos de vida da mística de Simone Weil e José Comblin na perspectiva do Reinado de Deus, especificamente no meio rural, no abraçar a cruz. Já que a cruz de Cristo é uma demonstração da solidariedade de Deus para com toda geração humana e é no envio de seu Espírito, que se faz o aperfeiçoamento do mundo como morada de Deus e assim os seres humanos são recebidos no seio da Trindade. Sendo assim, com o objetivo de sistematizar o pensamento teológico trinitário de Weil e Comblin, foi preciso traçar um breve percurso da concepção e desenvolvimento da dogmática teológica Trinitária Cristã, desde a pregação de Jesus sobre o Reino de Deus até o evento Pascal como epicentro da revelação Trinitária. A este mistério revelado fundante se abordou os principais Concílios Ecumênicos junto às intuições dos padres da Igreja e dos teólogos e teólogas da modernidade. Dessa forma, tal estudo foi relacionado à práxis essencial da experiência eucarística de Weil ao trabalho camponês, com a “teologia da enxada”, de Comblin. Para tanto, fez-se um percurso desde a formulação dogmática da fé cristã até a concepção mística como um caminho de conhecimento e abertura para o Deus de Jesus Cristo, tendo como exemplo Simone Weil, da mesma forma que a dedicação da formação de Missionários/as de Joseph Comblin como proposta de evangelização urgente e concreta na América Latina. Os resultados foram que ambos, Weil e Comblin abraçaram o Caminho: maneira pela qual os primeiros seguidores de Jesus se autodenominaram. A culminância tem seu epicentro no derramamento do Espírito Santo por Jesus na cruz. Destarte, a Igreja é chamada a ser a semente desse Reino trinitário realizado numa pericorese de Amor, tendo como meta o encontro da verdadeira liberdade! Para os grandes místicos, Deus se faz mais próximo, manifestando mais amor no dom Pascal de Jesus Cristo, na ação interior pelo dom do Espírito, propondo-nos a acolher a manifestação e responder a ela, livres da tentação, do desânimo e da ansiedade.

Palavras-chave: Trindade; Ação; Comunidade; Mística; Povo de Deus.

ABSTRACT

The history of the Trinitarian Reign of the Christian God, more specifically in the mystical life of Simone Weil and Joseph Comblin, is a theology that deals not only with the eminently ecclesial scope, but also points out concessions regarding the relationship between the totality of the human being and its openness to the transcendent. The problem involved in this research is how to understand the Trinitarian Reign of the Christian God experienced by Simone Weil and Father José Comblin? The hypothesis raised was that to understand the meaning of the Trinity for the lives of the poor, one can delve into the life examples of the mysticism of Simone Weil and José Comblin from the perspective of the Reign of God specifically in rural areas, in embracing the cross. Since the cross of Christ is a demonstration of God's solidarity with the entire human generation, where the sending of his Spirit is already the perfection of the world as God's home and thus human beings are received into the bosom of the Trinity. Therefore, with the aim of systematizing the Trinitarian theological thought of Weil and Comblin, it was necessary to trace a brief trajectory of the conception and development of Christian Trinitarian theological dogmatics, from Jesus' preaching about the Kingdom of God to the Paschal event as the epicenter of Trinitarian revelation. This founding revealed mystery was addressed by the main Ecumenical Councils together with the intuitions of the Church fathers and modern theologians. In this way, this study was related to the essential praxis of Weil's Eucharistic experience to peasant work, with Comblin's "hoe theology". To this end, a journey was made from the dogmatic formulation of the Christian faith to the mystical conception as a path of knowledge and openness to the God of Jesus Christ, taking Simone Weil as an example, in the same way as the dedication of the training of Missionaries/ those of Joseph Comblin as a proposal for urgent and concrete evangelization in Latin America. The results were that both Weil and Comblin embraced the Way: the way Jesus' first followers called themselves. The total culmination has its epicenter in the outpouring of the Holy Spirit by Jesus on the cross. Thus, the Church is called to be the seed of this Trinitarian Kingdom realized in a perichoresis of Love, with the goal of finding true freedom! For the great mystics, God becomes closer, manifesting more love in the Paschal gift of Jesus Christ, in the interior action through the gift of the Spirit, proposing us to welcome the manifestation and respond to it, free from temptation, discouragement and anxiety.

Keywords: Trinity; Action; Community Mystique; God's people.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Decreto Apostolicam Actuositatem
AD	Attente de Dieu, La Colombe, 1950, Fayard, 1966, Seuil, 1977
Am	Amós
AMMP	Associação das Missionárias do Meio Popular
Ant. Lit	Antologia Litúrgica
Ap	Apocalipse
Apol	Apologias – Justino de Roma.
At.	Atos dos Apóstolos
AAS	Acta Apostolicae Sedis
Cân	Cânone
CELAM	Conferência Episcopal Latino Americana
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CFM	Centro de Formação Missionária
CF	Campanha da Fraternidade
CIBE	Centre d'instruction pour brancardiere ecclésiastiques
CIC	Codex Iuris Canonici (Código de Direito Canônico).
CIgC	Catecismo da Igreja Católica
CL	Christifideles Laici
CS	La Connaissance Surnaturelle (Cahiers d'Amérique), Gallimard, 1950
Col	Carta aos Colossenses
1Cor	Primeira Carta aos Coríntios.
CRL	Cônegos Regulares Lateranenses – Chanoines Réguliers du Latran.
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
C.C.P.I.	El Credo Comentado por Los Padres de La Iglesia
C.H.	Contra as Heresias - Santo Irineu de Lião.
DAP	Documento de Aparecida.
DH	Denzinger - Hünermann
DP	Documento de Puebla
Ef	Carta aos Efésios
EFM	Escola de Formação Missionária.
Elc	Eclésiastes
Elco	Eclésiástico
EN	Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi
Est.	Estudos da CNBB, 104
Ez	Ezequias
Fil	Carta aos Filipenses
Gl	Carta aos Gálatas
Hb	Carta aos Hebreus
ITER	Instituto Teológico do Recife
Is	Isaías
IGMR	Instrução Geral do Missal Romano
Jd	Carta de Judas
Jo	Evangelho de São João
1 Jo	Primeira Carta de São João

JOC	Juventude Operária Católica
Jr	Jeremias
K	Cahiers de Weil
Lc	Evangelho de São Lucas
LG	Lumen Gentium
LMD	Lecionário da Missa Dominical A-B-C
LR	Lettre à un religieux
Mt	Evangelho de São Mateus
Mc	Evangelho de São Marcos
MR	Missal Romano
NA	Nostra aetate. Decl. sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não Cristãs.
N.D.	Os Nomes Divinos - Oeuvres complètes du Pseudo-Denys. l'Aréopagite
OC	Oeuvres Complètes, Paris, Gallimard, en cours de parution.
Pr	Provérbios
1Pd	Primeira Carta de Pedro
Q	Questões da Suma Teológica de Santo Tomás.
RDC	República Democrática do Congo
Rm	Carta aos Romanos
RP	Ritual da Penitência
1Rs	Primeiro Reis
Sb	Sabedoria
SC	Sacrosanctum Concilium
TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia
Tt	Carta a Tito
Tg	Carta de Tiago
2Tl	Segunda Carta aos Tessalonicenses

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2.	ACERCA DA REVELAÇÃO TRINITÁRIA	21
2.1	Jesus Revela e Mostra O Pai.....	22
2.2	A Revelação Trinitária da Cruz	40
2.3	A Trindade Econômica e a Trindade Imanente	52
2.4	Resumindo	64
3	SIMONE WEIL MÍSTICA SOLIDÁRIA.....	65
3.1	A Singularidade Filosófica Cristã de Simone Weil.....	66
3.2	O Esforço da vida dos trabalhadores rurais assumido por Simone Weil.....	74
3.3	Resumindo	88
4	JOSÉ COMBLIN POR UMA IGREJA EM AÇÃO	89
4.1	Teologia da Enxada e Seminário Rural	89
4.2	As Missionárias do Meio Popular o anúncio do Reino	102
4.3	Resumindo	111
5	A TRINDADE E A EXPERIÊNCIA HUMANA	112
5.1	Espiritualidade trinitária de Weil e Comblin.....	112
5.2	Em Síntese	124
5.3	Weil e Comblin Profetas do Reino Trinitário.....	125
5.4	Resumindo	134
6	E NÓS SOMOS UM !?	136
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
	REFERÊNCIAS.....	146

1 INTRODUÇÃO

O Reino de Deus que Jesus anunciou e fora proclamado nos albores do cristianismo é um reinado Trinitário. A teologia de Paulo, dos sinóticos e de João é significativa e delicada, por isso, fazem questão de ressaltar que Jesus é o Filho de Deus em sentido único, diferente da nossa compreensão, pois nós somos filhos no Filho que é Jesus.

Essa afirmação expressa uma relação única entre Jesus e Deus. “Recorde-se que Santo Tomás recorreu ao conceito de relação em dois pontos culminantes de sua doutrina: acerca da criação, explicada como relação, e acerca das Pessoas na Trindade, explicadas como relações subsistentes” (Molinaro, 2000, p. 116). A humanidade não pode com suas próprias forças alcançar a Salvação depois do pecado original, por isso, ficou privada da glória de Deus (Rm 3, 23). Foi graças à Encarnação do *Logos*, que Deus, doando-se à sua criatura, restituiu a originalidade do ser humano, culminando na filiação divina com o amor e a união de Jesus assumindo a humanidade.

É o Evangelho de São João que desenvolve bem essa temática da filiação e relação única de Jesus com o Pai. Em todos os discursos, Jesus fala de si mesmo e diz que é o Filho de Deus, o enviado do Pai. No livro do Êxodo 3, 11-14, Deus se revela como “Eu sou” (אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה – Ehyeh Asher Ehyeh – Eu sou o que Sou). Com essa fórmula absoluta o Filho de Deus assumiu a natureza humana, no seio da virgem Maria. Revela-se e apresenta o rosto do Pai, utilizando reiteradamente a mesma expressão que Moisés escutou no monte Sinai, quando Deus falando de si mesmo lhe dá a missão de libertar os Israelitas da escravidão do Egito. Desse modo, ao libertar a humanidade com a sua Ressurreição, Jesus confirma a sua glorificação no sinal de seu levantamento na cruz Jo 8, 28: “Quando levantardes o Filho do Homem sabereis que Eu sou (ἐγώ εἰμι – ego eimi – *ani hu*, em aramaico)” maneira viva e concreta de exigência fundamental do Reino.

Destarte, a teologia cristã, com a Encarnação do *Logos* de Deus, apregoa a fé no Deus Uno e Trino desde as origens apostólicas. De fato, o símbolo de fé é uma originalidade cristã, remetendo-nos a Jesus Cristo, o qual, cheio do Espírito Santo, chama Deus de Pai. Logo, não é um Deus solitário, mas é a comunhão das pessoas divinas.

Contudo, dizer que ser cristão configura estar mergulhado no mistério da fé no “Deus Trindade” pode soar de forma incomum aos fiéis do tempo presente, dado que as construções metafísicas ao longo da história fizeram com que essa realidade concreta ficasse longe da prática cristã atual. Assim, é preciso um diálogo intercorrente entre o discípulo de Jesus na

realidade de sua vida e do mundo, as Sagradas Escritura na sua objetividade e a Tradição da comunidade e instituição eclesial no pluralismo de suas interpretações. No intuito de deixar de lado essa dificuldade a partir da experiência da vida cristã dos pobres, a proposta é compreender o Reinado Trinitário do Deus cristão¹ na perspectiva de Simone Weil e de Joseph Comblin.

Na perspectiva de Reino, Simone Weil (2019) segue a variante do evangelho de Lucas no Pai nosso que diz: venha sobre nós o teu Reinado, ou faz Vir sobre nós o teu Espírito Santo e que ele nos purifique; como pode-se encontrar na TEB² (Lc 11, 2b). Nesse aspecto, a variante utilizada de Reino de Deus no corpo do texto “é o Espírito que sopra onde quer e só podemos invocá-lo” (Weil, 2019, p. 185). No cristianismo corre-se o risco de transformar o seguimento a Jesus somente a costumes e regras morais. O seguimento é, antes de tudo, a docilidade a abertura ao Reino, isto é, o Espírito Santo que leva o ser humano a seguir os passos de Jesus Cristo.

Já para José Comblin (1983b, p.110, 111) o reino de Deus consiste em toda sua obra pelo estabelecimento do seu reinar, governo. No corpo do texto se utilizará a expressão Reino de Deus, ela parte do fato de que Deus ainda não reina no mundo. Neste sentido, a história de Israel já consiste em uma série de sinais do reino de Deus que está entrando no mundo. O reino chegará a seu termo no fim da história (segundo o Novo Testamento). Jesus anuncia sua chegada segura e anuncia ao mesmo tempo uma primeira etapa do reino antes do advento final. A cruz é o núcleo da vitória e a ressurreição consagra seu valor de vitória. A vinda do Espírito Santo é a outra etapa da marcha do Reino, por isso, é preciso escutar o Espírito Santo com confiança no Pai e no Filho.

Com efeito, tudo começou com Jesus, que não pregou a Si mesmo, porém, foi o evangelista do Reino de Deus, epicentro de toda Sua pregação. Trata-se do Reino de Deus e sua justiça eminente, entrando na História dos seres humanos, em que Iahweh é seu defensor e protetor, amando os mais desprezados e resgatando-os da miséria humilhante (Barbaglio, 2011). Neste aspecto, homens e mulheres se destacaram na sua opção por viver em busca da concretização desse Reino de Deus. Assim, destacamos o sinal evidente deste acolhimento em Weil e Comblin.

¹ Seguindo as trilhas intelectuais do teólogo e padre José Comblin em seus temas geniais onde apontam que o Evangelho não é religião, são fundamentos que brotam de uma teologia complexa e espiritual. Ao completar seus 80 anos um grupo de amigos e colaboradores o homenagearam com um Volume de mais de 700 páginas. Entre os artigos encontra-se: *El Reinado Trinitario del Dios Cristiano*, escrito por Antonio González. O Ensaio consta da página 459 a 469. Seu objetivo é atestar que “O Reinado de Deus está indissolivelmente unido a Trindade, não por que a Trindade seja modelo, mas por que a Trindade expressa a experiência de um Deus que Reina na História” (González, 2003, p. 462).

² TEB -Tradução Ecumênica da Bíblia.

A filósofa Simone Adolphine Weil era uma mulher extraordinária, jovem simples e muita reta. Ela nasceu no dia 3 de fevereiro de 1909, em Paris, no seio de uma família agnóstica. Seu pai, um médico francês de origem judia e sua mãe de origem russa. Seu irmão, André Weil, julgava-se mais inteligente que ela devido às suas contribuições em áreas significativas como a geometria e a teoria dos números. Simone tinha uma saúde frágil em contraposição a sua força avassaladora de amar e de se compadecer pelo outro que sofria. Foi escritora, mística, filósofa e professora, profissão que deixou para experimentar o trabalho duro nas fábricas da Renault e nos campos durante as colheitas. Lutou na Guerra Civil Espanhola ao lado dos republicanos e morreu em greve de fome, protestando contra as condições em que eram mantidos os prisioneiros de guerra na França ocupada. Morreu no dia 24 de agosto de 1943, aos 34 anos em Ashford. Foi batizada no leito de morte por Simone Dietz, com a água que escorria de uma torneira.

José Comblin, teólogo, antropólogo, examinado em seus escritos e na retrospectiva de sua vida, nasceu em 1923, em Bruxelas, sendo o primeiro filho dos quatro irmãos de uma família simples. Realiza sua formação em Humanidades clássicas e, aos 17 anos, entra no Seminário Leon XIII (seminário criado pelo Cardeal Mercier para acolher de diferentes dioceses belgas os estudantes que mais se destacavam intelectualmente). Entre 1950 a 1957, trabalhou como professor de Escrituras Sagradas no CIBE (Centre d'instruction pour brancardiere ecclésiastiques) em Alost. Em 1957, foi aceito seu pedido para vir à América como missionário e assim chega ao Brasil. Aqui atuou como professor. Recebeu o convite de Marcos McGrath em 1962 para ser professor na Faculdade de Teologia de Santiago do Chile por três anos. Ao final desse período, convidado por D. Hélder Câmara, volta ao Brasil e, em 1965, chega ao Recife, onde desenvolveu trabalhos pastorais e acadêmicos como professor e coordenador do ITER (Instituto Teológico do Recife) até 1972, quando foi impedido pelos militares de continuar no Brasil. Por essa razão, retorna ao Chile e lá permaneceu até 1980, sendo expulso pelo regime de Augusto Pinochet. Dessa vez, regressou ao Brasil, onde se instalou até sua morte em 27 de março de 2011, residindo inicialmente no Estado da Paraíba (ligado à Arquidiocese de João Pessoa) e, finalmente, no Estado da Bahia, na Diocese de Barra. Foi sepultado no Santuário de Santa Fé, ao lado de Pe. Ibiapina³; na Diocese de Guarabira.

³ Padre José de Antônio Maria Ibiapina - nasceu em Sobral, no Ceará, em 1806, morreu em Santa Fé, na Paraíba em 1883. Foi advogado, Juiz de Direito. Depois de uma longa trajetória foi ordenado aos 47 anos. Padre mestre - era o seu nome quando não havia caminhos, nem cidades, nem organização social ou política no interior do nordeste. Sem formalismos organizou casas de Caridade, cemitérios, açudes e Igrejas para o bem do Povo mais sofrido (Comblin, 1984).

Joseph Julles Comblin, carinhosamente chamado de padre José pelas pessoas que conviviam diretamente com ele para assessorar lideranças e animadores das comunidades Eclesiais de Base, criou vários movimentos leigos de 1981 a 2011, os chamados Missionários do Campo, do Meio Popular, do Nordeste. Um grande intelectual que lançou bases para a teologia da enxada. Preocupado com os camponeses e sua situação miserável organizava os trabalhadores para se conscientizar como os cristãos devem se libertar da opressão. Escreveu 70 livros e 415 artigos com a sua maneira de ver a missão da Igreja, com ações concretas na Arquidiocese da Paraíba.

Não obstante, é preciso indagar-se a partir de onde Comblin e Weil estruturam suas teologias. As convicções místicas de Comblin e de Weil alimentam a força da esperança? Onde ressoa a mística de ambos? Como compreender/entender o Reinado Trinitário do Deus Cristão para Simone Weil e Padre José Comblin? Para ambos é preciso partir da história de Jesus afirmando sua prática como concretização do Reino. Nesse aspecto, o combate de Jesus é contra o antirreino e deve ser também o do seguidor de Jesus de Nazaré nos dias de hoje para melhor compreender o Reinado. Para isso, recorreu-se aos escritos de Simone Weil e José Comblin, aprofundando suas intuições teológicas a fim de relacionar seus trabalhos, a partir de suas experiências, inseridas no chamado processo de libertação dos mais pobres, articulando sistematicamente as suas posições convergentes em relação à teologia-sistemática da fé na vida da Igreja Católica, com o intuito de demonstrar um itinerário mistagógico na busca da verdade por Weil e Comblin. Para tal propósito, serviu-se da prova dogmática para a argumentação racional, filosófica e histórica. As afirmações da Escritura e as declarações da Igreja foram tratadas como documentos que ajudam a esclarecer a facticidade, a credibilidade e a natureza da revelação.

Dado a isso, propõe-se investigar a respeito do Reinado Trinitário do Deus Cristão na perspectiva de Simone Weil e padre José Comblin. Mediante a metodologia da pesquisa denominada bibliográfica, recorreu-se à técnica de fichamento, de leituras, comparações e análises no método dedutivo, quantitativo e comparativo aproximando o pensamento filosófico teológico dos dois autores em questão. Ao mesmo tempo relacionando-os aos conceitos fundamentais da teologia sistemática trinitária, isto é, do Tratado sobre o Deus da Revelação. Para tanto, utilizar-se-á das traduções Bíblicas a edição de Jerusalém, especificamente, com os comentários de traduções aproximativas da TEB (Tradução Ecumênica da Bíblia), representada pela sua sigla quando o seu texto for citado. Desse modo, biblicamente e sistematicamente procurar-se-á convergência nos escritos de Weil e Comblin.

O presente estudo se situa na teologia cristã e católica. Portanto, não se pretende cair em um ativismo ou uma miopia que já não permite perceber o estrutural, o cotidiano e o interior. Através da fé cristã católica há um diálogo entre Simone Weil e o Padre José Comblin para poder responder em seus textos o que eles, em sua experiência vivenciaram, ou melhor, corresponderam a esse Reinado de Deus que só pode ser Trinitário porque é comunhão de Pessoas. De forma singular, o pequeno comentário ao Pai Nosso de Simone Weil e o último artigo do livro: Jesus Cristo e sua missão, que José Comblin dedica à Santíssima Trindade.

Dentro do escopo da pesquisa da vasta teologia de José Comblin destacou-se: *Jesus, enviado do Pai; A Esperança dos Pobres vive* – coletânea em homenagem aos seus 80 anos; *A fé no Evangelho, Jesus de Nazaré, A Oração de Jesus*, ressaltando assim a maneira combliniana de um sentido bíblico-litúrgica para uma práxis libertadora. A partir de leituras críticas dos escritos de Simone Weil como *Carta a um Religioso; A condição Operária e outros estudos sobre a opressão; Espera de Deus*, percebeu-se um movimento de autoconsciência de Weil abrindo-se transcendentalmente para a realidade mística da Trindade precisamente por força de sua experiência natural de Deus. Weil está aberta às condições transcendentais, a ponto de, mesmo no meio da fábrica ou dos campos, ouvir o chamado divino. A Palavra não lhe soa incompreensível, mesmo quando lhe comunica algo que seria inatingível, uma vez que se abarca desse Amor que é Comunhão.

Para tanto, é necessária a conceituação da Revelação da Trindade econômica como Imanente nos respectivos tratados: *O Deus vivo e verdadeiro* de Luis Ladária; *A Trindade como História* de Bruno Forte; *Trindade e Reino de Deus* de Moltmam; *Curso fundamental da fé* de Karl Rahner. Bem como os Concílios Ecumênicos e a vasta literatura patrística destacando-se: Hilário de Poitiers; Atanásio; Pseudo-Dionísio Areopagita; Agostinho de Hipona; dentre outros, que demonstram a fé do cristianismo não sendo simplesmente um conjunto de verdades e normas, mas sobretudo a experiência histórica da manifestação do Deus Trindade.

Este estudo torna-se relevante por se observar que atualmente os indivíduos estão cada vez mais afastados do transcendente, em razão de uma sociedade presa aos avanços tecnológicos, relativismo e globalização. Todavia, para o ser humano se aplica a questão fundamental: de onde vem ou para onde vai. Estas considerações foram fundamentais para analisar que a humanidade tem uma semente dentro de si que a encaminha em busca de um transcendente, revelando-se no cristianismo como mistério central na tri-personalidade de Deus.

Toma-se por base a problemática que envolve o pensar atual da teologia Trinitária como modelo do Reino de Deus e como essa fora desenvolvida por vários teólogos místicos como: a

cônega Battistina Vernazza⁴, o bem-aventurado João Ruysbroeck⁵, Meister Eckhart⁶, dentre outros. Buscar-se-á a partir de Simone Weil e José Comblin responder a tal questionamento. É possível os cristãos do século XXI numa era 4.0 fazer experiência com o Deus comunhão?

O desenvolvimento dos computadores⁷, a internet, as redes sociais (Facebook, TikTok, Twitter e Instagram), a rapidez das informações, deu origem à Sociedade 4.0. No momento o que se denomina como “superinteligência”, deu voz e vez à Sociedade 5.0: Internet das coisas (controle de vários dispositivos por rede), big data (processamento de grandes volumes de dados), robótica (automação de diversas tarefas complexas), smart cities, (cidades inteligentes), inteligência artificial (análise de vários tipos de situações por máquinas), onde já se afirma que a sociedade 4.0 “será a que vai obrigar a interação plena ser humano-máquina. E essa relação

⁴ Battistina Vernazza (1497-1587), Tommasa, era seu nome de Batismo, foi a primeira das três filhas de Ettore Vernazza, um patrício genovês que fundou vários hospitais para pacientes pobres em Gênova, Roma e Nápoles. Sua madrinha era Caterina Fieschi-Adorno, conhecida como Caterina da Genova. Introduzida pelos pais na vida religiosa, aos 13 anos Tommasina ingressou no mosteiro de Santa Maria delle Grazie e tornou-se Cônica Regular Lateranense, assumindo o nome de Battistina. Ela ocupou várias vezes o cargo de tesoureira, mestra de noviças e priora. Escreveu, entre outras coisas, em Italiano: um comentário sobre o *Pater Noster*; “A união da alma com Deus”; “Do conhecimento de Deus”; “De oração”; “Das alegrias celestiais e dos meios de alcançá-las”; “Daqueles que ressuscitaram com Cristo”; meditações, canções espirituais e cartas a homens eminentes de seu tempo. Possevin fala de seus escritos como inspirados. Suas obras foram publicadas em Veneza em 3 vols. em 1588, mesmo sendo uma religiosa de clausura (Vernazza, 1968).

⁵ João Rusbróquio, nasceu em 1293, em Ruysbroek (e Brabância). “Entre Bruxelas e Hal. Aos onze anos foi morar com o seu tio cônego regular. Foi Capelão da Igreja de São Gudula em Bruxelas. Escreveu muitos livros de ascética. Aos 50 anos, para poder servir mais livremente a Deus, retirou-se com alguns companheiros a Groenendaal, onde construiu um mosteiro, dando início à Congregação dos Cônegos Regulares de Groenendaal e tornou-se seu superior. Assíduo na meditação e contemplação, ajudou muitos que acorriam a ele, com conselhos e doutrina. Escreveu vários livros sobre a mística, dentre eles destacamos o “Livro do Reinado dos amores a Deus”, combatendo os falsos misticismos, apresentando um caminho sólido e verdadeiro para se chegar a Deus. Escreveu outra obra chamada “Livro do Tabernáculo Espiritual”, que edificou a vida de muitos fiéis. Rusbróquio exerceu também grande influência sobre muitos confrades, como o cônego Geraldo Groote, fundador dos Irmãos de Vida Comum, a Escola de Windesheim e beato Tomás de Kempis. Com quase 89 anos, morreu no dia 02 de dezembro de 1381. Quando o mosteiro foi suprimido em 1783, suas relíquias foram transladadas para Bruxelas, mas desapareceram durante a Revolução. Os esforços para obter sua beatificação foram muitas vezes interrompidos, mas em 1908 o Papa São Pio X o beatificou e deu aos Cônegos Regulares Lateranenses e à diocese de Manila a graça de celebrá-lo como bem-aventurado” (Zovatto, 1993, p. 146; Liturgia das Horas, 2017, p. 278).

⁶ Meister Eckhart (1260-1327) - Este mestre, da Ordem Dominicana, não foi certamente compreendido pela Igreja, suas obras foram acusadas de panteísmo. Contudo, escreveu sobre a tríplice instância: Deus e sua essência, a emanação de todas as coisas de Deus e o retorno de todas as criaturas espirituais em Deus constituem a arquitetura especulativa. Deus é o ser absoluto, é plenitude e perfeição máxima. Ele afirma que Deus é o ser supremo. “O desejo de Deus, característica constitutiva de toda alma, é justificado por Eckhart com a doutrina da emanação. Sustenta que, na emanação eterna do Verbo das três Pessoas divinas, cada criatura tem impressa uma imagem, um “exemplar”. Eleva o nascimento do homem, inserindo-o no ciclo trinitário; afirma que, como o Pai gera o Filho, gera também o homem. Por isso, o homem, antes de ser imerso no tempo e no espaço, existia em Deus. Sob este aspecto, a relação eterna entre o Pai e o Filho e a relação entre o homem e Deus identificam-se a ponto de coincidir plenamente nos atos de inteligência e de amor” (Zovatto, 1993, p. 142).

⁷ Para melhor compreensão do assunto é conveniente ler a dissertação: “A evolução das redes de computadores e as filosofias tecnopolíticas nos finais do século XX: para uma genealogia dos novos media”, de Pedro Felipe Terra Lopes. Disponível em: hrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/80743/2/36768.pdf.

só terá seus atritos reduzidos ou eliminados com conhecimentos típicos do universo ético-filosófico” (Rossi, 2022). Tal desenvolvimento envolve de modo geral a humanidade.

A era 5.0 tem como alvo o bem-estar da humanidade, isto é, a resolução de problemas sociais e boa qualidade de vida. Ao mesmo tempo, porém, é preciso corresponder com novos valores os fundamentos da inovação científica e tecnológica, já que a reflexão teológica pode ser apenas uma mercadoria para satisfazer todos os gostos eclesiais. Isso pode levar a uma religião e uma política que enaltece os círculos viciosos de razões econômicas e sociais que vêm de certa forma, restringir, oprimir e impossibilitar a vida do ser humano se ele apenas tem uma visão unilateral de Deus. Evidentemente, para chegar a solucionar tal problema não deve ser apenas um mero esforço intelectual ou compilar algumas páginas isoladas do Novo Testamento, é, antes, a experiência mística que só pode vir do próprio Deus Uno e Trino.

Reitera-se que o objetivo desta pesquisa visa apresentar o Reinado Trinitário do Deus Cristão compreendidos e vividos tanto por Simone Weil como José Comblin, relacionando a experiência do trabalho camponês com o entusiasmo de Weil e Comblin na luta pela libertação dos pobres. A “teologia da enxada” de Comblin, como também a vida camponesa da experiência eucarística de Simone Weil mostram-se como o mundo urbanizado que sofre dificuldades para compreender a relação profunda da origem da fé cristã fundamentada na encarnação do *Logos* e envio do *Paráclito* num intercâmbio e dom do Deus Trindade, pois a vida de Jesus fora constituída na experiência da pobreza, sendo rico se fez pobre.

Ademais, a hipótese dessa pesquisa resulta em o Reinado de Deus proclamado por Jesus e vivenciado pelas comunidades cristãs dos primeiros séculos, um reinado de comunhão, participação e missão, isto é, Trinitário. Contudo, a palavra Trindade soa diferente para os cristãos. O diálogo do trabalho de Simone Weil e do padre José Comblin quer demonstrar a concepção mística da atuação popular dos autores em sintonia com os pobres na esperança de transformar a história onde a libertação só pode vir do Deus Uno e Trino.

Nessa perspectiva, apresentamos o percurso da pesquisa. No primeiro capítulo, apresentar-se-á o que se compreende acerca da Revelação Trinitária. Deus não está só. A Encarnação do *Logos* de Deus é a primeira prova de Deus que é Pai e tem um Filho. Assim, o cristão vai percebendo que não pode conhecer Deus somente pelo pensamento, lógica e raciocínio. É preciso ter o Amor total revelando-se também a terceira pessoa da Santíssima Trindade: o Espírito Santo.

Encontrar-se-á na História da Igreja os Concílios Ecumênicos com suas respectivas teologias que procuram explicar esse mistério salutar. Teólogos e teólogas da modernidade também levaram o assunto muito a sério, nesse sentido, a questão do Reinado Trinitário do

Deus Cristão perpassa também pelo “*Grundaxiom*” axioma⁸ fundamental de Karl Rahner (1972): “*a Trindade econômica é a Trindade Imanente*” caracterizando a teologia cristã, na especulação da sabedoria experimentada misticamente por Weil e atualizada nas comunidades pobres do Nordeste pelo padre José Comblin.

No segundo capítulo, abordar-se-á a questão da mística vivenciada por Simone Weil. Serão destacadas as atitudes mais profundas de sua vida, como as causas urgentes que assolam o operário e o trabalhador, onde a filósofa se encontra com o maior mandamento do cristão: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (Mt 22, 36). Logo após, tratar-se-á acerca do seu esforço de trabalho no campo e na fábrica, não apenas percebendo a filosofia como uma formação abstrata, mas dizer que filosofia e vida caminham juntas. Por isso, sua vida foi um caminho em seus projetos sociais, educacionais e operário, fundindo-se especialmente com o Reinado do Deus Trindade.

Já no terceiro capítulo, será situada a figura Carismática do Padre José Comblin. A necessidade da emancipação dos leigos para a organização de uma infraestrutura eclesial que seja pautada na coragem e responsabilidade de desenvolvimento dentro da Igreja. Assim, será destacada a sua influência na conferência episcopal em Medellin, a criação da Teologia da enxada e sua atuação missionária. Efetivamente, será estabelecido o quão importante foi o vigoroso fermento das escolas para o laicato, sua formação, espiritualidade e atuação no meio rural, sendo confrontados aos diversos escritos de José Comblin.

Por fim, no quarto e último capítulo falar-se-á sobre a Trindade como experiência vivida pela busca incansável na edificação e construção do Reino na perspectiva de Weil e Comblin. Não se fará, portanto, uma análise apenas teórica de Deus, mas como ambos revelam em seus escritos suas posições dogmáticas. Não como um depósito morto, mas vivo, a ser atualizado continuamente em suas profecias. Destacaremos desse modo a doutrina Trinitária da esperança em que os respectivos teólogos se inserem nessa relação imediata tornando-se amigos de Deus. Numa liberdade abrangente só pode resultar naturalmente do homem e da mulher que se deixam guiar pela espiritualidade, da qual, cada vez mais se humanizam. Mística essa que só pode vir na experiência cristã do Deus Uno e Trino.

⁸ Axioma: De ἀξιώα. Os axiomas em geral são proposição primeira e indemonstrável, cujo nexos de evidência se funda nos princípios lógicos ou na intuição sensível. Os axiomas se diferem especificamente conforme as ciências ou cálculos formalistas. Exemplo: na matemática os axiomas se distinguem do postulado, mas só da lógica primitiva; em Kant os axiomas são chamados de juízo sintético a priori. No caso teológico entender como “o primeiro significado, o todo determina o todo em seu segundo significado, iluminando assim a verdade do axioma segundo o qual o todo é anterior metafisicamente às partes, isto é, às coisas que o habitam” (Molinero, 2000, p. 125).

Do ponto de vista teológico, histórico e prático, até então essa pesquisa é uma novidade para o mundo acadêmico, já que está se apontando valores para além do cristianismo histórico. Uma aproximação entre Weil, Comblin e o magistério da Igreja quer demonstrar não só uma erudição extraordinária nos diversos tratados ou pensamentos que escreveram numa teologia inspirada na liberdade do Espírito.

Tanto Comblin como Weil em suas palavras e ações quebram os limites das culturas: “não podemos, na verdade invocar a Deus como Pai de todos, se recusarmos o tratamento fraterno a certos homens, criados também à imagem de Deus” (NA⁹, 1594).

O engajamento de Weil e Comblin em movimentos sociais, as articulações e os desafios da atuação missionária camponesa, são a motivação a escrever sobre as heresias¹⁰ que aconteceram na história da Igreja, não é tanto aderir a tal perspectiva, mas na realidade tinham como um objetivo a inclusão total, pois Deus é Amor. Assim, “elimina-se [...] o fundamento de toda teoria e prática de discriminação entre homem e homem, entre povo e povo, com relação à dignidade humana e aos direitos dela decorrentes” (NA, 1595). Seriam mais de mil páginas para analisar toda a obra teológica, social, espiritual, acerca dos elementos pontuados pelos autores. Por serem assistemáticos, embora o padre Comblin tenha uma vasta obra bem elaborada, embasada e articulada para a formação de agentes de pastoral, muitas de suas intuições fomentavam grandes movimentos a favor da justiça numa articulação crítica do teólogo e a comunidade crente dos pobres.

Estamos diante da chamada Teologia dos ‘pobres de Deus’ (*nawim*), daqueles que tendo necessidade de Deus se entregam a Ele com confiança e disponibilidade total. Essa disponibilidade é vivenciada na Igreja como “expressão do amor da Trindade, é a comunidade da caridade. O amor ao próximo, radicado no amor de Deus, é um dever de toda a comunidade eclesial” (Est¹¹. 104, 150). Estando nas periferias e nos sítios afastados das cidades, os missionários/as estão na extremidade do povo de Deus, levando a Palavra de Deus Trindade até as partes mais longínquas do mundo como Jesus lhes tinha ordenado, eis então, os sonhos de Comblin e Weil atuando nas fronteiras, onde os missionários oficiais não estão.

⁹ NA - Nostra aetate. Decl. sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não Cristãs.

¹⁰ Heresia, do grego *hairesis*, que quer dizer escolha, opção. “O termo heresia foi utilizado primeiramente pelos padres apologetas cristãos, para designar ideias contrárias àquelas aceitas pela Igreja. A heresia é uma “falsa doutrina”, contrária à Verdade revelada por Jesus Cristo” (Roberto, 2015, p. 126).

¹¹ Estudos da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), 104

2 ACERCA DA REVELAÇÃO TRINITÁRIA

Neste capítulo, será abordado o conhecimento eclesiológico cristão¹², dado que se seguirá a tradição eclesial, guardiã da tradição apostólica, através do Espírito Santo vincula a ação jurídica na consciência da fé. Nesse aspecto, já se deixa claro que apenas serão usados os livros bíblicos canônicos com os critérios hermenêuticos empregados nos Concílios Ecumênicos e Sínodos: Niceia, Constantinopla, Toledo. Evidentemente, num primeiro momento se mostrará de forma breve o princípio teologizável da abertura do ser humano para com o divino.

Sabe-se que no primeiro período bíblico Deus se manifesta como o criador e libertador falando diversas vezes a seu povo de Israel por meio dos profetas. Contudo, mesmo os profetas não diziam o essencial. Num segundo período o essencial se dá a conhecer por meio de Jesus Cristo que, possuindo o Espírito em si revela Deus Pai. Esse conhecimento vem da experiência fundante de Jesus de Nazaré. Ele é o pregador do Reino e de forma única chama Deus de Pai. Essa maneira afetiva dá um passo além da experiência do Povo de Israel, abrindo uma nova dimensão para a vivência da fé e seu pensar. Assim, no Filho Unigênito de Deus se manifesta a unidade de Amor, isto é, a novidade da consciência de Deus que comporta a abertura ao Vir de Deus em Jesus Cristo, já que Ele é *eu* e *tu* em um só, dando conotação à consciência da fé reconstruindo o clima cultural em que é anunciado o rosto trinitário de Deus.

¹² A abordagem é eclesiológica, pois parte dos critérios que os cristãos tiveram para poder determinar aquilo que constitui a Revelação Divina. Cada teólogo defende a tese de que a Escritura é a fonte única. Refere-se assim a suficiência material da sagrada Escritura em relação a revelação. Assim, todas as verdades da fé se encontram materialmente nas Escrituras, embora não formalmente como tal. Isso significa que a tradição (eclesial) exerce apenas o papel de um complemento formal da Escritura neste sentido: ela ajuda à sua correta interpretação e à aquisição, não de novas verdades, mas de uma certeza maior a respeito de tudo que foi relevado. Mas, que fora dado como revelado através de critérios eclesiais. O enfoque não é fazer um estudo aprofundado sobre como se constituiu o princípio Transcendental, que é a transmissão do projeto salvífico de Deus pelos livros canonicamente inspirados unidos nesse princípio em singularidade histórica do acontecimento que envolve o povo de Deus e a eternidade que a Palavra transmite. E nem fazer um estudo sobre o princípio histórico Salvífico, que é a vontade de Deus que se faz história na Revelação presente nos livros canônicos e reflete a consciência da comunidade dos Crentes, isto é, uma sequência de sínteses atualizadas do passado, adaptada ao presente em vista do futuro. Mas é a partir dos dados bíblicos e pressupostos teológicos dados nos Concílios Ecumênicos. Tais pressupostos já são canônicos e eclesial, uma vez que implica substancialmente a aceitação do critério. Contudo, podem conduzir a uma hermenêutica que leve em conta a pluralidade não deixando de se considerar que a leitura cristã das Escrituras e sua ficção nasce para justificar as afirmações do Credo. Destarte, são quatro os critérios para a aceitação eclesiológica para que o livro seja canônico da escritura: Origem Apostólica, Aceitação Universal, Uso litúrgico e Mensagem consistente. Todo texto ortodoxo era lido na comunidade de fé, livros que não continham o pensamento teológico oficial era considerado herético. A igreja defendeu-se refletindo sobre si mesma, sobre as Escrituras, sobre a regra de fé. Nesse aspecto o símbolo de fé e Santo Tomás demonstram: “o Novo Testamento crê em Deus a ele entregando-se, porém crê a Igreja, isto é, a comunidade dos fiéis, em que o agir salvífico de Deus em Jesus Cristo, torna-se pelo Pneuma experimentável e operoso (...) A eclesiológica é, pois, nitidamente elemento da cristologia ou, para falar exatamente, da teologia, da fé no agir de Deus em Jesus” (Wicks, 1999, p. 41-48; Eicher 1993, p. 370; Priotto, 2019, p. 61; Schmid, Schöter, 2023, p. 34-37; Boff, 2015, p. 425-492).

A esse novo conhecimento de Deus segue-se, finalmente, o terceiro período: a experiência do Espírito, a presença de Deus derramada sobre a comunidade. E, ao mesmo tempo, constata-se que esse “Espírito” não é puramente idêntico nem ao Pai e nem ao Filho, tampouco ele se estabelece como um terceiro artefato entre Deus e a comunidade; antes, ele é a maneira como Deus mesmo está se dando a cada ser humano e, apesar da “imanência”, está infinitamente acima dele, na eterna *pericorese*¹³, revelando-se na Trindade Total, a protologia (teologia da criação), que emana a menção escatológica.

Em outras palavras, o ser humano nasce, tem origem em Deus, vive o presente e pretende ir ao fim nessa felicidade em Deus Trindade, na consumação de toda vida ligada ao projeto de Jesus, por uma humanidade nova.

2.1 Jesus Revela e mostra o Pai

A maioria das religiões parte do princípio de que a sua é a mais verdadeira. A lição que se pode tirar é que essas ideias podem propiciar um diálogo honesto, racional e experiencial, ou seja, o ser Humano é aberto a algo que o transcende.

É fato que existem deuses e deusas, sanguinários e cruéis; como o grande panteão dos deuses cananeus ou egípcios e dos povos originários. Há deus indiferente e distante, o deus pessoal de cada filósofo, assim, como O é o de Aristóteles (2012) esse se chama de Movente Imóvel, a causa eficiente que move o universo por atração e atrai a si. Como o belo e o bom atraem os seres humanos. Aristóteles concebe que não é lógico e nem sequer decente que Deus¹⁴ conhecesse o mundo e muito menos a humanidade. Contudo, na Suma Teológica, Santo Tomás de Aquino aproximando-se dos conceitos aristotélicos vai aprimorando-se nos processos semânticos e refletindo nas obras dos Santos Padres e dos Concílios Ecumênicos para corresponder ao seu tempo. Desse modo, “assume os dados da mensagem divina tradicional

¹³ Pericorese: a teologia moderna parte da pericorese, expressão grega, que, literalmente, “significa uma Pessoa conter outras duas (em sentido estático) ou então cada uma das Pessoas interpenetrar as outras reciprocamente (sentido ativo). O adjetivo pericorético designa o caráter de comunhão, que vigora entre as divinas pessoas; como uma circumincessão”, a interpretação ativa das Pessoas divinas entre si, em razão da comunhão eterna, que vigora entre elas. Trata-se do modo como vivem as três pessoas divinas, que estão situadas e entremeadas umas nas outras duas, pelas outras duas, com as outras duas, para as outras duas. Interpenetração; integração; mútuo envolvimento (Boff, 2009, p. 158).

¹⁴ Será conveniente nesse aspecto vislumbrar e aproximar-se dos patamares epistemológicos desenvolvidos por Santo Tomás de Aquino na Unidade Trindade de Deus, é aqui indicado a leitura das questões do árduo Trabalho sobre a Santíssima Trindade que vai das questões 27 a 43 da Suma Teológica. Para uma melhor aproximação dos termos tomísticos pode-se ler a obra já citada nesta dissertação: Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da suma teológica escrita por Carlos Josaphat.

sobre a Trindade e as articula com as contribuições de uma metafísica recebidas da filosofia grega ou em afinidade com ela” (Josaphat, 2012, p. 245).

Nas histórias dos povos há deuses vingativos, ciumentos e luxuosos. “Isso, portanto, nada tem a ver com as paixões dos deuses caprichosos, ciumentos ou heroicos do mundo místico das lendas” (Moltmann, 2000, p. 39). O impressionante é que em muitas dessas culturas, atestam que o fenômeno religioso vai de encontro ao ser humano. Em geral se diz que essa Potência vem ao encontro do ser humano. Quando as pessoas falam do religioso sempre tem uma fé de poder, algo que preenche o interior e que dá sentido, que faz com que o ser humano se entregue, aquele que é o Belo, o Bom, o Bem.

Simone Weil (2020) vai mostrar que a busca dos egípcios e dos gregos é pelo Deus que é o Bem e fora definido como o Ser. Nesse sentido, os primeiros cristãos procuraram explicar esse Deus Uno, encontrando a semelhança entre a doutrina de Moisés e Platão. A filósofa Weil eleva a *Ilíada* como uma escrita de verdadeira caridade.

Nesse aspecto, é preciso ver em Weil (AD¹⁵, p. 39; p. 63; p. 177-186) uma razão veritativa, isto é, uma busca de verdade absoluta, da realidade que implica em si uma filosofia metafísica, a questão dos valores, do universal, ou seja, do seu fim. Nessa linha, é preciso distinguir entre tríade, que se refere a um conjunto de três diúndades (politeísmo); e trindade que diz respeito a três aspectos de uma mesma divindade (modalismo). Há muitas tríades nas Religiões, mas raríssimas trindades. É preciso compreender que a Trindade santa é um dogma especificamente cristão. Mas encontramos nas outras Religiões “lampejos” maravilhosos dessa Verdade (NA, 2,2). Isso Simone Weil é capaz de ver na mitologia grega (Zeus – Hera – Atena); na Romana (Jupiter o Pater – Netuno – Pultão); no Egito (Oíris – Atum *logos* – Ra ζωη zōē), na Índia (Agni- Vayu – Surya).

Destarte as diferentes tríades possuem algo de positivo: elas oferecem “vislumbres” mais ou menos fortes da Trindade revelada, como também certa “linguagem” que pode enriquecer a própria Trinitologia cristã. Nesse sentido, constituem *semina Verbi* (São Justino. II Apol¹⁶. 13, 4) e, como tais, servem de Εὐαγγελικὴ Προπαρασκευή – *praeparatio evangelica* (Eusébio de Cesaréia)¹⁷.

Não se pode, no entanto, deixar de lado tal pensamento desordenado sobre Deus, bem pontuado por Weil. Na história dos povos se destaca sempre o Deus Uno que, revelando-se

¹⁵ AD - Attente de Dieu, La Colombe, 1950, Fayard, 1966, Seuil, 1977

¹⁶ Apl. Justino de Roma I e II Apologias diálogo com Trifão.

¹⁷ Para melhor aprofundamento pode-se ler diretamente as obras em francês: La préparation évangélique I e La préparation évangélique VIII.

Trino se importa com a ética e a moral do povo. Em linguagens míticas ou místicas: “O conhecimento essencial com relação a Deus é que ele é o Bem” (Weil, 2020, p. 44). Porém, para se chegar a essa profundidade deve-se partir daquilo que se chama de História da Salvação na fé cristã, a rica história do Deus dos Hebreus. Iahweh que faz aliança e escolhe um povo insignificante em meio aos grandes impérios elege Israel, especificamente, e tem um carinho especial pelos camponeses. É aquele que fica do lado dos oprimidos.

A este Deus os Judeus não ousam nem pronunciar o seu Nome. O culto a Iahweh está relacionado à mobilização de camponeses para alguma ação armada de proteção e defesa. Os que ficavam nas aldeias se comprometiam a tomar conta dos “órfãos e das viúvas”, caso algum dos defensores viesse a morrer. Em sua grande maioria os profetas denunciavam que os Israelitas quebram a aliança por maltratar essa categoria de gente (Is 1, 17; Jr 7, 6; Ez 22, 7). E, assim, com o passar dos anos o Deus Iahweh torna-se também aquele que garante as relações éticas de justiça e solidariedade. Então, nos escritos do Antigo Testamento existe cientificamente e, nas pesquisas arqueológicas atuais comprava-se que há dois Iahweh, um que é das ligas camponesas e o outro Iahweh que se preocupa apenas com a legitimação das ações atrozadas provocadas pelo Rei (1Rs 2 – 11). Nessa perspectiva, concluem Dietrich e Kaefer (2022, p. 97):

Javé como Deus do rei, da casa davídica é o primeiro processo para Javé terminar como Deus único. Um é o Javé do culto oficial dos sacerdotes e profetas da corte, que legitima as ações do rei. O outro tradicional é o Javé do culto camponês, dos profetas camponeses, comprometido com a proteção dos camponeses e com o cuidado e a justiça para os órfãos e as viúvas.

Observa-se, pois, que Deus se deu a conhecer e começou a preparar o Povo de Israel, que seria o povo a acolher seu Filho Jesus Cristo. Israel devia ser a testemunha, onde a essência está na fé. Os Israelitas deixaram como herança um seguimento cada vez mais coerente com a Divindade, que é compassiva e fica ao lado dos que sofrem violências e injustiças, mesmo que em muitos trechos do Antigo Testamento as Palavras pronunciadas por Deus eram confusas e obscuras.

Até mesmo Weil (2016) se sente confusa e acredita que Deus não pode ordenar atrocidades para que os seres humanos façam tamanhas barbaridades em nome da religião. A mística pontua que os antigos hebreus aprenderam a doçura da verdade essencial de Deus com as tradições gregas, caldeia. Tudo isso graças ao exílio.

Conforme a arqueologia atual foi-se percebendo que com Ezequias e Josias há uma série de intolerância religiosa, visto que o culto a Iahweh, Deus dos oprimidos e explorados, passa a

ser objeto de muitas guerras sangrentas que vão aparecendo em praticamente todo o Antigo Testamento. E é certamente contra uma sociedade assim que os profetas estão se referindo quando falam em Reino ou Reinado de Deus (Dietrich; Kaefer, 2022).

Na bíblia, encontram-se profetas denunciando os falsos pastores, que desviam o povo de sua verdadeira vocação e o leva a mentiras, como a procura do poder através da força e violência, quando o que Deus quer é a justiça e a bondade. Porém, se existe de fato um Deus, ele deveria vir até a humanidade e dizer quais são as verdades. É esse o sonho de todos os povos e de todas as culturas que almejam de certa forma a encarnação da divindade.

Bello (2019) vai constatar que nas culturas arcaicas tudo está ligado à visão metafísica-religiosa na realidade do ser humano. Elas projetam um contato direto entre a divindade e o ser humano, onde, também na filosofia, multiplicidade e unidade constituem prova de uma experiência à abertura que as religiões têm na busca da Potência que jamais é concluída e aprisionada.

Toda religião tem o seu epicentro de fé. No cristianismo, tudo aquilo que é constitutivo está na revelação feita por Jesus Cristo. Deus é Pai e tem um Filho, igual a Ele em tudo. Jesus não somente chama Deus de Pai, mas o faz com uma linguagem fortemente familiar, pessoal. Jesus chama a Deus de “meu Pai”, uma linguagem ainda mais reservada, pessoal, por meio do pronome possessivo “meu”. Esse Filho de Deus assumiu a condição humana e anunciou o seu Reino que “é a unidade de Deus onde desaparece toda pluralidade, o abandono onde podemos encontrar Cristo sem deixar de amar perfeitamente o seu Pai, são duas fontes de virtude divina do mesmo Amor, que é o próprio Deus” (Weil, 2020, p. 82)

Comblin (2010a) afirma que a expressão Reino de Deus é cunhada pelo próprio Jesus e, a isso ele lhe dava muita importância. É fato que nem os apóstolos – as testemunhas imediatas do Ressuscitado – e mesmo as cartas paulinas não souberam usar essa expressão de Reino de Deus, contudo, as tradições dos evangelhos lembraram desse modo de falar de Jesus, especialmente o evangelho de Marcos, que é o mais antigo.

O Evangelho de Marcos é o que mais aprecia a expressão Reino de Deus, em toda a sua narrativa. A expressão é cunhada pelo próprio Jesus: “Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1, 15). Para José Comblin (1983a), Jesus propõe uma mudança no governar, pois denuncia todas as mentiras e acaba com a dominação dos pobres pelos ricos. Desta forma, pode-se compreender que o Reino é anunciado na força do Espírito Santo. A Terceira pessoa da Santíssima Trindade é modestamente citada pelo evangelista Marcos três vezes, antes do início da vida Missionária de Jesus que prega o Reinado de Deus na região da Galileia.

Por Reino de Deus (יהוהמלכות βασιλεία του θεου)¹⁸ não se entende uma realidade geográfica ou histórica (um território ou a duração de um reinado), mas se entende o ato de reinar, o poder em exercício direto e imediato. Na TEB (Mc 1, 9-15) os comentadores afirmam: a entrada em cena de Jesus no evangelho de Marcos é sinal de que Deus intervém na história para realizar sua promessa pelo envio do Espírito Santo, dando a ilustração harmoniosa do reinado do messias, será tarefa apostólica proclamar a ação de Deus em Jesus Cristo, aproximação do seu Reinado, como traduz a TEB. Refletindo a luz da sistemática pode-se afirmar que é o próprio Deus Trindade que se faz rei e atua como tal, em seu Reinado, isto é o tipicamente divino. Nos povos antigos o rei representava o divino, em Jesus Cristo ele é o Rei e Senhor dos Senhores (Ap 17,14; 19, 16) que vai vencendo os poderosos desse mundo, já que o seu Reinado se constitui na caridade e no serviço. A “partir do momento que ele [Jesus] e a Igreja se tornaram o reino de Deus, imediatamente, ocorreu nela a realização plena no reino e, na Igreja surgiram os meios pelos quais caminham para o absoluto” (Mckenzie, 1984, p. 789; Eicher, 1993, p. 769).

Masilongo (2022) concorda com os atuais estudiosos dos Evangelhos. O primeiro a ser escrito é o evangelista Marcos. Masilongo também atesta que a sobrescrita do nome evangelista foi um acréscimo posterior. Contudo, não descarta a identificação proposta no segundo século da Era Cristã: Marcos escreve, em Roma, para os pagãos convertidos, cristãos helenistas e moradores da cidade de Roma, que estes teriam escutado o anúncio da vida de Jesus feita por Pedro.

É fato que os destinatários do Evangelho segundo São Marcos foram os cristãos procedentes da gentilidade (paganismo), pois o grande objetivo de Marcos é responder quem é Jesus, que sendo Filho de Deus não foi reconhecido. O Evangelho de Marcos é maravilhoso

¹⁸ Há uma longa história para compreender esse conceito de Reinado ou Reino, um termo geral que denota o reger, o governar uma ideia egípcia; grega mesopotâmica. O termo utilizado originariamente no Evangelho é grego *basileus*; uma forma jônica atribuída a Zeus. Perpassa por aspectos geográficos oriundo do Hebraico *melek* divididos em três classes: humanos, messiânicos e divino. Tal concepção atesta que: “o Reinado de Deus é a realeza redentora de Deus, dinamicamente ativa para receber seu domínio entre os homens [...] onde o Reinado de Deus envolve dois grandes movimentos de cumprimento na História e a sua consumação escatológica. O Reino é Trinitário porque Deus já está julgando e já está sendo misericordioso com os pobres. Embora teólogos da libertação negligenciem que a salvação social depende da aceitação individual e não vice-versa o Reino não pode ser secularizado e espiritualizado aos extremos, porém, abordado positivamente. As implicações sociais, políticas, econômicas e sociais do Reino podem ser analisadas como um Reinado de Deus já dado por Jesus Cristo através do Espírito Santo. Nesse aspecto, o trabalho teológico lida com a filologia bíblica, com uma linha genética de desenvolvimento dogmático de referências fundamentais que não esgotam a tradição cristã. Na mística ocorreu uma imensa espiritualização do conceito Reino de Deus que nasce da profundidade da alma, tal tentativa fez conceber teologicamente e filosoficamente para além do conceito da Igreja e da Cristandade (Brown; Coenen, 2000, p. 2024-2054; Eicher, 1993, p. 769-773).

pela rápida abertura: um aceno à pregação de João Batista e, eis que entra de imediato em cena Jesus. Poucas linhas para o Batismo, mas já o suficiente pela sua profundidade e densidade.

O Evangelista Marcos começa e termina a sua redação no território da Judeia local da manifestação Trinitária, que tem sua revelação primordial na pregação do Reino. Isso justifica o evangelho de Marcos silenciar em torno de narrativas sobre o Ressuscitado e retornar à Galileia para fazer a experiência com Jesus de Nazaré vivo. É surpreendente a mudança de paradigma esboçada logo após a pregação de João Batista, que anuncia o dia da ira de Deus que vem para julgar. Todo o seu esforço é de uma purificação dos pecados, isto é, prepara-se para o Grande dia de Iahweh (Mc 1, 4). No entanto, Jesus, que é o Messias, não aparece fazendo o julgamento e a separação de bons e maus, atitude esperada por São João Batista.

Em sua reflexão, Pagola (2013, p. 21-22) assegura que muitos cristãos entendem a fé apenas como um conjunto de obrigações, onde basta apenas seguir um conjunto de regras para se conseguir a Salvação. Mas Jesus provoca uma reunião de todos os filhos do Reino na acolhida e no Amor nesse Deus que é Pai.

Pagola concorda com Simone Weil de que quando se falta o desejo de encontrar-se com Deus Amor, não há de se encontrar verdadeiros seguidores, mas pessoas que se dirigem a Deus por interesse ou por medo (Weil, [1940?] *apud* Pagola, 2013, p. 19). Jesus faz um caminho oposto ao medo. Na inauguração da vida pública no momento do Batismo é clara a voz do Pai que diz “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (Mc 1, 11b), momento em que a presença do Espírito que contagia é o próprio Amor. Esse Espírito Santo presente em Mateus e Lucas desde a Encarnação, porém proclamado solenemente no Jordão tanto em Marcos como no evangelho de São João.

Para Comblin (2009a) é no momento do batismo que Jesus recebe na sua carne a primeira investidura do Espírito que lhe conferiu a glória na cruz. Em virtude dessa vinda do Espírito Santo Jesus pode evocar as obras manifestadas pelo quarto evangelho. Este evangelista expõe Jesus com tamanha familiaridade chamando Deus de Pai. O último apóstolo, João, quer deixar marcado essa originalidade radical. É somente após a Paixão que se manifesta a glorificação completa, que é do Pai e do Filho.

Assim, Jesus deixa de ter vida privada, não pensando apenas em si. No evangelho de São João Jesus sempre fala e escuta, ou conversa e escuta as pessoas e esse Pai. Nunca está fora do convívio relacional, por isso mesmo é chamado de *Logos*, isto é Verbo, Palavra, voz que ecoa, ressoa, emite a Palavra do Pai (Comblin, 2009a).

Essa palavra *Logos* é de um significado unitário de mediação e comunhão que as palavras não são capazes de expressar. Weil (2016, p. 49) afirma que em grego o *Logos* é

sinônimo de ἀριθμός, isto é, número, tanto nos pitagóricos como em Platão. Para a filósofa todo o início do evangelho de São João é obscuro. De um lado, encontra-se Weil que traduziria essa perícopes joanina: “no princípio estaria a harmonia, ou a mediação” e do outro o teólogo Leonardo Boff (1987, p. 21) que traduziria “no princípio está a Comunhão”. Em ambos os casos observa-se a forte relação Trinitária em que os respectivos teólogos percebem nesse hino joanino. Este trabalho estará retomando a palavra ἀριθμός em sua total profundidade conforme o evangelho de São João.

O hino cristológico que consta no prólogo do Evangelho Joanino (1, 1-18) reflete bem essa profundidade cristã, afirmando que o *Logos* está voltado para Deus, com o artigo definido, isto é, o *Logos*, o Verbo de Deus, está junto e voltado para Iahweh, mas não é o Pai. Além disso, não tendo uma linguagem ainda apropriada para exprimi-Lo, retirou o artigo, para não dizer que o *Logos* é o Pai; sendo gerado, não da vontade da carne ou de homem, mas de Deus. Doglio (2020) elucubra que o *Logos* se faz carne, Ele é a verdadeira habitação de Deus no meio de seu povo, é a *shekinah*, é Deus, que desce dos céus e se faz humano, tornando-se presente na história.

O Concílio Regional de Toledo, no ano de 675, compreendeu bem a solenidade desse evento da geração do *Logos*, proferindo a linguagem feminina de Deus, ou seja, que o Filho foi gerado do útero do Pai: “[...] Ele foi gerado pelo Pai antes dos séculos, sem a mãe, quer gerado ao fim dos séculos pela mãe, sem pai; enquanto Deus ele criou Maria, enquanto homem foi criado por Maria” (DH¹⁹ 536).

A Encarnação acentua que o dinamismo do Pai entrou nas faculdades humana. O Filho, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, como afirmou o Concílio de Calcedônia, assumindo a natureza humana trabalha e exerce todas as forças e possibilidades concretas. Jesus é a graça do Pai em Plenitude, e é essa a glória de Jesus que tem por missão a salvação da humanidade, dom da vida e graça derramada pelo Espírito Santo. “E nós vimos sua glória” afirma o evangelho de São João (1, 14). Como pontua Rahner (1979), a doutrina da Encarnação, o fato de que Deus tenha se tornado Homem deve atender uma afirmação clara da Trindade nele contida.

Dessas reflexões resulta o primeiro princípio, Deus é terno e compassivo e se importa com o ser Humano; a tendência e a finalidade soteriológica é que “o Pai não se diferencia a si mesmo do Filho, somente quando o gera, mas, além disso “entregando-lhe tudo”, até o ponto de que a sua divindade passa a depender do Filho” (Pannenberg [2001] *apud* Ladaria, 2009, p.

¹⁹ DH -Denzinger - Hünemann

148). A questão passa a ter sentido quando a doutrina cristológica vai se acentuando, isto é, o evento Cristo que vai nitidamente relacionando a unicidade entre o Pai e o Filho, lançando um olhar retrospectivo da fé que tem como eixo central os evangelhos.

Para José Comblin, o quarto evangelho evidencia a revelação de Deus, feita por Jesus, revelando-se Aquele Filho que recebe todo o dom do Pai, ao qual o próprio Jesus dá o nome de Amor, que não é amor de posse, mas, sim, desejo e entrega. Nas palavras de Comblin (2009a, p. 16): “Aonde em Jesus se manifesta o amor do Pai e o próprio Pai no seu amor [...] conhece o Pai e o seu amor na experiência de Filho, como quem recebe, ouve e vê; ele conhece esse amor, por ser amado e enviado”.

No centro da mensagem do *Logos* Encarnado está a proclamação do Reino de Deus e prioritariamente para os pobres, único modo de assegurar a universalidade para todos. Jesus de Nazaré não atua somente como taumaturgo mostrando seu poder de fazer milagres. Não é apenas pregador ou mestre, nem se mostra como homem culto. Faz um pouco de tudo isso, mas seu objetivo é fazer com que as pessoas se acheguem ao Reino de Deus. Jesus quer a mudança da pessoa inteira, esse é o seu projeto, onde o ser humano é capaz de ter a coragem de iniciar uma nova existência, assumindo as dores do tempo presente.

Weil na sua obra *Espera em Deus* alerta que “se a dor física está completamente ausente, não há *malheur*²⁰ para a alma, porque o pensamento se dirige para um qualquer outro objeto”. (Weil, 2009, p. 107-108). Assim, aflora a compreensão de que é preciso como o Cristo assumir todas as dores do ser humano onde a verdade dessa aflição é transfigurada; isto é, transformada, onde o Espírito exerce nos pobres a sua força. O *malheur* é assumido por Jesus, ele é de fato o “*servo sofredor*” (Is 50, 4-11), preso, maltratado, insultado, humilhado e o seu rosto é uma

²⁰ Malheur: A palavra pode ser traduzida como infortúnio, infelicidade, amargura, ruína, humilhação, seria algo superior à dor e ao sofrimento. Uma total desgraça?! Esse conceito é central na filosofia weliana. O *Malheur* é o desenraizamento, é como uma aliança quebrada. O enraizamento é a necessidade mais importante, é a identidade que cada ser traz consigo, é a vida humana. Desenraizar é coisificar, tratar a pessoa como um indigente, sem dignidade alguma. O “*malheur* não se contrapõe à existência de Deus, mas é, sim, um mecanismo que ajuda a compreender o amor divino” (Figueredo, 2021, p. 16). O *malheur* envolve todo o ser em suas esferas: psicológicas, físicas, culturais, onde os poderosos esmagam e exploram o oprimido, ou tortura violenta deixando o ser humano numa total amargura em seu aniquilamento. Dependendo da tradução e do contexto utilizar-se-á na riqueza das várias possibilidades a tradução de *Malheur* de forma a inculcar que a terminologia é abrangente, num sentido de não reduzir na perspectiva Trinitária, mas demonstrar que uma das pessoas da Santíssima Trindade assumiu a natureza humana, e, por consequência, assume o *malheur*. Dentro dessas contingências o Filho de Deus apareceu bem situado e bem definido. Deu grandeza ao *malheur* do ser humano e libertou-o do medo dos deuses, inserindo-o partícipe da Trindade. Para melhor definição do conceito *malheur* em perspectiva puramente weliana pode-se ler a dissertação: *O malheur e a verdade em Simone Weil: uma interpretação do sofrimento humano*, dissertação escrita por Cristiana de Oliveira Figueredo. Enquanto definição teológica mística pode-se consultar a tese de doutorado da professora Andreia Cristina Serrato. *Mística e Corporeidade: Experiência, Ética e Práxis em Simone Weil*.

pederneira, motivo de zombarias, parecia que o Senhor Deus o tinha abandonado (Mc 15, 33). O grito de Jesus na cruz deixa transparecer esse *malheur* nas últimas consequências.

Na realidade Jesus não veio para resolver todos os problemas do mundo com milagres. Os evangelhos testemunham que ele curou a muitos, mas não a todos. É fato, que desde os tempos imemoráveis do cristianismo o culto aos santos ocorre por meio de fatos extraordinários, o qual chamamos de milagres. E logo aparecem os santuários de peregrinação como os de Santa Paulina, Santa Rita, São Francisco ou Padre Cícero de Juazeiro, muitas vezes as pessoas não estão preocupadas com o testemunho de vida desses homens e mulheres, mas com a peregrinação, que na forma popular é conhecida como Romaria, em busca da resolução dos problemas imediatos. “Jesus não funda um culto a ele, ou uma Romaria” (Comblin, 2009a, p. 44), faz gestos extraordinários de caridade, abre um caminho para a fé nos sinais realizados, revelando o Pai e assumindo as dores da humanidade.

O padre José ao comentar esse aspecto de que Jesus não funda uma nova maneira de culto vai atestar que mesmo a ceia que Jesus fez antes da sua morte pode ser identificada como um novo culto. Jesus institui outra refeição como lembrança Dele. Mais tarde, os cristãos integraram a eucaristia dentro de um ato de culto. Porém, essa transformação não foi feita por Jesus e não há nenhum sinal de que ele tenha pensado nisso. A eucaristia virou missa dentro do contexto de civilização do mundo mediterrâneo, como adaptação cultural. Jesus ora, porém, sem cerimônia. Para orar, Ele busca a solidão (Comblin, 2010a).

Jesus fala com o Pai em virtude de uma consciência profunda de uma realidade que, para Ele, é tão íntima quanto o próprio ser. Essa questão da consciência de Jesus em relação ao Pai, vai cada vez mais se desdobrando, o que nas discussões do Cristo histórico foi se evidenciando como um dos resultados mais seguros. Nos momentos de oração, Ele, na solidão, utilizava uma linguagem coloquial familiar, chamava a Deus de *abbá*, e depois ensinou também a seus discípulos a fazerem o mesmo: “a revelação de Deus-Abba regia seu relacionamento com Deus, bem como sua revelação de Deus aos homens. Sua pregação do reino [...] fundamentava-se na sua relação com o Pai” (Moltmann, 2000, p. 87). Aos poucos a humanidade vai começando a ter acesso a esse Deus em si, na autorrevelação feita por Ele mesmo através de Jesus Cristo.

Percebe-se, assim, como a revelação foi progressiva. Jesus revelou Deus, sendo seu Pai, isto é, um apelativo afetivo. Porém, ao mesmo tempo em que chamava Deus de *abbá*, realizava ações extraordinárias, mudando radicalmente o que existia até então. Corrigia Moisés e intrometia-se nos privilégios de Deus, jurava e modificava textos (Mt 5, 17-47). Era muito exigente, numa autêntica adesão ao Reino de Deus, sendo severo com os fariseus e sacerdotes.

Era muito aberto em perdoar todos aqueles que se aproximassem de sua pessoa e cercava-se de mulheres, criaturas de moral duvidosa, publicanos, prostitutas, pecadores. Tudo isso fazia de uma forma totalmente livre e não se justificava (Pagola, 2014).

Essas atitudes de Jesus fizeram com que os primeiros cristãos não tivessem palavras adequadas para categorizá-las. Não havia como afirmar a identidade de Jesus senão dizendo, já no final do século I, que aquele que se tinha comportado daquela maneira não podia ser um simples homem, mas deveria ser Deus também. O evangelista João coloca essa expressão nos lábios de Jesus: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10, 30). “Jesus Cristo não é um mero anunciador ou intérprete da Palavra divina, Ele é a Palavra decisiva de Deus, a autocomunicação plena do Deus salvador-criador” (Rubbio, 1989, p. 156).

O Reino anunciado por Jesus, só pode ser Trinitário, pois em seu cerne não pode ser reduzido a uma mera questão cronológica, esse reinado está presente e ao mesmo tempo sempre é esperado. “A vida terrena do Senhor Jesus torna-se então a porta humilde e concreta do Deus trinitário para o tempo, e deste para a vida da Igreja” (Forte, 1987, p. 45). Pode-se dizer, o Reino chegou, pois o Filho de Deus assume a natureza humana para assim o ser humano chegar até Deus; porém, é necessário comprometer-se com esse Reino colocando em prática os ensinamentos de Jesus.

Comblin (1983a) explica que a mensagem dos evangelhos está centrada em Jesus de Nazaré, um humilde camponês, que apareceu como Filho de Deus. Na obra lucana, o cântico de Maria antecipa o testemunho apostólico, que se desenvolverá, sobretudo, após a morte e Ressurreição de Jesus. Consequentemente, Deus mostrou quem é Ele ao se solidarizar com a condição humana dos humilhados e pobres, deixando-se crucificar com eles.

Nessa perspectiva, a comunidade foi compreendendo, com o avanço e o crescimento da cristologia, que Jesus não era um homem qualquer. Ele era servo (Jo 13,1-20), era Messias (At 11, 26), Filho do homem (Mc 13, 26), era Sumo Sacerdote (Hb 10, 4), Filho de Deus (Gl 4, 4). Jesus era unigênito, Filho de Deus (Jo 1, 14; 3, 16; 18; 1Jo 4, 9). Jesus “fala as palavras de Deus, pois ele dá o Espírito sem medida. O Pai ama o Filho e tudo entrega em sua mão” (Jo 3, 34b- 35). Assim, Ele dá testemunho da Verdade e, como o enviado do Pai, aprendeu do Pai mesmo, porque Ele é Filho, único, igual ao Pai. E, por assim o ser, sabe e pode comunicar o Amor que Deus Pai doou à humanidade.

Esse foi o ponto crucial da cristologia, bem evidenciado pelo Concílio de Niceia, afirmando que Jesus Cristo, unicamente gerado por Deus, é da mesma substância que o Pai, ou

seja, igual ao Pai na sua divindade, rejeitando a posição ariana e acolhendo a fórmula *homooúision tô Patri*, isto é, consubstancial²¹ ao Pai (Alberigo, 1995).

Os cristãos também assimilaram que a relação de Jesus com Deus não é simplesmente a relação de um homem com seu Deus, mas é genuinamente a relação de um Filho com seu Pai. A última oração de Jesus no evangelho de São João é tão profunda nesse aspecto que testemunha essa intimidade única: “Pai, chegou a hora glorifica o teu filho, para que o teu Filho te glorifique” (Jo 17, 1). A coerência de Jesus é tão grande e seu amor pelo Reino tão forte que todas as vezes que queriam fazê-Lo se afastar de sua proposta originária, conforme os evangelhos, ele se afastava e não se justificava (Jo 6, 15).

O padre José Comblin (2010b, p. 57-53) afirma que os Evangelhos têm uma enorme descrição ao apresentar a relação de Jesus com o Pai, em sua grande parte diz que Jesus se retirava para rezar, mas não falam qual era a forma ou a fórmula de oração. Existe uma oração pronunciada por Jesus de louvor, em um momento crucial de sua história na pregação do Reino. Os fariseus, nas cidades de Corazin, Cafarnaum e Betsaida, onde aconteceu a maior parte dos milagres, escutaram a pregação, não mudaram de conduta, contudo Jesus não se irrita e louva ao Pai:

Por esse tempo, Jesus pôs-se a dizer: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultastes, estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt 11, 25-27).

Essa oração é muito profunda e coerente com o dinamismo proposto por Jesus, as pessoas não são obrigadas a entrar no Reino. Elas são convocadas. Conforme Comblin (2010a, p. 59): “Jesus admira a originalidade do Pai” e a “Igreja dá muito valor ao que dizem os teólogos ou os bispos” e isso está longe da confiança no Deus de Jesus. E Weil (2016, p. 24) também ressalta: “Cristo nunca disse: obrigai aos povos a renegar a tudo que seus pais acreditaram como sagrado e a adotar um livro sagrado de um povo pequeno que não o conheceram”.

²¹ Consubstancialidade: a substância ou natureza é como o conjunto de forças com as quais o sujeito atua. Um conceito bem aristotélico, que expressa a existência de uma natureza humana, uma natureza das plantas, no livro *a Metafísica*, uma natureza divina, que é todo o conjunto dos poderes de Deus e todo seu ser. Os Concílios Ecumênicos adotaram essa palavra, para representar o que é Três e o que é Um em Deus. “Este termo completa a afirmação precedente “da substância do Pai” do lado de seu resultado: o gerado é consubstancial ao gerador” (Sesboüé, 2002, p. 214-215).

As Palavras de Comblin e Weil incomodam, mas de certo modo, procuram chegar a uma maneira profunda de adesão ao Pai. A obediência ao Evangelho ainda não tem sido levada a sério. Os povos, os pobres, os artesões, é essa a escolha do Pai, e isso nos causa medo e perturbação. Jesus nessa oração não consegue reprimir a alegria ao ver que o Reino vai chegar onde menos se espera. O Pai escandaliza as burguesias religiosas de Israel no passado, mas também no tempo presente.

Comblin (1983a, p. 228-230) ao expor o tema de Jesus, Filho de Deus, destaca que o *Logos* ao fazer-se homem simples e comum é desconhecido, sem qualquer prestígio social. Os evangelistas centram toda sua teologia nesse anúncio, Jesus é o Filho de Deus e o chama de Pai. Jesus vem para todos os povos. Que todos coloquem a sabedoria em Comum onde vai se crescendo o Reinado de Deus. De certa forma, os Padres da Igreja compreenderam e discerniram com sabedoria, aquilo que dos povos antigos é também sabedoria do Pai.

O modo de agir do Pai, na perspectiva de Jesus antecipa o Juízo final. As chamadas heresias não surgiram do mundo das periferias, dos simples. Mas, infelizmente, de intelectuais da corte. Um bispo de Alexandria chamado Ário, propagou heresias dizendo que Jesus não era Deus, mas um ente intermediário, superior aos anjos, mas inferior ao Pai. Sua teoria teria tido muito êxito, pois usava de uma linguagem sofisticada intelectual. Mas o povo dos pobres, os cristãos simples, os camponeses ergueram-se e foram contra essa teologia que a maioria dos bispos estava a favor. De 318 padres conciliares apenas eram a favor da fé do povo Cristão Atanásio de Alexandria no Oriente e bem mais depois da morte de Constantino no Ocidente, Hilário de Potiers.

Conforme Sesboué (2002) existe a chamada pré-história da dogmática antes da formulação da fé Trinitária. Praticamente, segue-se a mesma estrutura. É fato que no Novo Testamento, na comunidade para a qual os evangelistas escreveram se tem em princípio a revelação Trinitária. Contudo, eles apresentam de forma simples, sem uma sistematização. É preciso situar a gênese simbólica com as sagradas Escrituras, sem forçá-las. Desta feita, têm-se primeiramente as fórmulas cristológicas, isto é, Jesus, mais os seus títulos como vimos acima. E neste ponto discute-se a fórmula binária: o Pai e o Cristo.

É notório que as Cartas Paulinas deram um bom destaque nessas fórmulas binárias (1 Cor. 8, 6; Rm 4, 24; 8, 11). São fórmulas históricas primitivas e binárias. Vê-se que o Pai se revela, aí está o milagre, a total confiança de Jesus e o sentir do extremo abandono e auto revelação do Reino que de forma não explícita traz consigo a cristalização kerigmática da fé. Um bom exemplo disso são as primeiras fórmulas desenvolvidas em torno do nome de Jesus, “*ICHTHYS*” (“peixe”, em grego), apresentado pelas fórmulas iniciais “Jesus, Cristo, Filho de

Deus Salvador”. O nome e a imagem do peixe se tornaram assim sinal de reconhecimento entre os cristãos” (Sesboué, 2002, p. 80).

E o Deus dos exércitos, da guerra, da batalha se manifesta na fragilidade²². Deixando de lado a *doxa* (opinião) e procurando a *alétheia* (verdade), as comunidades cristãs amparadas pelo Paráclito, compreenderam que o *Logos* é o primordial princípio da constante relação com o Deus de Israel, a quem se dirigirão chamando-o “de ‘*Abbá*’, *Pai*. Em *Jesus de Nazaré, Deus se revela inserido na história da Aliança*, como o Deus fiel ao seu povo, único no seu amor de misericórdia, que continua caminhando com ele de modo originalíssimo: assumindo a condição humana” (Burocchi, 2012, p. 28).

Para se chegar à concepção cristológica da consubstancialidade do Pai e do Filho, passou-se pelas chamadas heresias que foram combatidas pelos Padres da Igreja e os chamados Concílios Ecumênicos. De forma breve, mas contundente, far-se-á a exposição sistemática e, a título pedagógico das principais heresias cristológicas dos séculos I-VII.

A apresentação de forma breve das heresias cristológicas, e mais adiante das heresias trinitárias serão fundamentais para não se interpretar Weil e Comblin como adeptos a alguma heresia, já que, para Weil (2020, p. 125) o que é “proclamado oficialmente quer aderir de coração aos mistérios da Trindade, da Encarnação, da Redenção e da Eucaristia” e o próprio José Comblin (1983a, p. 238) vai atestar que nas épocas dos Concílios foram os pobres que mantiveram a fé católica contra as heresias provenientes de bispos, monges e sacerdotes intelectuais.

Observa-se que as autoridades políticas que entraram na Igreja, como Constantino, um não batizado, que presidiu o Concílio se interessava pela política do Império e não pelos Evangelhos. É preciso manter-se de acordo com os Evangelhos e seguir a doutrina Cristã de todos os séculos. Desse modo, seguindo a metodologia do teólogo Frangiotti relacionando a resposta Histórica dos Concílios Ecumênicos, exposta por Alberigo, e também na célebre obra de *Introdução à Trindade*, de Lorenzen, serão esclarecidas algumas heresias combatidas pelos pobres que tiveram Pastores sensatos como Santo Atanásio que os defendia e as formulações feitas pelos Concílios Ecumênicos e sínodos regionais.

Primeiro, Apolinário procurou aplicar-se – por meio de categorias filosóficas – em expressar de maneira mais radical a indissolúvel unidade do Verbo encarnado. Visão antropológica fundamentada num horizonte metafísico: o ser humano é uma síntese entre a

²² Para se aperfeiçoar nesse assunto convém ler: Trindade Reino de Deus: uma contribuição para a teologia de Moltmann. Especialmente o segundo capítulo “A Paixão de Deus”. Mais adiante será recorrido na hermenêutica teológica desta dissertação.

alma e o corpo. Em Cristo, tal síntese é o resultado da união entre o *logos* divino e a *sarx* humana (natureza corpórea), formando uma unidade substancial (radicalismo do esquema *logos-sarx*). O *logos* entra em verdadeira e substancial união com a *sarx* para constituir uma pessoa humana. A natureza corpórea de Cristo – conferido pela Virgem – se vivifica justamente mediante sua união com a divindade. O fato de se servir da natureza corpórea constitui-se para Cristo o único princípio de sua vontade e ação. Pelo fato de não possuir uma alma racional – princípio humano do processo decisório, o *logos* Encarnado tem assegurada a afirmação de sua impecabilidade (afirmação de uma verdadeira unidade em Cristo e a salvaguarda de uma absoluta santidade ontológica).

Na difícil controvérsia anti-apolinarista torna-se famoso o princípio formulado por Gregório Nazianzeno (*De Filio*): “*quod non assumptum, non sanatum*”, utilizado na oposição aos arianos e amplamente aplicado à questão anti-apolinarista.

Eis de forma sintética a análise feita por São Gregório Nazianzeno (C.C.P.I.²³, p. 51, 79, 84-88): Não deixemos os homens enganarem a si mesmos ou a outros com a afirmação de que carecia de alma humana o “Homem do Senhor”, assim é como chamam Àquele que antes é ‘nosso Senhor e Deus’. Não se separa o homem da divindade, mas afirma-se o dogma da unidade e identidade dessa pessoa, que inicialmente não era homem, mas unicamente Deus, Filho único de Deus, anterior a todas as épocas, e que nos últimos dias assumiu a humanidade para a nossa salvação, circunscrito no corpo, porém, incircunscrito no espírito; ao mesmo tempo terrestre e celeste, tangível e intangível, compreensível e incompreensível, a fim de que mediante uma só e mesma Pessoa, perfeito homem e perfeito Deus (Alberigo, 1995).

São Gregório de Nissa lhe respondeu com o belo princípio: “O que não foi assumido pelo Verbo, não foi redimido” (Gregório [380?] *apud* Roberto, 2015, p. 153) isto é, Deus quer santificar e salvar a natureza humana pelo próprio mistério da Encarnação ou pela união da Divindade com a humanidade, se, pois, a humanidade estava mutilada em Jesus, ela não foi inteiramente salva.

Se alguém põe sua confiança em Cristo como num homem carente da racionalidade humana, esse tal é destituído de racionalidade e é indigno da salvação – só era salvo aquilo que uniu à sua divindade. A tese apolinarista, já rechaçada em alguns sínodos locais, é oficialmente condenada, em 381, na celebração do Concílio de Constantinopla I. A reunião retomou o Concílio de Niceia e acrescentou alguns elementos, o imperador proibiu as reuniões de macedonianos, semi-arianos e apolinaristas. Não há provas suficientes de que o chamado

²³ C.C.P.I - El Credo Comentado por Los Padres de La Iglesia

símbolo de Constantinopla tenha sido proclamado pelo mesmo Concílio, porém expressa bem o seu sentimento. As atas, crônicas e os principais documentos, devido a tantas disputas se perderam (Frangiotti, 1995).

Segundo, o Nestorianismo, em 428, o patriarca de Constantinopla era Nestório, que precedia a Igreja de Antioquia. Nessa Igreja se insistia muito na distinção entre o Deus Filho e o homem Jesus. Alguns, por exemplo, não se aceitavam que dissesse que Deus foi crucificado ou que Maria é Mãe de Deus. A grave situação na qual se viu envolvido o Patriarca de Constantinopla surge a partir de sua reação à utilização do título *Theotokos* aplicado à Virgem Maria. Aparentemente, na tentativa de assegurar a clara distinção da divindade e humanidade em Cristo – contra as investidas apolinaristas na Igreja de Constantinopla – Nestório compromete gravemente o discurso sobre a unidade fundamental das duas naturezas.

Nestório parte da afirmação da existência de uma distinção, para então defender uma conjugação das duas naturezas em Cristo (diferentemente de união). No entanto, para ele, a conjugação das naturezas se dava em uma unidade de *prósopon* (= aparência externa indivisa), fato que resultava na afirmação de duas pessoas em Cristo (Alberigo, 1995).

Depois de muitas lutas, o patriarca de Alexandria, Cirilo, conseguiu que o Concílio de Éfeso condenasse o patriarca Nestório, de Constantinopla, e proclamasse que Maria era realmente Mãe de Deus, porque Jesus é um só – o Filho de Deus é também o homem Jesus. Afirma o Concílio de Éfeso:

Pois não dizemos que a Natureza do Verbo, transformada, se fez carne; mas também não dizemos que transmutou o homem inteiro, composto de alma e corpo; mas, ao contrário, que tendo o *Logos* unido a si, segundo hipóstase, a carne animada de alma racional, se fez homem de modo inefável e incompreensível e foi chamado Filho do Homem, não somente por vontade e complacência, mas tampouco apenas pela assunção da pessoa, e que as naturezas que se juntam em verdadeira unidade são diferentes, mas que ambas resultam um só Cristo e Filho; não como se a diferença das naturezas se destruísse pela união, mas por que a divindade e a humanidade constituem muito mais para nós um só Senhor e Cristo e Filho pela existência Inefável e misteriosa na unidade. (DH 250-251).

Porque não nasceu primeiramente um homem vulgar (Irineu, C. H²⁴. II, 25, 3) da Santa Virgem e depois o *Logos* desceu sobre ele, mas, unido desde o ventre materno, diz-se que Ele se submeteu a nascimento carnal e, seu nascimento se faz da própria carne. Sendo assim, os santos Padres não viram inconveniente em chamar a Santa Virgem de Mãe de Deus. É

²⁴ C.H. - Contra as Heresias - Santo Irineu de Lião.

interessante ainda notar, que Santo Irineu ensina sobre as teofanias do Verbo. Com esta ideia ele deseja ressaltar a unidade de economias, unidade da revelação desde a criação do mundo até a revelação suprema da encarnação. Aqui está, precisamente, a preocupação fundamental da teologia de Irineu, que se refletirá na sua doutrina trinitária: mostrar a identidade fundamental entre o Deus verdadeiro e único com o criador do mundo e o Pai do *Logos*. As teofanias do Verbo começam no Paraíso (Irineu, C.H. V, 1, 3; 5, 1; 28, 1).

Terceiro, o Monofisismo depois do Concílio de Éfeso, um monge de Alexandria, chamado Êutiques, passou a defender a posição da humanidade de Jesus. O monofismo (de *monos*, único e *phusis* natureza) designa a posição dos que atribuem a Cristo uma única natureza. Segundo Frangiotti (1995), Nestório caiu no erro de afirmar as duas naturezas em Cristo, e Êutiques no afã de combater o nestorianismo, deu origem à heresia chamada de monofista. Êutiques afirmava reconhecer uma só natureza do *Logos* Encarnado. A natureza divina absorvera a natureza humana. Depois da encarnação as duas naturezas ficaram reduzidas a uma só – a divina.

Calcêdonia definiu em um esforço de harmonização dois polos ontológicos que constituem a única realidade do ser de Cristo. Testemunha-o de forma eloquente a estrutura binária da primeira parte das afirmações relativas ao Deus encarnado. Os enunciados que se sucedem compõem-se sobretudo de duplas de termos que evocam mutuamente, ao termo divino se associa imediatamente o termo humano.

O único e mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo é proclamado perfeito na divindade e perfeito na humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, consubstancial ao Pai segundo a divindade e consubstancial a nós segundo a humanidade. Essa dialética da unidade e da distinção baseia-se ontologicamente em algumas formulações que se utilizam do amparato conceitual da metafísica antiga – além do *homoousios*, aparecem conceitos com natureza (*physis*), pessoa (*prosopon*) e hipostase (*hypostasis*). Jesus Cristo é reconhecido com duas naturezas, sem confusão, mudança, divisão, separação, e a diversidade das naturezas, com as respectivas propriedades, não desaparece após a união, mas ambas concorrem para formar uma só pessoa e uma só hipostase (DH 300-303).

Quarto, o Monoenergismo e Monotelismo. Estes refugiaram-se na Síria e no Egito e se aferraram à ideia de que o Concílio de Calcedônia deixava falhas no dogma da unidade essencial da pessoa de Cristo. Frangiotti (1995, p. 153) afirma que o patriarca Sérgio, de Constantinopla pensou em uma fórmula de reconciliação entre calcedonianos e monofistas, pensou em deixar de lado o conceito de natureza, valorizando em seu lugar o conceito de energia, de vontade. Ora, a vontade deriva de sua personalidade (de sua *hypóstase*) que é uma,

e não duas naturezas. Portanto, há em Cristo, uma operação, uma só energia (monoenergismo) que é uma. Sérgio pensava se a união entre as duas naturezas em Cristo é tão estreita, que não há nele senão uma só pessoa, a divina, nunca houve nele, mas que uma só vontade (*mónos-thélema* = uma única vontade) e uma só ação.

Em 634, Sofrônio foi eleito patriarca de Jerusalém. Na sua carta de entronização, condenou o monogenismo. Além disso desenvolveu o pensamento teológico do Papa Leão I e chegou à conclusão de que era preciso reconhecer a existência de duas energias na pessoa única de Cristo.

Com tantas controvérsias e depois de vários sínodos espalhados nas diversas igrejas os Ocidentais chegaram em Constantinopla no dia 10 de setembro de 680. No mesmo dia, o imperador Constantino IV convocou o concílio, cujo número de participantes variava de 43 a 174. No momento do concílio, o monotelismo já estava praticamente acabado.

O Concílio aprovou a fé ortodoxa, as duas vontades e duas energias, em Cristo, conforme sua dúplici natureza, divina e humana. Condena-se o monotelismo e o monogenismo e seus principais representantes. O Concílio seguiu a teologia de Máximo. Admitiu duas vontades de Cristo, sendo que a humana estava submetida à divina. O Concílio de 680/681 restabeleceu a unidade doutrinária entre Oriente e Ocidente. Desse momento em diante o jogo tornou-se restrito entre Roma e Constantinopla, os outros patriarcados desempenharam papel secundário.

Ademais em 680, o III Concílio de Constantinopla, o sexto Concílio Ecumênico, precisou ainda mais a questão das duas vontades e duas atividades em Jesus, condenando os monotelistas que diziam haver uma só vontade em Jesus. A partir daí, a doutrina dos seis primeiros concílios ecumênicos constitui a base de todas as Igrejas ortodoxas orientais, a Igreja Romana e todos os protestantes. Desse modo atesta Comblin (2004, p. 128): “no caso de Deus definiu-se numa natureza divina havia três pessoas [...] A intenção era afirmar a igualdade de Jesus com o Pai – e depois com o Espírito Santo também. Em Jesus era necessário reconhecer que era realmente homem Deus, mas que as duas naturezas estavam unidas embora não e misturasse”.

A volta às fontes bíblicas e patrísticas e dos Concílios traz a ênfase na relação das Pessoas divinas, além de ser um resgate da história de Jesus de Nazaré, cuja vida foi profundamente relacional com Deus e com os seres humanos, é o modo mais pertinente de proclamar para a atual cultura o mistério do Deus Trindade, comunhão amorosa de Pessoas.

Assim, utilizaram-se coerentemente os padres do oriente, especificamente os capadócijs Basílio, Gregório de Nissa e Gregório Nazianzo, sobre a divindade do Pai e do Filho

contemplando na doutrina ortodoxa da Santíssima Trindade compreendida no *homooúision* de Atanásio de Alexandria de que, em uma única atividade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, se é obrigado a inferir a unidade da natureza pela identidade da atividade, pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo cooperam na santificação, vivificação e conciliação. A princípio, a discussão é cristológica, como já se constatou acima através das principais heresias combatidas sobre a natureza entre o Pai e o Filho, mas São Basílio incluirá o Espírito Santo, indicando sua origem divina e ação conjunta na Relação entre Pai e Filho (Lorenzen, 2002).

A Igreja nascente de certa forma ia se definindo a partir dos vários grupos e aceções, que ao longo da história foram caracterizando o dogma Trinitário. As bases foram lançadas em formas primeiro binárias, depois ternária. Foram crescendo as fórmulas cristológicas aproximando-se às fórmulas Trinitárias, pois “a teologia só pode falar do Deus triúno na medida em que compreende seu discurso como explicação da autorrevelação e autocomunicação histórica de Deus a saber como exposição das premissas teológicas” (Werbick, 2012, p. 431).

Torna-se evidente que a elaboração sistemática teológica-Bíblica passou por um longo processo onde o *Logos* é identificado com Jesus, que é o Filho. Esse Jesus anuncia misteriosamente o Reino e tem um vínculo íntimo entre ele e Iahweh, o Deus protetor dos camponeses a que ele o chama de Pai. De modo que essa revelação do Filho é digna de confiança, já que é justa, ética e inclusiva, embora cheia de controvérsias, denominadas pela Igreja de heresias.

Nesse caso, o Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. A fé da Igreja baseia-se com os Concílios Ecumênicos e a experiência mística, onde a humanidade é transfigurada pela presença da Potência divina, onde todos os povos e culturas anseiam para que possa ser cada vez mais humana, assumindo gratuitamente o *malheur*, isto é, abraçar as dores que resultam na humanidade com o objetivo de aceitar a manifestação plena da misericórdia de Deus para poder penetrar no transbordamento da sua felicidade

De certo modo, pode-se compreender que padre Comblin (2023) faz críticas da época em que com a promulgação do Édito de Miletto por Constantino, ofereceu toda tolerância aos cristãos e aos bispos, que se tornam pessoas privilegiadas e assumem funções políticas. Ao relacionar o pensamento de Comblin com a filosofia de Simone Weil chega-se à resolução de que a figura do epíscopo foi se afastando do *malheur*, isto é, afastou-se do martírio do morrer

por Cristo e assim do cotidiano da vida do povo cristão. Isso fez transparecer com o novo édito de Teodósio ao conferir a Igreja cristã como religião oficial do império²⁵.

Mas, existiram bispos resistentes como São Gregório Nazianzeno. A assistência do Espírito Santo, nunca faltou, embora a fusão entre Igreja e Estado tenham feito iconografias de Jesus como um imperador poderoso. Os reformadores da Igreja como Cônegos/as Regulares, São Francisco, são Domingos, e os agostinianos, procuravam retomar as fontes do Evangelho.

Além disso, esse Jesus dos Evangelhos dá a conhecer qual é o real objetivo da humanidade, ao abraçar esse Reino por Ele anunciado, é de certo modo tornar-se divino. É fato que o Concílio de Niceia defendeu a condenação de Ário e proclamou a perfeita igualdade entre o Filho e o Pai. Contudo, Teódosio convoca em 381 o Concílio de Constantinopla confirmando

Niceia, já que a maioria do episcopado semiariano interessava-se mais pela política do imperador do que pela fé cristã dos pobres.

Ademais, conforme o Concílio de Calcedônia esse Filho é Deus por natureza, como atestaram os padres capadócijs, mas que cada pessoa poderá chegar a participar dessa comunhão de Deus por sua graça.

A cristologia da filiação Divina de Jesus tem como base própria e definitiva a consciência filial do próprio Jesus. Portanto, no movimento retrospectivo de releitura da vida terrena do Nazareno, o cristianismo percebeu o mistério de sua identidade com Deus. Resta saber como essa graça chega até o ser humano, dando maior ênfase na ação do Espírito Santo de Deus, na vida de Jesus Cristo e, assim a cristologia vai se apresentando uma nova hermenêutica pneumatológica.

2.2 A Revelação trinitária na cruz – uma mística de Comblin e Simone Weil

Após a longa exposição do modelo binário, chegamos à Pessoa do Espírito Santo, esse é o momento pneumatológico. Pode-se afirmar, conforme a Tradição da Igreja, que a História da Salvação se desenvolve em dois prelúdios (1º. A longa história da humanidade com todas as civilizações até a vocação de Abraão (Gn 1-11). 2º. A história de Israel, desde Abraão até Jesus que durou aproximadamente dezoito séculos e foi a preparação para a vinda de Jesus, o Filho de Deus).

²⁵ Para melhor aprofundamento do desenvolvimento do Concílio de Niceia e a crise suscitada da sequência de Imperadores que se aliaram ao movimento de Ário pode-se consultar: *O Deus da Salvação*, tomo 1 da série História dos Dogmas dirigida por Sesboué (2002, p. 217-235).

A história da Salvação se inicia em duas épocas: (1ª. Marcada brevemente pela missão de Jesus, que viveu nas terras de Israel mais ou menos 33 anos conforme os evangelhos. 2ª. Um período mais longo, que é a missão do Espírito Santo que inclui desde a Ressurreição de Jesus até a parusia, ou seja, a segunda vinda do Filho de Deus no final dos tempos)²⁶. Desse modo, “a missão do Filho e do Espírito Santo não se opõem, mas se complementam” (Comblin, 1983b, p. 337).

A referida separação acima é apenas um recurso pedagógico para melhor compreensão, já que a Trindade indivisa atua de forma conjunta. “Desde o começo até a ‘plenitude do tempo’ a missão conjunta do Verbo e do Espírito do Pai permanece escondida, mas está em ação” (CigC²⁷, 702). A obra do Pai não termina com o envio do *Logos*. Depois do Filho, ele envia o Espírito Santo. Vale destacar que o Espírito Santo não se encarna, mas é presente continuamente em todos os povos e não em apenas um indivíduo.

Nos Atos dos Apóstolos, o primeiro capítulo apresenta a ascensão de Jesus que volta para o Pai (At 1, 1-11). Os versículos fazem continuidade e dão ligamento à primeira obra lucana, isto é, o terceiro evangelho. Mascilongo (2021, p. 190) afirma que os episódios da narrativa lucana podem ser comparadas aos escritos de Mateus e Marcos, sem excluir o escrito joanino, verificando-se a semelhança histórica dos Atos dos Apóstolos.

Os evangelhos narram a história de Jesus, dando uma especial importância a seu itinerário missionário na Galileia. No tópico anterior, foi destacado como Jesus com toda radicalidade e com urgência de decisão anunciou o Reino de Deus e de forma única chamava a esse Deus de Pai, pode-se afirmar que esse é o coração do anúncio de Jesus: “Cumpriu-se o tempo, e o Reinado de Deus está próximo” (Mc 1, 15-TEB). A ética sinótica coloca-se como tema chave a ação divina de Jesus na perspectiva do Reinado que tem a sua gloriosa ação no tempo Pascal.

Conforme Ladaria (2005, p. 87), o ato da cruz acontece, antes de tudo, entre Deus e Deus, acontecendo uma profunda separação, ao mesmo tempo em que produz em Deus uma profunda unidade, que se mostra no Espírito. É o Espírito que deve ser compreendido como entrega do Pai e do Filho, suscitando o amor para os que jazem abandonados.

Weil (2016, p. 50) reflete acerca da liturgia da sexta-feira santa, os versos do qual ressoam na celebração da Liturgia das Horas desse dia de celebração fatídico, tão venerável e

²⁶Explicações complementares a esse respeito pode-se consultar: “*A Vida a partir do Espírito*”, artigo escrito por Hilberarth no Manual de dogmática Católica volume I. Como também o volume 4 da coleção *El credo comentado por los Padres de la Iglesia*.

²⁷ CigC - Catecismo da Igreja Católica

profundo para os católicos. Percebe-se também, o quanto Weil aprecia o “*Stabat Mater dolorosa*”. Na carta ao padre Couturier salienta-se a relação entre Cristo e a sua mãe dolorosa, nas culturas dos astros gregas, egípcias e germânicas, eis o que pontua a mística na íntegra:

Esse símbolo da balança é de uma profundidade maravilhosa. A balança tinha papel importante no pensamento egípcio. Quando Cristo morreu, o sol estava na constelação do Carneiro e a lua na da Balança. Observe-se que esse signo era denominado “as Pinças do Câncer”. Os escritores só passam a lhe dar o nome “Balança” pouco antes da era cristã (um mês antes, o sol estava em Peixes e a lua em Virgem; cf. significado simbólico do Peixe [X.Θ.U.Σ.]).

Weil (2016, p. 52) vê a liturgia da semana santa como uma espécie de “alucinante antiguidade”. A relação da virgem a *Mater Dolorosa* com o Filho Jesus é de uma exuberância fantástica que a mística Weil não consegue penetrar totalmente na profundidade misteriosa, pois, vê como uma mistura de cristianismos, e tragédia grega, os poemas egípcios das dionisiacas, ou as religiões dos mistérios, que ritmicamente, simbolicamente aparecem nos versos do hino da Liturgia das horas:

- a) “Beata (arbor) cujus brachiis/ Pretium pendit saeculi/ Statera facta corporis/ Tulitque praedam” (Feliz (a árvore) de cujos braços / Pendeu o preço do mundo/ Fazendo-se balança do corpo / resgatou a presa do inferno).
- b) “Sol occasum nesciens / Stella semper rutilans / semper clara sicut sidus radium profert Virgo filium/ pari forma. / Neque sidus radio neque mater filio fit corrupta” (Assim como a estrela lança a luz / dá a Virgem à luz o filho. / Nem a estrela pelo raio de luz / e nem a mãe pelo filho, / são corrompidas).
- c) “Ipse lignum tunc notavit, damna ligni ut solveret/ [...] arbor em nobilis: nulla silva talem profert, fronde, flore, germine (marcou logo outro madeiro para curar-se do mal / [...] uma árvore nobre: nenhuma floresta produz igual, em ramagens, flores e frutos) (Weil, 2016, p. 50-51).

Nesses versos citados na carta a um religioso da própria Weil, nota-se o quanto a marcou a liturgia da sexta-feira da Paixão e o quanto o dia de Nossa Senhora das Dores vivido em Portugal na contemplação daquelas mulheres ao cantar as excelências lhes tenha tocado profundamente.

E nessa contemplação, atestará, vendo por esse ângulo, não só as profecias hebraicas foram cumpridas, mas outros atos e palavras até mesmo da cultura grega e de sua mitologia não eram fórmulas já prontas, também os padres do primeiro milênio foram capazes de como as abelhas extrair daí o néctar para o mel suave da teologia. Weil (2016, p. 17) vê assim a missão referida à Igreja e à Maria a uma determinada essência que aparece no *Timeu* de Platão, isto é, “mãe de todas as coisas e intacta”.

A narrativa da Paixão, segundo o evangelho de João é feita a sua leitura na sexta-feira da Paixão e Morte do Senhor, é a que mais conserva a simplicidade antiga. É o silêncio total. Nesse sentido do silêncio total é oportuno adiantar sobre a questão mística.

Em Simone Weil a mística se vislumbra na experiência do próprio *malheur*, sofrimento físico, psíquico, espiritual e social, como denominou, que até então ela experimenta na liberdade de busca pela justiça social e liberdade. E nesse domínio do sofrimento, o *malheur* é para ela a própria escravidão (Weil, 1951, p. 20). Nisso se constata a sua mística.

Bingermer (2007) ao comentar a mística aponta a visão da Trindade e de mundo para Weil. Ele conclui que para Weil é a ideia de Deus que faz o homem saber que ele mesmo não é Deus... Ao mesmo tempo diz Pai, porque é Filho, porque é filho não é escravo e assim afirma a liberdade humana (Gl 4), colocando-nos à frente de protagonistas da nossa própria história, no mundo onde Deus é poderoso e real, assumindo a crise existente entre a religião. O mundo é o que se opõe a liberdade: é o *malheur*, o obstáculo, a opressão. Contudo, para Weil (2021, p.73) mesmo que a palavra Pessoa seja aplicada a Deus, Cristo o coloca numa ordem “impessoal e divina do universo, tem por imagem entre nós a justiça a verdade e a beleza”. Nisso o pensamento Weiliano, leva a uma profundidade de reconhecimento místico indispensável ao ser humano, na luta do direito de Justiça preza a liberdade.

No pensamento de Comblin a mística brota do querer a liberdade, isto é, o místico deve ter coragem, deve ter fé mais do que os outros e nesse aspecto está solitário e acrescenta “a mística mais forte vinha dos partidos revolucionários de esquerda” (Comblin, 1998, p. 27).

Dessa forma, fica-se claro que Weil e Comblin não separam a experiência espiritual do cotidiano da vida, ambos, cada um dentro de seu contexto histórico são pessoas que experimentam uma experiência de se solidarizar com a dor do outro. Pode-se compreender desse modo que a mística da qual tanto Simone Weil como o Padre José Comblin são entusiastas e ambos na escuta atenta dessa narrativa vivenciam essa experiência místico-Trinitária de amar o amor, isto é, em Jesus Cristo o Sofredor-Libertador. Um dos sonhos do Padre Comblin testemunhado por Muggler (2011), ao lamentar-se em suas exéquias: “*Não houve nem tempo, amigo, para colocar a música que pediste para esta hora definitiva: o coro final da Paixão segundo Mateus, de J.S.Bach*”.

A cruz é o elemento central, constitutivo do mistério de Cristo. Deus sofre essa morte na entrega radical e na dor profunda: “o que parece ser um paradoxo é, na verdade expressão de amor incondicional que pulsa no coração da Trindade” (Reinert, 2021, p. 79). Assim, a Igreja primitiva em sua hermenêutica fez leituras soteriológicas onde o plano e a disposição de

Deus que permitiram na liberdade humana os atos crueis que realizara, desígnio da nossa salvação.

Tal maneira, já tem embrionária do último relato que fora escrito sobre a Paixão de Jesus, por isso, nesse momento, faz-se necessário aprofundar-se nas três cenas que constroem o evento decisivo da cruz, conforme o Evangelho Joanino.

Em primeiro lugar, são protagonistas a mãe e o discípulo amado, a eles, serenamente, Jesus diz: “*Mulher eis teu filho, Filho eis tua mãe e daquela hora em diante o discípulo eis tà’ídias a tomou para si*” (Jo 19, 26-27, grifo nosso). Não que isso queira significar banalmente que o discípulo amado levou-a para a sua casa, mas que a tomou como dom precioso para si, como aceitação da aliança e entregou-se a Maria como antes de morrer e, sobretudo, durante a vida oculta Jesus se confiou a ela.

Compreende-se que Maria²⁸ é o “lugar” em que a história trinitária arma a sua tenda e vem morar na história humana, pois, como explicita Forte (1987, p. 42), a revelação da Trindade demonstra o acontecimento da Páscoa. Dessa forma, os relatos da infância exprimem a fé trinitária como ponto-chave para a leitura da história salvífica, pois toda a história de Jesus é a relação do Filho enquanto homem com o Deus de Israel, Iahweh, entendido, com todo realismo, como o *Abbá*, Pai, repetido 119 vezes pelo evangelista João.

Em segundo lugar, Jesus diz “*Tenho sede*” (Jo 19, 28c grifo nosso), que, interpretado de forma profunda, como é este evangelho de João, é sede, sobretudo de realizar, em extremos, a vontade e o desígnio imperscrutável do Pai. Jesus, neste mundo, fez a vontade do Pai, que, por sua vez, enviou Seu Espírito, que é também o Espírito de Iahweh, o Pai. Conforme elucida Forte (1987, p. 29): “A presença do Pai, a sua iniciativa no Espírito se oferece como fundamento e origem supremos tanto da identidade na contradição entre o Crucificado e o Ressuscitado”.

E, em terceiro lugar, no ápice da história, Jesus fala: “*Tudo está consumado*” (Jo 19, 30b, grifo nosso), isto é, Jesus levou a cabo o plano salvífico de Deus Pai, amando a humanidade ao extremo, ao se entregar por todos. O texto continua da seguinte forma: “*inclinando a cabeça entregou o espírito*” (Jo 19, 30c, grifo nosso), abarcando dois significados: primeiro, entregou a sua vida nas mãos do Pai. Doglio (2020, p. 155): “relaciona a sede de Jesus com o dom do Espírito. O narrador indica que o cumprimento da Escritura não consiste na sede, mas sim, no

²⁸ Maria, Mãe de Jesus: O Concílio Vaticano II quis mostrar que Maria está ao lado da Igreja, buscando o seu significado eminente na Bíblia, mais do que nas devoções populares. Na figura de Maria, as perícopes bíblicas, embora discretas, davam, de certo modo, uma posição privilegiada, apesar de muito inferior a Deus e a Jesus. Após o Concílio Vaticano II, essa Mulher foi solenemente proclamada por São Paulo VI como Mãe da Igreja, já que ela estava presente, acompanhando, tomando parte no sofrimento, aceitando e oferecendo ao Pai a cruz de seu filho (Comblin, 1983c, p.317). O Papa Francisco instituiu a segunda-feira, após o domingo de Pentecostes, como uma Memória obrigatória da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja.

evento messiânico da mãe e do discípulo”, isto é, agora Jesus é quem vai dar de beber a água viva outrora prometida à samaritana (Jo 4, 14) e, solenemente, em voz alta, proclamado por Ele em uma festa judaica: “quem tiver sede venha a mim e beberá” (Jo 7,37b).

Em seguida, Jesus entregou o Espírito Santo à Igreja, como primeiro dom seu, após a Sua morte, representada e simbolizada na mãe e no discípulo amado. Marsili (2009, p. 266) pontua que esta é a interpretação dada pelos padres da Igreja – “Jesus, morrendo, transmitiu o Espírito, a sua morte era sinal de que o seu Espírito, estaria passando para a humanidade a ele fiel”, na pessoa de Maria e João, aparecendo o Pentecostes como fim último da revelação trinitária.

Forte (1991, p. 97) conceitua Maria como “[...] o ícone de todo o mistério cristão, a palavra abreviada de tudo o que Deus Trinitário realiza para o homem”. Compreende-se, assim, que Maria revela-se como testemunha pascal de seu Filho, destacado no evangelho de Lucas (1, 28), pelo verbo *Kecharitoméne* (Cheia de graça), um particípio perfeito que, no grego, significa uma ação que acontece no passado, mas plenifica-se no tempo presente e perdura no futuro.

Forte (1991, p. 68-73) atesta que o verbo leva a compreender Maria desde a sua Conceição: no passado, agraciada; no presente, na sua Virgindade, toda plenificada da graça de Deus, e essa graça perdura nos tempos vindouros e, no futuro, a sua Assunção, “numa estrutura Trinitária de Páscoa antecipada” (Forte, 1991, p. 69).

No evangelho de João, Jesus não morre sozinho e abandonado, como no evangelho de Marcos (15, 33-39). Jesus morre tendo a Igreja em gérmen, debaixo dos Seus pés. A Igreja, representada pela mãe e pelo discípulo amado, primeira célula eclesial de muitos outros que haveriam de crer em Seu nome. Comblin (1983b, p. 307) afirma que, durante a vida missionária de Jesus, Maria ficou marginalizada, porém, ela O entregou a Deus e aceitou, assim, seu papel de colaboradora do Pai. Desse modo, pode-se compreender que, se Nossa Senhora não desempenhou nenhuma parte ativa durante a vida Missionária e pública de Jesus, daquele momento em diante, ela possui uma parte conspícua na história e no mistério da Salvação, no seio da Trindade. Nesse aspecto a exposição concorda com Doglio (2020, p. 92-93) o sinal de Caná relatado por João (2, 1-12) é uma antecipação da sexta-feira Santa, onde Cristo entrega seu Espírito recriando o novo povo de Deus. Os noivos da história não são nomeados, a noiva ausente da narrativa é assumida simbolicamente pela mãe de Jesus. E o noivo que conseguiu o melhor vinho, o interlocutor sabe que não foi o noivo, mas o próprio Jesus, onde o Israel fiel é figurado na pessoa histórica de Maria.

Weil na carta ao padre Couturier une a maternidade da Virgem à experiência forte da cruz, de certa forma faz um comparativo intrigante, especialmente porque todo o esforço da filósofa em realizar uma hermenêutica prefigurativa vai buscar elementos constitutivos que convergem com a fé cristã na literatura grega, egípcia, hindu ou ameríndia. O mais impressionante é que no evangelho de São João, Weil enumera as provas cabíveis para tal evento culminante que deixa transparecer nos seus profundos pensamentos, embora muitas vezes se questione a respeito da dogmática sobre o valor que está na aceitação total das fórmulas, mostrando sua vivência sensível-espiritual:

São João disse: “quem crê que Jesus é Cristo nasceu de Deus”. Portanto, crê nisso, mesmo não aderindo a nada mais do que a Igreja afirma, tem a verdadeira fé. Assim, Santo Tomás está completamente errado. Além disso, a Igreja, ao acrescentar à Trindade, à Encarnação e à Redenção outros artigos de fé contrariou o Novo Testamento. Para seguir São João, ela jamais deveria ter excomungado apenas os “docetista”, os que negam a Encarnação. A definição de fé pelo catecismo do Concílio de Trento (crença sólida em tudo o que a Igreja ensina) está muito distante da Encarnação do Filho de Deus na pessoa de Jesus (Weil, 2016, p. 28-29).

Ao se deparar com tal trecho não se pode pensar que Weil esteja apoiando as heresias. Na realidade, ela está num momento de busca para um encontro pessoal com a pessoa de Jesus como uma jovem essencialmente aberta para Deus pronta para seguir os passos de Jesus, sondar-se no seu bem, isto é entrar na amizade.

Esta abertura é transcendental, isto é, nem sempre pode ser percebida categoricamente, nem se tem uma resposta concreta para todas as indagações. No entanto, como ser aberto ao outro, à comunidade, ao mundo, Weil não se entende sem incluir o outro, até mesmo aqueles que foram excomungados oficialmente. “Tudo acontece como se sob a mesma denominação de catolicismo e no interior da mesma organização social, houvesse duas religiões distintas, a dos místicos e a outra” (Weil, 2016, p. 29) conclama a filósofa.

Weil compreende que o ser humano só pode ser entendido como membro da criação inteira, abrindo-se ao outro, abre-se à comunidade e à criação, de modo que, ultrapassando a si próprio autoafirma-se! Deste modo, o homem é condicionado pelo devir: se permanecer em si mesmo, não se torna o que deve ser!

Deus se produz e conhece a si mesmo perfeitamente, assim como nós fabricamos e conhecemos miserável os objetos fora de nós. Mas antes de tudo, Deus é Amor. Antes de tudo, Deus ama a si mesmo. Esse amor, essa amizade em Deus, é a Trindade. Entre os termos unidos por essa relação de amor divino há mais do que proximidade, há proximidade infinita, identidade. Mas pela criação, a encarnação, a paixão, há também

uma distância infinita. A totalidade do espaço, a totalidade do tempo, ao interpor sua espessura, colocam uma distância infinita entre Deus e Deus (Weil, 2020, p. 90).

Deste modo, a revelação é sempre uma síntese entre iniciativa de Deus e resposta humana, implicando uma encarnação de Deus em palavras e imagens humanas condicionadas pelo tempo e a cultura, correspondentes ao indivíduo e à coletividade aos quais se dirigem. Claramente a consequência de tal dinamismo é que o conteúdo da Revelação, apesar de sua imutabilidade objetiva, admite e requer tradução em outras palavras, imagens, modos e formas de pensamento, é o que Weil está procurando fazer nesse opúsculo denominado: “Carta a um Religioso”.

Conforme Ladaria (2005, p. 98), o mistério Pascal deve ser visto sempre em unidade com a morte e a ressurreição de Jesus. O amplo depoimento dos testemunhos neotestamentários afirma que Jesus de Nazaré, morto na cruz e sepultado, foi ressuscitado por Deus, o Pai, na graça do Espírito Santo, para derramar este mesmo Espírito no coração dos crentes. Na ressurreição de Jesus, Deus revela-se, em plenitude, como “seu Pai”. O Pai do Filho encarnado, morto, sepultado, ressuscitado e exaltado.

Assim, entende-se que, a Ressurreição do Nazareno acaba identificando-se com o Iahweh, o Deus dos pobres, aquele que faz justiça. A fé trinitária baseia-se no testemunho apostólico único: Aquele que fora assassinado como um delinquente e que chamava o Deus de nome impronunciável, afetivamente, de *Abbá*, colocou-O da cruz, ao ponto ômega de toda a História, a Ressurreição, que é meta-histórica. Contudo, a insistência dos relatos da Ressurreição, que fora Deus quem ressuscitou Jesus, “é uma visão importante e significativa, porque oculta e sugere a ideia de divindade de Jesus, mas que no Novo Testamento permanece isolada. A perspectiva mais difundida é a de chamar esta causa o Deus de Israel” (Biffi, 2005, p. 55).

Comblin no comentário aos Atos dos Apóstolos atesta que o livro dos Atos narra a História do Espírito Santo. O tema fundamental é *Basileia-Reinado* que indica o senhorio de Deus. “O Reino de Deus, o reino de Israel. Este reino tem duas etapas: a vinda de Jesus até a sua exaltação no céu, e a vida do Espírito Santo. Dois batismos abrem as duas etapas: o batismo de João e agora o batismo do Espírito Santo” (Comblin, 1988, p. 71).

Lucas é o único que pedagogicamente fez a periodização do tempo pascal num período de 40 dias (At 1, 3b), seguidos pelos calendários litúrgicos desde a mais remota antiguidade, assim encontra-se descrito nas *Constituições Apostólicas* “2 Contai de novo quarenta dias após o primeiro domingo, e, no quinto dia a partir do domingo, celebrai a festa da Ascensão do

Senhor...” (Ant. Lit.²⁹ n. 18). Desta forma, pode-se perceber como a liturgia Católica adotou as etapas propostas por Lucas que divide a história em três grandes momentos.

A História preparada, com início no Antigo Testamento até a prisão de João Batista em Lucas 3, 19-20. Pode-se fazer um paralelo com o que se chama tempo do Advento e do Natal do Senhor. No *Ordo Romanus* celebra-se o Advento do Senhor desde as Calendas de Dezembro até o dia de Natal, com leituras do profeta Isaías. Na oitava do Natal, que cai dia primeiro de janeiro se celebra todo o rito do Natal do Senhor, segue-se a celebração da Epifania até o Batismo do Senhor. Nestes dias da Teofania recebem as crianças das mãos dos pais e batizam-nas “mergulhando três vezes na água, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, invocando uma só vez a Trindade” (Ant. Lit. n. 6129).

Pode-se ver os vestígios históricos que Deus operou no Espírito interpelando a humanidade, fazendo-a mover-se por Deus. Nas narrações bíblicas da criação seja na tradição Javista ou na Sacerdotal é sobretudo o sopro vital de Deus que dá vida à criação (Gn 1-2).

Widerkehr (1994, p. 288-283) vai dizer que o Espírito se apresenta tanto no Judaísmo como no Novo testamento, e até na Igreja institucional como fator de liberdade e de imprevisibilidade. Deus vai se manifestando em sua vitalidade Trinitária, onde a teologia vai construindo sua cristologia e pneumatologia, numa revelação comunicativa de um Deus que vem ao encontro do ser humano, no crescimento e no desenvolvimento histórico da Igreja.

No segundo momento essa história se realiza com Jesus Cristo. Depois que João é preso, Jesus é batizado e inicia sua pregação, Jesus morre e Ressuscita (Lc 4 – 24). Na liturgia esse período pode ser remetido ao tempo Quaresmal e Pascal.

A Quaresma é um longo processo de preparação dos catecúmenos da iniciação cristã: “o ciclo Pascal inclui também esse tempo, preenchendo catorze semanas desde o domingo I da quaresma até a solenidade de Pentecostes, as quais é preciso acrescentar a quarta-feira de Cinzas” (López Martín, 2022, p. 358). Com efeito, nesse tempo de jejum e abstinência, onde se tem sua coroação com o Tríduo Pascal resplandece todo o ano litúrgico, é a História de fato realizada.

O Deus verdadeiro assume a história humana e plenamente proclama o Reinado pelos caminhos de Jesus Cristo, o Deus da justiça e Jesus completa a mensagem a respeito de Deus, sua pregação é anúncio de sua missão, seu ministério terrestre, sua morte na cruz, sua presença no mundo e no céu, até a consumação final do seu Reinado, de fato é realizado em plenitude: “por sua morte Jesus chegou à ressurreição, ou seja, não só recuperou a vida, mas também

²⁹ Ant. Lit - Antologia Litúrgica

entrou em uma vida nova e fundou um novo povo, o novo Israel de Deus” (Comblin, 1983a, p. 184).

E no terceiro momento essa história continua no livro dos Atos com os Apóstolos. Atos dos Apóstolos 1, 8 – Mas o Espírito Santo descera sobre vós e dele recebereis força. Remete ao capítulo 2 de Atos com a festa de Pentecostes. Aqui, pode-se comparar ao tempo atualmente chamado de Ordinário. Nesse tempo litúrgico a Igreja está ligada a Jesus e à história de Israel. O que acontece na vida eclesial é a continuação do passado de Israel. A Primeira leitura sempre retirada de alguns trechos do Antigo Testamento, fazendo paralelos com a vida Missionária de Jesus. É a longa história da espiritualidade cristã, na Páscoa semanal.

Pode-se concluir que a vinda do Espírito Santo não substitui o Reinado de Deus, mas consequentemente lhes dá uma etapa nova na dinâmica do Reinado, constituindo uma memória, não presa ao passado, mas sempre conectando-a ao novo ainda não experimentado. “Aqui começa uma longa história da manifestação. O Espírito Santo não atua por si só, mas por intermédio da Palavra e dos Apóstolos” (Comblin, 1988, p. 71).

O Espírito age por meio da Palavra. Jesus falou ao mundo pelo Espírito. O Espírito fala ao mundo através da Igreja especialmente nas celebrações litúrgicas, mas também na pregação da Palavra, a Igreja fala ao mundo por meio do Espírito, movida pelo mesmo Espírito Santo. Simone Weil (2016, p. 34 -37) atesta que sem a iluminação do Espírito Santo, sem a presença de Cristo não há salvação. Para a filósofa a dogmática deve ser contemplada, apreciada e vivida, não afirmada, pois assim perde a sua virtude. Weil aprecia a liturgia, especialmente a Santa Missa, nela está esse sinal natural visível e invisível da ação pneumática onde o Cristo se faz presente no pão da vida.

En fait la pureté des choses religieuses est presque partout manifeste sous la forme de la beauté, quand la foi et l'amour ne font pas défaut. Ainsi les paroles de la liturgie sont merveilleusement belles; et surtout la prière sortie pour nous des lèvres mêmes du Christ est parfaite. De même l'architecture romane, le chant grégorien sont merveilleusement beaux [...] L'absurdité du dogme de la présence réelle en constitue la vertu. Excepté le symbolisme si touchant de la nourriture, il n'y a rien dans un morceau de pain à quoi la pensée tournée vers Dieu puisse s'accrocher. Ainsi le caractère conventionnel de la présence divine est évident. Le Christ ne peut être présent dans un tel objet que par convention. Il peut y être de ce fait même parfaitement présent. Dieu ne peut être présent ici-bas que dans le secret. Sa présence

dans l'Eucharistie est vraiment secrète, puisque aucune partie de notre pensée n'est admise au secret. Aussi est-elle totale³⁰ (Weil, OC³¹ IV-1, p. 318).

Essa peculiaridade, que na liturgia é chamada de *epiclese* e significa “invocação”, foi entendida ora como estritamente a invocação para o envio do Espírito na oração eucarística, ora como toda a oração da anáfora. Assim ressalta o Catecismo da Igreja Católica (1106): “[...] a epiclese está no cerne de cada celebração sacramental, mas especialmente na Eucaristia”. E já em tempos imemoráveis encontra-se nas catequeses Mistagógicas que “antes da santa epiclese da adorável Trindade, eram simplesmente pão e vinho, mas depois da epiclese o Pão se torna Corpo e o Vinho, Sangue de Cristo” (Ant. Lit. n 1844).

A adorável Trindade permanece no oculto, no invisível, deixa-se ser experimentada no real, onde o grande epicentro é de fato a Eucaristia. Pontua Weil (2016, p. 39): “Cristo indicou o milagre dos milagres que é colocada no centro da Igreja de certo modo puramente convencional, ele é invisível aos olhos humanos, só a fé faz acreditar”. Pode-se constatar que na liturgia, o Espírito Santo age do mesmo modo que nos outros tempos da economia da salvação.

No início não foi tão simples essa identificação. Ainda no século III, não se tinha uma clareza *pneumatológica*. Santo Hilário de Potiers manteve a fé, dizendo que o Espírito Santo é Deus, pois “tendo lembrado que tudo foi criado em Cristo e por Cristo, julgo suficiente dizer sobre o *Espírito Santo*, que é teu Espírito” (Hilário, *De Trinit.* XII, 56, grifo do autor). Isto foi bem clarificado, no Concílio de Latrão IV em 1215: Pai que gera o Filho, que nasce e o Espírito Santo que procede, sendo, pois, consubstanciais, coiguais, coonipotentes e coeternos. (DH 805).

O Concílio de Latrão IV constituído pela legitimidade no final do pontificado de Inocêncio III formou-se aproximadamente com 404 bispos reunidos. Nesse Concílio consolidou-se cada vez mais o sacramento da Reconciliação, o cânon 21 determina que todo fiel, seja homem ou mulher, tendo chegado à idade da razão deve se confessar sozinho

³⁰ Com efeito, a pureza das coisas religiosas manifesta-se quase em toda a parte sob a forma de beleza, quando não faltam a fé e o amor. Assim, as palavras da liturgia são maravilhosamente belas; e acima de tudo a oração que nos veio dos próprios lábios de Cristo é perfeita. Da mesma forma, a arquitetura românica e o canto gregoriano são maravilhosamente belos [...] A absurdidade do dogma da presença real constitui a sua virtude. Exceto pelo comovedor simbolismo da comida, não há nada num pedaço de pão ao qual o pensamento de Deus possa se agarrar. Assim fica evidente o caráter convencional da presença divina. Cristo só pode estar presente em tal objeto por convenção. Portanto, pode até estar perfeitamente presente ali. Deus só pode estar presente aqui na terra em segredo. A sua presença na Eucaristia é verdadeiramente secreta, pois nenhuma parte do nosso pensamento é admitida em segredo. Que também é total (tradução do autor).

³¹ OC - Oeuvres Complètes, Paris, Gallimard, en cours de parution.

lealmente ao menos uma vez por ano e receber a comunhão pela Páscoa da Ressurreição (Alberigo, 2005).

Percebe-se o caráter litúrgico acentuado na Santíssima Trindade e a correlação das três pessoas no seu mais profundo íntimo de relação com a comunidade eclesial. A fórmula de absolvição, em uso na Igreja latina desde então, exprime os elementos essenciais deste sacramento da Reconciliação: o Pai das misericórdias é a fonte de todo o perdão. Ele realiza a reconciliação dos pecadores pela Páscoa do seu Filho e pelo dom do seu Espírito, através da oração e do ministério da Igreja:

“Deus, Pai de misericórdia, que, pela morte e ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo e enviou o Espírito Santo para a remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. E Eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (RP³², 46).

Os atos da humanidade são convertidos pela ação do Espírito Santo. Pode-se chegar a compreender com o sacramento da Penitência, que a graça sacramental é a graça do Espírito Santo dada por Cristo e própria de cada sacramento. “O Espírito cura e transforma aqueles que O recebem, conformando-os com o Filho de Deus”, segundo a Igreja.

Na liturgia, realiza-se a mais íntima cooperação do Espírito Santo com a Igreja. Ele, Espírito de comunhão, permanece sempre na Igreja, que é o grande sacramento da comunhão divina que reúne os filhos de Deus dispersos. O fruto do Espírito na liturgia é, inseparavelmente, comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna (1Jo 1, 3-7).

Bingmer e Feller (2009, p. 139) pontuam que a profissão de fé no Deus trino, Pai, Filho e Espírito Santo: “afeta a dogmática, a práxis e a ética cristã. Afeta particularmente a espiritualidade”. Precisamente porque a espiritualidade, nesta crise mística individualista, onde a humanidade quer ser medida de si mesmo vai percebendo que o próprio criador no êxito final da racionalização e contemplação leva à plenitude da Trindade Santa que é comunhão na diversidade.

Na vida cristã tudo o que se faz é no Espírito e com o Espírito, portanto, toda ela deve ser epiclética para vivermos um permanente Pentecostes. Pode-se concluir que as três ações, do Pai, do Filho e do Espírito Santo, constituem o Uno, isto é, matematicamente explicado, o uno é múltiplo dele mesmo o que leva a afirmar a existência de uma origem, um só fim, um só processo, um movimento, na qual as três Pessoas colaboram de acordo com a sua identidade.

³² RP – Ritual da Penitência.

2.3 A Trindade Econômica e a Trindade Imanente

A identidade de Jesus sendo Deus com o Pai somente é clara nos escritos joaninos do Evangelho e, sobretudo, o Apocalipse, embora nos escritos do Novo Testamento não tenha um vocabulário para incluir Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – sem sair do monoteísmo. Mesmo o Evangelho de João apenas possui germes trinitários que estão ainda em busca de uma formulação para que sejam bem compreendidos. Quem é esse Senhor? Quem é esse Espírito? Quem é Jesus? Essa clarificação não se tem nos escritos neotestamentários e se apelará para os concílios ecumênicos, sobretudo Niceia e Constantinopla, com complementação de Éfeso e Calcedônia na formulação cristológica e trinitária como já foi apresentado nos tópicos anteriores.

Chega-se à conclusão de que foi preciso abrir bem o vocabulário sobre Deus para que se incluísse sobretudo Jesus e o Espírito Santo, com auxílio de uma terminologia filosófica que não se encontra nos escritos do Novo Testamento e muito menos nas perícopes vero testamentária.

A exposição dos conceitos vero e neotestamentários na fé da Igreja alcança o seu ápice nos dois primeiros Concílios Niceia e Constantinopla, que depois de inúmeros sínodos realizados confusamente outorgaram a norma de fé para a Igreja de todos os séculos. *Pari passu* ao Símbolo Apostólico, o símbolo niceno-constantinopolitano conseguiram adotar uma palavra que pudesse representar essa pluralidade divina ao mesmo tempo a sua unicidade, isto é, Deus é três pessoas (em grego *hipostasias*) e uma substância, ou natureza (em grego *ousia*).

Segundo Drobner (2019, p. 314), em seu tratado sobre *Manual de Patrologia*, o credo Niceno sendo o mais primitivo e a obra juvenil da Igreja, precede todos os demais.

Bingemer e Feller destacam o símbolo Trinitário recitado aos domingos. *Creio no Pai, no Filho, no Espírito Santo* e os definem como os artigos fundamentais de nossa fé:

1) Deus é Pai – mistério fontal do qual provém tudo e para onde tudo retorna. No Antigo Testamento o conteúdo Deus é Pai é manifestado de maneira fragmentária. No Cristianismo chamamos Deus de Pai, maneira na qual Jesus ensinou como se relacionar com Deus. Uma religião que só fosse do Pai tem probabilidade de ser verticalista e patriarcal.

2) Deus é Filho – aquele que ninguém podia ver e continuar vivo, o diferenciado, o inatingível tomou a nossa forma humana, e como nós em tudo, menos no pecado (Hb 4, 15). Algo que a razão não dá conta e que só pode ser aceito pela fé que implica o fato histórico de Jesus de Nazaré, a manifestação total e definitiva de Deus, a convicção de que Jesus é o próprio Deus revelado. É necessário olhar horizontal e verticalmente pra se chegar à Trindade cristã.

3) Deus é Espírito Santo – a teologia cristã só é possível a partir do Espírito Santo. Em sua morte e ressurreição, Jesus doa o seu Espírito a quem nele crer. Entretanto, esse Espírito sozinho leva a uma experiência intimista, carismática, interiorizada. Os autores afirmam que seria uma religião da anarquia que sem as dimensões horizontal e vertical levariam ao individualismo, à alienação, ao carismático delirante, a um subjetivismo a toda prova, tornando assim uma teologia impossível. A teologia afirma que esse Espírito é Espírito do Pai e do Filho, e se torna Espírito no ser humano fazendo dele seu Templo, inspira-o, cristifica-o, diviniza-o. (Bingemer; Feller, 2009, p. 18-22).

Tais análises conseguiram através desse pensamento aristotélico grego-metafísico combater a doutrina errônea de Ário seguindo aos extremos propostos por Orígenes e a chegar a um desenvolvimento do dogma Trinitário.

Werbick (2001, p. 475) afirma que a identidade da Trindade econômica e imanente não deixam outra proposta a não ser pensar em Deus como um “entre pessoal”, isto é, a Trindade imanente é a Trindade considerada em si mesma, em sua eternidade e comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, isto é, Deus em seu interior.

Ainda, conforme Werbick (2001, p. 475): “o axioma da identidade da Trindade imanente com a econômica levou [...] a consequências opostas entre Rahner e Moltmann, sendo que cada uma delas dificilmente podem ser mantidas entre si”.

Rahner (1979) apresenta como a valorização do símbolo apostólico acentua a teologia trinitária dos gregos. Na concepção bíblica e grega o ponto de partida é o Deus Uno, isto é, o Pai, Ele é o Genitor – “[...] este conhecimento que se revela a si mesmo e este amor intradivino é considerado como amor que se doa em comunicação especial” (Rahner, 1979, p. 291). Na história da doutrina da Trindade dois momentos, segundo Rahner, devem merecer uma atenção fundamental e especial. No Ocidente, a atenção fixa-se primeiramente no Tratado do Deus Uno, com única natureza, e depois, constitui-se o mesmo Deus Trino.

Sabe-se que toda a economia divina é obra comum das três Pessoas divinas. Assim como não tem senão uma e a mesma natureza, a Trindade não tem senão uma e a mesma operação. “O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são três princípios das criaturas, mas um só princípio”(Alberigo, 2005, p. 305).

No entanto, cada pessoa divina realiza a obra comum segundo a sua propriedade pessoal. São, sobretudo, as missões divinas, da Encarnação do Filho e do dom do Espírito Santo que manifestam as propriedades das pessoas divinas. Uma missão divina é o envio de uma Pessoa divina por outra, para se tornar presente de modo novo entre os seres humanos, tal perspectiva é a Trindade Econômica.

Jesus revelou que as missões do Filho e do Espírito Santo aos seres humanos têm como fim construir uma nova comunhão entre Deus e nós e, conseqüentemente, uma nova comunhão dos seres humanos entre si. É fato que na história eclesial o pensamento cristão sempre se viu na condição de dar um passo à frente ao realizar a proclamação oficial de sua doutrina tendo de combater, como na experiência cristológica com aplicação veemente, as heresias³³: Triteísmo, Modalismo, Adocianismo, Subordinacionismo e pneumatômacos.

O *Triteísmo* - essa corrente poderia insinuar que havia Três deuses distintos, isto é, cada pessoa é uma entidade distinta e separada. A Trindade é só um conceito coletivo. Admite a divindade de cada um dos três, mas divindade realmente distinta em cada um deles. O Papa Calixto chama a Hipólito de “Ditheus” diteísta (dois deuses), e o triteísmo (três deuses) foi atribuído a Marcião de Sinope (Bingmer, Feller, 2009, p. 153; Pierini, 1998, p. 229).

O *Modalismo* – essa corrente dizia que entre as Pessoas divinas não existe distinção real. Haveria um só Deus, mas aparecendo sob três modos, usando três máscaras. Isso se chama Sabelianismo, teoria de Sabélio, excomungado pelo Papa Calixto. O erro do Modalismo foi não garantir realmente a distinção de pessoas. Tal recuo para o judaísmo chamou-se também, patripassianismo e sabelianismo, de Sabélio, seu principal mentor (Bingmer, Feller, 2009, p. 151; Pierini, 1998, p. 228).

O *Adocianismo* – para eles, Jesus Cristo era um homem que foi adotado por Deus no batismo, ou seja, era um homem habitado pelo atributo divino do Verbo. Ao mesmo tempo que negavam a união hipostática diziam que o Espírito é a graça que reside nos cristãos, numa tentativa de dizer que Jesus era apenas o maior herói dessa graça (Bingmer, Feller, 2009, p. 152; Pierini, 1998, p. 225).

O *Subordicionismo* - acreditava-se que haveria só um Deus, o Pai. O Filho e o Espírito são Criaturas insignificantes, ou seja, inferiores e subordinadas ao Pai, Deus em relação a nós, criados que fomos através deles. Entre Deus e o mundo há, pois, uma realidade intermédia, em parte divina e em parte criada. Aqui se insere o arianismo e o macedonismo, ou seja, não fica assegurada a igualdade consubstancial dos três divinos, afirmando a inferioridade do Filho a respeito do Pai, e a inferioridade do Espírito Santo a respeito do Filho e do Pai (aí estão os arianos, lunomianos, macedonianos e pneumatômacos) (Bingmer, Feller, 2009, p. 152; Pierini, 1998, p. 228).

¹⁴Para maior aprofundamento ler os erros de compreensão do mistério Trinitário nos seguintes autores: Boff (1987, p. 62-70); Sesboué (2002, p. 144s;158-161; 206; 211; 227-230); R. Frangiotti, História das heresias. Conflitos ideológicos dentro do cristianismo; bem como em Bingemer e Feller (2009, p. 146-160).

Os *Macedonianismos* – são os que batalham contra a divindade do Espírito Santo, são denominados também de discípulos do bispo Macedônio. Ário preocupava-se mais em mostrar a inferioridade do Filho, enquanto os macedonianos passaram a combater, sobretudo, a divindade do Espírito, em outras palavras, foram os pneumatômacos que consideraram o Espírito Santo como criatura do Filho (Bingmer, Feller, 2009, p. 150; Pierini, 1998, p. 181, 225).

Cristo era só Filho adotivo de Deus. Essa afirmação repercute no mistério da Trindade, pois não há um Deus verdadeiramente Pai, desde que não há um Filho verdadeiro e próprio de Deus. E ao negar a divindade do Filho, nada mais interessa ou importa afirmar a divindade do Espírito Santo, que não seria outra coisa do que uma expressão para significar o único Deus, já que Deus é espírito.

Na realidade Jesus revela-se o Filho que tudo recebe do Pai, a essa relação Jesus dá o nome de amor que é uma entrega: “O Filho nada é em si mesmo e nada tem para exercitar o desejo do Pai. Ele é o dom recebido e o amor consiste numa relação desigual em duas atitudes interrelacionadas: a que se abre para dar e a que se abre para receber” (Comblin, 2009a, p. 16). A Encarnação dessa forma orienta a humanidade novamente para Deus, através da contemplação e do sensível. Desse modo na teologia combliniana é elaborada uma nova forma de “pensar Deus”, de entender o mundo, de interpretar a história.

Balthasar (1972, p. 31) conceitua que “Deus é de antemão o totalmente-outro nesse chamado livre e benevelonte à sua criatura, e cujo ser, absoluto, se opõe até a raiz ao ser condicionado a criatura”. A humanidade do salvador foi o rémedo para restituir a vida à criatura. E assim, a mística tem de certo modo um grande desprezo em si mesmo, não como uma tortura, mas a busca da graça que se revela em ação de Amor, onde “o Princípio que nela gera realidades divinas, atribuímos às vezes o nome de Unidade e o de Trindade Àquele que está acima de todo nome e que transcende supra-essencialmente tudo o que existe” (Dionísio, N.D³⁴. §3, 980D).

Nessa reflexão e meditação, a memória oferece pela observação e discernimento com a filosofia sobre o que seja a Trindade imanente, esta tende falar do que as Pessoas divinas têm em comum, a sua natureza. Estas três Pessoas são um só Deus e não três deuses, porque as três têm uma só substância, uma só essência, uma só natureza, uma só divindade, uma só imensidade, uma só eternidade, e tudo é uno, pelo que não obsta a oposição de relação. Sob o olhar filosófico pontua Hegel que a Trindade imanente é o Pai, sujeito em si mesmo no outro, o Filho, objeto em si mesmo particularidade, consciência captada em relação ao outro, e assim

³⁴ N.D. Os Nomes Divinos - Oeuvres complètes du Pseudo-Denys. l'Aréopagite

na história divina, rebaixamento no aparecer como fenômeno e, por último o Espírito Santo, o geral se faz ideia concreta (Ladaria, 2005, p. 361-378).

Novaciano (*De Trinitate* 31, 187) reflete que: “Deus que procede de Deus, formando uma segunda pessoa, após o Pai pelo fato de ser Filho, mas sem arrebatá-lo ao Pai a condição de Deus”. Assim, o Deus cristão, único e uno, não é uma solidão absoluta, como pensam judeus e muçulmanos, pois na Sua substância íntima, Ele é um conjunto de três relações, porque em Deus há apenas duas processões³⁵ imanes: o *Logos* procede do Pai, pelo caminho de compreensão, e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, por via do *ágape*, isto é, do amor total.

Comblin, na obra *o Caminho* (2004, p. 225), mostra que “o amor do Pai com o Filho está nos discípulos e se manifesta pelo amor ao próximo. Pois, a resposta ao amor do Pai é o amor ao Pai, mas o amor ao Pai, é na realidade o amor ao próximo”. Nessa breve exposição, pode-se aproximar do pensamento de Weil (2020, p. 37) que diz: “para amar a Deus é preciso se transportar para fora de si” e vê na obediência de Cristo na cruz o maior modelo para se chegar a esse amor. Desse modo, não se deve excluir que é dom do Pai o amor, doações originais que estão ligadas ao Filho e ao Espírito Santo. Em outras palavras seria o amor ao próximo, caminho de unidade entre os seres humanos, Deus em nós que leva a comunhão com o Pai e o Filho, mas também com os irmãos e irmãs.

Há que se ressaltar que a unicidade divina não é unidade numeral³⁶: não é o um ao lado de que se põe o dois. Isso não tem sentido, uma vez que seria uma variante e daria muitos deuses. De acordo com São Basílio (*De Spiritu Sancto* 16, 43) não existe lugar para afirmar que um é conumerado e outro subenumerado, já que seus nomes são escritos conjuntamente. Deus é uma unidade transcendental que existe Três-Um SuperPessoas e não são três centros psicológicos como o indivíduo, mas três relações subsistentes, a quem se chama Pai, Filho e Espírito.

Toda revelação cristã está no Pai, que envia o seu *Logos*/Filho ao mundo como salvador nosso, e Pai e Filho, que nos enviam o Espírito Santo. Por razão da essência divina é a mesma para as três Pessoas divinas. Por razão das relações, qualquer um dos termos que se opõem

³⁵ O significado da palavra processão significa “vinda”. Aquele que procede de um lugar é que vem desse lugar. O Filho vem do Pai e o Espírito Santo vem do Pai e do Filho. O Pai não procede de ninguém. O Filho procede do Pai e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (Sesboué, 2002, p. 281-287).

³⁶ Unicidade: “Essa distinção essencial é decisiva tanto em relação aos conceitos de monismo e de monoteísmo, quanto em relação à consistência e à positividade de todo ente. A consideração da unidade e da unicidade de Deus é metafísica, não numérica (a mesma observação vale para a “Trindade” de Deus). Correspondentemente, a consideração da unidade do ente como uno é válida seja quando o ente é um só, numericamente único, seja quando ele é uma multiplicidade de entes, cada um dos quais é uno e uma unidade numérica” (Molinari, 2000, p. 128).

relativamente, entra no conceito do outro (não há Pai sem Filho, nem Pai e Filho sem o seu mútuo amor ou Espírito Santo). Por razão das origens ou processões divinas que são imanentes.

Contudo, as relações em Deus distinguem-se realmente entre si. Dado que há duas processões reais em Deus (gerar e espirar), há quatro relações reais: Paternidade, Filiação, Espiração ativa (sujeito: Pai e Filho, e termo: Espírito Santo). Isto é, só há a Encarnação do Filho, ou seja, de Jesus. Só Ele é a pessoa divina num Homem e a Espiração passiva (sujeito: Espírito Santo, e termo: Pai e Filho).

O Espírito Santo é enviado a toda a humanidade, dependendo de cada indivíduo aceitá-lo ou rejeitá-lo, pois é o Espírito Santo quem torna Jesus presente em toda nação e na humanidade inteira. “Em Deus portanto, só há Trindade, não quaternidade, pois, cada uma das pessoas é aquela realidade [...] Ele não gera, não é gerada, não procede, mas é o Pai quem gera, o Filho que é gerado, o Espírito Santo que procede” (DH 804). A linguagem litúrgica cristã é imensamente rica em fórmulas trinitárias sobre a divina salvação, vinda do Pai, pelo Filho no Espírito em anáforas doxológicas, símbolos de fé, testemunham a orientação Trinitária da catequese e da liturgia na Igreja Antiga. Assim, se compreende que a fé cristã atesta desde os seus primórdios que em Deus não existe uma quaternidade, mas uma Trindade.

Atesta Comblin (1983b, p. 10): “se Jesus se fez homem, daí decorre que o homem é o centro da criação e o ponto central da ação do Espírito. Todos os homens são solidários, porque todos têm, seu lugar marcado em Jesus Cristo”, destarte, a Trindade enquanto se auto revelou na história da humanidade e age em vista de nossa participação na comunhão trinitária, não deve haver antagonismo entre o espírito e a matéria já que Deus uno e trino revela-se na economia frente ao mundo e aos homens.

Assim, com o axioma de K. Rahner (1972) é necessário ter, portanto, uma correspondência entre a Trindade econômica e a Trindade imanente, são a mesma, não se distinguem adequadamente. Deus não é sem o mundo, O Filho não é sem a Encarnação, o Espírito Santo não é sem a comunidade cristã. A Trindade é uma unidade que só se realiza no processo da doação recíproca. Pertence à essência de Deus ser o criador do mundo.

Afirma Comblin (1983b, p. 10) “daí um combate entre dois ‘espíritos’, ou seja, entre o *Espírito* de Deus e o antiespírito. O Espírito de Deus quer a imagem de Deus pela fé. O antiespírito quer que se busque a salvação e se ponha a confiança no próprio egocentrismo”. Por isso, o fundo da história da humanidade é Deus Trino que nas palavras de Ladaria (2015, p. 47): “não há vida *ad intra* sem atividade *ad extra*, as processões e as missões não distinguem sempre com clareza, a diferença entre a Trindade em si mesma e a Trindade econômica parece somente abstrata; e concreto ambas são a mesma coisa”.

Mas o que são esses conceitos econômico e imanente na Trindade? Desde os primórdios do cristianismo, evidentemente que na tradição oriental, a noção da Trindade era derivada das manifestações concretas de Deus que possibilitam a salvação (Trindade econômica), aquilo que está na História da Salvação, isto é, na Bíblia.

A palavra “Trindade” é formada de “três” e “unidade”, tal palavra não existe na Bíblia. O primeiro a empregar o termo (*trinitas*) referente a Deus, segundo uma tradição fidedigna foi Tertuliano. O termo denota o paradoxo que o Deus revelado por Jesus Cristo pela força do Espírito Santo é Uno e Trino. Em outras palavras é um Deus que se mostrou como Pai, Filho e Espírito Santo. Assim, desvendar a complexidade de Deus-Trindade não significa afirmar a existência de três deuses, pelo contrário a fé cristã é monoteísta. Significa, sim, afirmar que Deus manifestou-se sob três formas distintas, segundo o testemunho bíblico de formas prerrogativas embrionárias.

Mais tarde, no prolongamento às reflexões feitas e abordadas de fidelidade hermenêutica na tradição ocidental, assumiu-se a prerrogativa de pensar a Trindade a partir do ser de Deus em si (Trindade imanente). Rahner (1972) afirmou, no seu famoso axioma, que “a trindade imanente é a trindade econômica e vice-versa” (Rahner, 1972, p. 293). Porém, enquanto Deus, certamente, é como ele se revelou nas suas manifestações (seu ser para nós), também podemos derivar sua revelação a partir de uma noção metafísica sobre seu ser (em si).

O ensinamento da unidade divina na Trindade e da Trindade na unidade que a teologia desenvolveu é consequência direta do Deus que Cristo Jesus deu a conhecer. Quando chamamos Deus de Pai, já se pensa nele em relação ao Filho e que a nós se dá em seu Espírito santificador. Toda revelação tem uma estrutura trinitária: o Revelador ou revelante (o Pai), o Revelado (o Filho) e a Revelação, no sentido de objetivo alcançado (o Espírito). Pode-se dizer que, por um lado a Trindade é o Deus uno e ao mesmo tempo que é o Pai. Desse modo, atualmente, a tendência é, por um lado, voltar a afirmar a prioridade epistemológica da Trindade econômica – é somente por causa da sua revelação que conhecemos a Deus.

A identidade entre Trindade econômica e imanente deve-se, portanto, entender no sentido de que por uma parte, Deus se nos dá e se revela tal como é em si mesmo, mas que o faz livremente e que por outra parte nessa revelação Deus mantém seu mistério. Se, e somente se, o mundo é realmente obra de toda a Trindade Santa, então a ordenação do mundo criado pela mesma Trindade deve conter sinais ou centelhas dela por todas as partes também enquanto Trindade. Não seria mera coincidência de que o número três, em todas as culturas, está carregado de simbolismo, significado, perfeição, plenitude, totalidade (Rahner, 1984, p. 94-197; 165-170).

Os povos de certa forma pensavam na Trindade em Si. Aponta Weil (2016, p. 20) “Heráclito tinha uma Trindade, que se vislumbra apenas através dos fragmentos que dele nos restam, mas que aparece claramente no *Hino a Zeus* [...] as pessoas são Zeus, o *Logos* e o fogo divino ou Raio”. Na busca do justo meio entre os extremos da busca incansável pelo Transcendente, percebe-se fundamentalmente na filosofia e nas culturas a atração pela busca da Causa de todas causas, onde “este Uno, causa universal, não é, entretanto, a unidade de várias realidades, porque precede a distinção mesma da unidade e da pluralidade e é ele quem define a unidade na pluralidade” (Dionísio, N.D. 967 C § 2).

Deste modo, a partir das considerações de Weil e de Comblin, a oração doce, humilde e devota solicita a busca incansável e inesgotável pela divindade, onde se chega a ter acesso à Santíssima Trindade em primeiro plano pela revelação de Deus na história da humanidade tornada real em e por Jesus Cristo. Tudo o que podemos conhecer, ainda que limitadamente, do mistério da Santíssima Trindade é possível porque Jesus Cristo é o revelador das Três Pessoas divinas. Assim, encontrar-se com Jesus é encontrar-se com o mistério de comunhão trinitária.

Se Jesus é o caminho para a Trindade, então nada mais necessário do que mergulhar no seu caminho humano e histórico e deixar se surpreender pelo mistério Deus comunhão de Pessoas que Ele revela. É um quadro estupendo, que põe em evidência a profundidade da experiência espiritual oferecida a toda a humanidade, que tem sua origem no Sacramento do Batismo.

O acesso a esse Deus em si, não quer reduzir-se a uma especulação vazia, mas ser aquela caminhada que o seguidor de Jesus, na liturgia como na Bíblia, é por essência trinitária na existência dos seres humanos fazendo parte da automanifestação de Deus, que inaugura na cruz de Cristo a nova criação.

A prática litúrgica de batizar na noite pascal salienta o nexos do sacramento com o mistério da salvação. Com sua tríplice divisão, o antigo símbolo batismal, ainda conservado no atual Ritual, considera cada uma das pessoas em sua relação com o batizando: O Pai como Criador, O Filho como Salvador, o Espírito como Santificador (Hamman, 1972, p. 122).

Por conseguinte, a fé cristã é expressamente enraizada na fórmula trinitária que evidentemente supõe uma reflexão demorada. Pode-se afirmar que independente de uma palavra de Jesus e de um gesto seu, a palavra e o gesto são identificados na instituição do sacramento do Batismo (Mt 28, 19; Mc 16, 16).

Sabe-se que na vida pública Jesus nunca batizou, foi batizado por João. Os versos (Mt 28, 19) não são parte do evangelho, foi numa segunda redação colocada com uma fórmula litúrgica. A instituição do Sacramento do Batismo biblicamente, está clara pelo fato do Batismo ter sido posto por Cristo como condição necessária para o Reino: discurso com Nicodemos (Jo 3, 1-10) com destaque nas palavras: “Se alguém não nascer da água e do Espírito Santo, não poderá entrar no Reino de Deus” (Jo 3, 5). Jesus reúne os discípulos, dando-lhes o Batismo (Jo 3, 22; 4, 1), pela promessa que ele faz aos apóstolos de um próximo “Batismo no Espírito” (At 1, 5). Pela ordem dada depois da Ressurreição (Mc 16, 16 e Mt 28, 18-19) os dois textos mais claramente “promulgadores” são por várias razões contestados.

Da autenticidade marcana o texto é uma conclusão posterior, mas é um texto canônico, o fato de não ter vindo das mãos de Marcos não significa que nele não seja transmitido nas palavras de Jesus. Mateus é contestado ao apresentar uma “fórmula litúrgica”: Batizai “em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo”; simultaneamente não se encontra essa fórmula nos Atos dos Apóstolos, mas sim, os seguidores do ressuscitado batizando em nome de Jesus. Jesus ordena que se dê o Batismo, ao qual exprime a realidade trinitária, tal como se manifestou sobre ele na teofania do Jordão. O que se fica claro é que nos primórdios “não se exigia do batizando uma profissão de um Deus Trino, apenas devia se crer no Deus único que se manifestara por seu Filho, para deixar participar os fiéis no seu Espírito Santo, penhor de futura glorificação do Filho” (Schierse, 1972, p. 114).

Desse modo, a doutrina sem a vida se torna arrogante, a vida sem doutrina se torna inútil. A dogmática vai crescendo como uma maneira de conhecimento que vem da ação do Espírito Santo no magistério eclesiástico. Nas análises minuciosas de Santo Agostinho em sua doutrina Trinitária é a mais imanente das imanentes, porém pode-se abrir numa concepção teológica comunitária presente. A comunidade trinitária é o primeiro modelo de comunidade humana, assim como a família, a comunidade religiosa e a paróquia.

Santo Agostinho (*De Trinitate* VII, 6, 12) formula a sua concepção Trinitária a partir do ser humano que é criado à imagem e semelhança de Deus. Desse modo, sistematiza as realidades triádicas da alma humana: Ser – conhecer – querer; Memória – inteligência – vontade; Mente – conhecimento – Amor. Percebe-se que essas realidades constituem a vida humana, isto é, em si o ser humano possui essas realidades numa recíproca imanência.

Desse modo, compreende-se a Trindade imanente, isto é, a vida de Deus em si mesmo, na comunhão eterna das Três Pessoas, sem referência à criação, sem necessidade de revelar-se. Santo Agostinho constatou que a única possibilidade de falar da Trindade foi a encarnação de Jesus Cristo, olhar para a vida de Jesus de Nazaré e nela encontrar e deixar ser encontrado pela

Trindade Santa. Há uma única Trindade, que é Deus comunhão de Pessoas divinas. Portanto, uma única Trindade em duas dimensões: a dimensão eterna e a dimensão histórica, a dimensão incognoscível e a dimensão revelada (Rahner, 1989, p. 167).

Este é o único Deus em quem os cristãos acreditam, possuindo um retrato perfeito de Si mesmo, que não é o Pai, mas, sim, o Filho. E do Amor que intercorre entre o Pai e seu Filho, o desejo do Pai para com o Filho e o desejo do Filho para com o Pai são uma terceira pessoa em Deus, o Espírito Santo. Assim, Santo Agostinho (*De Trinitate* VIII, 10. 14) afirma que o Pai é o Amante que ama, com amor de iniciativa, gratuito e pleno. O Filho é o Amado, que acolhe o amor do Pai e retribui o amor do Pai com um amor de correspondência total. O Espírito Santo, por sua vez, é o Amor que enlaça Pai e Filho e o que se diz, afirma do Pai e do Filho, também se afirma do Espírito Santo. Isto é, “o Pai se nos dá a si próprio em absoluta autocomunicação, mediante o Filho no Espírito Santo, é enunciado que se deve entender a fazer referentes como ele *é em si mesmo*” (Rahner, 1989, p. 169).

Como se constata, são três relações, que, na falta de uma designação melhor, são chamadas de pessoas, sendo uma a relação do gerante³⁷ para com o gerado, a quem é chamado de paternidade ou Deus Pai. A outra é a relação do gerado para com o seu gerante, que chamamos Filho. A terceira é a relação de Amor entre gerante e gerado, a quem damos o nome de Espírito Santo. São três superPessoas com relações subsistentes em uma única natureza igual, divindade.

Assim, o acesso à Santíssima Trindade se deve em primeiro plano à revelação de Deus, a história da humanidade tornada real em e por Jesus Cristo. Conforme Comblin (1983c, p. 187): “Jesus prometeu a vida eterna aos que se batizam: Mc 16, 16; Jo 3, 6. Os que recusam o batismo recusam a salvação. Mas o que se passa com a imensa multidão dos que ignoram o Batismo?”. Comblin (1983c) responde que, desde os primórdios a Igreja imaginou formas de suplência, isto é, Deus considerará o batismo de desejo dos catecúmenos, do martírio, dentre outras formas. A Finalidade da revelação e dos sacramentos é que o ser humano se torne “participante da natureza divina”. A motivação primordial e causa última da revelação divina está na participação humana na vida trinitária de Deus. Em outras palavras, no plano da

³⁷ Geração: geração significa que o Filho vem do Pai, não é criado, não é causado, não é feito pelo Pai, Ele é gerado da mesma substância do Pai, isto é, ele tem uma Filiação, pois é Deus de Deus e Luz da Luz; em outras palavras, a geração não significa nem ruptura, nem diminuição por parte do Pai. Nesse sentido, Santo Hilário de Poitiers afirma que o Pai é Pai e o Filho é Filho, de maneira real, ainda que de modo distinto do que acontece com a paternidade humana (Sesboüé, 2002, p. 185-188).

sabedoria divina Deus-Trindade têm seus caminhos, isto é, no plano da criação vai ser *a manifestação plena do amor misericordioso* com o qual Deus atua e realiza a sua capacidade de amar a quem é tão diferente dele, levando-o à mais *íntima comunhão*.

O último tema do Breve Curso de teologia elaborado pelo padre José Comblin, é dedicado a Santíssima Trindade. Nesse breve artigo atesta que para vencer o individualismo, a falta de diálogo, a ignorância, é preciso salientar essa fé em Deus Pai, na divindade de Jesus e no Espírito Santo, “mesmo que não se conheça essa palavra “Trindade”, ou a diferença entre as Pessoas e a substância” (Comblin, 1983a, p. 255).

De fato, constata-se que o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão indissolivelmente unidos, isto é, tudo procede do Pai, que enviou o Filho e o Espírito, e todos os dons, a profecia, a vida, a coragem, o clamor pela justiça, tudo veio pelo envio de Jesus Cristo pelo Pai, e depois dele pelo Espírito Santo. Eis o Reinado de Deus, onde Jesus mostra a ação do Pai nos seus atos, curando os doentes, visitando os aflitos, denunciando a hipocrisia dos fariseus, chamando seus discípulos.

Ao longo de todo esse capítulo mostramos ensejos de que a Trindade presente e atuante na fé cristã e nos sacramentos enaltecem o Reinado de Deus e renovam a pessoa. A morte de Cristo demonstra esse amor divino Trinitário. Nas diversas liturgias conserva-se sempre, apesar das numerosas variantes, o esquema trinitário. E assim nos Sacramentos a Trindade Econômica e Imanente está totalmente presente em sua realidade. Evidentemente, com a atuação e graça do Espírito Santo que “a própria matéria se torna instrumento do Espírito, e, em parte é transformada” (Comblin, 2009b, p. 114).

Assim o Espírito está agindo em todos os sentidos no passado, no presente e no futuro, na contemplação oriental e na ação ocidental, e vai espalhando aquela pequena semente do Reino de Deus que tem uma sensação visível nos sacramentos³⁸:

- a) Batismo: o Reinado de Deus entra no ser humano pela força do Espírito Santo e em virtude da morte de Jesus.
- b) Crisma: esse Reinado transforma a humanidade fazendo deles missionários, testemunhas e construtores desse Reino.

³⁸ Para um melhor aprofundamento do tema dos sacramentos raiz do próprio cristianismo se indica a obra: Sinais do Mistério de Cristo: Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade do ano litúrgico do Pe. Abade Salvatore Marsili na teologia do Mistério de Cristo. Faltam efetivamente os sacramentos da Ordem e do matrimônio já que o autor em questão não ministrou aulas nem deixou tratados sobre o tema. Para tanto pode-se compreender no mesmo aspecto da espiritualidade teológico pastoral dos sacramentos. Pode-se aprofundar no terceiro volume do Breve Curso de Teologia: A Igreja e sua missão no mundo do Padre Comblin (1983c).

- c) Reconciliação: o Reinado de Deus é perdão para homens e mulheres que também vão modificando o coração para perdoar aos que se injuriam.
- d) Eucaristia: esse Reinado é a celebração de toda humanidade com Jesus Cristo e participação na sua morte e Ressurreição, na sua vida renovada.
- e) Ordem: o Reinado de Deus é ministério, serviço de humildade, profecia, anúncio da Palavra do Evangelho.
- f) Matrimônio: o Reinado é sinal de amor entre Deus e a humanidade com unidade indestrutível de comunhão e generosidade.
- g) União dos Enfermos: o Reinado de Deus traz a tranquilidade e serenidade à vida e animação dos caídos e aflitos (Comblin, 1983c, p. 169-255).

Os sacramentos são sinais do Reinado Trinitário do Deus Cristão, eles contêm o significado em si, o significado total em relação à Trindade Econômica e Imanente onde as “missões” histórico-salvífica – a existencial do “Espírito” e a histórica do “*Logos*” (Filho) – e levando em conta que já falamos do mistério originário e inabrangível de Deus enquanto permanente tal (“Pai”), está dado de imediato a Trindade econômico-salvífico e com isso também já a Imanente” (Rahner, 1989, p. 525).

Desse modo é fato que a fé dogmática da Igreja é caminho de correspondência mística para uma vida guiada pela Santíssima Trindade que tem sua autocomunicação na vinda de Jesus Cristo e do Espírito Santo. O Pai é o mistério, o Ser princípio, o Ser dom por excelência, é o fundamento total do amor para Jesus. Ao Pai cabe a iniciativa e o fim último da criação. O Filho no ritmo do amor é o ser como acolhida e, é o revelador do Pai, onde no ritmo trinitário o Espírito Santo é o fruto do amor do Pai e do Filho. É imprescindível a teologia do Pai como princípio da Trindade, nele fundou-se a unicidade divina ininterruptamente em comunhão com o Filho e o Espírito Santo.

Uma vez exposta a dogmática é preciso discernir os caminhos que a bondade da Trindade atinge todas as pessoas, nesse sentido vamos agora expor a experiência e a via pela qual chegou nas fronteiras da fé a mística Simone Weil já que “Cristo está presente e age nos não-cristãos (e, portanto, nas religiões não-cristãs) por seu *Espírito*” (Rahner, 1989, p. 371 grifo do autor). Percebe-se, então, as possibilidades de fé que tem uma revelação propriamente dita vinda da Trindade em diversas formas. E deste ponto de vista situaremos a figura carismática do Padre José Comblin esboçando uma concepção trinitária atuante, modesta, com uma infinidade de experiências coletivas e pessoais que enfatizam o Reino Trinitário do Deus Cristão.

2.4 Resumindo

Em síntese, este primeiro capítulo examinou de forma eclesiológica de uma forma global e relacional a história da Revelação cristã e sua organicidade dogmática. Utilizou-se a história Econômica da Salvação. Deus que escolhe os hebreus para ser seu povo. Apresenta Deus como Pai porque o *Logos* assume a natureza humana, isto é, o *malheur*, e prega o Reinado/Reino de Deus e concomitantemente penetramos no mistério intratrinitário.

Em seguida, destacou-se o ápice da Revelação Trinitária – a morte de Jesus e envio do Espírito Santo. E logo em seguida se apresentou brevemente as premissas das disputas cristológicas e trinitárias perpassando pelas constituições dos Concílios Ecumênicos, nos escritos dos Padres da Igreja e determinadas pelas dimensões jurídicos-eclésiásticas.

Esta articulação conduziu à compreensão trinitária ‘*Grundaxiom*’ (o axioma fundamental) de Rahner para mostrar que a Trindade econômica é a imanente. Alternando entre a vida de caráter litúrgico, teológico místico-espiritual para demonstrar a unidade e comunhão em Deus para depois compreender que no meio dos pobres Weil e Comblin reconheçam e experimentem o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

3 SIMONE WEIL A MÍSTICA SOLIDÁRIA

Alguns filósofos têm preconceito com a palavra mística³⁹. Para Stirner, Deus é a essência do ser humano sublimada, o egoísmo humano hipostatizado na transcendência. Feurbach dirá que Deus não é nada menos do que criado pelo homem, uma fantasia dos místicos; Sartre atesta que Deus não tem existência real, ele é uma simples hipostatização dos ideais humanos e Carnap afirmará Deus como um conceito sem sentido que pode ser tomado em três sentidos: mitológico, metafísico e misto (cf. Mondin, 2005, p. 91; 93; 204; 213), mas o fato é que este conceito faz mergulhar na filosofia de vida, já que a mística faz parte integrante da filosofia e da teologia. Existem muitos tipos de mística como a budista, hindu, judaica, cristã etc. Muitos filósofos se dedicaram a ela, como Platão, Plotino, Agostinho, Tomás de Aquino, Battistina Vernazza, João Ruyesbroeck, Meister Eckhart, Marguerite Porete, Nicolau de Cusa, Simone Weil, uns a favor e outros contra.

Para os teólogos de certo modo fora vista como um relacionamento tolerável com os místicos, já a filosofia interpreta como parte da tradição metafísica.

É fato que desde os seus primórdios se procura responder questões que envolvem a humanidade. “Quem somos? De onde viemos? E para onde vamos?”. Esses questionamentos e outros, faz com que se busque na reflexão o conhecimento. Talvez seja por isso que a mística não queira “ver” a realidade e “se cala” diante destes questionamentos que envolve a prática filosófica? Não, pois até agora a filosofia busca responder esses questionamentos, enquanto os místicos em suas experiências com o transcendente, vem buscando maior conexão com a filosofia.

Hegel diz que filosofia e religião se aproximam por terem como objetivo, não o terreno, nem o mundano, mas o infinito, o divino. Assim situaremos Simone Weil na mística solidária vivenciada pela filósofa na sua maneira de mergulhar na fé do Reinado Trinitário do Deus Cristão. Não adianta separar a mística da filósofa, da intelectual e da teologia, pois cada aspecto vem complementar um e outro os seus escritos. As correntes filosóficas têm sido construídas e desconstruídas desde o seu surgimento, mas ela não perdeu o seu objetivo, a busca do divino, e é na mística que se tem uma maior intimidade com Deus. É nela que se encontra esse elo que nos aproxima com o divino.

³⁹ Mística: o conceito de Mística remonta ao século III com o Pseudo-Dionísio Areopagita. Os padres Gregos a definiram como realidade divina de Cristo nos Evangelhos. Os Padres da época costantiniana a aplicaram aos ritos cristãos. No mundo medieval a literatura mística vai se desenvolvendo como experiência de unidade com Deus: “*unio mystica*”, isto é, mistério absconditus nunca totalmente revelado, mas sempre maior é a adoração diante de Deus (Mariani, 2009).

Este tópico será dedicado à mística cristã que, para Castro (2008) se caracteriza pela relação do mistério de Deus com o designo divino na pessoa de Jesus Cristo.

Definir o que é mística não é uma tarefa simples.

O termo mística é uma transcrição do termo grego *mystikós* (místico, relativo aos mistérios). Pode-se dizer que tanto o substantivo quanto o adjetivo (mística, místico) deriva do verbo grego *myein* (fechar, principalmente aplicada à boca e aos olhos) relacionado a realidades ocultas. Destarte, é a união de amor do espírito a Deus. “A teologia mística tomará impulso primeiro nos países do Norte, conferida sobretudo como espelho de Deus [...] consiste numa experiência de Deus no interior” (Lacoste, 2004, p. 1661-1662). Em suma, também no estilo de um gênero literário como o epistolar, que é para o mais, desaforo aos sentimentos mais secretos descendo às coisas mais concretas encontrar-se-á Jesus humano e crucificado tendo em vista a autoconsciência mística de Weil.

3.1 A Singularidade filosófica cristã de Weil

As correntes filosóficas têm sido construídas e desconstruídas desde sua gênese, mas a Filosofia Mística não perdeu o seu objetivo. A busca do Divino, é na religião, seja ela cristã, judaica, budista, islâmica ou hindu, que se busca uma maior intimidade com o transcendente. É nela que se encontra o elo que nos aproxima do Sagrado. Cada religião tem uma mística. Muitos filósofos se dedicaram a estudá-la ou vivenciá-la. Como citados acima, Platão, Plotino, Avicena, Bernardo de Claraval, São Boaventura, pseudo-Dionísio, Battistina Vernazza, João Ruyesbroeck, Meister Eckhart, Marguerite Porete, Nicolau de Cusa, Simone Weil, Edith Stein entre outros. Cada um em seu tempo deu a sua contribuição para a mística e para a filosofia.

Para Pinheiro e Bingemer (2010) a relação entre mística e filosofia no Ocidente sempre foi bastante conturbada. Enquanto a mística busca o silêncio além de qualquer racionalidade, realizando-se por completo na experiência pessoal, a filosofia sempre quis ser a rainha do logos, da fala e da razão, apresentando juízos universais. Mesmo assim, a relação entre filosofia e mística está longe de ser impossível. Em uma época marcada pelo fim da metafísica clássica e dos grandes discursos sistemáticos, em que a filosofia se vê confrontada com os desafios, o diálogo com a mística se torna especialmente fértil, já que o místico procura na união com o Divino superar a dicotomia entre buscador e buscado.

A espiritualidade cristã assenta-se sobre três bases, a saber: Mistério da Encarnação, Mistério da Redenção e Mistério Eclesial. No Mistério da Encarnação, toda a criação é assumida e renovada no Verbo feito carne; no Mistério da Redenção, a promessa feita aos

patriarcas e a profecia são realizadas e o ser humano redimido/divinizado; no Mistério Eclesial, pela potência do Espírito faz da Igreja o Corpo Vivo de Cristo – vive-se o intervalo messiânico, ou seja, a tensão entre o drama cristológico e o drama escatológico. Desse modo, há de se concordar com Comblin (2009a, p. 13): “a pessoa que se contempla a si mesma descobre a sua vaidade e não aprende nada: nem sobre Deus nem sobre a própria pessoa”.

Simone Weil é uma pessoa que contempla o outro. Com uma fidelidade intelectual foi professora do ensino médio ao mesmo tempo em que ajudava nos movimentos operários. Ao completar e assumir as dores das pessoas se aproximou do cristianismo, especialmente da Igreja Católica, embora sempre negasse a sua institucionalização. É a partir daí que nasce a escritora, a mística, a filósofa, a professora, profissão que deixou para experimentar o trabalho árduo nas fábricas da Renault e nos campos durante as colheitas.

Mediante seus pensamentos, pode-se perceber que a salvação vem do próprio Deus, o relacionamento dele mesmo e também com a humanidade. A Teologia Cristã tem a pretensão de falar de Deus como Ele se entende, isto é, discursar sobre Deus a partir de Deus. A grande revolução insuperável é que falar de Deus só é possível porque o Deus Trindade se dá a conhecer em Jesus Cristo. Jesus se fez homem, daí decorre que o homem é o centro da criação e o ponto central da ação do Espírito. Todos os homens são solidários, porque todos têm seu lugar em Jesus Cristo e na comunidade cristã.

Essa solidariedade do Cristo com a humanidade vai atraindo Weil como se fosse um ímã na sua identidade mais sublime, causando seu esvaziamento e despojamento na busca de encontrar-se com Deus. Essa humildade intelectual e harmonia com a Trindade só pode provir da graça que “devem ser vistas também as consequências antropológicas de harmonia [...] consigo mesmo, com os outros, com a natureza, que a Bíblia nos apresenta de um modo tão sugestivo na história do Paraíso” (Ladaria, 1998, p. 86).

Weil chega à plenitude buscada pelo ser humano, o significado último de sua vida e a realização plena de seus anseios que só podem ser encontrados em Deus Trindade. Desse modo, convém recordar a tradição europeia, características dos místicos do Norte, sublinhada na perspectiva cristocêntrica do se esposar com Deus e aquela de cunho mais especulativo que sonda os mistérios da Trindade, como atesta Groce (1981, p. 14-15):

Fin dall'inizio la mistica del Nord si presenta in due linee parallele, talvolta intrecciate: quella di una mistica nuziale e quella di una mistica filosofica o del l'essenza. La prima, caratteristica per la vita spirituale femminile, assume l'aspetto di una mistica cristocentrica; la seconda, coltivata prevalentemente negli ambienti maschili, s'innalza verso l'insondabile mistero di Dio Trinità, desiderosa di raggiungere l'incomprensibile

luce della divinità. Se nella prima ritornano i concetti agostiniani e bernardiani sulla forza trasformante dell'amore divino, nella seconda ci si encontra con le nozioni dionigiane e neoplatoniche sulla divinizzazione dell'uomo per opera della grazia santificante⁴⁰.

No vértice da conceituação dada por Groce encontra-se em Weil uma mística que ocorre tanto no plano de amor, onde ela se doa permanentemente ao próximo, como ocorre ao lado metafísico nas disposições de deixar-se ser penetrada pelo *Logos*, e deixa-se tocar pelo fogo do Espírito Santo. A mística vivida por Weil, não se apresenta como “fuga do mundo”, assim entendida por muito tempo, mas sim como integração do ser humano à sociedade.

Simone Weil entende que não é responsabilidade exclusiva das igrejas, é possível compreender que a sua mística jamais permanece enredados em conceitos rarefeitos da abstração. Weil respeita, admira e louva:

La nécessité d'une présence parfaitement pure pour enlever les souillures n'est pas restreinte aux églises. Les gens viennent apporter leurs souillures dans les églises, et cela est très bien. Mais il serait bien plus conforme à l'esprit du christianisme qu'en plus de cela le Christ allât porter sa présence dans les endroits les plus souillés de honte, de misère, de crime et de malheur, dans les prisons, dans les tribunaux, dans les refuges des miséreux. Une séance de tribunal devrait commencer et finir par une prière commune des magistrats, de la police, de l'accusé, du public. Le Christ devrait ne pas être absent des lieux où l'on travaille, de ceux où l'on étudie. Tous les êtres humains devraient pouvoir, où qu'ils soient, avoir le regard fixé tout le long de chaque journée sur le serpent d'ari⁴¹ (Weil, OC IV-1, p. 327).

Essa originalidade peculiar de Weil demonstra que a sua vida é uma espiritualidade levada a tal experiência mística.

Weil tem uma existência marcada por uma estrutura física de saúde frágil, vai sentindo

⁴⁰ Desde o início, a mística nórdica apresenta-se em duas linhas paralelas, por vezes entrelaçadas: a de uma mística nupcial e a de uma mística filosófica ou de essência. A primeira, característica da vida espiritual feminina, assume o aspecto de uma mística cristocêntrica; a segunda, cultivada principalmente em ambientes masculinos, eleva-se ao mistério insondável de Deus Trindade, ansiosa por alcançar a luz incompreensível da divindade. Se no primeiro retornam os conceitos agostinianos e bernardianos sobre a força transformadora do amor divino, no segundo encontramos as noções dionisíacas e neoplatônicas sobre a divinização do homem através da obra da graça santificadora (Tradução do autor).

⁴¹ A necessidade de uma presença perfeitamente pura para remover a contaminação não se restringe às igrejas. As Pessoas Vêm trazer sua imundície para as igrejas, e isso é muito bom. Mas seria muito mais consistente com o espírito do Cristianismo do que com além disso, Cristo levaria a sua presença aos lugares mais difíceis. Mais suja de vergonha, miséria, crime e infortúnio, em prisões, nos tribunais, nos abrigos dos pobres. Uma sessão do tribunal deve começar e terminar com uma oração comum aos magistrados, à polícia, aos acusados, ao público. O Cristo não deve estar ausente dos lugares onde trabalhamos, dos aqueles onde estudamos. Todos os seres humanos deveriam ser capazes, façam o que fizerem, onde quer que estejam, mantenham o olhar fixo o tempo todo ao longo de cada dia na serpente de bronze (Tradução do autor).

em sua própria carne a fragilidade humana, assumida e redimida por Jesus Cristo. Surpreendentemente, Simone Weil, desde criança, mostrou-se desapegada aos bens materiais e cheia de solidariedade e, aos sete anos de idade resolve andar descalça, queria que todos se vestissem iguais, mostrando ser uma pessoa corajosa e paciente. São evidentes a sua atenção ao sofrimento do mundo (Bosi, 1996).

A preocupação e a vida doada ao próximo podem ser analisadas teologicamente como uma moção do Espírito Santo e providência divina. O cuidado que a família Weil teve com a educação fenomenal dos seus filhos pode demonstrar as características pessoais de Simone Weil. Embora tivesse dificuldades nos estudos, num primeiro momento, a jovem Simone foi dedicando-se à filosofia, aos estudos, à busca pela verdade e à ajuda contínua ao próximo.

Essa experiência admirável e busca incansável pela verdade faz com que se afeiçoe e se aproxime da Pessoa de Jesus. Embora, a princípio, assegurasse ser impossível saber quem era Deus percebe que: “é melhor não o colocar, nem negá-lo: sente-se tão solitária com esse Deus, como sem ele, chegando a dizer que os que não creem estão mais perto da verdade do que os que creem: tudo é mentira” (Bosi, 1996, p. 24).

Isso vai aos poucos se modificando à medida que Weil vai se entregando aos estudos, à doação e à contemplação.

De acordo com tais questionamentos acerca da possibilidade de conhecer Deus, bem como os elementos para chegar ao seu conhecimento é que se vê na constituição *Dei Filius* do Concílio Vaticano I (1869-1870) que a fé num só Deus vivo e Verdadeiro retoma as principais preposições de fé do Símbolo Niceno, de forma que o capítulo segundo se dedica a proclamar o conhecimento de Deus, “com a luz da razão natural humana” (DH 3004). Diante disso o Concílio retoma as principais afirmações tridentinas sobre a Bíblia e sobre a competência da Igreja e matéria de sua interpretação.

Logo, no primeiro cânone os padres conciliares atestam que a Santa Igreja ensina e sustenta que Deus, princípio e fim de tudo, pode com toda certeza ser conhecido pela “luz natural da razão humana” (DH 3004). Ao mesmo tempo o magistério ensina que a Sabedoria divina se revela ao gênero Humano também pela via sobrenatural: “tanto a si próprio como os eternos decretos de sua vontade” (DH 3004). O conhecimento humano sobre Deus baseia-se no fato de que ele mesmo se deu a conhecer. Toda busca de Deus por parte do ser humano tem em Deus mesmo sua iniciativa, está guiada por sua providência e para ele se destina.

Desta afirmação conciliar pode-se reler o itinerário lançado por Simone Weil no mundo da pobreza e da infelicidade fortemente marcado pelos primeiros encontros com a miséria e o sofrimento humano desde a sua infância. Seu andamento intelectual está marcado pela

abrasadora paixão que envolvia toda a sua vida e a levará pelos caminhos da política, para o compromisso intelectual e para a mística (Bingemer, 2011, p. 14). Por mais que seja fundamental essa conversão pessoal é necessária que seja social e todos estão desafiados a participar da redenção coletiva. “Uma civilização baseada na espiritualidade do trabalho, seria o mais alto nível de enraizamento do homem no universo... Essa é por natureza, a aspiração que corresponde o nosso sofrimento” (Weil, 2014, p. 88). Esses homens novos são convidados a investir seu trabalho na moldagem de um novo modelo de organização social.

A espiritualidade bíblica que emana no interior da filósofa Weil é autêntica cristã, pois na sua experiência mística o corpo não oculta a alma, nem o espírito, mas o manifesta. Não há oposição entre corpo e espírito. A partir do momento em que Weil se coloca a trabalhar na fábrica ou na agricultura, ela vai se aprofundando nesse silenciar e viver o sofrimento. “Quando a inteligência, depois de fazer silêncio para deixar o amor invadir toda a alma, volta a se exercer, ela sente que contém mais luz do que antes, mais aptidão para compreender os objetos” (Weil, 2016, p. 42).

Mas no longo compromisso de Simone Weil com o ser humano, a sua maneira de querer promover os mais necessitados, o respeito pelos sindicatos, o trabalho manual e a sua atenção aos sofredores e mais pobres faz com que vá percebendo que são essas pessoas os “preferidos de Deus”. Aos poucos Weil vai se dando conta de um cristianismo engajado e começa a refletir o quão seria importante uma inovação do viver a própria fé olhando para o Cristo crucificado. As palavras de Andréia Serrato (2015, p. 28-29 grifo da autora) expressa:

Resgatar assim a dimensão místico-erótica em Simone é olhar para Jesus Cristo, que é o amor encarnado em que *eros-philía-agape* assumem a sua forma mais radical. Na morte de cruz, Jesus, entregando-se para elevar o ser humano e salvá-lo, exprime o amor na sua forma mais sublime: o amor apaixonado de Deus pelo seu povo é ao mesmo tempo um amor que perdoa. Nisso, o cristão vê já esboçar-se veladamente o mistério da Cruz: Deus ama tanto o homem que, tendo-Se feito Ele próprio ser humano, segue-o até à morte e, desse modo, reconcilia justiça e amor.

Nessa esteira aberta de solidariedade com a dor e os sofrimentos do ser humano se vê a glória do *Logos* que se fez carne e essa carne consta de atitudes, gestos, causa, palavra. Essa, de fato, é a glória de Jesus que o quarto Evangelho aborda. Conforme Comblin (2009a, p. 59): “basta dizer que essa glória foi reconhecida por humildes galileus, por pescadores, artesãos e não foi descoberta pelos grandes do tempo. A glória é a realidade durável, resistente e autêntica”. Não teria o mesmo sentido se Jesus tivesse tido uma outra morte, não teria o mesmo valor e significado de autêntico testemunho e de mesma verdade; mas é por causa do Reinado

que Jesus abraça a cruz; assumindo as dores de todos, o justo pelos injustos. Mistério apreciado pela judia Simone Weil.

A cruz tinha seu significado para os judeus, um sinal de sofrimento, castigo, pois ela era destinada aos criminosos. Para um pagão, loucura; para um ateu, apenas dois pedaços de madeira cruzadas; para os cristãos, ela tem toda uma simbologia, um significado, uma mística que poucos entendem ou querem entender, pois ela representa a doação total do filho de Deus.

É como Stein (2014, p. 24) complementa: “[...] a cruz não é um fim em si mesma. Ela se ergue e aponta para o alto. Não é somente sinal, é a arma forte de Cristo. É a vara do pastor, com que o Davi divino vai de encontro ao Golias das trevas e com a qual o golpeia, abrindo a porta do céu”. A cruz também está relacionada a tudo o que faz sofrer, e aí está a verdadeira mística da cruz: ser um outro Cristo no sofrimento e doação ao próximo. Seguir a cruz exige abandono de si mesmo, pois Jesus, no Evangelho de Mateus (16, 24b), diz: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga”. Nisso, também se pode traçar paralelos entre Weil, Edith Stein e Comblin.

Trata-se de abandonar-se para trilhar esse caminho, o que não é fácil, porque em uma cultura capitalista, onde as pessoas são avaliadas pelo que possuem, abandonar o que possui para seguir esse caminho é uma tarefa árdua. Neste contexto, uma forma que poderá ajudar a seguir a cruz e abandonar-se a si mesmo é amando. Amando a cruz e o que ela representa. Isso pode parecer loucura para muitos, mas, para quem quiser conhecer o Reinado do Deus Trinitário cristão, esse é o caminho. É preciso abandonar-se no amor à cruz e ao que ela representa. Ninguém conhece o Pai simplesmente por experiência pessoal, ou por observação exterior, porém a ortodoxia também pode gerar fanáticos, o que aos olhos superficiais podem ser pessoas de fé, mas, na realidade são apenas vantagens psicológicas, de fama e de segurança.

O que Jesus espera não é um conhecimento de ortodoxia, mas um entrar em comunhão espiritual com ele, uma obediência real que só pode vir do Espírito Santo; uma abertura de mente para a revelação (Comblin, 2009b).

A unidade procede da vontade de sair da própria personalidade para buscar o encontro com o outro, que é diferente, sem obrigá-lo a entrar nessa diferença. A autoridade procede do Pai, a origem dos movimentos e os dirigentes não são outra coisa a não ser os incentivadores do movimento e guias de autenticidade.

Weil, nesse aspecto, faz refletir de como “é na desgraça mesma, em meio de uma amargura inconsolável, que resplandece completamente o amor de Deus. Se a alma cai

perseverando no amor, até o ponto em que não pode reter mais o grito ‘Deus meu, por que me abandonaste’” (Weil, AD 58; K12⁴² OC VI 3).

Sócrates deu a sua vida, mas não negou a sua verdade. É como diz Stein (2014, p. 49): “O homem pode oferecer-se à crucifixão, mas não pode crucificar-se a si mesmo”. Ou seja, pode o ser humano aceitar o sofrimento, porém não pode buscá-lo, como fez Sócrates. Ele não queria a morte, mas também não queria negar a sua verdade. Por isso, ele a aceitou como uma consequência.

O Cristo dá a vida por Amor e, desse modo, ele é a beleza em pessoa, como também é possível contemplar na beleza histórica o que é e representa a beleza eterna que se manifesta Nele de forma misteriosa e verbal, onde a morte e vida de um corpo que sofre e que ama e vibra na Caridade, um tema essencialmente cristão, que tem seu cerne na caridade da Trindade. Do Cristo Mestre provém todos os tratados que se referem a ela como caminho, dom, unidade, valor. As suas duas alas são: Amor a Deus e amor ao próximo, caridade e veste nupcial, mestra da humildade, fazer-se “servos da caridade”, que elevam e fazem com que a pessoa vá se humanizando, pois, “tudo que provém do amor puro é iluminado pelo brilho da beleza” (Weil, 2021, p. 66).

Ao fazer-se batizar no fim da vida Simone Weil profeticamente em seu silêncio místico mostra que o batismo é o sacramento da fé que confere a luz de Cristo, que marca o chamado da Ressurreição. É a revelação do amor da Trindade em nós, é o êxodo do pecado para a nova vida divina, é o entrar e fazer parte da Comunidade da Igreja, corpo de Cristo, e assim tornando-se filhos de Deus em todos os efeitos. De certo modo, Simone Weil é como que a trabalhadora da última hora convidada pelo Pai (Mt 20, 14). Algo que Weil já tinha inculcado em sua vida ética de alteridade na capacidade prática da compaixão.

Pode-se comparar a mística de Weil com a parábola de Mt 20, 1-16, apresenta o Reino dos Céus como um pai de família que sai de três em três horas para contratar operários e aos primeiros combina o pagamento de um denário por dia. O pai começa pagando os trabalhadores da última hora recebendo eles o mesmo valor. Causa de expectativa dos primeiros pensando receber mais, no entanto, granjeiam a mesma quantia. O pai é Justo e demonstra a debilidade de uma ideia de justiça distributiva, gerando inveja e mesquinhez, por isso, não é injusto, mas, ao contrário, é generoso. O pai gratifica os trabalhadores desde os últimos até os primeiros na mesma proporção. A parábola reaviva na comunidade de Mateus a esperança dos que se

⁴² K - Cahiers de Weil

achegaram na velhice para não pensarem que receberão menor recompensa que os demais que no pensamento de Weil (2021, p. 66) pode ser denotado como: justiça, verdade e beleza.

Teologicamente todo o batizado é filho esperado sobre o qual poussa-se o Espírito do Senhor. E assim os cristãos são chamados, como aquela primeira comunidade cristã, a dar testemunho da estrada percorrida por Jesus, que é a única que salva o ser humano e o conduz à comunhão com Deus Trindade. Trata-se de viver um novo estilo de vida, que é identificação a uma vida em Cristo e no Espírito, à qual se acede na fé, que se experimenta no amor e, cheia de esperança, torna-se visível, na quotidianidade da vida eclesial. Uma vida de autêntica conversão a Deus e aos irmãos, que leva a viver uma existência guiada pelo Espírito Santo, assim viveu Weil, numa configuração cotidiana, na luta e no seguimento a Jesus com os mais sofridos. A sua vida tem uma culminância formidável, entrega-se a Cristo e tem a graça de entrar na Igreja pelo batismo, não de forma privilegiada, mas de forma serena, onde “os últimos são primeiros, e os primeiros serão últimos” (Mt 20, 16).

Daí a atualidade do pensamento de Weil e a constatação da escravidão em forma exacerbada pelo capitalismo vai de encontro à opção preferencial pelos pobres da Igreja na América Latina. Pode-se verificar que só vagarosamente a cristandade chegou a afirmar a exploração do trabalhador como absolutamente inconciliável com a dignidade de Filhos de Deus. Cabe ao ser humano saber reconhecer esta grandeza e maravilha. Deus Pai que “nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória de sua graça com a qual ele nos agraciou no Amado” (Ef 1, 5-6).

A missão para Weil (2019, p. 120) é “o amor pela ordem do mundo, pela beleza do mundo, é assim, o complemento do amor ao próximo”. Aí resulta a atração, a transformação análoga que opera na sensibilidade e na vida. A missão vocacionada tem traços também sapienciais, qualifica o discípulo que, por dom e missão do Senhor Deus, transmite a Palavra aos desanimados e aos duvidosos. Enquanto restar um discípulo atento na escuta, o profeta pode ser verdadeiro mestre: ele não dispõe da Palavra a seu gosto.

Deus Pai é o protagonista do projeto da salvação que passa pelo Filho e culmina no Espírito Santo que continua na humanidade a ação realizada pelo Pai no Filho. “No ritmo trinitário, o Espírito Santo é, por um lado, o puro receber, enquanto se compraz no dom do Pai e do Filho e, de sua parte, corresponde em amor, em ação de graças e em glorificação ao Pai e ao Filho” (Ladaria, 2009, p. 158).

Assim, seguindo o raciocínio de Ladaria (1998, p. 48) há no sistema ternário algumas áreas significativas da experiência humana que só podem vir da Trindade que tem “necessidade de comunicar-se além de si mesmo”.

O amor autêntico é sempre três, isto é, tem sempre uma certa estrutura triangular: eu, tu, ele, num sistema filosófico-teológico onde a Unidade vem da Trindade, o Pai o Filho e o Espírito Santo. Um dom que vem do Pai (Tg 1, 17), através da manifestação e revelação do Filho, Palavra perfeita do Pai, pronunciada na comunicação do Espírito, que proporciona a compreensão e a assimilação vital da revelação do Filho como vinda do Pai. Nesse esforço de interpretação teológica e análise, pode-se constatar um caminho traçado de agnosticismo ao cristianismo Trinitário Cristão vivido por Simone Weil, que será destacado no próximo tópico focando o seu trabalho no mundo Rural.

3.2 O Esforço da vida dos Trabalhadores Rurais assumido por Simone Weil

Os estudos acerca do período de vida em que Weil manteve-se nos trabalhos camponeses ainda são inexpressivos, há pouca sistematização sobre seu pensamento dentro da área teológica. Eis o grande desafio! O que mais se apresenta sobre Weil é a sua vivência no contexto vigente de sua época, sua mística, militância, vida operária e reflexões. Como escreveu de maneira não sistemática, torna-se difícil encontrar definidos seus conceitos, por isso a pesquisa torna-se importante, para sistematizar esses pontos de seu pensamento; relacionando-os à prática da Igreja na América Latina e na experiência teológica do Reinado Trinitário do Deus Cristão.

Nessa leitura é possível perceber que não se trata de escolher entre “caridade” e “amor” e, sim, conservar e integrar ambos os termos, especialmente na mística de Weil, onde a solidariedade e caridade se fundem. Tal explicação mereceria um estudo à parte, uma vez que se trata de um processo longo e difícil. Mas em Weil já há a presença de cristologia aberta à teologia que tem seu vértice no mistério de amor do Deus Uno e Trino.

As palavras que o Pai comunica ao Filho não é um catecismo, nem um manual de teologia ou conjunto de dogmas. As palavras proferidas por Jesus não é um discurso sistematizado religioso. As palavras significam essa abertura do Pai. O Pai que é revelado por Jesus, o *Logos* encarnado se dirige à humanidade (Comblin, 2009a, p. 47). Esse Amor Caridade seria o ponto chave para a compreensão e entrega total que Weil faz ao morar na fazenda, ela assume o papel de protagonista e trabalha de uma forma tão intensa que realiza uma prática Paulina: “quem não quer trabalhar também não há de comer” (2Ts 3, 10c).

Desse trabalho no campo destacam-se algumas experiências realizadas por Simone Weil. Após ter trabalhado como operária em Alsthom, na França, realizando as suas experiências místicas, precisou sair de Paris por conta dos avanços nazistas. Conforme os seus

biógrafos ela chega a Marseille e, aí, indicada pelo amigo Padre Perrin, encontra-se com Gustav Tibon, um ex-dominicano.

Gustav acolhe Weil para trabalhar nos vinhedos com os camponeses. Ela não aceita se hospedar em sua casa, preferindo viver no meio dos camponeses e dormir entre eles. Desta forma, toda estrutura vivenciada por Weil vai além de uma teoria, mas passa a ser para ela uma exigência primária da sensibilidade cristã provando que é capaz de desenvolver uma sobriedade e corresponsabilidade, sem acomodar-se na permanente dependência de estranhos. Sua amiga Simone Pétrement (*apud*, Bosi, 1996, p. 62) relata: “As fadigas de meu corpo e da alma se transformam em nutrição para um povo que tem fome” como se pode comprovar no texto *Dogma da presença real*, transcrito mais adiante (Weil, OC I 92-3). Sua personalidade ativa promove uma resposta positiva à sua identidade pessoal onde se perpassa uma imagem dialógica-teológica- filosófica-mística.

O místico não pode ser egoísta, pode até ser considerado um louco, mas o que importa é fazer com que o outro encontre a si mesmo e se conhecendo possa descobrir qual o seu papel em um mundo tão conturbado. São homens e mulheres que possam ser para o outro essa fonte de sabedoria. Ao olharmos para a Filosofia em seus primórdios, encontrar-se-á a inscrição do templo de Delfo: “Conhece-te a ti mesmo” e foi isso o que Sócrates foi para Platão e ainda hoje é o papel do filósofo, fazer com que o ser humano se conheça, pois, conhecendo a si mesmo, poderá ajudar o outro a enfrentar e vencer as mesmas dificuldades.

A filosofia, desde o seu surgimento, vem sendo construída e reconstruída, uma vez que o homem é esse ser dinâmico que vem evoluindo e se adaptando às realidades do ambiente onde vive. Sendo assim, aprende-se com os mais experientes.

Nesse caminho do conhecer a si mesma, no ano 1942, em Ardèche, Weil assume trabalhos manuais com os camponeses, seja no campo na época da colheita, seja nos vinhedos na época da safra, sem abandonar os seus estudos de Filosofia. Contudo, a situação de miséria, de prostração a eleva num papel gratificante da educação libertadora e vai aperfeiçoando o seu conhecimento de Deus. Assim, a moral e a ética que Weil vai produzindo é um sinal profético que mostra um compromisso e uma nova sociedade, que vai além de um messianismo temporal.

“A fé não procura em Jesus um apoio, uma ajuda para a vida. Não é substituto nem de ciência nem de consciência. Não pode ser uma filosofia fácil e barata para o povo, uma filosofia para a sensibilidade e afetividade do povo, como entendem as elites dirigentes da sociedade ocidental hoje. Todos esses não conhecem Jesus” (Comblin, 2009a, p. 81).

Observa-se a partir destas palavras toda a sequela de deformações sobre a vida cristã. Weil, para além da filosofia inculca os valores inapagáveis da fé à sua própria vida, ao conviver no campo exatamente nas mesmas situações desses camponeses. Alimentava-se e dormia em condições precárias, mas trabalhava muito bem e ainda lhes ensinava latim. Não abandonou por nada seus estudos da filosofia grega ou hindu e ainda expande seus conhecimentos do sânscrito, acentuando sua orientação sobre a mística e sua busca da noção de Deus que lhe faz escrever sobre o Pai e sobre O Amor de Deus (Bosi, 1996).

Weil tem uma responsabilidade pessoal. É abominável para ela a neutralidade, o carreirismo, a mera especulação filosófica, buscando a experiência interna, pessoal e interpessoal. Consequentemente, confirmando ou retrucando a teoria e o pensamento dos quais ela vive, prega, escreve, ensina já que: “[...] as coletividades, os povos, os governos secretam ideologias para defenderem e justificarem a injustiça, a dominação, a exploração dos seres humanos” (Comblin, 2009a, p. 24-25).

Weil ainda escreverá sobre sua experiência no trabalho no campo, nos Cahiers 13 (K13), durante o tempo em que esteve em Marseille. Vai para Nova York, provavelmente na metade de setembro, início de outubro de 1942 (Weil, OC IV-2, 102).

A sua ida a Nova York é considerada um marco, já que demonstra mudança de Weil na sua posição acerca de receber o batismo assim, atestada na brilhante introdução de seus escritos sobre a religião descrito por Chenavier:

Quelques heures d'entretiens avec le chanoine Vidal ont confirmé onze mois d'échanges avec le père Perrin, mais en dépit des positions bien défendues par les prêtres consultés au cours de son séjour à Marseille, Simone Weil ne tient pas l'Église dégagée de toute obligation de répondre à ses questions. Elle récidivera plus brutalement encore, à New York, dans sa Lettre à un religieux adressée au père Marie-Alain Couturier. Il nous paraît donc pour le moins problématique d'affirmer que, malgré tout, il y eut chez Simone Weil une progression vers la foi de l'Église⁴³ (Weil, OC IV-1, p. 233).

Para compreender plenamente a posição de Simone Weil, é necessário destacar o que ela chama de grau de probidade intelectual: “Tenho uma noção extremamente rigorosa de probidade intelectual, a ponto de que nunca conheci ninguém que não me parecesse carente em

⁴³ Algumas horas de entrevistas com o Cônego Vidal confirmaram onze meses de intercâmbio com o Padre Perrin, mas apesar das posições bem defendidas pelos padres consultados durante a sua estadia em Marseille, Simone Weil não isenta a Igreja de qualquer obrigação de responder às suas perguntas. Ela o fará novamente de forma mais brutal, em Nova York, na Carta a um Religioso dirigida ao Padre Marie-Alain Couturier. Parece, portanto, no mínimo problemático afirmar que, apesar de tudo, houve em Simone Weil uma progressão em direção à fé da Igreja.

mais de um aspecto; e eu sempre temo que me falte um pouco⁴⁴” (Weil, lettre, IV, AD., p.41 Tradução do autor).

Nisso se demonstra a sua mística de amor libertador, porque “esta indiferença do pensamento ao nível da inteligência não é incompatível com o amor de Deus” (Weil, lettre, IV, AD. p.66. Tradução do autor). Vê-se de forma filosófica metafísica que de forma alguma é incompatível com o amor de Deus, produz uma disponibilidade que se perderia, segundo Simone Weil, se ela se sentisse obrigada a aderir aos dogmas da Igreja. Weil, por ter um grande conhecimento filosófico, sabia disso e por isto ela conhecia a mística que passava necessariamente pelo sofrimento, mas não foi ela a primeira a vivenciar essa mística. Como já mencionamos, muitos já a buscaram. Ela apenas fez desta mística a causa da sua vida e é aí que está a verdadeira liberdade cristã. Depois de procurar diuturnamente aliviar o homem de tudo aquilo que o oprime aponta-lhe a plenitude do Reinado Trinitário.

Nessa relação com o totalmente Outro, isto, é para Weil (OC IV-1, p. 299 tradução do autor) “através do amor ao próximo imitamos o amor divino que nos dá criamos a nós mesmos e a todos os nossos semelhantes. Por amor da ordem do mundo, imitamos o amor divino que criou este universo do qual fazemos parte”⁴⁵ é que Weil vai descobrindo o sentido da história, vê e prevê o resultado da conduta social dos grandes, moral dos pequenos, religiosa de todos onde “a verdade e a beleza habitam esse domínio das coisas pessoais e anônimas. Ele é o sagrado. O outro não o é, ou, se o é, é somente como poderia ser uma mancha de cor que, num quadro, representasse uma hóstia” (Weil, 2021, p. 42).

No fragmento do texto “*Sobre a pessoa e o sagrado*” deduz-se que o consentimento da verdade e da beleza supõe um discipulado, uma comunhão de inteligência e amor onde a fé vai alcançando a perfeição no exercício feito para o outro. Essa noção da verdade e beleza pode ser comparada à definição feita sobre a Caridade de Santo Tomás (Suma, II-II, Q⁴⁶. 23): “a Caridade é uma realização eminente da amizade, uma amizade divina”.

Para Weil, Deus é quem dá a capacidade por meio de seu Espírito a corresponder a esse amor, de mergulhar nessa amizade que consagra o Reino de Deus onde “o infortúnio é por si só desarticulado” (Weil, 2021, p. 42) e, “no verdadeiro amor, não somos nós que amamos os infelizes em Deus, é Deus em nós que ama os infelizes” (Weil, 2019, p. 114).

⁴⁴ J'ai de la probité intellectuelle une notion extrêmement rigoureuse, au point que je n'ai jamais rencontré personne qui ne m'ait paru en manquer à plus d'un égard; et je crains toujours d'en manquer moi-même” (Weil, lettre IV, A.D., p. 41).

⁴⁵ Par l'amour du prochain nous imitons l'amour divin qui nous a créés nous-mêmes ainsi que tous nos semblables. Par l'amour de l'ordre du monde nous imitons l'amour divin qui a créé cet univers dont nous faisons partie.

⁴⁶ Q. Questões da Suma Teológica de Santo Tomás.

A filósofa tem a percepção e a certeza de que Deus reside no alimento fabricado pelo trabalho humano. E o camponês, com seu trabalho, dá um pouco de sua carne para ela tornar-se carne do Cristo⁴⁷. “É suficiente olhar minha carne e meu sangue como a matéria inerte, insensível, e comestível pelo outro” (CS⁴⁸ 40). Para Simone, a Eucaristia deveria ser o centro de toda a vida no campo. E para ela se o Cristo escolheu o pão e o vinho para se encarnar através dos séculos, não deve ser sem razão. Faz um paralelo com a vida do trabalhador:

Um homem que trabalha queimando sua própria carne a transforma em energia como uma máquina queimando carvão (K17, OC, t. VI, vol 4, p. 313). É porque ele trabalha muito e não come o suficiente em relação ao trabalho que ele exerce; ele emagrece; ele perde a carne. Assim se pode dizer em um sentido que o trabalho manual transforma sua carne e seu sangue em objeto fabricado. Para o camponês, estes objetos fabricados são o pão e o vinho (OC IV, 1, 266).

Simone Weil acredita e confirma “Deus que reside no alimento” (CS 40). É o Cordeiro e o pão, a matéria fabricada pelo trabalho humano, tanto o pão como o vinho. Por seu trabalho, ela entende que o camponês tem essa intenção, dar um pouco de sua carne para se converter na carne de Cristo. Assim ele deveria ser consagrado (CS 40). E a santidade é também, nesse sentido, uma transmutação como a eucaristia.

É preciso compreender que a comunhão é desse modo parte da Eucaristia. Este não é um espetáculo ao qual os cristãos de todos os séculos são chamados, é participação, missão que é completa comunhão. Evidenciam-se as misteriosas palavras de Jesus “Eu sou o pão da vida” (Jo 6, 36): “quem beber o meu sangue e comer a minha carne terá a vida eterna” (Jo 6, 54). Palavras que só são aceitáveis unicamente pela fé.

Jesus, na realidade, doa verdadeiramente o novo maná, porque o seu alimento é muito superior àquele que comeram os pais no deserto: ele doa a todos a vida eterna. Mas só quem tem fé pode recebê-la em dom. Simone Weil em um pequeno bilhete comentando sobre o pão da vida afirmará que o catolicismo extraiu disto, perante as belas palavras de Jesus:

“Je suis le pain de vie “, a dit le Christ. Cette parole est déjà belle; mais le catholicisme a tiré de là quelque chose de plus qu’une belle parole. Il a voulu que le Christ soit mange par chaque fidèle, non pas symboliquement, mais réellement. Le pain de la communion est le corps même du Christ, non le symbole du Christ. Ici, la raison du

⁴⁷ Na folha [ms 141] escreve: para que um homem seja realmente habitado pelo Cristo como hóstia após a consagração, é necessário primeiro que sua carne e seu sangue sejam tornados matéria inerte, e mais comestível por seus semelhantes. Então esta matéria pode tornar-se por uma consagração secreta carne e sangue do Cristo ([ms 141] OC VI-4,123).

⁴⁸ CS - La Connaissance Surnaturelle (Cahiers d'Amérique), Gallimard, 1950

croyant est réduite au silence; et l'incrédule trouve le dogme de la Communion digne tout au plus des sauvages d'Australie ⁴⁹ (Weil, OC, t. I, p. 93).

Essa fé é um dom dado pelo Espírito Santo, que além do pão vê, nele, o Cristo presente. Constatará Weil (OC, t. I, p. 93), que “a razão do crente é silenciada, e o incrédulo considera o dogma da comunhão digno da maioria dos selvagens”. É fato que Cristo teve os sentimentos e paixões próprios da natureza humana, compatíveis com a plenitude de graça e que serviam à redenção da humanidade. Esses desejos ardentes em estar na Eucaristia (Lc 22, 15), brotam de sua compaixão em ver a multidão como ovelhas sem pastor, cura seus doentes e dá-lhes de comer, (cf. Mc, 6, 31-44; Mt 14, 13-21, Lc 9, 10-17). Para além da multiplicação, Jesus instituiu a eucaristia durante a última ceia, consagrando o pão querendo permanecer presente como amor, sobretudo, na caridade.

Segundo o Evangelho de São João, a um certo momento, a multidão parece ter entendido: “Senhor, dá-nos sempre deste pão!” (Jo 6, 34). Mas a verdade é que o povo ainda incrédulo, não entende o valor do pedido e está longe da verdadeira fé. Então Jesus, mantendo-se fora de todo equívoco, diz: “*Eu sou o pão da vida, Quem vem a mim não terá mais fome*” (Jo 6, 35). Weil dará seu testemunho filosófico exímio: “É por que Ele [Jesus] não considerou suficientemente a condição humana a alma está ligada ao corpo; e, através do corpo, para todo o universo” (OC, t. I, p. 93). Isto é, Ele, é o verdadeiro alimento, não está no dom de Moisés e na Lei, como pensavam os interlocutores de Jesus, mas no dom do Filho que o Pai oferece aos seres humanos, porque Ele é “*o verdadeiro pão descido do céu*” (Jo 6, 33).

É a fé em Deus Pai que recebe o sacrifício, uma vez que o perfeito autor desse sacrifício é Jesus. Os sacerdotes de Jerusalém são incapazes de realizar a reconciliação entre Deus e os seres humanos, são simples figuras. A carta aos Hebreus é a que mais desenvolve esse aspecto da figura de Cristo sacerdote, a fim de que todos compreendam que há um só caminho para Deus, é Jesus Cristo, e uma só reconciliação, que é em Jesus Cristo crucificado. O primeiro aspecto do sacerdócio de Jesus é que ele se faz semelhante aos seres humanos para ser seu representante (cf. Hb 2, 9-18). O segundo aspecto é que Jesus ofereceu-se a si como sacrifício, fazendo-se homem semelhante aos homens menos no pecado (cf. Hb 2, 17). Terceiro aspecto, sua intercessão consegue realizar a reconciliação entre Deus e os homens. Era preciso que ele fosse capaz de reunir as duas partes – Deus com os homens sendo Deus verdadeiro e, unir os

⁴⁹ Eu sou o pão da vida’, disse Cristo. Esta palavra já é bela; mas o catolicismo tirou disso algo mais do que uma bela palavra. Ele quis que Cristo fosse comido por cada fiel não simbolicamente, mas realmente. O pão da comunhão é o próprio corpo de Cristo, não o símbolo de Cristo. Aqui, a razão do crente é reduzida ao silêncio; e o incrédulo considera o dogma da Comunhão digno no máximo dos selvagens da Austrália.” (tradução do autor).

homens com Deus sendo homem verdadeiro, este aspecto da mediação de Jesus através do seu sacerdócio é a meta da carta aos hebreus.

A fé em Jesus Cristo está realmente presente na Eucaristia, páscoa pelo qual Ele mesmo foi instituído como alimento e pela qual integra toda a vida fazendo-a Páscoa de libertação no caminho da vida à morte, da escravidão à libertação. Weil no opúsculo “*Sur l’âme et le corps*” atestará: “[...] a natureza deste objeto finito que é o corpo, não é indiferente. Não achamos que um livro tenha alma [...] somente o corpo humano entre os objetos existentes tem o poder de afetar a alma” (Weil, OC, t. I, p. 93). Para Weil, em linguagem mística os efeitos da Eucaristia já estão contidos em seus sinais. Em primeiro lugar pão e vinho dão a vida eterna – por eles os cristãos unem suas vidas à vida de Cristo e recebem a vida eterna Dele. Pela Eucaristia constrói-se o corpo de Cristo, as pessoas assumem seu lugar no corpo de Cristo. Os efeitos são a efusão do Espírito Santo, por meio do qual se une a seus membros. Toda a vida cristã é efeito da Eucaristia, que é como a condensação de todo cristianismo. Pela Eucaristia, em segundo lugar, se constrói a Igreja como Templo do Espírito Santo, corpo de Cristo, povo de Deus.

É significativo que o Espírito Santo estava de fato junto ao Cristo na celebração Eucarística. Ninguém entra na comunidade Eclesial sem confessar a fé cristã que é trinitária. Nas palavras de Dom Valfredo Tepe (1987) é na Eucaristia que a Igreja enfrenta as adversidades do mundo fortalecendo-se em sua missão de evangelizar. É pela epiclese que marca o ponto culminante da Eucaristia na sagrada oração, que diz:

Na verdade, vós sois Santo, ó Deus do universo, e tudo o que criastes proclama o vosso louvor, porque, por Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, e pela força do Espírito Santo, dais vida e santidade a todas as coisas e não cessais de reunir em vós um povo que vos ofereça em toda parte do nascer ao pôr do sol, um sacrifício perfeito. Por isso, ó Pai, nós vos suplicamos: santificai pelo Espírito Santo as oferendas que vos apresentamos para serem consagradas a fim de que se tornem o Corpo e o Sangue de vosso Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, que nos mandou celebrar estes mistérios (MR⁵⁰, 108, 109).

E na contemplação da Sagrada Liturgia se chega à fé no Espírito Santo, a força transformadora do Pão e do Vinho no corpo e sangue de Cristo fazendo memória de sua Páscoa. Pois, é na epiclese, que a Igreja unânime “implora, por meio de invocações especiais, a força do Espírito Santo para que os dons oferecidos pelo ser humano sejam consagrados, isto é se tornem o corpo e o Sangue de Cristo” (IGMR⁵¹, 79, b). A fé em Jesus Cristo é obra do Espírito Santo. Por isso, o ser humano por si mesmo não poderia vencer o fracasso da cruz nem aceitar

⁵⁰ MR – Missal Romano.

⁵¹ IGRM - Instrução Geral do Missal Romano

um salvador tão frágil exteriormente. Assim, “só uma recriação radical – isto é, que chegue até as raízes e atinja o cerne – do ser humano pode fazer com que no âmbito da criação as coisas andem novamente em conformidade com Deus” (Hilberath, 2008, p. 492).

Tal como esse trecho no livro em *Espera de Deus*: “As coisas religiosas são coisas sensíveis particulares [...] A Igreja pode ser feia, os cantos desafinados, o padre corrompido e os fiéis distraídos. Em certo sentido, isso não tem importância alguma” (Weil, 2019 p. 147). Desse modo, Weil demonstra que as celebrações em si já apontam aquilo que Deus vai realizar e, aí já está sua denúncia. Por isso, pode-se constatar em Weil não atitudes utópicas, nem na teoria, nem na prática. Mas é a experiência que determina a sua atitude dura que diz: “é preciso orar perpetuamente para obter mais verdade e estar continuamente pronto para abandonar qualquer uma de nossas opiniões a partir do momento em que a inteligência receber mais luz” (Weil, 2019, p. 200).

Afirma, ainda, Weil, que é na Santa missa que acontece o milagre dos milagres: “para que um homem esteja habitado pelo Cristo como a hóstia depois da consagração, é preciso previamente que sua carne e seu sangue se façam matéria inerte, e comestível, ademais, para seus semelhantes” (CS 40). Para ela essa matéria pode chegar a ser, por sua consagração secreta, carne e sangue do Cristo. Mas observa: esta segunda transmutação é assunto de Deus somente, porém a primeira é, em parte, assunto do ser humano. Assim, para ela, um pensamento se desenvolveu frequentemente:

Fora da eucaristia existe uma outra circunstância em que o pão torna-se a carne do Cristo: quando ele é dado aos desgraçados em um movimento de compaixão pura. O Cristo disse: “Eu tive fome e me destes de comer”. Por consequência o pão recebido, comido e digerido por um ser humano que tem fome, torna-se sua carne, tornando a carne do Cristo (OC IV, 1, 270).

Ela faz ainda a relação ao exercício físico, ou seja, ao corpo: “se o trabalho de arar me faz emagrecer, minha carne se faz realmente trigo. Se este trigo serve para a hóstia, este se faz carne para Cristo. Qualquer um que are com esta intenção deve se converter em santo” (CS 40).

Gabellieri pergunta então: “Recusar-se a ficar separado do sofrimento dos homens e ser eucaristia para outrem não é a mediação por excelência, a própria mediação realizada por Deus na figura do Cristo Mediador?”⁵². Assim como Levinas, Weil privilegiou o outro sobre o eu, em termos de compaixão (Bingemer, Puente, 2011, p. 167). O trabalho na fábrica e nos campos

⁵² Gabellieri. Simone Weil: uma filósofa da mediação e do dom, p. 314.

demonstra esse fazer-se carne para Cristo. Sua carne se fez trabalho/pão para seus companheiros. Sua experiência existencial corpórea foi de profunda *kenose*, entregou seu corpo e sua alma em comida e bebida para os demais.

Simone Weil foi pregadora do anticolonialismo, é preciso impedir os desenraizamentos sob todo o lugar, onde quer que ele esteja “os camponeses cristãos estão desenraizados também em sua vida religiosa [...] como os jovens membros da juventude operária cristã se exaltam ao pensarem no Cristo operário, os camponeses deveriam extrair o mesmo orgulho” (Weil, 2001, p. 84).

Também nesse aspecto converge com Moltmann (2000, p. 44): “para a base proposta de assumir como ponto de partida a passibilidade divina [...] no conceito de sacrifício eucarístico cruz sobre o Gólgota e o coração do Deus uno e Trino”. Muitos místicos buscaram uma vida de isolamento no deserto, em cavernas, outros, em mosteiros, para assim ter uma maior proximidade com o Divino, abandonando as mordomias de suas casas e familiares para levarem uma vida ascética. Eles escolheram esse estilo de vida para poderem ter maior proximidade e doação com algo que os transcendessem e os aproximassem do Deus Uno e Trino. Não estavam se escondendo ou fugindo de si. Essa vida era para se doarem à oração e à contemplação, porém Weil faz de forma contrária, insere-se no meio dos pobres e operários na busca do eterno sacrifício como auto-amor de Deus Trino.

Esta seguinte citação de Simone Weil: *Terit carni superbiam –potus cibique parcitas*⁵³, faz-nos perceber que nossa carne é vulnerável. A soberba da carne é crer que ela sorve sua vida nela mesma. A fome e a sede lhe faz sentir que ela depende do lado de fora. O sentimento de dependência torna-a humilde. Assim traz a dualidade existencial presente na matéria inerte, que faz o ser humano perceber sua condição de ser humano, encarnado no mundo com suas fragilidades e debilidades. Nota-se seu paralelo também com a teologia anglicana onde o amor é vivenciado na *Shekinah*⁵⁴, pois na cruz reside a vitória decisiva da paixão eterna de Deus.

Na cruz do Calvário manifestou-se o coração eterno da Trindade. Por isso, é a partir da cruz histórica sobre a terra que se deve remontar à essência do eterno, para assim podermos reconhecer o protótipo divino [...] A argumentação teológica dessa concepção parte da *eucaristia*, passando para a cruz histórica do *Gólgota*, e retomando finalmente a eterna *essência de Deus*. Deus é amor; o amor envolve o passível; a possibilidade do amor realiza-se na auto entrega e no auto sacrifício do amante. O auto sacrifício é a essência divina (Moltmann, 2000, p. 45-46).

⁵³ Citação de Simone Weil: "Que elas consomem a soberba da carne, as restrições do comer e do beber. Hino do século V, atribuído a Santo Ambrósio, utilizado para a hora Prima nos monastérios".

⁵⁴ *Shekinah*: Seguindo a explicação de Moltmann (2000, p. 41 grifo do autor) é “a efetiva *habitação* do Senhor no meio de Israel, a modo de *condescendência* do eterno, e o *prenúncio* da glória daquele que há de vir”.

E foi nessa vulnerabilidade vivida por Weil, nessa teologia do Deus Trino sofredor, que o Cristo a conheceu mais intimamente que ela mesma, tamanha foi sua identificação, pois, entregou seu corpo em comida e bebida. O dualismo existencial⁵⁵ está presente e vai mostrando a Encarnação, situando-a no mundo.

Contudo, no momento da entrega, do enraizamento, encontramos em nosso ser, nossa essência divina, nossa unidade ontológica. Pela vida de Simone sabe-se que a eucaristia aconteceu em seu cotidiano! É como se fizesse valer as palavras de Santo Agostinho (*De Trinit.* VII, 12. 14): “*Immo vero vides trinitatem, si vides caritatem [...] Ecce tria sunt, amans et quod amatur, et amor*”⁵⁶.

Desse modo, pode-se atualizar o que os escritores antigos entenderam quando formularam as explicações do Credo se referindo ao Espírito Santo como ζωή (zōē), isto é, Vida em um sentido complexo para além do sentido físico, mas, como utilizado no Evangelho de João uma Vida presente, atuante de ação na esperança da máxima vida que é a eternidade.

Weil chama atenção (2019) ao dar a expressão dessa vida em forma de amor. Tão radical com o Natal do Senhor para voltar no mundo a alegria, a esperança e a vida, a pessoa mesma de Deus se fez visível no rosto de uma criança simples e pobre, mas rica do seu amor para todos (Lc 1- 2). E assim, o amor implícito de Deus tem três objetos imediatos, onde Deus ao assumir a Natureza humana e ao subir aos céus se faz presente: nas cerimônias religiosas, na beleza do mundo e no próximo e, a esse Weil acrescenta também a amizade⁵⁷.

Mas é só o amor de Deus que torna possível isto e sobretudo a filiação divina. Com o novo nascimento, o Espírito Santo criou no fiel uma relação filial, isto é, “o Espírito é o doador da Vida, porém não separadamente do Pai e do Filho” (Elowsky, 2021, p. 53). É o Espírito Santo quem dá a vida eterna a Jesus, assim, achava-se livre em seu modo de agir e falar durante toda a vida pública e daí procede o dom da sua profecia de uma liberdade total, mesmo diante da cruz porque era confiante no Espírito que dá a vida (Comblin, 2009b, p. 66).

⁵⁵ Emmanuel Gabellieri não trata do tema diretamente sobre o dualismo existencial e a unidade ontológica. Entretanto, desenvolve o tema sob o ponto de vista sobre a luta entre o bem e o mal. Há dualismo moral – há luta entre o bem e o mal. Ele afirma que pode haver impressão que ela é maniqueísta. Para ela, não é o corpo bom e o espírito ruim, os dois são bons. Corpo e alma. Le détachement é mal. A idolatria do corpo é mal. Assim, na Igreja quando tudo cai no racionalismo, como, por exemplo, a escolástica moderna separou alguns autores como Blondel e Henri de Lubac pensaram na unidade entre filosofia e teologia. Eles irão retornar aos Padres da Igreja, pois no modelo da patrística há unidade sempre. Simone foi leitora destes e dos Padres da Igreja. Não houve oposição, houve cuidado para não cair na divisão e sim em uma unidade e conexão entre corpo e alma. (Gabellieri. *Être et Don: Simone Weil et la philosophie*, p. 134-135).

⁵⁶ Tu vês, a Trindade, se vês a caridade[...] Pois o amante, o amado e o amor são três (tradução do autor).

⁵⁷ L’amour implicite de Dieu ne peut avoir que trois objets immédiats, les trois seuls objets d’ici-bas où Dieu soit réellement, quoique secrètement présent. Ces objets sont les cérémonies religieuses, la Beauté du monde, eteet le prochain. Cela fait trois amours. A ce trois amours il faut peut-être l’amitié; em toute rigueur, ele est distincte de la charité du prochain (Weil, 1950, p. 100).

Algumas das experiências que a jovem francesa realiza são bastante significativas nessa perspectiva da Vida, da mística do Amor, como por exemplo, Weil comprova misticamente que se trata apenas de transformar a vida cotidiana em uma metáfora à significação divina, uma parábola. “Uma metáfora, são palavras sobre as coisas materiais e revestidas de uma significação espiritual” (OC IV-1, 265). “Assim o espetáculo do grão que penetra no sulco (na terra), se o camponês que semeia é capaz de ler este espetáculo na alma carnal (o velho homem) que morre para ressuscitar como nova criatura de Deus” (OC IV-1, 265). Weil, já vai tendo uma relação íntima e profunda que consegue permanecer em silêncio, uma paz inquietante, como se lê na história de São João Maria Vianney, o Cura d’Ars que perguntou a um velho camponês o que ele fazia na capela sentado durante tantas horas. Não parecia rezar. O camponês apenas respondeu: “Eu olho para Ele e Ele olha para mim... estamos bem assim juntos” (Vianney [1829?] *apud* Bloom, 1987, p. 10).

Jesus nesse olhar inclui a humanidade no mistério de Deus, a intimidade do silêncio que contempla a Trindade, mas que leva a um amadurecimento do eu, onde Weil tem uma significativa intuição, na mística, além da procura e do contato íntimo pelo transcendente, por outro lado, é preciso uma transformação da relação consigo mesmo por contágio vital que vai do puro a imundo. Talvez Weil esteja em plena confusão nas suas divagações filosóficas, política e mística. Seus argumentos desembocarão em um escrito de Londres: “*Sobre a questão colonial e sua relação com o destino do povo francês*” que verbera num caminho de espiritualidade real:

[...] sabemos que Cristo nunca disse que os navios de guerra devem acompanhar, mesmo que de longe, aqueles que anunciam a Boa Nova. A presença deles muda o caráter da mensagem. O sangue dos mártires dificilmente pode conservar a eficácia sobrenatural que lhe é atribuído quando vingado por armas. Queremos ter mais frutos nesse jogo do que é permitido ao homem quando tentamos ter tanto César quanto a cruz (Weil, 2018, p. 86).

Para Weil esses que produzem os métodos coloniais europeus que desenraizam são incapazes de deixar-se guiar pela Trindade, pelo bom pastor Jesus, por um homem que tem a excepcionalidade de ser também Deus. São insipientes que se obstinam na sua insipiência. Mais uma vez perdem a grande ocasião de encontrar a Sabedoria e de deixar-se fascinar por ela, em vista de uma radical transformação, que transparece na “liturgia cume para a qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força” (SC⁵⁸ 10^a).

⁵⁸ SC – Sacrosanctum Concilium

Weil (2016, p. 38-39) conclama que alguns fatos são produzidos na carne, um homem pode chorar as amarguras produzidas na dor física ou psicológica ou chorar pensando somente em Deus. Para a mística Weil as lágrimas pensadas em Deus são um mecanismo sobrenatural, os milagres assim vistos por ela são a filosofia real que tem como um verdadeiro Graal a Eucaristia, como já refletido no primeiro capítulo ao se abordar sobre o Espírito Santo e Jesus. Weil (2016, p. 13-15) vê até nas religiões do passado uma determinante preparação para o cristianismo.

No escrito denominado “*Em carta a um religioso*” sua ousadia é tanta que é capaz de explicar os sacramentos da Santa Igreja de Deus comparando-os a cerimônias, rituais de Elêusis e de Osíris com o Batismo e a Eucaristia, ou afinidades entre Melquisedeq com o Pão de Deméter e o vinho de Dionísio.

Suas posições estão em harmonia, como já foi mencionado acima, Eusébio de Cesaréia - *praeparatio evangelica* - e São Justino que atesta as sementes do *Logos* presente em todas as culturas e povos da terra, a abertura transcendental para o divino. Isso não quer dizer que havia várias encarnações do Cristo, mas que nas culturas dos povos existe uma próxima verdade ao Deus de Jesus Cristo. Como já foi mencionado, é na Eucaristia que a comunidade dos fiéis mergulha na fonte da Santíssima Trindade, conecta-se com todo o Universo. Assim diz Weil:

O universo indefinido em si é abstrato. Quando eu caminhasse indefinidamente pelo mundo, teria apenas um espaço limitado diante dos meus olhos a cada momento. Se o universo existisse indefinidamente, a existência sem limites surgiria por si mesma; e certamente não foi isso que Spinoza quis dizer, aquele que não considerava Deus como indefinido, mas como infinito (OC, t. I, p. 93).

No grande silêncio da consagração, Weil mergulha diante do Pão e do Vinho eucaristizados no fecundo mistério do Espírito. Pois “ninguém pode dizer: Jesus é Senhor a não ser no Espírito Santo” (1Cor 12, 3).

Nisso a assembleia litúrgica é convocada a viver segundo a caridade e a justiça. Weil não rejeita de forma alguma o culto em si mesmo, pelo contrário, em uma espécie de Linguagem profética, como vimos acima, convoca a assumirem responsabilidades concretas dentro da sociedade confiando na força e guia do Espírito Santo. “Deus está presente nas práticas religiosas quando elas são puras, da mesma maneira que está presente no próximo e na beleza do mundo” (Weil AD p. 142). Nisso se constata em Simone Weil a teodiceia duas palavras gregas: “theos” (Θεός) e diké (Δίκη), que significam, respectivamente, Deus e Justiça. E a justiça de Deus é assumir a natureza humana e se entregar na cruz com total amor.

A teodiceia é parte da teologia que trata da coexistência de Deus todo-poderoso de infinita bondade com o mal inexplicável dentro da humanidade. O termo teodiceia vem daquilo que significa, literalmente, “justiça de Deus”. A terminologia provém de 1710 pelo filósofo Alemão Gottfried Leibniz, num trabalho que ele intitulou de “*Essais de Théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*”. O objetivo dessa obra é mostrar que a presença do mal não entra em desacordo com a bondade de Deus⁵⁹.

A teodiceia é a maneira da Filosofia que demonstra racionalmente a existência e os atributos de Deus. Para isso Leibniz (1969), usa apenas a razão humana, sem utilizar nenhum registro sagrado. Prevê que existe um Deus que nos dá livre-arbítrio, ou seja, opção de escolha. As escolhas, porém, não sendo feitas com responsabilidade, conduzem o homem ao mal natural ou o mal moral. Em contraposição, utilizando da bíblia, Simone Weil (2009, p. 85) olha para Jesus e afirma: “o *malheur* obrigou a Cristo a suplicar para ser poupado, a procurar consolo junto aos homens, a se acreditar abandonado pelo seu Pai”. Eis porque Weil (2009, p. 84) também diz: “o grande enigma da vida humana não é o sofrimento, mas o infortúnio”.

Destarte, se pode compreender quem é o Deus Cristão para Weil; dentro desse contexto do sofrimento e da teodiceia, a Justiça de Deus é a Ressureição. Weil entende que Cristo não é a força, na realidade ele ao assumir a condição humana foi o contrário da força. É um Deus que morre na cruz, e esta sua fraqueza que é uma força de libertação. Nisso esse mendigar pela humanidade é o sentido mais proeminente e eficazmente indiscutível para a Divindade de Jesus.

De toda forma, Weil não é uma subversiva, no sentido de não aceitar a dogmática e doutrinas formuladas nos séculos, mas compreende que é preciso primeiro fazer a experiência da caridade, onde o cristão faz valer o batismo que recebeu como graça divina. Weil vai para além da doutrina, é uma mulher tocada pelo Espírito e que tem suas inquietações: “... Quand je lis le catéchisme de Trente, il me semble n’avoir rien de commun avec la religion. Quand je lis le Nouveau Testament, les mystiques, la liturgie, quand je vois célébrer la messe, je sens avec une espèce de certitude que cette foi est la mienne”⁶⁰ (LR⁶¹, 1).

A realidade concreta atua historicamente na humanidade, num embate dialético onde as armas estão nas mãos dos poderosos. Destarte, toda a celebração implica numa transformação, pois a Liturgia, a Palavra de Deus e a Vida caminham juntas. A fé cada dia mais se torna presa fácil de contaminação pelos ceticismos, secularismos, esteticismos, argumentações de um

⁵⁹ Para melhor aprofundamento ler: *Essais de Théodicée*. da filosofia de Leibniz.

⁶⁰ Quando eu leio o catecismo do Concílio de Trento, parece-me não ter nada comum com a religião que nele é exposta. Quando eu leio o Novo Testamento, os místicos, a liturgia e eu vejo a missa celebrada, tenho uma espécie de certeza de que essa é a minha fé (tradução do autor).

⁶¹ LR – Lettre à um religieux

mundo incrédulo. A fé na Eucaristia pede uma transformação, uma regra e conduta de vida ética de acordo com a Trindade.

Essa conversão é possível, porque Deus se manifestou na carne, na contingência histórica, na figura finita, única e, nenhuma concepção humana poderá superá-la e contemplá-la em sua totalidade e mais além, Ele deixou o seu Corpo e o seu Sangue eucaristizados, para que a humanidade pudesse participar da Trindade, onde por essência, o Filho de Deus já está. Weil, uma jovem muito à frente do seu tempo religiosamente percebe que as suas razões eram generosas, mas por vezes incompreendidas.

Ao afirmar a Igreja Católica que nas espécies está o corpo e o sangue de Cristo a mesma oblação na assembleia reunida realizando o memorial “oferece ao Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada; ela deseja, porém que os fiéis não apenas ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer-se a si próprios” (IGMR, 79, f).

Oferecer-se a si próprio na Eucaristia significa uma íntima união nos laços estreitos eclesiais, uma comunhão sempre mais forte com a Santíssima Trindade e por esta celebração universal e unicamente pela graça do Espírito Santo faz com que Weil de certo modo comungue espiritualmente, já que não se aproximava da comunhão enquanto não fosse batizada, embora tivesse a práxis segura da Eucaristia como “vivência da fé Pascal”. Tem como cume a doxologia final: “glorificação de Deus e é confirmada e concluída pela aclamação Amém do povo” (IGMR, 79, h).

Weil (2022, p. 103) também declara que “o Evangelho não faz nenhuma distinção entre o amor ao próximo e à justiça”. A família cristã deve seguir os passos indicados pelo Mestre, pois para Weil “a humanidade tem necessidade de santos que tenham inspiração, assim como uma cidade assolada pela peste precisa de médicos” (1950, p. 67 tradução do autor)⁶² e então devem ser arrebatados pelo sopro do Espírito Santo a fim de continuarem a missão começada pelo Filho anunciador do Reino para que se construa uma humanidade nova, mais fraterna, sem divisões e guerras, unida no sinal do amor que Jesus ensinou. Embora não seja frequente essa experiência com todos há muitos cristãos que a levam a sério por toda parte do mundo. Muitos irradiam a força do Espírito Santo, a ação Trinitária na história.

Portanto, os homens atingidos pelo *malheur* se acorrem a Deus Trindade, o vê na cruz e, por isso, os santos mártires eram capazes de entrar felizes no coliseu e davam a vida. O problema é que atualmente não se quer lutar com as armas fracas, esse é o problema dos pobres e Jesus luta com as armas dos pobres, o testemunho da verdade, esse testemunho não impede a

⁶² Le monde a besoin de Saints qui aient du génie comme une vele où il ya a la peste a besoin de médecins. Là où il y a besoin, il y a obligation (Weil, 1950, p. 66).

morte. Isso conduz Weil em uma confusão de registros: político, existencial, místico. Busca meios para que ninguém se sinta mobilizado por um desejo de dominação. É como um abrir espaços para formas de vida e vocação.

Mas o novo ponto de vista não pode ser simplesmente uma bandeira, por isso, Weil também faz com maestria sua defesa notória contra a supressão dos partidos políticos e enfatiza: “... a instituição dos partidos parece construir um mal quase puro, cristalino. Eles são ruins desde o princípio; em termos práticos, seus efeitos também. A supressão dos partidos constituiria um bem quase puro” (Weil, 2021, p. 28).

3.3 Resumindo

Em síntese foi apresentada a concepção mística cristã de Simone Weil. Não se teve a intenção de expor, neste capítulo, a sua história, sua carreira brilhante de filósofa, professora de dons intelectuais excepcionais. Buscou-se debater sobre o seu questionamento sobre a restrição da salvação, visto que fora da Igreja não se pode encontrá-la. Desde então Weil convive em um constante debate, trabalha nos campos, “foge” para Nova York, hesita em receber o batismo até o dia, em que sendo batizada, entregou humildemente a sua vida a Deus.

Sob esses argumentos visuais e de certa forma individuais se mapeou seu vasto escopo epistolar em que atestou, acreditou e confirmou o dogma da presença real de Jesus na Eucaristia, em uma perspectiva mística teológica campesina com uma rara sensibilidade de interpretar o contexto de sua época. Simone Weil deixou belos escritos místicos, experienciou e demonstrou o ser missionária profundamente dando a vida pela Igreja, antes mesmo de entrar nela.

O apelo de Deus através do agir humano é ação de serviço ao seu semelhante toda aquela pessoa que necessita de solidariedade e que está mais próximo. Tal é a referência constituída no próprio Cristo e não através de critérios egoístas. A tentação humana é se fingir de cegos em grupos minoritários, por exemplo na paróquia, no movimento pastoral, na roda de amigos e familiares. Na realidade é preciso praticar a Justiça, que por excelência é também dom de Deus.

Contudo, a ação não pode ficar presa apenas neste pequeno mundo. A pessoa muitas vezes não se pergunta o que a Trindade lhe pede. No entanto, o apelo de Caridade que a Trindade faz vai muito além. No pensamento de Weil transparece no praticar a solidariedade sem visar interesses – é ser profeta - basear-se na lei de Cristo, denunciar os novos ídolos para salvar e promover a vida. Simone Weil decide com plena responsabilidade a assumir uma posição pessoal e arriscada pelo bem comum. E nisso descobrir humildemente a incapacidade humana para poder acolher a paz interior que emana da Trindade.

4. JOSÉ COMBLIN POR UMA IGREJA EM AÇÃO

Pode-se conjecturar toda sequela de deformações sobre a vida cristã, que procede dos intelectuais que não se dedicam ao serviço do Reino. O Evangelho para os dias de hoje é o anúncio, assim, Comblin acredita que foi dentro da vida comum a serviço de uma missão que nasceu um entrosamento profundo e um verdadeiro apego dos discípulos baseado num reconhecimento verdadeiramente humano.

O professor explica que os discípulos de Jesus não são os sacerdotes serventes do culto de seu Deus e, tampouco são servidores ou empregados a serviço de uma empresa de conquista de pessoas e afirma que são realmente amigos. A incompreensão dos discípulos sobre Jesus era compreensível. Enquanto Jesus permanecia aberto e disponível para um Reino que ficava totalmente nas mãos do Pai, imprevisível, imponderável, inescrutável, os discípulos já faziam especulações: como os eclesiásticos de todos os tempos, já faziam do reino o “seu” negócio. Desse modo, Comblin no opúsculo, “*Um novo amanhecer da Igreja*”, faz diversos apelos para que a Igreja coloque no seu centro o Evangelho e não a Doutrina.

Dentro da mensagem de Jesus e da sua obra os pobres ocupam um lugar central. Na Galileia Jesus causou a admiração dos camponeses, que ficava restrita aos limites de um povo rural de pouca repercussão social. Jesus tornou-se a esperança daquele povo pobre e abandonado, que se sentiu atendido, compreendido. “A Igreja é o povo dos oprimidos que encontra em Jesus Cristo a esperança da libertação total e recebe do Espírito Santo a sua força e a coragem de lutar por esta libertação” (Comblin, 2011b p. 147).

4.1 Teologia da enxada e fundação do Seminário Rural

José Comblin, nasceu em um país católico, na Bélgica plasmada na Reforma Tridentina, educado nas bases da observância do Concílio de Trento, com as suas vantagens e desvantagens. Contudo, segundo Hoornaert (2022a, p. 193), desde muito jovem Comblin sentiu-se indignado “com os *erros colossais* (palavras suas) cometidos pela igreja em relação ao legado de Jesus de Nazaré ao longo dos tempos”. Ordenado Sacerdote em 1947, nomeado vigário auxiliar em Bruxelas percebeu “que a Igreja na Europa já não tinha prospectiva de futuro” (2003, p. 719).

Quando o Papa Pio XII convocou os padres para lutar contra o Comunismo na América Latina viu a oportunidade para fomentar uma Igreja viva, já que na Bélgica ela estava envelhecendo. Comblin chegou em São Paulo em 30 de junho de 1958, e foi direto para o

colégio Oiseaux, fundado pelo grupo de Cônegas de Santo Agostinho – Congregação de Nossa Senhora (Muggler, 2012, p. 50).

O próprio Pe. Comblin (2003, p. 722), afirma que teve sorte de chegar no momento histórico da fundação da Igreja latino-americana com identidade própria. Para Comblin (2003, p.722) “em 1958 estava nascendo ao redor de um grupo de bispos que foram os verdadeiros fundadores das Igrejas latino-americanas”.

Por ora, não serão relatados os momentos pré-conciliares vividos pelo Pe. José Comblin na América Latina de 1958 a 1960. Não se aprofundará sobre a sua participação na Juventude Operária Católica (JOC), nas obras que escreveu: *A Ressurreição de Jesus Cristo*, *Théologie de la Paix* (Teologia da Paz), ou seu trabalho de professor exercido durante esses anos no Brasil e no Chile. Veremos o Padre Comblin desde as concepções do Vaticano II e as Conferências Latino Americanas. Em seguida se mostrará brevemente o seu trabalho com os Seminaristas do Instituto Teológico do Recife (ITER), a fundação do Seminário Rural e a fundação da Associação dos Missionários do Campo, e em seguida se apresentará a formação das Missionárias do Meio Popular e a sensibilidade de Comblin para com as mulheres.

José Comblin aparece de personalidade serena e de uma fidelidade genuína ao Evangelho de Jesus no mundo dos pobres, com iniciativas singulares de homens e mulheres conduzidos pelo Espírito de Deus. Sente-se compelido a levar avante o Reino nas periferias do campo e da cidade, sendo fiel às propostas do Concílio Vaticano II que colocou toda a Igreja em alvoroço e foi esperado como um meio de realizar muitas mudanças já previstas e tão almejadas. Consta que José Comblin acompanhava com grande expectativa os passos que a Igreja dava em direção a Jesus de Nazaré. Nessa jornada será importante ver como os documentos do Vaticano II se colocaram junto ao lado dos pobres e valorizaram a pessoa do leigo.

Destarte, todos os batizados em nome da Trindade, eram na Igreja chamados a ser, de modo igualitário, pedras vivas em um edifício espiritual, onde a Igreja tratava de se recompor, entrando no meio dos pobres e fazendo ali a sua habitação natural, tornando-se cada vez mais testemunha de Jesus de Nazaré.

Cristo Senhor, Pontífice tomado de entre os homens (cf. Hb 5, 1-5), fez do novo povo “um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai” (cf. Ap 1, 6; cf. 5, 9-10). Com efeito, pela regeneração e unção do Espírito Santo, os batizados são consagrados para serem edifício espiritual e sacerdócio santo, a fim de, por todas as obras do cristão,

oferecerem sacrifícios espirituais e proclamarem as grandezas daquele que das trevas os chamou para a sua luz maravilhosa (cf. 1Pd 2, 4-10) (LG⁶³ 27).

O Concílio deixou evidente que “o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, apesar de diferirem entre si essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se um para o outro” (LG 27). Desse modo é preciso entender os cânones que possibilitam uma ação pastoral frutuosa no ministério da Palavra de Deus.

Nesta perspectiva pode-se compreender que o Vaticano II constituiu-se como uma oportunidade preciosa favorecendo a riqueza teológica brilhante e intuitiva de padre José Comblin. No contexto Latino Americano, assolado pelas diversas ditaduras, era o momento para se delinear uma nova maneira engajada com um cristianismo afinado cada vez mais ao evangelho em defesa da vida.

Vale ressaltar que a Igreja da América Latina nos idos de 1968 caminhava para apoiar os grupos laicais reunidos nas chamadas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Essa maneira de ser Igreja compreendia que a conjuntura política dos sindicatos rurais, da luta pela terra e cooperativas tendiam a dar espaço e voz também à personalidade feminina, especificamente, a mulher sertaneja tão assolada pelo machismo e ditadura vigente.

Constata-se essa maneira de descolonizar e valorizar o autóctone latino na figura de Dom Leônidas Proaño⁶⁴, que teve muita influência da JOC⁶⁵. No Equador, especificamente em Quito, na Diocese de Riobamba, o padre José Comblin colaborou quase vinte anos com Dom Proaño, bispo de uma população, cuja maioria era indígena. Foi nesse lugar que teve a primeira ligação de trabalho com os camponeses, especificamente os seminaristas e a fundação do Seminário Rural articulado pelo padre José Comblin em Riobamba: “Durante o ano, uma infinidade de indígenas, camponeses, agentes de pastorais, religiosos e sacerdotes passavam por lá em jornadas de formação, retiros espirituais [...] construindo assim a Igreja do Povo de Deus” (Muggler, 2012, p. 135).

O Padre Comblin sempre teve admiração por Dom Proaño pela sua simplicidade e ousadia, em um dos encontros em que se reuniram bispos latinos-americanos, religiosos, leigos

⁶³ LG – *Lumen Gentium*

⁶⁴ Leônidas Eduardo Proaño Villalba (San Antonio de Ibarra, nasceu em 29 de janeiro de 1910 e morreu em Quito, 31 de agosto de 1988) – Bispo de Riobamba, Equador. Segundo Comblin (2003, p. 726) tinha uma linguagem simples, era de uma inteligência intuitiva. Houve uma intervenção da Santa Sé em sua diocese, o visitador descobriu uma realidade totalmente diferente do que se tinha sido denunciado, no fim da entrevista a duas mil pessoas, apenas 20 tinha falado mal do bispo e fora feito um relatório muito favorável. Roma nunca mandou uma ratificação (Leo Ib-26, 2019).

⁶⁵ É conveniente assistir o documentário: Especial Monseñor Leônidas Proaño, este vídeo está reservado con los derechos de el ecuador tv. <https://www.youtube.com/watch?v=IXxeQKeXoNo>.

e leigas para discutirem sobre repercussões pastorais para uma Igreja viva na opção preferencial pelos pobres, as cinquenta e sete pessoas presentes foram retiradas da casa de formação às pressas. Entre eles se encontrava Adolfo Perez Esquivel, que recebeu o prêmio Nobel da Paz. No meio da noite, um deles sugeriu que celebrassem a missa, um dos oficiais conseguiu pão e vinho, não houve cânticos, mas foi inevitável a partilha do Evangelho. O bispo León, da Diocese de Cumaná, expressou-se da seguinte forma: “esta é a primeira vez que compreendo o sentido profundo da eucaristia, você, Comblin, nos deu a lição teórica e agora temos a lição prática” (Muggler 2013, p. 139).

Esses encontros, conforme a conjuntura latino-americana e o Concílio Vaticano II, deram destaque expressivo aos evangelizadores indígenas que “eram pessoas de convicção, firmes na fé, disponíveis e que marcavam as comunidades por onde passavam” (Muggler, 2012, p. 136). Estas obras não esgotavam sua prodigiosa atividade e se admiravam do Padre Comblin, não somente na ciência teológica, mas também na vida intemerata. Identificava-se com Dom Proaño e gostava muito de recordar dos momentos marcantes tornando-se defensor dos sem voz e sem vez.

É notória a defesa de Comblin aos mais vulneráveis da sociedade não apenas no Brasil, mas por toda a América Latina sempre preocupado com o Evangelho da vida, exilado de onde considerava sua pátria o Brasil, até mesmo Roma por vezes, na pessoa do cardeal Baggio, fora contra a atuação ao lado dos camponeses.

Muggler (2012) relata que o Padre Comblin em um encontro com bispos latino-americanos, teólogos, religiosos e leigos de Riobamba em agosto de 1976, com as pressões internacionais sobre o governo equatoriano fizeram com que se suspendesse o aprofundamento teológico, social e pastoral. Conforme Muggler (2012, p. 139) “quando o grupo juntou as peças descobriu que por trás de tudo havia uma intervenção de Roma, na pessoa do cardeal Baggio, grande inimigo de Proaño”. Ora se ressoava nas conferências do CELAM⁶⁶: “se os militares fazem o que fazem conosco bispos da Igreja... imagine o que fazem com os camponeses, operários e marginalizados” (Mugller, 2012, p. 140).

Assim, logo após o Concílio Vaticano II, os bispos reunidos em Medellín se preocuparam na atualização da Igreja na América Latina e começaram a divulgar o valor da Celebração da Palavra de Deus em lugarejos em que os presbíteros pouco davam assistência pelas longas demandas pastorais. Dom Leônidas Proaño foi um dos primeiros bispos na diocese

⁶⁶ Conferência Episcopal Latino Americana.

de Riobamba a fomentar as reuniões e celebrações com indígenas e animadores de base. Tal perspectiva fora melhor elaborada no documento de Puebla:

A Celebração da Palavra, com uma abundante variada e bem acolhida leitura da Sagrada Escritura, são de muito proveito para a comunidade, principalmente onde não há padre e, sobretudo para a realização do culto dominical [...] quem preside a celebração é o animador de comunidade que, por sua atuação, favorece a participação de todos os fiéis; donde a importância duma forma digna e adequada para celebrar (DP⁶⁷ 930, 931).

É fato que as indicações doutrinárias atuais em torno da diferença entre cristãos leigos e cristãos ordenados, são, sem dúvida, legítimas, mas nunca podem levar a Igreja a promover ações pastorais que ignorem a dignidade igualitária de todos os batizados. A Trindade criou a humanidade não para o isolamento ou o fechamento em si, mas criou-a para a vida comunitária à busca de uma nova forma de evangelização, nem nivelamento, nem uniformidade, mas dom, partilha e comunhão à semelhança da Trindade (Tepe, 1987).

A opção preferencial pelos pobres encontra na Trindade a razão última do processo de libertação e o modelo mais acabado do viver em sociedade (Boff, 1986). Onde o Espírito Santo sacode as realidades e mexe as estruturas. Conforme Canova e Calado (2012, p. 49), atualmente funciona em Quito, “o centro de formación juvenil Leônidas Proaño” local onde jovens da zona rural e da periferia urbana participam de formação e atualização, método pedagógico de Comblin, Proaño e Paulo Freire.

De forma breve, expôs-se a atuação de Padre Comblin em países como Chile e Equador. Dando continuidade, focar-se-á especificamente na sua vida missionária no Nordeste do Brasil, passando pela sua contribuição no acompanhamento dos seminaristas na chamada “teologia da enxada” e, depois na fundação do Seminário rural. Comblin (2003, p. 724) atesta: “quem me chamou ao Recife foi dom Hélder⁶⁸ claro que com uma intervenção de padre Marcelo Carvalheira, que era reitor do seminário de Olinda naquele tempo”. Os Seminaristas do Instituto Teológico do Recife (ITER) almejavam uma teologia prática, onde os leigos pudessem

⁶⁷ DP – Documento de Puebla

⁶⁸ Para demonstrar todo o impacto que a vida de Dom Hélder causou na pessoa de José Comblin seria preciso uma outra dissertação que fugiria do enfoque do qual esse trabalho se propõe. Em uma entrevista Comblin (in: Condini 2004, p.110) afirmou: “Para entender Dom Hélder precisa entender o Ceará, procure entender o padre Cícero. Ele conheceu o padre Cícero”. Destarte, Comblin era grande devoto do padre Cícero pelo seu compromisso com os mais pobres (Comblin, 2011c). Esse afeto de Comblin por dom Hélder pode-se assistir ao documentário realizado por ocasião da morte de dom Hélder. Disponível em: <https://www.heldercamara-actualites.org/le-jour-du-seigneur/>. De inúmeros artigos, dissertações e teses sobre dom Hélder, pode-se ler: “Dom Hélder Câmara: modelo de Esperança para a caminhada da paz e Justiça”. Dissertação de Mestrado de: Martinho Condini. Nessa dissertação se consta a entrevista que Condini fez a Comblin.

conhecer de fato a doutrina e a vida da Igreja para uma prática do Evangelho em meio às periferias. Eis o testemunho de João Batista Magalhães na dissertação de Santos (2007, p. 19):

Vamos para o ITER, mas lá a gente estuda coisas que não tem nada a ver com o que a gente tá vivendo aqui. Vamos estudar o Tratado sobre a graça, falar dos dogmas da graça, as discussões de Santo Agostinho e Pelágio, etc. Toda uma discussão teológica acadêmica e nós depois pegávamos um ônibus apertado e íamos morar no Bairro Bom Sucesso, na periferia. Eu procurava a graça lá e não via. De noite subia o morro pra fazer a reunião com o povo das periferias, para preparar um pouco a novena no mês de maio nas casinhas com luz de candeeiro e cadê a graça?

Em 1969, o Padre José Comblin acolhe a iniciativa destes jovens que com ousadia permitiam se formar com uma metodologia em que correspondesse uma formação teológica com a cultura religiosa popular do meio rural. A espiritualidade de Comblin está muito ligada à orientação da evangelização e à busca da Palavra de Deus com o comprometimento ao Reino de Deus que não é destinado aos preguiçosos, aos mornos e aos negligentes, mas como Jesus exorta no Evangelho: “o reino dos céus adquire-se com a força e os violentos apoderam-se dele” (Mt 11, 12).

Guedes Neto (2022 p. 122-130) apresenta com destreza como os pioneiros da chamada “Teologia da enxada” que viviam, evidentemente, dos trabalhos educativos nas cidades de Tacaimbó-PE e Salgado de São Felix-PB se destacavam. Sobressaem-se os seminaristas João Batista, que trabalhava na Paraíba como auxiliar de serviço no gabinete da secretaria de Educação e Raimundo Nonato, professor de Matemática e desenho no Ginásio pela prefeitura de Tacaimbó.

Na obra: “Teologia da enxada” de 1977, Comblin descreve que “em 1969, nove seminaristas resolvem viver alguns anos na região rural, cinco em Salgado (PB) e quatro em Tacaimbó (PE)” (Comblin, 1977, p. 14). Mas, já em 1975 ele afirma que a experiência da teologia pertence ao passado, teve vida curta – seis anos - mas que conforme Hoornaert (2022b, p. 126) “o próprio Comblin não falava em teologia da enxada, mas na experiência, método e programa de vida”.

Percebe-se então, quanta sensibilidade teve Comblin para com a força notória os Seminaristas do ITER tiveram, os seus questionamentos, seus anseios por uma formação viva fez com que se propussem a identificar-se com a situação do povo mais simples, logo após o Concílio Vaticano II, com todo o apoio dado pelo padre José Comblin. O objetivo é mostrar qual é verdadeiramente o poder de Jesus que transforma a realidade. Observa-se a percepção da experiência cotidiana de uma mudança de pensamento que promove a relação com o Deus

Trindade, com os tratados dogmáticos e orienta para a comunhão pessoal com Deus e com os irmãos sofredores.

Passada essa experiência de Comblin com os jovens seminaristas do ITER, pelos anos de 1976 o bispo de Talca, Dom Carlos González, sentiu a necessidade de uma formação sacerdotal que conviesse aos camponeses, recebendo do Vaticano sua aprovação. Padre José Comblin sempre que podia estava no Seminário Rural e para o estudo foi preparado o Breve curso de teologia – baseado na teologia da enxada (Muggler, 2012).

Na Paraíba, Brasil, foi criada em 1976 a Região Episcopal de Guarabira, uma das partes mais pobre da Arquidiocese da Paraíba. Suas comunidades eram dinamizadas por leigos/as e boa parte da população vivia na zona Rural. Especificamente a Região Episcopal de Guarabira tinha majoritariamente um clero de estrangeiros oriundos da Itália, Bélgica e França. Sete desses Padres eram da Província: Franco – Belga – Holandês⁶⁹, Ordem dos Cônegos Regulares Lateranenses: Mathieu Hoefnagels, Lambert de Grooet, João Baptista Schijns; Gérard Verth; Daniel de Leeuw; Conrad Wijanands; Léon Virssers (Pe. Leonardo Virssers, CRL⁷⁰ ordenado a pedido de Dom José Maria Pires, apoio de José Comblin, foi o primeiro ecônomo da Associação dos Missionários do Campo), e o Fratello Martin Van Doorne (Maurille, 2008, p. 127).

Comblin teve contato direto com o carisma dos Cônegos Regulares⁷¹ de Santo Agostinho, da Congregação do Santíssimo Salvador Lateranense, embora já mantivesse convivência com o ramo feminino, a Congregação de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho.

⁶⁹ Para poder compreender a História dos Cônegos Regulares na abadia de Notre Dame de Beauchêne, pode-se acessar: <https://chanoines-du-latran.com/province/>. “La vie d’un chanoine ressemble au service pastoral des prêtres diocésains, mais notre idéal est de vivre et de travailler en communauté. Dans notre Province, les confrères travaillent surtout dans les paroisses en collaborant avec les prêtres diocésains” - “A vida dos cônegos regulares se assemelha ao serviço pastoral dos padres diocesanos, embora o nosso ideal seja o de trabalhar em comunidade. Na nossa comunidade/cidade/ os padres trabalham principalmente nas paróquias em colaboração com os padres diocesanos” (tradução do autor). Os Cônegos Regulares Lateranenses da Província Franco – Belga – Holandês têm a tradição de trabalhar colaborando diretamente com os padres diocesanos, embora o ideal é a vida comunitária e não foram diferentes ao chegar na Arquidiocese da Paraíba, depois de ser missionário no Congo, África (RDC – República Democrática do Congo), Padre Mathieu ordenado em 1936, viveu 30 anos na África e chegou a Pilões na Paraíba em 1967, depois que a comunidade canonical fora praticamente martirizada em 14 de julho de 1967 (Maurille, 2008, p. 123).

⁷⁰ CRL Cônegos Regulares Lateranenses – Chanoines Réguliers du Latran. Também pode-se consultar: “A Influência da Ação Social dos Religiosos Holandeses processo de desenvolvimento de Arara-PB (Décadas de 1970-1980)” de Michel Galdino do Nascimento.

⁷¹ Será conveniente ler a obra: La Vocacioni Sardotale: I canonici regolare nel Medioevo. Conforme atesta Grégoire (1982, p. 16): “Insistendo sugli aspetti comunitari, si volle trasformare queste primi cristiani in profeti della vita religiosa nel senso stretto”. Insistindo sobre os aspectos comunitários se quis transformar estes primeiros cristãos em “profetas” da vida religiosa em sentido estrito (tradução do autor). Essa maneira de vida comunitária pode ser vista como sinal profético ao menos na possibilidade de querer imitar a Trindade Santa, como amor de entrega de si, em comunidade de pessoas que compartilham a vida e nada guardam para si.

No tempo em que esteve em exílio, quando foi expulso do Brasil pelo regime militar, o Padre Comblin, continuou mantendo contato por meio de cartas com as Cônegas da Congregação de Nossa Senhora⁷², da qual acompanhava espiritualmente Maria Emília Ferreira, que presenciou em todos os momentos a formação do Seminário Rural e depois também o centro de formação Missão Missionária, Maria Valéria Rezende e a teóloga feminista Ivone Gebara, da qual endereçou o seguinte e-mail a Santos (2019, p. 398):

Acredito que estas cartas sejam de fato do padre Comblin. Conheço todas as pessoas às quais são endereçadas. [...] Confesso que me senti mal sobretudo, quando se trata de expor relações pessoais afetivas do Comblin com algumas pessoas. Não temos o direito de expô-las e expor a vida de Comblin (Gebara, e-mail de 30/04/2019).

Comprovada a autenticidade das cartas, conclui-se o apreço que o padre tinha para com as Cônegas. Estes Cônegos e Cônegas desde os primórdios da Igreja vêm afirmando que se refazem ao exemplo dos Apóstolos e ao modelo de Cristão descrito nos “Atos dos Apóstolos”. “Eles perseveravam na doutrina dos apóstolos... tinham tudo em comum... Vendiam suas propriedades...” (At 2, 42-47). No retiro para as Missionárias do meio Popular, em 1987, Comblin (1991, p. 9) afirmou que “a comunidade tem o seu modelo na primeira comunidade de Jerusalém. Aí está o nosso programa, o que devemos estimular permanente. Ver At, 2, 42-47”. Trata-se, porém, de uma referência ideal, isto é, vê-se no exemplo descrito pelos Atos dos Apóstolos algo de sublime, quase utópico, que deve fomentar e inspirar todo projeto de vida cristã.

Houve no clero o movimento dos cônegos Regulares, Cônegos de São Victor, de Santa Genoveva, de Prémontré, de São Noberto de Xanten e muitos outros, como os Cônegos de Latrão em Roma. Os cônegos vivem em comunidade e praticam uma vida de pobreza [vida em comum sem nada de próprio]. Mas sua vida não está centrada na penitência e sim no exercício do sacerdócio. Celebram a missa diariamente, preparam-se para pregar e viver uma espiritualidade sacerdotal. No entanto não conseguiram mudar a mentalidade do clero em geral, já que os padres na sua imensa maioria viviam sozinhos e distantes uns dos outros (Comblin, 2012, p. 78).

⁷² Conforme Santos (2019, p. 398) Hoornaert, historiador, ajudou-lhes a entender as cartas endereçadas às cônegas, abrandando a preocupação demonstrada pela Ir. Ivone Gebara. Assim consta o e-mail de Hoornaert: “Nos primeiros anos de Brasil, os ‘3 doutores’ belgas” (ele e mais dois outros com doutorado em Louvain) tiveram apoio de uma freira belga que morava no famoso Colégio Des Oiseaux das Cônegas de Santo Agostinho em São Paulo (Perdizes). Esse colégio virou o ponto de apoio dos três. Comblin então se tornou diretor espiritual de noviças das Cônegas, o grupo que aparece em sua correspondência (Ivone Gebara, Maria Emília Ferreira, Maria Valéria Rezende [hoje excelente escritora, veja seu “Carta a Rainha Doida” recentemente lançado], Celina etc.). Ele percebeu por intuição o valor desse grupo realmente excepcional. Mantinha uma relação muito afetiva com essas mulheres, um traço de sua personalidade profundamente livre e desimpedida, que não pode ser descrito em poucas palavras, mas valeria um aprofundamento (como o tema de sua “liberdade” em geral)” (Hoornaert, e-mail de 27/04/2019)”

Desse modo, percebe-se o quanto esse movimento quis se ligar à tradição de Jesus. De fato, essas comunidades não falavam em Paróquias, mas numa vida de comunidade “autêntica”, que significa a escuta da Palavra do Senhor, no cantar dos salmos que leva ao meios práticos para instaurar, cultivar, no possível, o encontro com Deus presente na alma.

É a experiência Trinitária sublime, pois profeticamente querem chegar àquele ideário que só pode ser ação de Deus, “tudo o que o Filho tem, recebeu do Pai, da mesma forma tudo o que o Espírito tem, recebeu do Pai e do Filho” (Comblin, 1983a, p. 246). Essa vida apostólica era ideal para o clero, porém, o padre José não queria fundar uma congregação, mas procurava apoiar e sistematizar o seminário rural na perspectiva de que todos deviam ter uma vida digna.

Basta recordar-se do movimento realizado por São Pedro Fourier (Cônego do Santíssimo Salvador) e a Beata Alexia Le Clerc (Cônega de Nossa Senhora) que fundaram por toda França escolas para moças pobres. Fourier apresentou ao Bispo de Toul, dom Maillane as Constituições para a nova congregação. São Pedro Fourier deixou um resumo de educação, ainda não encontrado antes deles, em parte alguma, onde a ciência quer consciência⁷³.

Em 1980, depois do período de exílio, o padre José Comblin chegou à Paraíba, especificamente na Arquidiocese da Paraíba. Florescia, como vimos acima, então a Igreja dos Pobres. No dia 25 de janeiro de 1981, houve a inauguração do Seminário Rural no Sítio Arvarzeado, uma propriedade diocesana na cidade de Pilões, dinamizada pela Ordem dos Cônegos Lateranenses, por meio do Padre Mathieu Hoefnagels, CRL., recebeu de forma acolhedora no território paroquial o Seminário Rural, aos arredores residiam umas 50 famílias. Dom José Maria Pires⁷⁴ ficou muito entusiasmado com as novas propostas enviando um relatório a Roma com todas as expectativas. Santos (2007, p. 23) transcreve as palavras de Dom José que consta nas crônicas do Seminário Rural:

Um grão pequenino aqui lançado à Terra para germinar, para crescer, para frutificar [...] destina[ndo]-se especificamente à formação de missionários e sacerdotes que não irão trabalhar nas cidades, não irão assumir paróquias, mas se consagrarão ao serviço das Comunidades Eclesiais de Base da Zona Rural, permanecendo, eles próprios na condição de agricultores.

⁷³ Para melhor informação a esse respeito pode-se ler: São Pedro Fourier. E em francês: La vie de la mère Alix Le Clerc fondatrice, Première Mère de L'ordre de la Congrégation de Notre-Dame. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5614837r/f31.item>.

⁷⁴ José Maria Pires - nasceu em Córregos, 15 de março de 1919 e morreu em Belo Horizonte, 27 de agosto de 2017 - Padre Conciliar e quarto arcebispo da Paraíba, visitou toda a arquidiocese em locais periféricos responsável pela criação da Diocese de Guarabira junto com Dom Marcelo Carvalheira; fomentava as celebrações da Palavra, além de por falta de Padres em sua diocese confiou a leigos a administração de Paróquias. Para mais informações vale a leitura atenta do artigo “A Escrita de si”, de Dom José Maria Pires: Entre Cartas Pastorais e Homilias (1975-1980)”.

A equipe de formação do Seminário Rural era constituída por Padre José Comblin, Padre Jorge, Raimundo Nonato, João Batista e os Cônegos: irmã Maria Emília e Padre Leonardo Vissers, CRL (Muggler, p. 175). Certamente, a vida comunitária dos cônegos/as pressupõe identidade de fé, de ação ética e de culto, embora essa “forma de vida dos Cônegos não resulta explicitada, criada ou projetada pelos Apóstolos e nem por Cristo, mas ela mesma corresponde ao espírito do Evangelho e da ética cristã” (Grégoire, 1982, p. 17 tradução do autor)⁷⁵.

Com o intuito de fomentar e legitimar o direito dos pobres agricultores à posse da terra e mostrar a dignidade do trabalhador rural forma-se a princípio a ideia de um Seminário Rural onde se ordenariam padres para trabalharem no meio rural, porém devido ao desmembramento da Diocese de Guarabira da Arquidiocese da Paraíba transferiu-se para Serra Redonda – PB. Pode-se encontrar um destaque dado à influência desses cônegos nos versos feitos por dona Luzia da Comunidade de Mata Fresca em seu poema de Adeus na saída do Seminário Rural:

Todos os Seminaristas /apertou a nossa mão/
Os jovens bem educados/ não foi brincadeira não/
A irmã Maria também/ com admiração/
E o Pe. Leonardo/ com sua dedicação
[...] Eu quero me despedir com vontade de chorar
Adeus bons seminaristas/ povo bom deste lugar
Pe. Jorge, irmã Maria/ frei Carlos quero abraçar
João Batista meu amigo/ até quando nos avistar (Santos, 2007, p. 24).

No aniversário dos quarenta anos da presença dos Cônegos Regulares Lateranenses na Paraíba a presença do Padre José Comblin foi muito significativa na capela do santuário de Santa Fé, desse modo registrado pela Commissione storico-canonicale: “Entres os padres presentes na celebração, notamos o padre José Comblin, o famoso teólogo formado na universidade de Lovaina - com honestidade intelectual de professores como Lucien Cerfaux e Gustave Thils - assessor de dom Helder Câmara e dos bispos expoentes da teologia da libertação” (Maurille, 2008, p. 129 tradução do autor)⁷⁶ sua presença significativa é prova de apoio e dedicação dos Cônegos Regulares como o padre Leonardo, amigo e colaborador dos projetos do padre Joseph.

⁷⁵ Evidentemente questa forma di vita comunitária nom risulta explicitamente creata o progettrata dagli Apóstoli e nemmeno dal Cristo stesso; ma essa corresponde allo spirito profondo dal Vangelo e dell’etica Cristiana.

⁷⁶ Tra i sacerdote prensenti ala celebrazione, abbiamo notato il Pe. José Comblin, il celebre teólogo, formatosi all’università di Lovanio, com onestà intelletuale da insegnati come Lucien Cerfaux e Gustave Thils, acessore di don Helder Câmara e dei Vescovi esponeti della théologie della liberazione [...] Nuovi caminni de liberazioni devono aprirsi: liberacione sociali, economica política, culturale e personale.

No seminário Rural⁷⁷ eram precisos seis anos de formação, tendo a oportunidade de se encontrar vários jovens do meio rural provindos dos Estados do Nordeste. Segue de forma sintética o percurso formativo assumido, que foram se adaptando aos vários grupos surgidos com iniciativas inspiradas na prática profética de Comblin, ou apoiados por ele:

- a) No primeiro ano se estudava: *o que é Uma comunidade Eclesial de Base?* Esse era um curso básico. O animador devia estar atuante e presente dentro da comunidade, mas não de quaisquer jeitos. O agente de Pastoral devia aprender a conhecer a sua realidade.
- b) No segundo ano se estudava um curso de cristologia sobre Jesus Cristo: fins de semanas inteiros onde se realizava a proposta de conhecer aquele Jesus, humilde camponês, que está vinculado imitante aos pobres em diversas temáticas como: Jesus e as Autoridades; Jesus Curador; Jesus Profeta. Isso era para manterem o contato direto com Jesus Vivo.
- c) No terceiro e quarto ano se estudava: *como se celebra esse Jesus Cristo?* É o momento da liturgia, do apoderar-se dessa amizade, de encontrar-se com esse Deus Amor em Jesus Cristo, que só faz com que intimamente relacionar-se com ele como sendo Deus Pai-Mãe, uma celebração viva nas bases com aquilo que poderia ser oferecido. Nesse período trabalhavam direto dentro de uma Comunidade Eclesial de Base como por exemplo o sítio *Jaboticaba* do município de Arara-PB, o sítio *São Tomé* do município de Esperança-PB, Cuité de Mamanguape-PB. Foram de certa forma locais que acolheram esses Seminaristas da experiência da teologia da enxada.
- d) Nas últimas etapas estudava-se de onde veio esse Jesus Cristo, as suas origens, apreciando esse Deus que é Trino e não é uma existência estática, mas dinâmica, iam morar em locais onde ainda não se tinham criado comunidade. Esses eram os anos mais hostis, pois deveriam ir em locais que ainda não tinham estruturas e pastorais, o Missionário devia animar a ajudar a formar consciência de Comunidade.

Observa-se aí a íntima associação entre conteúdo e método: uma coisa em função da outra e de modo articulado à outra. Isto faz uma grande diferença! [...] outro emblema representativo da pedagogia combliana. Como sugere o nome, trata-se da experiência formativa dos jovens do meio popular – do campo, das periferias urbanas, que se sentiam vocacionados ao discipulado e ao seguimento do Movimento de Jesus, comprometidos com a missão de servir a causa do Reino de Deus, no engajamento a serviço da libertação dos pobres (Calado; Canova, 2022, p. 53-56).

⁷⁷ Todo o esquema pode ser encontrado no livro José Comblin: Guia de Leitura (p. 45-65). Nesse contexto de lutas e conquistas é preciso destacar que as condições de hoje são diferentes, mas os problemas são os mesmos. O evangelizador e o missionário do tempo hodierno deverá adequar a sua vida conforme o testemunho da revelação trinitária causando um profundo enraizamento na vida de fé. Eis um modelo proposto pelo padre Comblin nos cursos elaborados particularmente para os pobres.

Os anseios de uma formação de Padres para o mundo Rural parecem ser ainda jovens demais e de fato tornam-se incompreendidos até mesmo dentro da Igreja. De certa forma quer se voltar ao pensamento originário cristão, Deus é comunhão de pessoas, em unidade, revelando-se de diversas formas, na qual inclui a perspectiva libertadora do pecado e da morte. Diante dessa perspectiva, Weil (2001, p. 78) se mostra preocupada com “a necessidade de enraizamento, os camponeses têm a primeira forma de sede de propriedade. É verdadeiramente uma sede para eles, e uma sede saudável e natural”.

Tal escuta do *malheur*, isto é, as torturas, as desgraças, o infortúnio que a maldade humana mata o seu semelhante é tão cara para Weil “quando a distância moral só permite que se complete o infortúnio de maneira vaga, confusa, sem distingui-lo de um sofrimento simples, ele inspira em almas generosas uma compaixão terna” (Weil, 2021, p. 63). Mas tal *malheur* encoraja o profeta e anuncia que a libertação por parte de Deus não tardará em favor do seu povo que permaneceu fiel. Este “resto” de Israel será reconduzido em pátria na alegria comum, até a terra prometida aos pais para sempre, e assim terminarão todo sofrimento e tristeza (cf. Is 40, 1-5).

Contundo a instância eclesiástica não estava preocupada com uma formação enraizada no mundo camponês proposta pelo seminário Rural que não se apresentava como separação do mundo da vida concreta, mas queriam seus membros comprometidos com os pobres, especialmente do meio Rural. Entretanto, a grade curricular não correspondia o mínimo que se era pedido para ser Seminário. Chegava de Roma a intervenção de que a experiência do Seminário Rural estava proibida (Guedes Neto, 2022, p. 208).

Mas o Padre José com a equipe formativa foi perseverante, não deixaram se desanimar. Seria um momento de inaugurar aquele Momento novo que só pode ser sopro do Espírito Santo. Os seminaristas vinham de toda parte do Nordeste e buscavam inserir-se na cultura e no mundo camponês, mesmo assim, com todos esses esforços o Padre José ainda percebeu que ainda estava distante do mundo daqueles jovens:

O que esses jovens vindos de povoados afastados da vida urbana, que nunca tinham saído da família, podiam pensar, sentir e querer? Alguns contaram alguma coisa dez anos depois [...] Mas quando estavam no Centro de Formação sempre nos davam respostas bonitas, devolviam-nos a mensagem que nós queríamos dar-lhes e revestiam-se de personalidade que queríamos inculcar neles... Apesar de todos os nossos esforços não deixava de ser um ambiente artificial (Comblin [2000?], *apud* Muggler, p. 176).

A fim de superar os desafios decorrentes da exploração e considerando a arrogância da humanidade, que desrespeita a vontade da Trindade, que chama os seres humanos a cultivar a terra com alegria e esperança, é evidente que muitos latifundiários escravizavam os camponeses. Nesse aspecto, o objetivo principal do Padre José Comblin era que “apesar de uma cultura dominante, apesar do prestígio da política, mais do que nunca o cristão está convocado para a liberdade na vida pública, na política ativa. A vocação para a liberdade inclui uma vocação para a vida ativa” (Comblin, 1998, p. 275-276). E aqui se inclui a importância de sentir-se livre dessa vocação integral que se sente parte e no qual edifica o mundo à medida que todos vão se tornando coparticipantes.

Nas palavras de Guedes Neto (2022, p. 275) a temática da liberdade é de fato o caráter teológico central no pensamento de José Comblin. Essa libertação só pode vir do Espírito Santo que atua nos seres humanos atualizando a presença do Cristo Ressuscitado, na qual se expressa a vocação para a liberdade, cuja ação se projeta no aprendizado com as populações afro-brasileiras, indígenas, ribeirinhos etc., que de certa forma tem uma relação solidária e sustentável com a mãe natureza.

Jesus apresentou a forma humanizante mais perfeita e, de certo modo essa foi a procura do Pe. Comblin que, seguindo os passos de Jesus propõe e toma atitudes de perdoar, de superar o atrito, de dar uma segunda chance às pessoas que necessitavam. Dizem os exegetas que estudam a Bíblia, que certamente as palavras: “Amai os vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos perseguem, rezai para aqueles que vos caluniam” (Mt 5, 43), são do próprio Jesus. Porque vão contra a todo o modo cultural de pensar dos judeus. E Ele procurou mudar a lei que não estava de acordo com o respeito, o cuidado, a atenção, o carinho para com o próximo. Eis então, a defesa do Padre José, o jovem missionário, fazendo leituras dos Direitos Humanos à luz de Jesus Cristo, faz parte constitutiva do anúncio do Evangelho e da sua mística Trinitária Cristã.

Com este pensamento o padre José percebeu que por meio do desapego e da pobreza a Igreja reencontrará o seu lugar no coração dos povos. Sendo pobres e desinteressados, seriam menos exigentes e mais amigos do povo e o bem virá mais fácil. Hoje, mais do que nunca é preciso ser pobre para lutar contra o mundo, o luxo, o bem estar está crescendo em qualquer lugar. Se o cristão faz como o mundo, como poderá ser conduzido e instruído? Quanto mais o desapego exterior e interior é grande numa alma, mais a graça abunda nesta alma, mais a luz e o Espírito de Deus abundam nela. Conforme Calado e Canova (2012, p. 49) “com a inviabilização institucional do Vaticano, sob o governo neo-romanizante de João Paulo II, a fecunda experiência do Seminário Rural foi convertida, de modo mais fecundo, no Centro de

Formação Missionária (CFM)”. Desde então as fundações dos Missionários e Missionárias foram se espalhando pelo Nordeste. Nesse projeto global de Jesus verdadeiramente real e participativo a Igreja assumiu com toda a consequência seu caráter de “Povo de Deus”, com pleno protagonismo do laicato.

4.2 As Missionárias do Meio Popular o anúncio do Reino

Uma das principais ocupações do Padre José Comblin foi a formação de agentes missionários para o meio rural. “Somente a operação sobrenatural da graça faz a alma atravessar sua própria destruição até o local em que colhe esta espécie exclusiva de atenção que permite ter em conta a verdade do infortúnio” (Weil, 2021, p. 64). Essa ideia de comprometimento com uma formação espiritual que atingisse especialmente os mais desfavorecidos, aqueles que são acometidos pelo infortúnio surge. Conforme Junior (2014, p. 55) “nasceu da inquietação de alguns jovens seminaristas do Instituto Teológico do Recife (ITER) em Pernambuco”.

Em Serra Redonda, na Paraíba, houve a abertura oficial do Centro Formação Missionária e o Padre José Comblin apoiou as fundações de movimentos diversos que surgiram ao seu redor, tendo ele como um grande inspirador. Dedicou-se a apoiar as novas iniciativas, de início, com as estruturas de associação laical. Eis algumas, das quais os vê como Profeta inspirador: Associação dos Missionários do Campo; Associação das Missionárias do Meio popular; Fraternidade do Discípulo Amado; Escolas de formação Missionária; Missionárias da Fraternidade Cristã; Programa da Árvore; Fraternidade São Marcos; Fundação do José Maria Pires etc.

Sabe-se que ao longo da história há grandes personalidades como Francisco de Assis, Lutero, que guiadas pelo Espírito Santo movem e transformam a História, “porém, não são apenas personalidades extraordinárias que conduzem a Igreja. Há também pessoas menos prestigiosas que não chamam a atenção, e, por isso, são ignorados pelos historiadores. Localmente, cumprem a mesma tarefa profética” (Comblin, 2004, p. 63).

Não conseguiríamos em poucas páginas perpassar por todos os grupos Missionários que o Padre Comblin fundou. Assim, optou-se apenas a destacar a formação das Missionárias do Meio Popular (AMMP), que têm suas origens em 1987, em Mogeiro na Paraíba. Nessa origem, destacam-se Mônica Maria Muggler, irmã Mônica Lopes e irmã Socorro (Congregação das Filhas do Amor Divino e irmã de João Batista Magalhães). Mônica Muggler, cuja contribuição é amplamente conhecida, inclusive nessa pesquisa se recorreu a sua obra: “José Comblin uma

vida Guiada pelo Espírito”, além de colaboradora desse projeto, ela mesma foi, e ainda é, uma missionária leiga, que atuou com Comblin até o final de sua vida.

Durante séculos de cristianismo, as mulheres, salvo raríssimas exceções, foram consideradas como aquelas que não sabem o problema da sociedade e da Igreja, que desconhecem os rumos da história e por causa disso ficaram confinadas em conventos e foram tratadas como socialmente “menores”.

A segunda metade do século XX rompeu de maneira radical a antiga cultura e dentro da Igreja. Muitas mulheres, catequistas, animadoras das comunidades eclesiais foram de certa forma pioneiras na organização Paroquial e na pregação da Palavra de Deus na falta de um ministro ordenado. Dona Inês – PB, fora elevada à Paróquia Santa Inês e São Sebastião graças à atenção Pastoral dedicada por dona Raimunda⁷⁸, que o bispo dom José Maria Pires confiou na atuação e fomentação da comunidade junto ao Padre Josephus Floren, missionário belga, já que o mesmo atendia mais de três municípios. O Pe. Josephus Floren, o Pe. Leonardo CRL, o Pe Cristiano Muffler também foram grandes apoiadores, até mesmo financeiramente, do grupo das Missionárias com metas claras e concretas, na melhor tradição cristã iam se tornando ardentes.

As primeiras Missionárias do Meio Popular se recordam que no mesmo local de refeição eram ministradas as aulas de teologia, embora o lugar dessas mulheres e homens eram as comunidades do campo ou das periferias. O que existia para a Eucaristia era uma simples capela, lutavam pelo direito e dignidade. Sua dinâmica com o grupo de mulheres comprometidas com o anúncio da boa nova, na concretude da experiência do evangelho, é sinal de autenticidade e combate à pobreza assim como pensava Simone Weil. Todos esses desafios mostram que “os limites não servem para reduzir o esforço do missionário e sim para dar a entender a todas as pessoas que a tarefa é de todos” (Comblin, 2009a, p. 55), concordam Weil e Comblin, pois acreditam na libertação dos oprimidos a partir de uma ação conjunta na edificação da Igreja Povo de Deus.

O Padre Comblin ao abordar a temática das mulheres, ele o faz olhando para as atitudes de Jesus. Conforme Pires (2003, p. 570): “Eu creio que o Evangelho foi uma mensagem de libertação para a mulher. As atitudes que Cristo tomou em relação à mulher foram atitudes que até provocaram reações fortes no seu tempo, não só por parte das autoridades, mas dos discípulos”.

⁷⁸ Raimunda Augusto da Silva – nasceu em Acaratí, CE, em 25 de agosto de 1931 e morreu em Solânea-PB em 12 de abril de 2019. Fora uma Leiga Missionária; trabalhou na formação e ajudou ao Padre Josephus Floren; em Dona Inês, Caldas Brandão, Alagoa Grande, PB.

Gebara (2003, p. 451) pensa que a timidez, a formação familiar e sacerdotal católica de José Comblin “não lhe deram condições de estar à vontade na abordagem direta de temas relacionados à questão feminista”. Mas, ele estava empenhado a ajudar as mulheres do campo a terem uma formação humana e integral. Na obra: *Cristãos Rumo ao Século XXI* atesta: “Há uma vida espiritual que se torna independente do culto oficial. Nasce uma corrente de vida espiritual que se desenvolve à margem da religião oficial exterior. Dissociam-se do culto oficial. Religião e espiritualidade se separam” (Comblin, 1996, p. 306).

Pode-se dizer que os métodos tradicionais podem apreender com as mulheres um movimento novo, espiritual. Onde os gestos tradicionais da hierarquia devem ser nutridos pela espiritualidade na tradição de Jesus de Nazaré. E é fato que Deus fala com uma mulher em público (Jo 4, 1-42). Na Igreja como na sociedade os homens acham normal que as mulheres aceitem sempre o que eles decidirem. Decidem sem consultar. Como reagir a essa estrutura tradicional? Quanto a isso não compensa se enfurecer, pois somente aumentará a agressividade masculina, ou conseguirá apenas a rejeição. Mas, por que essas mulheres não são sacerdotisas?⁷⁹

Em vista disso, conforme argumenta Dom Valfredo Tepe (1987), é preciso compreender que o ministério sacerdotal é um serviço confiado por Cristo aos seus discípulos homens e não deve transformar em motivo de discórdia, como poder para um machismo clericalista. Porém, se este “poder” for cobiçado pelas mulheres como expressão de sua libertação, já não se compreenderia mais nada do mistério da Igreja que é comunhão, serviço, ministério, missão, apostolicidade e não poderes – algo terreno e passageiro. No céu não haverá lugar para ministérios. É preciso recordar que Maria é a Mulher por excelência, a própria Trindade a assumiu no céu. É o modelo singular da Igreja, a grande missionária.

Atesta Pires (2003, p. 571) “a Igreja fechou campos para a mulher. Eu fico até irritado quando leio o Direito Canônico que aquilo que o bispo pode permitir à mulher realizar dentro da Igreja, ele pode permitir, mas não pode instituí-la e colocá-la permanente”. Atualmente, pode-se constatar com o pontificado do Papa Francisco⁸⁰ que muitos dos anseios de José Comblin e de Dom José Maria Pires têm sido realizado. Em outras palavras, para eles o

⁷⁹ Pode-se acerca desse assunto ler também o artigo de Ivone Gebara: “Ordenação de mulheres: para qual Igreja e com qual teologia?” Disponível: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/569049-ordenacao-de-mulheres-para-qual-igreja-e-com-qual-teologia-artigo-de-ivone-gebara>

⁸⁰ A Igreja Católica com o Pontificado do Papa Francisco tem dado largos passos sobre a questão da Mulher na vida da Igreja como por exemplo: *motu proprio*, intitulado “*Spiritus Domini*”. Esta foi uma modificação significativa do cânon 230, parágrafo 1 do Código de Direito Canônico, e se refere ao acesso das mulheres ao ministério instituído do leitorado e acolitado.

Basta acessar: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html

Evangelho ultrapassa toda a discriminação seguindo a Jesus que lutou para que a mulher não fosse discriminada.

É preciso compreender que Comblin conhecia de perto a situação do êxodo rural que vivia o brejo da Paraíba e o número de ameaças e assassinatos de trabalhadores rurais⁸¹ e, sabe que a condição da Mulher cultivava ainda mais a cultura da fraqueza. Por isso, o seu primeiro dever será reconquistar a sua dignidade de pessoa humana (Comblin, 1991, p. 18).

O egoísmo e a falta de compromisso e exploração com os mais vulneráveis levou ao assassinato de Margarida Maria Alves⁸² (Alagoa Grande, Paraíba 1933-1983), uma das líderes camponesas morta cruelmente em uma emboscada armada após reuniões sindicais. E muitos camponeses da Paraíba a seguiram no martírio, na luta pela posse da Terra,⁸³ já que a maldade por parte dos latifundiários era tanta que destruíam as plantações dos agricultores⁸⁴. Calado (2012, p. 8-82) apresenta o testemunho de Nilza (AMMP), sua atuação em Alagoa Grande merece destaque por contar a solidariedade de Pe. José à sua condição de missionária no acampamento sem-terra. Além de levar uma palavra de incentivo, ajuda a construir sua casa e visitava àquelas pessoas que viviam no Assentamento.

Merece uma atenção especial esse pensamento de Weil (2009, p. 84), “não devemos nos surpreender que inocentes sejam mortos e torturados, expulsos de seus países, reduzidos à miséria e à escravidão”. Tal reflexão marca a originalidade antropológica, a imagem que há de mais profundo nas mentes e que só com um processo de transcendência e abertura poderá ser modificado.

Conforme Comblin (1993, p. 517) “no mundo rural, os pobres defendem-se pela solidariedade da família e pelo direito implícito de seus costumes”. A Arquidiocese da Paraíba e a recém criada Diocese de Guarabira trabalhavam em busca dos direitos dos Trabalhadores Rurais, para que esses não sofressem um desenraizamento total, um exílio em que o agricultor era tratado como indigente.

Sem dúvida alguma era uma Comunidade Eclesial comprometida com o Reinado Trinitário, especialmente contra a violência injusta aos Trabalhadores/as do campo, com justiça

⁸¹ A esse respeito assistir o seguinte documentário: Igreja da Libertação. https://www.youtube.com/watch?v=4_dCuibquzY.

⁸² De Margarida Alves provém a eloquente frase: “é melhor morrer na luta do que de fome!”. Para um melhor estudo do fato é importante assistir o documentário: Uma Questão de Terra (1988, de Manfredo Caldas).

⁸³ Para esse assunto veja a reportagem da Arquidiocese da Paraíba: Caso Manoel Luiz - São Miguel de Taipu-PB. Em 1997, assassinado brutalmente, já nessa época era a 20º vítima do latifúndio. <https://www.youtube.com/watch?v=BN9BXeq8XOk>.

⁸⁴ Pode-se ver a reportagem de Dom Marcelo Carvalheira, denunciando a destruição de lavouras num sítio de Jacumã-PB. O mesmo bispo afirma que são mais de 8.000 desempregados e que praticamente vivem num estado de calamidade <https://www.youtube.com/watch?v=aZ5ZprcMT7s>.

e sensibilidade social. Dom Marcelo e a Igreja particular de Guarabira também conhecem as testemunhas extraordinárias da Cruz como sinal Trinitário na mística vivida por Weil e Stein. Eis o que de Weil, destaca Dom Marcelo (2016, p. 45) “[...] Converteu-se ao Cristianismo e apaixonou-se por Cristo. Era fascinada pelo Seu amor aos pequenos e humilhados e pelo mistério de sua paixão Redentora. Identificada com os mais pobres, debilitou-se aos extremos...” dando a sua própria vida.

Vendo essa situação deplorável no retiro das Missionárias do Meio Popular, em 1987, Comblin (1991, p. 11) atesta: “nos anos que vêm, vamos ter que participar de muitas lutas, enfrentando os poderes e as autoridades, com armas muito mais fracas, somente com as armas do testemunho”. No legado combliniano visita e estimula as missionárias a serem perseverantes: ajuda e incentiva as Missionárias do Meio Popular a serem fiéis à sua vocação.

O Padre José conheceu de perto realidades que maltratavam os camponeses da região. A alternativa encontrada fora a formação de leigos e leigas comprometidos, especialmente com as Missionárias do Meio Popular em uma tentativa de revitalizar aquelas irmãs de Caridade fundadas pelo Padre José de Antônio Maria Ibiapina. Assim expressa o frei Carlos Mesters:

Você (Pe José) começou a criar um grupo de pessoas que procuram levar uma vida realmente consagrada ao Reino e ao serviço dos pobres. Você via que a Vida religiosa nos seus moldes tradicionais estava precisando de renovação e, vendo que a partir de dentro é muito difícil renovar, você está tentando criar uma forma diferente de vida consagrada, aberta para pessoas que se dedicam inteiramente ao Reino ao lado dos pobres (...) Pouco importa se nele cabe ou não cabe no rótulo jurídico de Vida Religiosa. O que importa é ser fiel à inspiração mais profunda do evangelho e poder responder à aspiração mais profunda dos pobres. (Mesters, 2003, p. 177).

O grupo das missionárias, frutos da teologia da enxada, deveriam apoiar os camponeses em suas lutas na conquista da terra. Para Comblin é preciso enfrentar com coragem e perseverança assumindo os riscos na frente do povo, animando, estimulando e orientando com muita paciência e correndo o risco de serem martirizados, por isso, “no meio desse povo, o Pe. Zé não é apenas respeitado, mas ternamente amado. É o companheiro e o conselheiro como o Pe. Mestre Ibiapina de quem ele herdou tantos traços espirituais” (Maia, 2003, p. 24).

Traços espirituais esses que levam a uma ética solidária, no qual o projeto está a assumir o dinamismo concreto do amor, numa espiritualidade encarnada. Aquele que se compromete com o Reino não se omite diante das injustiças, mas como afirma Santo Tomás (Suma I Q. 8-17) aquele que toma o caminho da omissão sendo o caminho mais fácil tem a tendência de desumanizar-se, e fazer-se manipular. Para as Missionárias terem uma liberdade mais plausível “em 1993 [...] foi fundada uma associação de direito particular com reconhecimento e

personalidade jurídica na Diocese de João Pessoa” (Muggler, 2012, p. 179-180). As Missionárias vendo Maria como a primeira missionária por excelência, autóctones da América Latina tinham como padroeira Nossa Senhora de Guadalupe.

Ao longo da história o fenômeno de agregação dos leigos entre si assumiu formas de particular variedade e vivacidade, como provam as várias confrarias, as ordens terceiras e os diversos movimentos. “Entrementes, com o Vaticano II a Igreja mudou a sua atitude para com os leigos e as associações leigas. A doutrina do Vaticano II sobre os leigos é bem conhecida” (Comblin, 1993, p. 522). Nos últimos anos nasceram muitas associações, comunidades e grupos. “A Associação de Leigos trata-se em primeiro lugar, das associações ‘laicais dos fiéis’, por oposição às clericais” (CIC⁸⁵ - Cân 302). Já Pio XII, antes mesmo do Concílio Vaticano II, num discurso aos cardeais em 1946, afirmara:

“Os fiéis, e mais propriamente os leigos, encontram-se na linha mais avançada da vida da Igreja; para eles, a Igreja é o princípio vital da sociedade humana. Por isso, eles, e sobretudo eles, devem ter consciência, cada vez mais clara, não só de pertencerem à Igreja, mas de ser a Igreja, isto é, a comunidade dos fiéis sobre a terra sob a guia do chefe comum, o Papa, e os bispos em comunhão com ele. Eles são a Igreja...” (AAS⁸⁶ 38 [1946] 149).

O Papa João Paulo II continua a deixar livre essa maneira de associação, assim expressada por ele: “Os leigos se associem livremente de forma orgânica e estável, sob o impulso do Espírito Santo, na comunhão com o bispo e com os sacerdotes, de forma a poderem servir, no estilo próprio da sua vocação...” (CL⁸⁷, 31). Comblin fez severas críticas ao Código de Direito Canônico (1986, p. 237): “O Vaticano II falou em liberdade e menos severidade. O novo código de direito canônico é semelhante ao antigo e fala pouco em liberdade”. Contudo mesmo apregoando essa liberdade, se apoia na Constituinte para poder fundar as Associações que é parte constituinte da Associação dos fiéis leigos:

No que diz respeito às associações de leigos, ela teve a sua aplicação no novo Código de Direito canônico. Este assumiu a posição que nos últimos séculos acabou prevalecendo no mundo moderno: o reconhecimento da plena liberdade de reunião e de associação. O código proclama o direito de reunião e o direito de associação na Igreja, direitos que nunca tinham sido reconhecidos antes. “Cânon 215 – Os fiéis têm o direito de fundar e dirigir livremente associações para fins de caridade e piedade, ou para favorecer a vocação cristã no mundo, e de se reunirem para a consecução comum dessas finalidades”. Os cânones explicitam as modalidades de aplicação desses direitos. No que diz respeito às associações, o novo direito canônico realizou uma

⁸⁵ CIC – Codex Iuris Canonici (Codigo de Direito Canônico).

⁸⁶ AAS - Acta Apostolicae Sedis

⁸⁷ CL - Christifideles Laici

verdadeira revolução à qual não se prestou até o presente momento a devida atenção. Até então os fiéis esperavam ser convidados a entrar nas associações fundadas pelo clero. Doravante eles são chamados a criar eles próprios as suas associações (Comblin, 1993, p. 522).

Conforme Salvador e Embil (1989, p. 67) “poderiam ser definidas como a associações de fiéis sob a direção de leigos, que não assumem como próprio exercício da ordem sagrada e são reconhecidas como tais pela autoridade competente”. Esta liberdade constitui um verdadeiro e próprio direito, uma espécie de “concessão” da autoridade, mas que promana do Batismo, o sacramento que chama os fiéis leigos para participarem ativamente da comunhão e da missão da Igreja. Em outras palavras, a Associação é constituída por finalidades espirituais, missionárias, fomentando “grandemente a união entre fé e a vida” (cân. 327). Na Direção Espiritual Comblin (1991, p. 35) afirmará:

A nossa obediência se dirige a Deus por meio das palavras de Jesus que nos comunicam a vontade do Pai e do Espírito Santo que nos dá a entender a vontade de Jesus a cada virada de nossa vida, e também a cada dia. Além disso obedecemos às instruções do Papa, dos bispos, dos padres, a cada um de acordo com a autoridade que recebeu de Jesus. Eles não são os donos da nossa vida, nem da nossa vocação. Eles têm autoridade em alguns aspectos, mas não devem considerar-nos como simples instrumentos dos seus projetos. Nós também recebemos o Espírito Santo. Estaremos dispostas a entrosar-nos na pastoral de conjunto. Pois não formamos uma outra Igreja, mas estamos trabalhando a serviço da única Igreja de Jesus Cristo, dentro de dioceses, paróquias e outras formas de organização eclesial. Trabalharemos em conjunto, e de modo responsável, usando todos os direitos de participação de todos os leigos. Como leigos, procuraremos viver a submissão ao Espírito Santo em comunhão com todos os nossos irmãos.

Desta forma não se pode considerar nenhum sistema de imposição como sagrado e como vontade de Deus, como algo identificado com a liberdade. A Igreja não pode ser universal enquanto consentir com o monopólio do sujeito burguês, com a divisão Norte-Sul, com sua opressão e desumanidade. Contudo, neste ponto da reflexão espiritual combliniano pode-se identificar uma linguagem jurídica nos representantes oficiais da Igreja como também o aspecto crítico libertador característico de José Comblin.

A Diocese de Guarabira com Dom Marcelo e a fomentação do Pe. Comblin fez tornar referência em grupos Missionários/as e assessorias as Comunidades de Base. Essa maneira de vivência de Igreja se religa ao projeto de Vida Comum, que era o ideal da Igreja das origens. Carisma vivido pelos Cônegos Regulares Lateranenses. E alguns bispos exigiam formalmente essa inserção para todo o seu clero, outros a encorajavam como o exemplo mais válido em sustento de sua vocação magisterial no Povo de Deus. Não é por acaso que o próprio Dom

Hélder ao receber personalidades do mundo inteiro lhes dizia: “vá a diocese de Guarabira e lá você verá na prática tudo isso que lhe ensino” (Prefeitura de Guarabira, 2018)⁸⁸.

A consagração desses/as Missionários/as contava apenas com o apoio dos bispos Dom José Maria Pires, Dom Marcelo Pinto Carvalheira e Dom Luiz Gonzaga Fernandes que tinham o intuito do serviço às comunidades populares do mundo rural nas terras nordestinas. Eis um trecho da carta 993 de agradecimento a Dom José Maria pelo seu apoio à suas fundações:

Prezado Dom José (...) a sua presença foi um grande sinal, não somente para mim, mas para todos os participantes. Foi a confirmação do todo o apoio pessoal e econômico que o senhor deu às nossas iniciativas. Também a presença de todos esses missionários leigos foi como simples testemunho de que o seu apoio não foi em vão, apesar de todos os defeitos e todas as insuficiências. O padre Ibiapina deu-nos também o seu apoio e foi justo que fôssemos agradecer-lhe também. (Comblin, 2003, Carta 993).

Contudo um grupo para poder subsistir ao longo da história da Igreja em sua grande maioria deve adequar-se, projetar-se, renovar-se, ter um modelo ou uma regra a seguir. Basta ver a história dos beatos e beatas do Padre Ibiapina⁸⁹, que foram sistematicamente desestimuladas. Primeiro os padres não as apoiaram e depois os Bispos deixaram-nas sem nenhuma subsistência (Comblin, 2011a, p. 46). José Comblin conhece a história, mas prefere confiar na ação do Espírito. Deixa-as com liberdade para a formação da Associação Missionária, já que tem uma certa segurança no âmbito eclesial, por estarem em uma associação ligada à Arquidiocese da Paraíba. Comblin se propõe na meditação de Retiro para Missionárias do Meio Popular sob o título *Direção Espiritual*, contudo mantém a ideia da Associação dos fiéis.

As missionárias não têm superiores. Cada uma permanece responsável pela sua vida e toma pessoalmente as decisões que afetam a sua vida e na forma concreta de viver sua consagração missionária. Como se combina essa responsabilidade com o conjunto das missionárias que formarão um tipo de associação, ainda não sabemos. A experiência ensinara: na experiência o Espírito de Jesus nos dará orientações (Comblin, 1991, p. 34).

⁸⁸ Transcrição de uma entrevista feita à cônica Valéria Rezende; por ocasião da homenagem feita ao Dom Marcelo Carvalheira.

⁸⁹ Fragoso no artigo: “As beatas do Pe. Ibiapina: uma forma de vida religiosa para os sertões do Nordeste” (1983, p. 85-103) faz um detalhado percurso sobre a personalidade dessas mulheres que Fragoso classifica como “Irmãs da Caridade”. O grupo das beatas e beatos morrem porque não tinham deixado estatuto preciso quanto ao relacionamento entre Irmã da Caridade (Superiora) com o Vigário. A ideia de Padre Ibiapina era deixar diretrizes espirituais que seria uma presença viva do fundador na comunidade. No chamado período da Romanização, os bispos deram acentos especialíssimos ao “institucional”, animados pelo Direito Canônico do espírito da Igreja Tridentina. Pe. Ibiapina orienta sua fundação para fora dos enquadramentos canônicos, surge uma nova geração de bispos que vão tirando o apoio que davam às “Casas de Caridade” até o falecimento das últimas afiliadas à instituição (Comblin, 2011a, p. 47-49).

Na mesma Direção Espiritual, apresenta conselhos para que as missionárias possam seguir: “não pode alguém entrar num grupo somente por que não sabe aonde ir. Neste último caso é melhor ir morar com uma colega em casa de família. Algumas vão preferir morar sozinhas. Tudo ficará aberto” (Comblin, 1991, p. 34). A realidade é que com as novas conjunturas eclesiais cada vez mais diminuirá as vocações que adotem esse estilo Missionário.

Nesse pensamento, o anúncio do Reinado é ação do próprio Espírito Santo que age na história e por meio da história, mas também não se tem como saber quanto tempo perdurará a associação. Nisso, ao término desses grupos/associações o destino dos bens de uma associação extinta ficará para a diocese (cân. 326). É preciso que a Igreja esteja presente no meio, inserida e participando das condições das massas marginalizadas, espalhando a verdadeira Tradição de Jesus, pois “não deve haver oposição ou separação: deve haver polarização integrada. A Igreja é trinitária: o Pai realiza seu plano pela atuação conjunta de Cristo e do Espírito Santo” (Tepe, 1987, p. 97).

Conforme Muggler (2012, p. 180), as Missionárias do Meio Popular na Paraíba já sofreram uma dissidência e continuam de modo mais organizado na Bahia. De toda forma, a atuação dos Missionários/as é evangelizar onde os evangelizadores oficiais não chegam. A diocese tem pouco alcance porque a maioria do povo vive sem conhecimento não sabendo quem é o bispo e nem a que diocese pertence. Ignoram o significado da palavra “diocese”. Isto também se deve ao fato de que a paróquia não vai até as periferias. A palavra do vigário não vai muito longe e muitos nem sabem quem é o seu vigário (Comblin, 1991).

De acordo com o cânone, o agir pastoral cristão está em sintonia com a necessidade cristã do povo de Deus, os leigos, respeitando o cânone 767, que reserve a homilia exclusivamente ao bispo, padre ou ao diácono. Podem ser admitidos a leigos e leigas pregar numa igreja ou num oratório, sob duas condições: se há necessidade em determinadas circunstâncias, como em caso de perseguições em que faltassem ministros sagrados (AA⁹⁰ 17a) ou em terra de missão (AG⁹¹ 17e).

Na construção do Reinado de Deus em territórios de missão, onde há falta de ministros ordenados o animador da comunidade reúne o povo para a “Celebração da Palavra”, trabalhando pelo bem da Paróquia. Cada leigo missionário de comunidade rural ou periférica em sua grande maioria vive de seu trabalho. Não recebe nada, nem da Diocese ou da Paróquia, vivem na simplicidade com independência e, conforme Santo Irineu se supera a dicotomia entre o profano e o sagrado e a Igreja Mãe e mestra faz com que nessa Nova Era os leigos possam

⁹⁰ AA- Decreto Apostolicam Actuositatem

⁹¹ AG – Decreto Ad Gentes

cooperar no anúncio da Palavra de Deus ajudando nos desafios da nova situação missionária que vem do mundo globalizado de hoje, do individualismo e da religião do indivíduo formando pequenas comunidades.

Destarte, como afirma Comblin (2002, p. 61) “a história cristã consiste numa alternância entre evangelismo e legalismo e o fundo do problema é a presença ou a ausência dos pobres. Numa fase, o evangelismo, a Igreja fazem opção pelos pobres. Na fase, seguinte, legalismo, a Igreja deixa de falar dos pobres”. Contudo, não se deve deixar a esperança, pela qual a teologia cristã traça a doutrina que tem seu cerne na Trindade Santa. E, assim, a prática ministerial e carismática da vida cristã floresça no discurso fundado pelo Evangelho.

4.3 Resumindo

Nesse capítulo foi apresentada brevemente a trajetória do teólogo José Comblin, a sua vinda para o Brasil, seu trabalho evangelizador em Quito e no Recife, o seu comprometimento num primeiro momento com a formação de clérigos que estivessem enraizados com a cultura local. A seguir se fez memória ao Seminário Rural, sua fundação na região episcopal de Guarabira, contato com os Cônegos Regulares Lateranenses, transferência do Seminário Rural para Serra Redonda e em seguida para o Centro de Formação Missionária. E no terceiro momento se focou na formação e na criação da Associação das Missionárias do Meio Popular. Comblin, por mais que critique as estruturas oficiais da Igreja, é capaz de reconhecer aquilo que se avançou e o que ainda se precisa melhorar.

De uma forma geral as fundações apoiadas pelo Padre Comblin têm perspectivas teológicas de uma Igreja Povo de Deus encontra em Jesus Cristo a esperança total de libertação, já que não é possível buscar o Reino de Deus isoladamente, mas em comunhão, em comunidade. Desse modo, toda a Igreja é convocada a ser uma comunidade a caminho desse Reino definitivo.

Percebe-se que a conjuntura e história na América Latina já tem se modificado muito no seu contexto. Os camponeses migram do campo para a cidade, a maioria dos novos clérigos dificilmente apoiarão esses grupos formados pelo Pe. Comblin. Mas é sempre preciso ter esperança em um novo caminho de libertação na caminhada do Reinado Trinitário. Nota-se que Comblin tinha juntamente com ele, uma equipe de colaboradores que ao contarem a sua experiência pastoral-missionária exerciam influência nos seus escritos, já que o objetivo da teologia elaborada pelo padre Comblin é plantar modestamente no coração das missionárias os sinais de esperança, as palavras de confiança e de fé que são as sementes do Reinado de Deus lançadas nas periferias do campo e da cidade.

5. A TRINDADE E A EXPERIÊNCIA HUMANA

O Povo de Deus é peregrino no meio dos problemas e adversidades deste mundo. “Todos os homens são chamados a formar o novo povo de Deus. Por isso, este povo, permanecendo uno e único, deve dilatar-se até os confins do mundo e em todos os tempos, para se dar cumprimento ao desígnio de Deus” (LG, 34).

A humanidade sofre as dores diárias para sobreviver, para construir um mundo mais humano. O ser humano não só encontra dificuldades naturais como lutas contra o clima, a escassez de recursos materiais, a limitação dos meios de trabalho, as divisões sociais, mas também as dificuldades que surgem do pecado: as rivalidades, as suspeitas, as inseguranças, as perfídias.

Na Encarnação Maria foi instrumento nas mãos de Deus. Ela é a primeira humana a fazer a experiência total com o Deus Uno e Trino. Não se pode subverter o mistério de salvação planejado pelo Pai, não se pode separar o Fruto bendito que o ventre materno gerou pela ação do Espírito Santo. Maria rompe as fronteiras e para além da esfera eclesial conclama a libertação dos pobres: “cumulou de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias” (Lc 1, 53).

Neste último capítulo abordar-se-á a experiência mística que como Maria também fizeram Weil e Comblin. Experimentaram que a Trindade não é três pessoas diferentes umas das outras, três centros psicológicos com os quais se diferem os indivíduos.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são o divino isolado que não se relaciona com as pessoas, mas ao contrário, é a profunda relação na qual todos os seres humanos podem e devem partilhar desse mesmo sopro divino de vida que se realiza desde a sua e mais bela harmoniosa criação. A princípio, será estabelecido um diálogo hermenêutico entre a forma escrita do comentário ao Pater Noster feita por Weil e a forma sistemática do Pe. Comblin no último artigo do Breve Curso de Teologia que tem como título a Santíssima Trindade.

5.1 Espiritualidade Trinitária em Weil e Comblin

No mundo teocêntrico em que tudo estava impregnado da religião e dos símbolos religiosos, a cultura cristã era um dado sociológico. O indivíduo nascia num mundo Ocidental Latino e já era cultivada a fé cristã. Na atualidade, isso não é mais uma evidência, o mundo é pluralista. É esse o desafio de descobrir os canais de maneira concreta por onde a fé cristã pode

encontrar essa expressão adequada. Por sua vez, a razão pode circundar essa fé e elaborar um discurso teológico.

Após ter percorrido a história dogmática do mistério Trinitário, desde a busca de todos os povos pelo transcendente, o anúncio do Reinado de Deus por Jesus Cristo, as formulações dogmáticas dos Concílios Ecumênicos, apresentando as formas especulativas da Trindade imanente, numa perspectiva econômica e universal chegou-se à conclusão de que os vestígios da história da salvação e abertura iminente do ser humano são as únicas possibilidades de acesso a vida do Deus Trindade.

Em seguida se apresentou a vida filosófica-mística de Simone Weil, a sua cultura de solidariedade e de busca de valores fortes no seguimento a Jesus Cristo. Acrescenta-se a isso o seu batizado no fim da vida com o agulhão espiritual da presença real de Jesus na Eucaristia. Tudo isso acontece em Weil mediante traços lentos e progressivos, não somente a nível pessoal profundo, na qual a humildade e a obediência à Trindade não é menor do que a paixão pela Verdade em Deus.

Em personalidades mais dotadas e sensíveis dentro do âmbito Eclesial as páginas do terceiro capítulo se dedicaram a remontar de forma abreviada a vida de Padre José Comblin. Em sentido histórico se viu a chegada de Comblin ao Brasil, seu trabalho junto ao bispo Dom Leônidas Proaño, na Paraíba, a fundação do Seminário Rural, a sua proximidade com as Cônegas de Nossa Senhora, e mais tarde com os Cônegos Regulares Lateranenses. Logo em seguida, foi possível estabelecer a sensibilidade que o padre Comblin teve com as mulheres até a fundação da Associação das Missionárias do Meio Popular. Pode-se intuir que o trabalho de José Comblin tem por finalidade principal a dedicação pelo Evangelho de Jesus e ressoar aos pobres e sofredores o eco da Palavra salvífica. Agora será analisado de perto como espaço vital trinitário em Weil e Comblin dois textos que cada um a seu modo colocam à disposição o itinerário do Deus livre em sua autocomunicação. Em um quadro paralelo serão apresentadas as suas concepções trinitárias.

De um lado Simone Weil, a visão dessa contemplativa centrada em Deus Trindade, descendo com o Verbo, no mundo da redenção. Deus manifesta a sua potência de atraimento – que é uma divinização do homem por amorosa participação, mas com a humilhação da encarnação e com o aniquilamento *malheur* da paixão, a potência e o calor de Deus, o homem remido por Cristo e com Cristo elevado sobre o plano de Deus na oração do Pai Nosso. No quadro comparativo optou-se por fazer apenas a primeira parte da oração do Pai Nosso, pois esta é a que Weil se refere mais, as pessoas da Santíssima Trindade.

Já o padre Comblin, vemos a sua concepção na formação intelectual, eclesiástica e sua pedagogia de formação. No tomo IV do Breve curso de teologia, Comblin (1986, p. 5) sugere que os grupos iniciem o curso por este último volume, embora tudo esteja relacionado. E deixa subentendido que o curso teológico se encerre com a última temática do I volume, dedicado à Santíssima Trindade. Não se fez todo o capítulo do livro, mas apenas a parte que se consta do que Comblin denominou de diálogo.

SIMONE WEIL (AD p.166-176 tradução do autor) <i>Sobre o Pater</i>	COMBLIN (1983a, p. 244-243) <i>A Santíssima Trindade</i>
Πάτερ ἡμῶν ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς. “Notre Père qui est dans les cieux”. É nosso Pai; não há nada real em nós que não proceda Dele. Somos seus. Ama-nos, visto que Ele se ama e somos Dele. Porém, é o Pai que está nos céus. Não em outro lugar. Se cremos ter um Pai aqui embaixo, não é Ele, é um falso Deus. Não podemos dar um passo em Sua direção. Não se marcha verticalmente. Unicamente podemos dirigir para Ele nosso olhar. Não é preciso buscá-lo. É necessário somente mudar a direção do olhar. Dele é o desígnio de buscar-nos. É necessário estarmos felizes por saber que está infinitamente fora de nosso alcance. Temos, assim, a certeza de que o mal em nós, mesmo que submerja todo o nosso ser, não mancha de nenhuma maneira a pureza, a felicidade, a perfeição divina.	A Trindade no batismo. Desde a época antiga que o batismo se faz em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como Jesus ordenou que se fizesse. Assim se expressa e conserva a fé dos cristãos. Nós dizemos: “Eu te batizo em nome de Deus”. Pelo batismo, o novo membro de Cristo entra em relação direta com cada Pessoa divina. Textos: Mt 28,19; Rm 6,3-5; At 2,38; 1Cor 6,11; Gl 4,5-6. Questões: Como é que o batismo mostra que há um só Deus em três Pessoas? Como é que o batismo nos relaciona com o Pai? Como é que o batismo nos relaciona com o Filho? Como é que o batismo nos relaciona com o Espírito Santo?
Ἀγιασθήτω τὸ ὄνομά σου. “Soit sanctifié ton nom” Só Deus tem o poder de nomear-se a si mesmo. Seu Nome não é pronunciável por lábios humanos. Seu Nome é Sua Palavra. É o <i>Logos</i>. O nome de um ser qualquer é um intermediário entre o espírito humano e esse ser, a única voz pela qual o espírito humano pode discernir algo desse ser quando está ausente. Deus está ausente; está nos céus. Seu Nome é a única possibilidade para o homem ter acesso a Ele. É o Mediador. O homem tem acesso a esse Nome ainda que seja tão transcendente. Brilha na beleza e na ordem do mundo, e na luz interior da alma humana. Esse Nome é a própria santidade; não há santidade fora Dele; por conseguinte, não tem que ser santificado. Pedindo essa santificação, pedimos o que é eternamente, com uma plenitude que não está em nosso poder aumentar ou diminuir, o mínimo que seja.	A Trindade na confissão de fé O Símbolo apostólico é a mais antiga fórmula conhecida de profissão de fé cristã, embora ainda não se saiba exatamente quando ela foi escrita nem como se formou, se gradualmente ou em quantas etapas. Essa é a fórmula de fé em um Deus em três pessoas. Textos: O Símbolo Apostólico: “Creio em Deus Pai (...) e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor (...) Creio no Espírito Santo”. Questões: Como é que o Símbolo Apostólico reconhece a Santíssima Trindade?

Pedir o que é, o que é realmente, infalivelmente, eternamente, de uma maneira completamente independente de nosso pedido, é o pedido perfeito. Não podemos impedir-nos de desejar; somos desejo, porém este desejo que nos fixa no imaginário, no tempo, no egoísmo, se o passarmos inteiramente a essa demanda, podemos convertê-lo em uma alavanca que nos leve do imaginário para o real, do tempo para a eternidade e para fora da prisão do eu.	Como se confessa a igualdade das Pessoas divinas no Símbolo Apostólico? O que se diz de cada Pessoa no Símbolo Apostólico?
ἐλθάτω ἡ βασιλεία σου. “Vienne ton règne” Trata-se agora de algo que deve vir, que não está aqui. O reino de Deus é o Espírito Santo enchendo completamente toda a alma das criaturas inteligentes. O Espírito comunica a Graça a aonde Ele quer. Pode-se unicamente chamá-lo. Não é necessário sequer pensar em uma maneira particular de chamá-lo para si mesmo ou para outros, ou para todos, mas sim, pura e simplesmente chamá-lo; que o pensar nele seja um chamado e um grito. Assim como quando se está no limite da sede, quando se está enfermo de sede não se representa quanto ao ato de beber em relação a si mesmo nem em relação ao próprio ato de beber, mas tão somente a água, a água avaliada pelo que é em si mesma; porém essa imagem da água é como um grito de todo o ser.	A Trindade na oração cristã Na liturgia, nossa oração se dirige ao Pai, por Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo. Embora não se exclua uma oração dirigida a Jesus Cristo ou ao Espírito Santo, no entanto, habitualmente, a oração oficial da Igreja afirma a Trindade, porque situa cada Pessoa divina e as relaciona umas com as outras. Já no Novo Testamento faziam-se as orações nessa forma trinitária. Textos: As orações do Missal; Ef 1,3-14;3,14-17;5,18b-20; 2Cor 1,20-22. Questões: Como é que entramos em relação com o Pai na oração? Como é que entramos em relação com o Filho? Como é que entramos em relação com o Espírito Santo? Por que nos dirigimos às três Pessoas na oração?
Γενηθήτω τὸ θέλημά σου. Soit accomplie ta volonté. Nós não estamos absolutamente, infalivelmente certos da vontade de Deus senão para o passado. Todos os acontecimentos que se produziram, quaisquer que tenham sido, estão conformes com a vontade do Pai todo-poderoso. Isto está implicado na noção da onipotência. Também o porvir, qualquer que deva ser, uma vez cumprido, estará conforme com a vontade de Deus. Não podemos acrescentar nem subtrair nada a esta conformidade. Assim, após um ímpeto de desejo em direção ao possível, nesta frase pedimos de novo o que é. Mas já não pedimos uma realidade eterna como é a realidade do <i>Logos</i>. Porém, pedimos a conformidade infalível e eterna do que se produz no tempo pela vontade divina. Depois de haver, pelo primeiro pedido, arrancado o desejo ao tempo para aplicá-lo sobre o eterno e havê-lo assim transformado, retomamos este desejo que, de certa maneira, se tornou eterno ele mesmo, para aplicá-lo de novo ao tempo.	A Trindade na missão dos cristãos Nossa missão procede do Pai, que nos enviou Jesus e prometeu o Espírito. Nós somos enviados diretamente pelo Filho, em nome do Pai, para anunciar e confessar o nome do Filho de Deus. E somos enviados com a força do Espírito Santo. Textos: Jo 20,21-22; Lc 24,49; At 1,4-8. Questões: Em última instância, de onde procede a nossa missão? Quem é que nos envia ao mundo? Nós somos enviados ao mundo sem recursos? Com quem vivemos permanentemente a nossa missão?

Então, nosso desejo atravessa o tempo para encontrar detrás a eternidade. É o que sobrevém quando sabemos fazer de todo acontecimento cumprido, qualquer que seja, um objeto de desejo. E isto é completamente diferente da resignação. Mesmo a palavra aceitação é demasiado débil. É necessário desejar que tudo o que se cumpriu se tenha cumprido e nada mais. Não porque o que se tenha produzido esteja bem aos nossos olhos, e sim, porque Deus o permitiu e porque a obediência a Deus no curso dos acontecimentos é em si mesma um bem absoluto.	
ὥς ἐν οὐρανῷ καὶ ἐπὶ γῆς. “Pareillement au ciel et sur terre” Esta associação de nosso desejo à vontade toda-poderosa de Deus deve estender-se às coisas espirituais. Nossas ascensões e nossos desfalecimentos espirituais, assim como os dos seres que amamos, têm relação com o outro mundo, porém, são, também, acontecimentos que se produzem aqui embaixo, no tempo. Nesse sentido, são detalhes no imenso mar dos acontecimentos, agitados junto com todo esse mar de uma maneira conforme à vontade de Deus. Visto que nossos desfalecimentos passados ocorreram, devemos desejar que tenham ocorrido e estender este desejo ao porvir, até o dia em que se torne passado. É uma correção necessária ao pedido de que chegue o reinado de Deus. Devemos abandonar todos os desejos pelo desejo da vida eterna, mas devemos desejar a própria vida eterna com renúncia. O apego à salvação espiritual é ainda mais perigoso que os outros. Deve-se pensar na vida eterna como se pensa na água quando se está morrendo de sede e, ao mesmo tempo, desejar para si e para os seres privação eterna dessa água antes que ser saciados contra a vontade de Deus, se coisa parecida fora concebível.	A Trindade no testemunho e no martírio dos cristãos. As Três Pessoas estão presentes e desempenham cada qual o seu papel no momento do testemunho e do martírio face ao mundo. A vivência das três Pessoas se faz sentir sobretudo, nesse momento, que é o ponto culminante da vida de fé. Textos: Mt 10,18-20; Jo 15,26; 16,13-15; At 7,55-56. Questões: Onde é que se situa o Pai no martírio? Onde é que se situa o Filho no martírio? Onde é que se situa o Espírito Santo no martírio dos crentes? Como é que as três Pessoas divinas estão presentes no martírio e no testemunho?
Les trois demandes précédentes ont rapport aux trois Personnes de la Trinité, le Fils, l'Esprit et le Père, et aussi aux trois parties du temps, le présent, l'avenir et le passé. Les trois demandes qui suivent portent sur les trois parties du temps plus directement et dans un autre ordre, présent, passé, avenir. Os três pedidos precedentes têm relação com as três Pessoas da Trindade: o Filho, o Espírito e o Pai, e, também, com as três partes do tempo: o presente, o futuro e o passado. Os três pedidos que se seguem tendem mais diretamente para as três partes do tempo e em outra ordem: presente, passado e porvir.	As três Pessoas da Trindade constituem um só Deus porque formam uma só unidade e atuam em conjunto. Estão de tal modo uma com a outra que são inseparáveis. O Pai e o Filho são um só e tudo é comum entre eles. O Espírito e o Pai são um só, bem como o Filho e o Espírito. Tudo o que o Filho tem, recebeu do Pai, da mesma forma que tudo o que o Espírito tem, recebeu do Pai e do Filho. Textos: Jo 10,37; 14,7.9.10.11.20; 17,21; Jo 14,26;16,13.15. Questões:

	Como é que as três Pessoas divinas são uma só? Como é que a existência de três Pessoas divinas não impede que haja um só Deus? O que é que as três Pessoas divinas têm em comum? De onde procede tudo o que as três Pessoas divinas têm em comum?
--	--

No primeiro momento, é importante destacar que nesta época a jovem Weil era vivamente ante-religiosa. Contudo, filósofa, guerrilheira, camponesa e sindicalista, Simone Weil procurando no seu próprio desejo de ajudar os pobres se aproxima cada vez mais do Cristo pregado na cruz. Weil é atraída pelo mistério da Trindade que é a alegria perfeita. (Reale, 2008, p. 407). Constata-se na vida de Weil que Fé e caridade, amor de Deus e do próximo são os elementos essenciais que devem caracterizar a vida do cristão. Para Weil (AD p. 84 tradução do autor)⁹² “o *malheur* torna Deus ausente por um tempo, mais ausente que um homem morto, mais ausente que a luz em um calabouço completamente sombrio. Um tipo de horror domina toda a alma. Durante essa ausência, não há nada para amar (..) A ausência de Deus se torna definitiva”. Nisso ainda constata Weil, “nós fomos colocados, pela condição humana, infinitamente distantes da Trindade, aos pés da Cruz”. Bartomeu Estelrich sobre a filosofia e teologia weiliana, pontua que:

Weil não é só capaz de redefinir seu conceito da vida intra-Trinitária de Deus – ao dizer que a proximidade e identidade infinita entre as pessoas divinas, incluem também a noção do malheur e distância infinita, no seio da Santíssima Trindade – mas também para redefinir o seu conceito de criação como uma distância infinita entre Deus e a humanidade. Weil alcança essa conclusão, porque, segundo ela, o malheur de Cristo na Cruz não só introduz malheur e a separação no próprio âmago da Santíssima Trindade, como também representa a maior distância que um ser humano já esteve de Deus (Estelrich, 2009, p. 246).

O espectro do conceito de Trindade, na filosofia de Simone Weil desenvolve toda a sua mística, na ausência do seu ser no plano existencial da humanidade, por isso, já se deixa claro que desde, 1941, Simone Weil ao trabalhar nas vindimas em Saint-Julien de Peyrolas fez da oração do Pai Nosso sua prática diária. A regularidade dessa nomeação tinha um significado preciso para ela, pois a espiritualidade weiliana liga à humildade de Deus a seu respeito pela liberdade do homem. Desse modo o *Logos*, que é o próprio Cristo está sempre lá, na porta da alma humana, e quer entrar, mas não viola o consentimento. Destarte, se vê a experiência de

⁹² Le malheur rend Dieu absent pendant un temps, plus absent qu'un mort, plus absent que la lumière dans un cachot complètement ténébreux. Une sorte d'horreur submerge toute l'âme. Pendant cette absence il n'y a rien à aimer (...) l'absence de Dieu devient définitive (Weil, AD p. 84).

Weil (AD., p.79) descrita por ela mesmo: “às vezes, durante essa recitação ou em outros momentos, o Cristo está presente em pessoa, mas com uma presença infinitamente mais real, mais pungente, e tão plena de amor mais que a primeira vez que me tomou”.

Conforme Bingemer (2013, p. 147), Simone Weil não buscou conscientemente a oração, contudo teve a experiência de se descobrir rezando para ela em um dia inesperado. Tal como a experiência de ser tomado por Cristo, a experiência da oração quotidiana que ilumina o dia ocorrido na sua vida sem que a concordância do seu volume deliberado tenha uma parte concreta e precisa. No entanto, o que se chama de teologia, o Espírito de oração, já estava presente em sua vida muito antes.

Weil partindo desse esvaziamento (*Kénosis*) também consegue enxergar essa proporção numérica na harmonia relacionada à simbologia da mediação divina entre Deus e os seres humanos. Na oração do Pai Nosso, pode-se perceber de imediato a sua imanência que desemboca na experiência do Reinado de Deus: “Dele é o desígnio de buscar-nos. Devemos ser felizes por saber que está infinitamente fora de nosso alcance” (Weil, AD p. 166).

Desse modo, a filósofa recupera o dinamismo da Trindade revendo-se no dinamismo da sua própria existência, e, por isso, nesse movimento de autoesvaziamento. Dar espaço em si para que o outro seja é a mais profunda demonstração do esvaziamento amoroso que vigora abertura ao Pai de todos e, por isso, concomitante e inseparável à criação do ser humano está a real possibilidade de não correspondência da criatura para com seu criador.

No primeiro tópico da tabela, já de forma, mais, precisa o Padre José comblin (1983a, p. 244), parte da dogmática católica, isto é, “a época antiga que o batismo se faz em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como Jesus ordenou que se fizesse”. A formação clássica seminarística de Comblin, parte da concepção da vida cristã é como o novo nascimento, a vida em Deus e com Deus, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, marcando a passagem do reino do pecado, para o reinado trinitário que tem seu fim na vida.

Na segunda parte da oração do Pai Nosso, Weil, em seu comentário espiritual é o mais imanente dos imanentes, isto é, só Deus conhece Deus, e sabe Ele mesmo quem é Ele mesmo desde dentro. Weil (AD p. 168) “pedindo essa santificação, pedimos o que é eternamente, com uma plenitude que não está em nosso poder aumentar ou diminuir, o mínimo que seja”.

É como se Weil quisesse poder chegar a possuir o seu diletto Amor sem retardantes contrariedades. As contrariedades à união com Deus são as carnalidades, que retardam a alma de amá-lo acima de todas as coisas. Pontua Bingemer (2013, p. 148): “paradoxalmente, porém, para Simone Weil, rezar é uma questão: é o corpo que reza primeiro, sem o qual a própria alma não poderia fazê-lo. A oração cristã é como o Deus que ela ora aos encarnados”. De modo que

na alma, a qual, quando está clara e limpa, a Trindade habita de modo maravilhoso como no seu céu.

Seguindo o esquema do itinerário, da tabela do lado direito, em uma outra perspectiva pode-se ver Comblin apresentar a Trindade na confissão de fé. Poucas linhas, a afirmar que: “não se sabe exatamente quando [símbolo apostólico] foi escrita nem como se formou”. Entretanto, pode-se intuir que Comblin deixa transparecer sua teologia onde “as três pessoas são Espírito, porém era mais conveniente que aquela que age e se manifesta, assim constantemente tivesse o próprio nome de Deus: Espírito. Espírito é comum as três pessoas, porém, aquela que age tem o nome comum as três” (Comblin, 1998, p. 69). Mostra-se, assim, que a profissão de fé cristã é esse cunho missionário que é comunhão e relação de pessoas em Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Consequentemente, os novos aspectos missionários deverão recuperar essa totalidade, o que será possível com a assistência do Espírito de Deus para poder a humanidade sair do egoísmo e da ganância que assola a casa Comum.

Na terceira parte do fragmento de Weil a sua reflexão do Pai Nosso, segue de perto a forma e o pensamento teológico grego. A mística teológica oriental ajuda a ter uma melhor compreensão já que a orientação de um pensamento teológico depende da concepção que se tem de Deus Uno e Trino. Para compreender a cristologia, a pneumatologia, a eclesiologia elaborada por Weil deve-se meditar sobre os conceitos que ela tem do Deus-Trino. O que dificulta suas experiências místicas e conhecimentos é que a sua forma se enleia, por vezes, a tradição grega. Dizer “Espírito Santo” primícias do Reinado que é essencialmente dinâmico, desenvolvido no Batismo. Clamar “Espírito Santo”, isto é, invoca-o, mas não o define: Teu Nome tão desejado, e constantemente proclamado, nada declara sobre Quem ele seja. Observa Simeão, o novo teólogo: de fato, também o Pai e o *Logos* são “Espírito”; também o Pai e o *Logos* reconhecemos como Santos. Assim, “pois ele está, em seu Intelecto, unido ao Pai pelo Verbo e perfeito no Espírito” (Simeão, Novo Teólogo, 2022, p. 103).

A tradição grega, de onde vem a unidade no Pai, Deus único e fontal (*monarcha, arché, pēghē*), comunica toda a sua divindade ao Filho e ao Espírito Santo através de duas autoentregas diferenciadas interpretando as relações da origem segundo uma lógica que respeita a antinomia entre a essência e as hipóstases divinas (Žak, 2012). Portanto, Reino-Reinado é na realidade o Espírito Santo que vem para transformar todas as coisas. As fórmulas gregas se confundem com a prática litúrgica – que é toda pneumatológica – forma Trinitária:

A unidade das Potências do alto, que canta os louvores, dirige os hinos e conduz o coro, tem uma composição trinitária. Ela está diante da Trindade de

modo trinitário, celebrando a Liturgia e oferecendo o louvor temerosamente. Uns se estendem sob a origem e a causa de tudo. Eles procedem desta origem, são os mais próximos e dirigem os hinos: seus nomes são os Tronos, os Querubins e os Serafins. Eles têm como característica a sabedoria inflamada, o conhecimento do celeste, e sua finalidade é o hino divino de El, em língua hebraica. Os que estão entre os três primeiros e os três seguintes na ordem, rodeiam a Deus. São os Poderes, as Dominações e as Potências (Simeão, o Novo Teólogo, 2022, p.103).

Seguindo a linha de raciocínio, com a reflexão de Weil ao Pater Noster, nesse ponto se pode estabelecer um diálogo mais proeminente com Comblin, porém é preciso estabelecer antes como já fora feito a espiritualidade grega do Pai Nosso de Lucas se unindo às suas práticas litúrgicas. Nesse ponto do quadro, vê-se Comblin apresentar a Trindade na oração cristã e seus formulários na Liturgia e nas orações embrionárias do Novo Testamento. Destarte, a Igreja vem da Trindade, ela é o universal desígnio salvífico do Pai (LG, 3), a missão do Filho (LG, 3), a obra santificante do Espírito Santo (LG, 4) que edificam a Igreja como mistério. Sendo assim, a Igreja é ícone da Trindade, ela é comparada ao mistério do verbo encarnado (LG, 8), na dialética do visível e invisível. Ela é comunhão, isto é, reflete a comunhão trinitária. E a Igreja orienta-se para a Trindade, é o Povo de Deus, caminhada dos peregrinos na conversão e reforma contínua, em comunhão com a Igreja celeste e triunfante.

No quarto momento, observa-se Weil dizer sobre fazer a vontade de Deus. Nota-se com uma alma dilatada aqui também é céu, pede aquele amor que a faz consentir a vontade Dele; e lhe pede também que participe este seu amor a todos os pecadores, ditos aqui terra (terra, porque como o nosso planeta está longe do sol, assim os pecadores estão longe do enfocado amor de Deus). É a graça trinitária que conforme Bingemer (2013, p. 149) “possibilita a abertura ao *malheur*, ao que aparentemente refuta a Deus. Esta possibilidade é também e sobretudo tornada visível através da atenção amorosa e compassiva aos infelizes”.

Por isso, em Weil se vê a obrigação eterna em não deixar o ser humano passar fome quando se pode socorrer. É a obrigação mais exigente para elaborar a lista dos deveres eternos. É fato, que as condições de escravidão moderna têm suas raízes no poder, na conquista, na destruição das tradições de um povo, no trabalho proletário, mas também na redução da cultura nas diversas formas de desenraizamento. Assim, é elevada por Simone Weil à categoria de Batismo e Milagre dos próximos infelizes com amor, é algo como os batizados.

No quadro esboçado acima, José Comblin apresenta a trindade na missão dos cristãos. No primeiro capítulo se trouxe à investidura que o Espírito faz em Jesus para dar início à sua missão, mas também cada homem e mulher do tempo presente ao ser inserido pelo batismo na comunidade eclesial deve assumir esse novo nascimento para a vida que é o próprio nascer no

Espírito. É uma iniciação cotidiana, o “evangelho é anúncio e debate ao mesmo tempo” (Comblin, 2009a, p.74-75). Nisto consiste a fé, a adesão que cada ser humano faz na esperança e, assim, fé e vida estão intimamente unidas.

Na Encarnação, Jesus vem, não espera o convite. Ele se impõe. É a condição do Missionário. A iniciativa é de Jesus, a missão jamais iniciaria se tivesse de aguardar um convite ou esperar até que as condições fossem favoráveis. A missão não espera um contexto ou que lhe mostre a sua possibilidade, ela cria a possibilidade para o ato concreto do testemunho da verdade (Comblin, 2009a, p. 19).

Segue as orientações recomendadas em Puebla que, na falta de Ministros, na dispersão populacional e na situação geográfica do continente, é necessário o crescimento da consciência da utilidade das Celebrações da Palavra e da importância de servir-se dos meios de comunicação social (rádio e televisão) para alcançar a todos nessa vida de comunhão que é designada de pátria Trinitária.

A Igreja, esposa de Cristo, vive da certeza de que um dia habitará na tenda divina, na casa da Trindade, numa Aliança nova e eterna com Deus (cf. Ap 21,2- 5). A Igreja brota da Trindade e é nesta perspectiva trinitária que ela fundamenta sua vida comunitária (Est. 104, 41).

A missão dos missionários é confiar na força do Espírito Santo afastando-se da procura de todo interesse particular, pois numa comunidade se uma pessoa procura colocá-la ou aos seus membros a serviço de interesses pessoais, perde o sentido do trabalho realizado pelo amor. Há pessoas que procuram a sua promoção pessoal, mais prestígio, mais honras, ou mais poder. Tais pessoas destroem a verdadeira comunidade. Porém, afirma Comblin (2004, p. 64), “a estrutura administrativa da Igreja Católica voltou ao autoritarismo, à concentração de todos os poderes e à rigidez [...] A história do povo de Deus é assim: avança e recua, mas a esperança não morre”.

É perceptível que o desempenho da missão provoca divisões. Se a missão encontrasse aceitação unânime seria sinal claro de falta de autenticidade. O mundo permanece como polo oposto à missão. Mas as pessoas podem mudar e passar do mundo para a categoria de discípulos, das trevas para a luz. O missionário realiza e profetiza a vida do Filho e do Pai no Espírito Santo, pois antes de tudo Deus ama a si mesmo.

No último tópico deste fragmento de Weil, a oração termina: “a vontade de Deus na terra como no céu”, já foi mencionada acima uma pequena informação, mas aqui aprofunda-se na forma da gravidade e da graça. Segundo Bingemer (2013, p. 149) “Weil mesma, no seu

encontro com Cristo: mesmo que ela hesite em ser batizada, depois decida estar no limiar da Igreja para preservar o contacto gratuito, livre e íntimo que a liga a Deus, sabe agora que algo é uma exceção à gravidade, a que chama graça”.

Pode-se ver a mística como aquela que procura a vontade da Trindade fundamental em seu discernimento espiritual, suas interpretações que vão deixando de ser antropomórficas, mas vão ao encontro da ação divina. Seu apressamento pela cruz é de uma clareza exemplar, a ponto de conclamar que se Hitler ressuscitasse de forma nenhuma acreditaria num tirano cruel.

Critério fundamental de interpretar a vontade de Deus, o amor para com o próximo, nisso se torna ambíguo qualquer evento na perspectiva salvífica, porque o significado vai além de sua realização. Nesse pensamento, o anúncio do Reinado é ação do próprio Espírito Santo que age na história e por meio da história, porém vive nas incertezas. É preciso que a Igreja esteja presente no meio, inserida e participando das condições das massas marginalizadas, espalhando a verdadeira Tradição de Jesus, pois “não deve haver oposição ou separação: deve haver polarização integrada. A Igreja é trinitária: o Pai realiza seu plano pela atuação conjunta de Cristo e do Espírito Santo” (Tepe, 1987, p. 97).

Na terminologia weiliana chegamos ao ponto crucial de sua reflexão mística trinitária do Pai Nosso, que se aproxima à maneira agostiniana: “Les trois demandes précédentes ont rapport aux trois Personnes de la Trinité, le Fils, l'Esprit et le Père, et aussi aux trois parties du temps, le présent, l'avenir et le passé ⁹³”. Não seria conveniente fazer toda a especulação comparativa com Santo Agostinho, Battistina Vernazza, Ricardo de São Vítor e especialmente São Boaventura (marca crucial na mística nórdica) desenvolveram altas especulações filosóficas sobre Deus como amor. Eles viram que no processo do amor existe o Amante, o Amado e o Amor (ou o Co-amado ou ainda o Amigo).

Para Weil (2009, p. 90), “esse amor, essa amizade em Deus é a Trindade. Entre termos unidos por esse amor divino há mais do que proximidade, há proximidade infinita, identidade”, Deus é simplesmente o vivente puro. A revelação da Trindade é o Um plural. “[...] o Reino do Pai, sua monarquia, é implantado na criação por meio da obra do Filho, e se aperfeiçoa mediante a obra do Espírito Santo, que confirma o Filho como plenipotenciário do Pai, glorificando assim o próprio Pai” (Pannenberg [2001], *apud* Ladaria, 2009, p. 150).

Assim, o Deus uno precede e funda o Deus trino, de modo que a divindade do Absoluto vem primeiro e engloba a relatividade das pessoas divinas, deixando-as em segundo plano. Um

⁹³ Os três pedidos precedentes têm relação com as três Pessoas da Trindade: o Filho, o Espírito e o Pai, e, também, com as três partes do tempo: o presente, o futuro e o passado (tradução do autor).

dinamismo de comunhão eterna, da participação da vida de cada Pessoa da Trindade na outra. A diversidade em comunhão é a real fonte em Deus.

No último tópico do quadro comparativo com o Pe. José Comblin observam-se as assim chamadas, processões divinas, isto é, Deus Pai que cria por meio do seu Verbo, e por meio do seu amor são as causas das processões também das criaturas, essa total liberdade que começa a ser concreta quando se entende o ser do batismo e se vive uma espiritualidade onde a pessoa é chamada a corresponder com ética e com responsabilidade.

O Concílio de Constantinopla II explica nessa fórmula a confissão Trinitária de um só Deus em três pessoas: “um só Deus e Pai do qual tudo procede, um só Senhor Jesus Cristo, por meio do qual tudo foi feito, e um só Espírito Santo, no qual tudo existe” (DH 421). O Concílio afirma que o sentido da existência está na Salvação. Assim, pode-se afirmar que a criação é obra do Deus Uno e Trino. Conforme Ladaria (1998, p. 47) “e, mesmo que formalmente não haja a autodoação divina, é de fato orientada para ela. Deus cria para poder fazer-se, Ele mesmo, criatura”. A teologia elaborada pelo Padre José Comblin é de uma formidável fidelidade à Bíblia, basta ver, que ao longo de toda a sua explanação se coloca uma abundância de referências a Sagrada Escritura. De uma linguagem simples que atinja o povo, nas entrelinhas é possível notar o nexo intrínseco entre a Trindade e a criação, de forma que os cursos elaborados por ele têm como objetivo resgatar a pessoa humana em toda a sua integridade. Essa é a sua perspectiva libertadora trinitária. No entanto, apresenta Ladaria (1998, p. 47):

Porém, o fato de que existe em Deus a “distância” entre as pessoas é que torna possível a distância entre Deus e as criaturas. Somente com a revelação de Deus Trino se mostra em toda a sua radicalidade e liberdade do amor criador de Deus, que não tem realmente necessidade de comunicar-se além de si mesmo, pois tem já em si a plenitude dessa autocomunicação.

Não se pode “buscar o Reino de Deus isoladamente, cada um por si. Não se busca esse Reino no resto de uma cristandade [...] Busca-se o Reino de Deus em comunidades ativas, numa rede de comunidades de muitos tipos diferentes, mas onde há solidariedade” (Comblin, 2011b, p. 156). Assim, assume-se o caminho da cruz que é o itinerário da esperança, da exaltação de Cristo, da glorificação do Pai e do envio do Espírito Santo como foi visto no primeiro capítulo. A esperança resultou na glória da Ressurreição. Jesus não recebe essa glorificação pelas criaturas humanas, mas pela glorificação do Pai no Espírito Santo.

Como já foi demonstrado, a teologia cristã desde os primeiros séculos trouxe a conclusão de que na pessoa, palavra, ação, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, Filho

Unigênito do Pai encarnado por obra do Espírito, revela-se a “Trindade econômica”. O *Logos* encarnado em *Logos* pneumático, é enviado à humanidade de Jesus para realizar nela aquela perfeita comunhão entre o Pai e o Filho, expresso na Trindade, que é demonstrado na economia nesta *Kénosis* histórica do Filho para poder conduzir ao Pai toda a humanidade transformada pela ressurreição dos corpos. Primeiro ele conduz a humanidade de Jesus ao Pai através da união dessa humanidade ao Verbo em que se abre o mistério da “Trindade imanente”.

5.2 Em Síntese

No quadro acima, realizou-se uma comparação entre o pensamento trinitário de Simone Weil com o pensamento teológico sistemático do Padre José Comblin. Constatou-se uma teologia fundamental que conduziu a uma reflexão mais acurada do Deus Cristão.

De certa forma, ela se encaminha para uma espiritualidade, para além de uma teoria da libertação, apresenta-se como serviço de libertação de todo gênero humano, pois “evidentemente, de uma filiação realizada de maneira espiritual [... que] o Espírito teárquico em si mesmo transcende toda imaterialidade e toda deificação inteligíveis, e o Pai e o Filho permanecem separados por sua transcendência de toda paternidade e de toda filiação divinas” (Dionísio, N.D. § 8. 645 C).

Parece transparecer que toda a história bíblica mostra que a humanidade é chamada a entrar em convivência e diálogo com Deus. Em Jesus Cristo, Deus assume a história, porém, o infinito eterno não se esgota na contingência histórica. A revelação de Deus-Trindade não se esgota completamente na compreensão humana, qualquer que seja ela. Deus se revela velando-se. O Filho é plena revelação de Deus-Pai, ao mesmo tempo que, na sua finitude humana, sua pessoa remete a algo mais: ao Silêncio amoroso originante, à transcendência.

Onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo não são o divino isolado que não se relaciona com as pessoas, mas ao contrário, é a profunda relação na qual todos os seres humanos podem e devem partilhar desse mesmo sopro divino de vida que se realiza desde a sua e mais bela harmoniosa criação. Gebara mostra a Trindade como uma maneira de compreender Deus, é a forma de como os seres humanos procuram captar e expressar o processo dinâmico onde a vida flui em todas as suas variantes e expressões, intercomunica-se e comunga com tudo o que está a sua volta. As mudanças são necessárias, “esta postura crítica não significa a negação do passado cristão” (Gebara, 1994, p. 20).

Com essas condições o retorno à Simplicidade impõe-se inelutavelmente. O mundo contemporâneo volta a formas mais simples. A Trindade dá suavidade. Voltar ao essencial é exprimir as realidades mais profundas desse Deus Uno e Trino.

Nas entrelinhas do texto através da exposição se percebe que a doutrina cristã de Deus está na constante busca de um equilíbrio entre a unidade e a Trindade divina. Sempre mergulhados na diversidade, o mundo contemporâneo traz à tona a necessidade de recordar quem é o nosso Deus: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É inquestionável que a revelação da Trindade é um aprofundamento da unidade divina, não é algo que ela justaponha e só se pode conhecer a Trindade por Jesus Cristo.

5.3 Weil e Comblin – Profetas Místicos do Reino Trinitário

O assento Trinitário dos respectivos autores Comblin e Weil não é de caráter apenas exemplificativo ou especulativo, mas, estão de certa forma interligados pelo arcabouço teológico da tradição como totalmente evento histórico-salvífico da encarnação do Filho e a missão do Espírito Santo.

Na Bíblia se encontram contínuas rupturas da Aliança, vão sugerindo que algo novo deveria surgir nessa história. É fato de que quando o filho rompe as relações com o seu Pai, este não impõe amor, mas deixa a liberdade do filho mesmo que este seja ingrato, rebelde, malvado. Deus Pai vai além, perdoa, esquece (cf. Lc 15, 11-32). Porém, é preciso a conversão, a mudança de vida. Os profetas do povo de Israel são aqueles que denunciam os desvios do povo e os vícios de seus chefes e pastores, a ação profética apresenta um aspecto negativo, que é a luta contra a corrupção e, um aspecto positivo, que é o anúncio da libertação. Esse direcionamento pode ser bem tangível quando se tiverem presentes: a economia, o poder, o culto. A exploração econômica tem suas vítimas nos estrangeiros e nos órfãos, aos quais se encontram entregues aos atos de violência dos poderes (Am 3, 9-10).

O profeta é o mediador, é aquele que não somente fala, mas vive a Palavra do Senhor, é um guardião e, por isso, “o profeta não mantém um posto fixo: é trombeta volante que invade a praça, o palácio, o átrio do templo. Ressoam os seus gritos em todas as camadas da sociedade [...] Sabemos que o profeta não é produto do fanatismo irracional incontável” (Schökel; Diaz, 1988, p. 37). A vida doada de Weil e de Comblin relacionam-se aos ensinamentos dos profetas que clamam pela justiça e anunciam a vontade de Deus numa busca de transformação ético-religiosa.

O leitor atento que se debruçar a pesquisar sobre Simone Weil e Comblin, não encontrará uma resignação, um pacifismo ou um raciocínio em que apaziguam o psicológico. Pelo contrário, as suas mensagens são provocadoras. Weil e Comblin não se reduzem a apenas a remexer na história bíblica recontando o mundo religioso do catecismo. Eles se situam na Tradição profética de Jesus e, por isso, o interlocutor deve “estar disposto a deixar-se arranhar e ferir por palavras geralmente muito duras, quase excessivas” (Scalabrini, 2019, p. 20).

As observâncias de um bom judeu: esmola, jejum, oração denunciadas pelos profetas (cf. Is 58, 1-12; Jr 34, 8-22) pode-se demonstrar o processo de conversão também do profeta. Comblin (2012, p. 50) afirma que entre a Tradição divina que vem da Santíssima Trindade e a tradição humana há diferenças gritantes, a ponto que “para muitos cristãos católicos, ser cristão católico é praticar o sistema simbólico, ainda que não tenha nenhum efeito real”. É preciso ter uma espiritualidade encarnada que vai para além do mundo simbólico, aspira à meta escatológica do Reinado de Deus, contudo, emerge no valor cristão das realidades terrenas.

Na mística cristã, podemos dizer que a experiência de Deus se depara com certos limites, na qual as palavras se calam devido ao Mistério inefável que não se esgota. Isso aconteceu com Santo Tomás, São João da Cruz e Battistina Vernazza, em Simone Weil e tantos outros/as. Manifesta-se no proscrito de Weil (*apud* Bosi, 1996, p. 65): “Deus está ausente, mais ausente do que um morto, mais ausente que a luz tenebrosa. “Meu Deus, meu Deus por que me abandonastes?” – soluçou Cristo”. O silêncio da dor e da contemplação do Cristo Homem-Deus sofredor toma uma nova roupagem e conotação, trata-se da estranha realidade em que inserido o ser humano em tal perspectiva leva a ressignificar a dor e o sofrimento, transformando em vida e ressurreição.

Nessa linha de raciocínio caminhemos com Hegel (1990, p.35) a forma da Trindade no entendimento-dialética-especulativo, com a compreensão do momento do Pai, a dialética sendo a vida do Filho o grande momento místico especulativo, reunindo os anteriores, o momento do Espírito Santo. Cristo não é, certamente, “a dialética”, senão uma particularização interior de Deus, mas ele opera dialeticamente. A Trindade, pontua Hegel (1990), é denominada de o Mistério dos Mistérios do Transcendente; seu conteúdo é o místico dos mais místicos que é especulativo.

Desta concepção hegeliana que a ideia da comunhão Trinitária da tradição bíblica eclesial é, às vezes, ligada à afirmação de que a razão não é limitada pelo princípio da não contradição. Em *Sobre a Trindade*, Hegel (1996) atesta que Deus pode ser buscado tanto por meio das Escrituras quanto por meio da sua criação (Pr 8,22-31; Sb 9; Ecl 12, 1-8; Eclo, 18 1-7). Entretanto, Hegel, frequentemente rejeita as interpretações literais da Bíblia. Para Hegel

(1996) nos escritos da juventude Jesus Cristo é o fundador da religião da liberdade e de fato ele é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Nessa perspectiva de Hegel, Jesus já seria o místico por excelência, isto é, Jesus já está na Trindade. Pode-se fazer leituras de Jesus: Profeta, revolucionário, atuante no meio dos pobres e doentes. Contudo, indo até o âmago das compreensões imanentes da Santíssima Trindade se vai a fundo nas experiências, subjetivas e intersubjetivas, que é motivo da escatologia. No entanto, a protologia ficará falhada, caso a criação se esqueça que é fundada na Santíssima Trindade, e aqui denota a imanência das imanências.

Nesse sentido mística e profecia caminham juntas, mas pode referir-se também à tradição profética que ao mesmo tempo tenta revigorar a Aliança antiga, os Profetas já acenam para a sua abertura a outra Aliança, através da expectativa do Messias. De acordo com o grande teólogo Von Balthasar (1972) a manifestação e a persistência do carisma profético podem ser reencontradas na experiência dos místicos. O agulhão da constelação profética proveniente da espiritual, os germes das promessas do futuro com as devidas disposições que desemboca na Trindade Santa, são objeto e princípio de toda profecia.

A revelação de Deus como Pai de Jesus, atesta que não é um Deus solitário já que abrange a Jesus como Filho de Deus e desde toda eternidade é Deus também como o Pai e, igual a Ele é o Espírito Santo, dom do Pai e de Jesus que introduz a humanidade na intimidade de sua vida, é a revelação do Deus Uno e Trino. A teologia foi aprofundando a ideia de que Deus não está só (Ladaria, 2009).

Vê-se que os profetas na Sagrada Escritura são violentos em suas críticas. Mas também, estão à procura de ações concretas. Sob esse aspecto destaca Queiruga (2006, p. 50) que a “Teologia da Libertação expressa-o, mas dramaticamente colocando o ‘pobre’ como sujeito radical para resgatá-lo, em nome de Deus, de sua condição de ‘não-homem’, imposta pela opressão humana”.

Santo Tomás de Aquino (Suma, I Q. 1-5) também via o ser humano como criatura que deve se compreender como um ser em comunhão. Contudo, a ética utilitária que consagram o lucro, o erotismo, o dinheiro, é uma forma disfarçada de egoísmo tão danosa que não se desdobra a uma ética de virtude, de amor universal, de comunhão Trinitária⁹⁴. Desta feita, pode-se concordar com Silva (2009, p. 211): “mundo criado não existe no espaço absoluto da existência de Deus, mas no espaço arrumado pelo próprio Deus através da criação”, assumindo o caráter de comunhão de vida eminentemente Trinitária.

⁹⁴ Para melhor aprofundamento pode-se consultar a obra: Paradigmas Teológicos de Santo Tomás. (Josaphat, 2012, p. 405-416).

Segundo Balthasar (1972, p. 28) “a experiência primordial de muitos homens de nenhum modo conduz a uma diferenciação posterior do tu e divino, pois não lhes vem à mente que o filho se deve a outro criador [...]”. Dessa forma, a profecia do Evangelho é viva, não termina no escrito, nem na regra da doutrina. Jesus assumiu a condição dos pobres, essa opção preferencial e não exclusiva significa que a Trindade se coloca ao lado dos pobres. Não se trata de uma opção da humanidade, mas de Deus. Por isso, os profetas como Simone Weil e padre Comblin não podem aceitar a desigualdade implantadas, pois forma submundos que descaracterizam completamente a Aliança selada na cruz de Jesus Cristo. A Aliança exige a igualdade e a participação de todos, em todos os níveis e aqui surge o binômio Justiça e Direito. Porém, ao clamarem por justiça são perseguidos e até mesmo mortos. O “Pe. Comblin foi um verdadeiro profeta, desses que incomodam, desses profetas que dizem verdades duras” (Pires, 2003, p. 566).

Simone Weil, com sua sensibilidade rara, antecipou questões que só atualmente são enfrentadas pela academia e a sociedade (Bingemer, 2019). Um olhar atento e profético, no tempo em que trabalha com os camponeses, participa de todos os trabalhos da fazenda: de manhã ordenha a vaca, rega os legumes, lava a louça. À noite se reúne com as moças e crianças e ensina a língua grega, “fazia maravilhosos comentários dos Upanishads para as vindimadoras que a escutavam entediadas” (Bosi, 1996, p. 63).

A luta pela dignidade do pobre também se confunde a noção de direito apregoada por Weil, sendo de uma ordem objetiva, não é separável das noções de existência e de realidade “O objeto da obrigação, na área das coisas humanas, é sempre o ser humano como tal. Há obrigação para com todo ser humano, pelo simples fato de ele ser um ser humano, sem que nenhuma outra condição precise intervir, mesmo que ele não reconhecesse nenhuma” (Weil, 1949, p. 10).

Weil como profetisa e filósofa relê a *Iliada*, *Ésquilo*, *Sófocles*. Em paralelo lê as Sagradas Escrituras e admira o livro *Cânticos dos Cânticos*, *Isaias* e o livro de *Jó*. Espera a descentralização e isso demonstra que: “a Inteligência tem o papel para preparar o consentimento nupcial a Deus: olhar o mal que carregamos em nós mesmos e odiá-lo” (Weil, 2020, p. 67).

Jesus não pretende informar, enriquecer a cultura religiosa dos ouvintes, convencê-los com uma retórica dotada de uma argumentação irrefutável ou ainda desenvolver sistematicamente uma doutrina. A pedagogia que Jesus utiliza quer conduzir a humanidade a acolher como dom de amor a comunicação pessoal do Pai, entrando em comunhão de vida com Ele, no Espírito Santo. O modo de comunicação de Jesus corresponde à natureza Trinitária de Deus e ao próprio modo através do qual o mesmo Jesus aprendeu a Deus, como experiência de

vida, isto é, enquanto, a humanidade vai se tornando fiel no seguimento do caminho proposto por Jesus, mas o ser humano vai se deificando e participando da experiência Trinitária, que conforme Weil (2011) precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente .

Weil (2020, 67-68) se confia ao Espírito Santo, e assim renuncia ao desvanecimento por amor à Verdade [...] abandona todos os seus bens pela loucura do amor e seguir aquele que é a Verdade em pessoa. E é realmente carregar a cruz. Nisso se encontram as suas forças para entregar boa parte de seus pertences aos que estão “refugiados dos países fascistas que buscava abrigo na França eram confinados em campos estrangeiros” (Bosi, 1996, p. 56). Simone Weil se senta às mesas dos mais miseráveis para partilhar a refeição com eles.

Os dons pedagógicos são formidáveis, na fazenda “ensinando regra de três a um moleque atrasado da aldeia, ou iniciando nos arcanos da filosofia platônica, ela se dava de si mesma e tentava obter do discípulo aquela qualidade de atenção extrema” (Bosi, 1996, p. 61).

Pode-se sustentar sua confiança nos Evangelhos, onde em São João, Jesus diz: “Quando vier o Espírito da Verdade ele vos guiará na verdade plena” (Jo 16, 13). Isso porque é o Espírito que recorda à comunidade o que Jesus tinha ensinado em sua atividade própria e típica de Mestre *διδάσκαλος*: 6,59; 7,14; 28; 8,20. Comblin (2009b, grifo do autor) afirma que o quarto Evangelho destacou profundamente a originalidade de radical da fé cristã na personalidade de Jesus que é “*o enviado do Pai, o missionário*”. O Trabalho missionário de Jesus tem a força e a investidura do Espírito (Jo 1, 33) e será continuado na vivência prática dos cristãos, visto que pela ação do Espírito Santo o povo irá encarnar a realidade no programa feito pelo próprio Jesus e perdurará até o fim da história.

O Evangelho de São João também contém as afirmações mais explícitas e abundantes a respeito das relações entre o Pai e o Filho (Jo 17, 21-23). A comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo se traduz como comunhão fraterna. Pode-se compreender que o Espírito é o dom interior que harmoniza o ser humano em seu íntimo com a vida do Pai e do Filho. Se o Filho é a Palavra, o Espírito é o ouvido no ser humano para que escute a Palavra, pela fé, pela celebração eucarística, pela adesão à vida de Jesus. A Igreja antiga se autodefiniu como *communio sactorum*. A unidade societária que existe na Trindade funda a unidade humana (Boff, 1986, p. 156-192).

Em sua pneumatologia, Comblin vai destacar que de certo modo ao recordar a ação de Jesus e ao impelir uma revolução permanente da humanidade o Espírito não é gerado como o Filho. Ele é o sopro da boca do Pai. Chama-o Espírito do Pai e Espírito de Cristo, já que o Pai tudo tem em comum com o Filho. Assim, subentende-se que “o mesmo Espírito leva a rejeitar

este mundo atual e a trabalhar com todas as energias para modificá-lo, porque é intolerável” (Comblin, 2009b, p. 100).

Destarte, José Comblin lutou por uma Ação Pastoral dos Direitos Humanos referente aos direitos do produtor rural que é desenraizado, por conta do coronelismo oriundo do capitalismo no Nordeste do Brasil, sobretudo no caso dos pobres, em que as autoridades são as primeiras a violar os Direitos Humanos, fazendo com que os operários acreditem que só têm deveres para com o patrão e que seu destino consiste em se adequar às leis para evitar os castigos.

Somente quem se converte ao Reino tem palavras proféticas em defesa do povo pobre, nesse aspecto, Simone Weil se sobressai, é capaz de fazer greve de fome para se solidarizar com os mais sofridos. Nesse ínterim ressalta “O Cristo diz tive fome... É uma obrigação eterna para o ser humano o não deixar passar fome quando o pode socorrer. Sendo a obrigação mais exigente para elaborar a lista dos deveres eternos” (Weil, 2001, p. 9). É preciso acrescentar que o enraizamento proposto por Weil adequasse à situação autóctone nas circulações múltiplas entre os povos e ambientes.

José Comblin é fiel às exigências e às raízes de onde provêm as pessoas simples. Dedicou-se para a formação das Missionárias do Meio Popular. Conforme Muggler (2012, p. 178) um pequeno grupo de religiosas reflete com o Padre José, que muitas jovens e adolescentes são recrutadas e vão para a comunidade religiosa por outras motivações. Essas jovens quando maduras viam sua motivação diferente e por isso saíam da congregação, mas na realidade queriam se dedicar à missão seguindo a Jesus.

É fato que na realidade de 1986, a cultura Nordestina ainda tem um machismo, que promove a cultura da fraqueza na Mulher, muitas vezes se sentindo incapaz. No retiro para as missionárias, assim falou Comblin (1991, p. 18) “Uma coisa é cultura da fraqueza em si. Vocês são fracas, está claro. O problema é: como agir diante dessa fraqueza? A solução tradicional foi a cultura da fraqueza, isto é, aceitar essa fraqueza. Ora, existe outra maneira.”

É notável que o Espírito vai se revelando nessa fraqueza como força profética do fazer o bem, muitas vezes na vida comunitária isso passa despercebido, mas a missão não visa resultados determinados, ela comunica a vinda do Filho que revela o Pai, reúne os dispersos. “[...] se o próprio Jesus substitui as pessoas no mistério da cruz, ele não substitui na luta de cada dia para levantar uma vida nova. A ressurreição para uma vida nova é tarefa de todos e de cada geração” (Comblin, 2009a, p. 54).

Então, para o padre Comblin o missionário/a não está encarregado/ade ensinar um catecismo, histórias sagradas, leis ou costumes. O missionário/a deve testemunhar e transmitir

a palavra do Pai e todas as palavras deste mundo estão à sua disposição, que não provém apenas de seu esforço intelectual, mas vem da força do Espírito de Jesus, é sua autoridade que os envia. Por isso, o missionário convence. Ele não é orador, conferencista, nem professor, é um agente do Reino, cidadão da cidade de Jesus de Nazaré.

Continua Comblin (1991, p.18) “a força do Espírito é dada para suportar e aguentar todas as consequências da luta pela reconquista da dignidade humana e a dignidade da mulher. Haverá que suportar críticas, calúnias, resistências, oposições, incompreensões, falta de apoio. E permanecer forte”.

A força do Espírito Santo será dada também para enfrentar tudo o que se opõe a lei pregada no evangelho de Jesus, é a prática do Amor que levam avante o serviço ao próximo. O processo de libertação da humanidade é a manifestação do Espírito Santo que inculca nos corações a nova lei de Cristo, onde a religião deve demonstrar a sua convicção de primazia que é a Caridade e a solidariedade.

Por isso, a Eucaristia é o cerne que constrói a Igreja como templo do Espírito Santo e novo Povo de Deus, Povo da Aliança, uma imitação fiel a Jesus, obra de libertação pelo mistério da cruz. Mas, isso que é tão sublime e que vem da “Tradição de Deus (que) sempre é a mesma, por que sempre o mesmo Deus vem” (Comblin, 2012, p. 50), pode ser apenas um ritualismo, o que não agrada a Deus. Mas, mesmo a Liturgia traz em si na sequência de *Corpus Christi*: “Dá-se ao bom como ao perverso, mas o efeito é bem diverso: vida e morte trazem em si...” (LMD⁹⁵, p. 239).

Por isso, vivenciar a Eucaristia, que é um ato comunitário, que celebra a Aliança não só entre o Povo de Deus, mas entre eles, o Cristo, o Pai e o Espírito Santo, devem ressaltar o caráter ético, moral onde o sacerdote preside no serviço de caridade. Para tanto, não basta apenas um resumo ou um conhecimento abstrato para realizar a missão e viver o Evangelho de Cristo, é preciso ter a docilidade, a abertura a seu Espírito e a integridade total. Padre Comblin (2010 p. 10-11) afirmou como o movimento de libertação possui vários aspectos, o Evangelho é múltiplo e deve ser aplicado sempre com a novidade e em formas novas.

Percebe-se então na mística de Comblin e Weil que suas vidas promoveram e sugeriram uma outra organização da sociedade que possibilita a vida digna da multidão e não apenas o luxo, o desperdício, a degradação, a guerra de uma minoria. A experiência mística não é somente algo solitário, mas é uma relação comunitária assim como o Deus Trindade, defensor dos pobres, do órfão, da viúva, pois é a plena misericórdia.

⁹⁵ LMD – Lecionário da Missa Dominical – A-B-C

A origem do movimento é o Amor do Pai, do qual Jesus é de fato o centro e esse amor se torna presente em cada pessoa humana através do Espírito Santo. Nas palavras de Comblin não seria amor o proselitismo, a devastação cultural, a projeção de apenas uma instituição religiosa, isso seria egocentrismo individual, auto afirmação de si, enquadramento. O caminho do missionário é quebrar as barreiras e entrar no caminho aberto por Jesus, ser testemunha dele (Comblin, 2009a, p. 90).

O filho Jesus é a plena e completa revelação do Pai. Ele, como o Pai, é Deus e Criador, é irradiação da sua glória e marca da sua substância e por isso é superior a todas as instituições religiosas antigas, aos profetas e aos anjos (Hb 1, 1-6; Fil 2, 9) e herdeiro de todas as coisas (Rm 8, 17; Mt 21, 38). Pela missão que recebeu do Pai e cumpriu entre os homens com o anúncio da Palavra da verdade (Jo 14, 6), tirou o pecado do mundo, reestabeleceu a comunhão entre Deus e a humanidade e, com a sua morte e ressurreição foi exaltado acima de todas as coisas, “sentou-se à direita da majestade no alto dos céus” (Hb 3; Rm 3, 24-25; Col 1,13-14; Fil 2, 9-11) e foi reconhecido pelo Pai qual Filho Unigênito.

Este é o mistério de Jesus que foi revelado, que está presente e vivo na Igreja e que todo fiel deve imitar para ser manifestação de Deus entre os homens e ter parte à intimidade da Trindade, essa é a grande Missão. “A missão do Filho procede do Amor do Pai: Amor do pai pelo Filho e amor pelo mundo. Os discípulos conhecem o Filho e o Pai por uma participação nesse amor: no amor aos homens é que o discípulo faz experiência concreta da Verdade” (Comblin, 2009a, p. 88).

Entretanto, os profetas compreenderam muito bem como o povo rebelde, sem fé e sem confiança, e como seus chefes o afastavam do verdadeiro caminho da lei de Deus em um caminho para o poder, a dominação e o egoísmo, que manipulados em direito e Justiça nas mãos dos poderosos se transformavam numa arma perigosa. Pois, como atesta Comblin (2009a, p. 33) “o mundo não é missionário como o Filho, não se identifica com essa corrente de amor, com a comunicação que faz o Filho. O mundo vive uma atitude oposta a essa: vive concentrado em si mesmo; buscando a Salvação, ele se perde”.

Se Weil abandonou a universidade para se dedicar a ensinar a pobres camponeses, Comblin deixou os seminários formais e os incentiva a irem para perto do povo, com a intenção de experienciarem o cotidiano dos pobres. A produção teológica de Comblin e Weil é construída a partir das realidades locais inseridas numa apurada crítica a sistemas econômicos e sociais que não promovem a vida. Tal crítica se mergulha no mais profundo íntimo do Evangelho, no qual essa pesquisa considerará a religião enquanto sistema e prática do sagrado, especificamente a vida cristã, que promove a verdade sensata na libertação dos pobres.

Nessa opção formativa por intermédio do Evangelho, os operários e camponeses vão descobrindo a necessidade de se lutar pela vida na comunidade, dentro das vinte organizações que ajudam a ser na Igreja um novo jeito de ser cristão e vai fortalecendo a missão de São João na água e no sangue saídos do flanco de Cristo. E por parte da Igreja, porque ela não é uma massa monolítica. Ela é composta de uma multiplicidade, de pessoas com mentalidades diferentes, formações diferentes. Mesmo tendo a mesma fé, às vezes entende de forma diferente.

Ademais, os documentos eclesiais ao se posicionarem sem a dimensão comunitária comprometida não se tem uma experiência autêntica cristã, pois individualismos não se inspiram na Trindade (cf. Est. 104, 42). Weil e Comblin chamam a atenção por demonstrarem que não existe apenas um aspecto, ou melhor, um modelo de evangelização, e sim vários ou muitos, e Comblin (2002, p. 132) com uma tonalidade profética sempre avança em sua teologia cheia de propostas: “uma verdadeira comunhão não nasce de cima para baixo, mas nasce entre iguais – por meio de relações de reciprocidade”.

Desse modo, chega-se a entender que a atuação e pregação de Jesus acerca do Reinado é uma pedagogia dirigida aos dóceis para que cheguem pessoalmente e naturalmente a certas conclusões, não antecipadas em forma de tese ou de axioma. Nesse sentido, reconhece um timbre profético de Simone Weil na carta ao Padre Perrin, escrita de Casablanca (Carta VI de 26 de maio de 1942) quando convida também a reinventar a Santidade no texto “À Espera de Deus”:

Hoje não basta ser santo, é necessária uma santidade que o momento presente exige, uma santidade nova, também sem precedentes [...] Um novo tipo de santidade, isto é, um impulso, uma invenção [...] O mundo precisa de santos que tenham uma genialidade, assim como uma cidade onde existe peste há necessidade de médicos” (AD p. 82).

Teoricamente, para Weil (2019), o destino espiritual deve parecer inteligível, já que em sua missão Jesus revela que o Pai reversa, isto é, lança, expelle o seu amor sobre todos: faz que atingindo à Fonte de toda bondade e humildade a humanidade mergulhada em sua mística possa trazer no mundo a água viva do Espírito, que tudo renova.

Contudo, não basta somente proferir palavras é preciso, sobretudo, dar testemunho dos gestos do Reinado Trinitário que de um lado estão as processões divinas, que é as relações da Pessoas divinas Dentro de Deus, e o outro aspecto o Comblin chama de missão, pois, a estas estão relacionadas com a libertação do povo de Deus: “O Filho é enviado só pelo Pai e envia o Espírito juntamente com o Pai. Essa é a missão do Filho” (Comblin, 1983a, p. 250).

Nesse sentido, Comblin (1983a) tem razão, as missões do Filho e do Espírito Santo constituem o próprio objeto da Bíblia. O Espírito Santo vai sendo compreendido como a origem única do anúncio que proclama a salvação doada na ressurreição de Cristo. O Espírito Santo não chama atenção para si, mas para o Cristo.

O Espírito é também associado à água *baptízon em pnêumati hagiou* (“banhará” no Espírito Santo). Na concepção trinitária outorga a teologia do Pai, que é princípio, um Filho mediador e um Espírito, consumação da perfeição divina se reflete numa criação que tem um princípio ou origem, um meio ou centro e um fim (Sb 7, 15-18 “o princípio, o fim e o meio dos tempos”; Rm 11, 36 “Tudo é dele, por ele e para ele”).

No Filho tem-se a razão da expansão, no Espírito tem-se a razão da recapitulação. Assim, “a espiritualidade vivida, sobre a qual se fundamentará toda a reflexão teológica [...] Viver e falar cristãmente é, pois, viver e falar *em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*, entendendo isso como auto comunicação de Deus ao ser humano na história” (Bingemer; Feller, 2001, p. 136 grifo dos autores).

Essa autocomunicação de Deus, identifica a ação da trindade na história a tal ponto que o ensinamento da unidade divina na Trindade e da Trindade na unidade, que a teologia desenvolveu é consequência direta do Deus que Cristo Jesus deu a conhecer em suas estruturas neotestamentárias. Isto é, quando se chama Deus de Pai, já se pensa Nele em relação ao Filho que se dá em seu Espírito santificador. Assim, “a finalidade dos missionários/as cristãos é a vida: que todas as pessoas vivam realmente” (Comblin, 2009a, p. 78). O missionário procura o despertar da renovação da fé. A essência do clericalismo está em ajudar, orientar, formar, isto é, voltar a tomar decisões. O bem só será bem se assumido pelas próprias pessoas humanas.

5. 4 Resumindo

O capítulo apresentou de forma Sistemática teológica uma aproximação teológica hermenêutica entre a reflexão da primeira parte do Pater Noster de Simone Weil, em sua concepção trinitária imanente ao lado da formação teológica do Padre José Comblin, no capítulo 15 dedicado à Santíssima Trindade. Chegou-se à compreensão que tanto Weil pela compreensão filosófica – chega à mística da Trindade em Si, por Jesus Cristo – enquanto Comblin, como dito acima, revela que toda experiência tem uma estrutura trinitária: o Revelador ou Revelante (o Pai), o Revelado (o Filho) e a Revelação, no sentido de objetivo alcançado (o Espírito). Pode-se dizer que, por um lado a Trindade é o Deus Uno e, ao mesmo tempo que é o Pai.

Assim o Pai gera o Filho, semelhantemente a nossa alma gera o pensamento, o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. A alma, o pensamento e o amor não são coisas distintas, têm a mesma natureza espiritual e são inesperáveis. A fé Trinitária provém das sagradas Escrituras.

Logo em seguida se apresentou a chamada via profética mística de Comblin e de Weil, onde percebeu-se que os seus trabalhos pedagógicos com pessoas que são excluídas da sociedade, especificamente as mulheres, cada qual a seu estilo e no seu tempo, ambos, seguem o modo de comunicação de Jesus corresponde à natureza Trinitária de Deus e ao próprio modo através do qual o mesmo Jesus aprendeu a Deus, como experiência de vida, isto é, enquanto, a humanidade vai se tornando fiel no seguimento do caminho proposto por Jesus, mas o ser humano vai se deificando e participando da experiência Trinitária.

6 ENSAIO: A TRINDADE: E NÓS SOMOS UM!?

Os Padres e as Madres da Igreja, ao serem interpelados, conclamam a uma só voz: se queres salvar a tua alma e conseguir a vida eterna, sacode o entorpecimento, faz o sinal da cruz e diz: “Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém”.

Dessa maneira, pode-se entender que o Reino apregoado por Jesus consiste na vida nova que acaba de começar com a Encarnação do *Logos* revelando assim a santa harmonia trinitária.

Ao longo dessa pesquisa discorreu-se e analisou-se o Reinado Trinitário do Deus Cristão na perspectiva de Simone Weil e Joseph Comblin, situando a finalidade teológica dos Primeiros Cristãos, dos Concílios Ecumênicos e da atualidade do magistério orgânico da Igreja.

Ao longo da história, percebeu-se que, para a humanidade, além deste mundo, existe para o intelecto o mundo perfeito, imutável e eterno, e este jamais deixará de Ser. No entanto vive à procura de uma resposta para a sua existência. Na busca pelo transcendente encontra-se o ato supremo da Salvação em que Deus mesmo se faz carne, onde em Cristo Jesus, o Plano original do Pai encontra a congregação da unidade (cf. Jo 11, 51-52) experimentando a sua presença através do Espírito Santo. Desse modo, somos criados no Pai, redimidos em Jesus e templos do Espírito Santo, chegando a denunciar o antirreino e totalmente realizando o amor absoluto que tem seu ápice na Páscoa de Jesus.

Sendo assim, norteou-se pela história mística de Simone Weil, suas cartas, anseios e inquietações na busca pela promoção humana até o encontro final com a Trindade Santa, dia de seu batismo, mas dia também de sua Páscoa definitiva. E logo se fez compreender a perspectiva teológica libertadora vivenciada pelo Padre José Comblin, na sua opção pela formação de Missionários/as para uma promoção integral e solidária do Reino de Deus.

A perplexidade teológica trinitária não deve ser compreendida como algo difícil, mas como expectativa de experiência, atualidade e espiritualidade. Os conceitos teológicos devem ser preenchidos da espontaneidade interna que vem da autorrevelação de Deus que, se tornando um mendigo do amor, reclama: “meu filho, dá-me teu coração” (Pr 23,26).

Afirmará Comblin (2004, p. 22) “em Deus o amor não é cultual: não está no culto que o Filho ou o Espírito Santo prestam ao Pai. O amor está entre as pessoas divinas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo”. A finalidade de toda vida espiritual está nessa configuração relacional. E as celebrações litúrgicas passam de uma servil obediência para um encontro, uma amizade total com Deus e os irmãos.

Neste contexto, vale dizer que a teologia da Santíssima Trindade está profundamente mergulhada na Espiritualidade, na mística. Não são contrárias aos conceitos impregnados pela

teologia dogmática. Desse modo, toda a inspiração intelectual, liberdade interior, amor aos pobres, não vem do ser humano em si mesmo, mas é um presente da Santíssima Trindade.

O presente ensaio demonstra que a oração é o caminho seguro para relacionar-se com a Trindade, descobrindo sua beleza e a distância que nos separa dela. Em um primeiro momento, destaca-se o mistério Pascal na fé no Deus de Jesus Cristo; no segundo ponto, analisa-se a vida mística em sua exuberância atual, no sentido de “desacomodar” o ser humano e impeli-lo em busca de sua liberdade e responsabilidade para num mergulho total em Deus Trindade quer que sejamos um Nele.

É fato que a fé Trinitária tem seu fundamento no evento Pascal de Cristo. O evento Pascal é uma experiência da comunidade apostólica onde a “História do Pai, do Filho e do Espírito é, portanto, a ressurreição de Jesus da morte, um evento da história trinitária de Deus: nele a Trindade se oferece como a unidade do Ressuscitante, do Ressuscitado e do Espírito de ressurreição e vida...” (Forte, 1987, p. 32).

No mistério Pascal, Jesus introduz a humanidade no núcleo íntimo do mistério de Deus. Pode-se dizer que no Kerigma Pascal a reflexão trinitária divide-se em três momentos: primeiramente, é o anúncio de Deus como Pai, feito por Jesus, sendo o *Logos* Encarnado, isto é, o Filho e a obra do Espírito Santo, que ele deixou à humanidade (Jo 14, 16-17), tendo a finalidade de levar a comunidade dos fiéis a uma santificação radical. Segundo, o evento Pascal em si, já é a dimensão reveladora do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E terceiro, dentro da riqueza do Novo Testamento o aprofundamento da compreensão Pascal da comunidade apostólica sobre a orientação do Espírito Santo que mergulha na credibilidade do anúncio de Cristo: uma passagem da *oikonomia* à Teologia. Deus, que realmente se dá em tudo, por meio da autocomunicação, faz com que a comunidade passe a compreender Jesus não apenas como homem, mas Filho de Deus, onde a plena intimidade é a transparência mútua trinitária, fonte total da felicidade absoluta. Mesmo assim, “a teologia da Trindade se expõe, quase inevitavelmente, à suspeita de aproximar-se indevidamente do mistério do Deus triúno com suas especulações e deduções” (Werbick, 2012, p. 457).

Destarte, não basta afirmar que tudo vem de Deus e volta para Ele. É preciso ter consciência de que a existência é um dinamismo total que pertence ao ser eterno da Trindade. Muitas vezes não se percebe o valor do Deus que ama, que caminha ao nosso lado, que sofre conosco na construção do mundo e do próprio ser humano. Muitas vezes se prefere um Deus mágico que resolva tudo sem um mínimo de esforço humano. Mesmo que não se possa explicar a origem do mal, da falta de compromisso, das provações sofridas em comum, como secas, acidentes, enchentes, mortes, doenças, Deus sabe usar e orientar as forças e os objetos de sua

criação, para que em seu meio, o homem se liberte. Deus não liberta o povo pelas forças da natureza, mas no meio delas e sabendo usá-las.

É preciso ir a fundo na distância que há entre Deus e as criaturas. Assim, Simone Weil coloca-a no âmbito da Santíssima Trindade por meio do *malheur* sofrido por Cristo na Cruz, isto é, a Paixão de Cristo. O *malheur* torna Deus ausente por um tempo, mais ausente que um homem morto, mais ausente que a luz em um calabouço completamente sombrio [...] Durante essa ausência, não há nada para amar [...] A ausência de Deus se torna definitiva” (Weil, 1942, p. 79).

Certamente, conforme o sentido que a Igreja lhe atribui atualmente, a meditação e a consideração das verdades de fé com o impulso do coração a Deus onde “para as pessoas cristãs, não é possível haver fraternidade e amizade social descurando-se do referencial fundamental que é o Deus Uno e Trino, Comunhão de amor, Criador que acolhe e salva” (C.F⁹⁶. Texto-Base, 57).

Contudo, a sua realidade não é assegurada em crenças, mas, sim, na liberdade, objetivo da humanidade, porém não vem de si mesmo. É preciso enraizar-se da oração de Jesus e com Jesus, que ensina “Pai, Santificado seja o teu Nome; venha o teu Reino” (Lc 11, 2b). Nesse sentido “a origem de tudo é o Pai, não a Trindade em si mesma como círculo fechado da sua própria reciprocidade. Isso quer dizer que o Pai explica e justifica sua existência por si mesmo, sem referência ao Filho e ao Espírito Santo” (Ladaria, 2009, p. 144).

Assim, compreende-se que o mistério de Cristo, que se refere à sua pessoa e à sua obra de salvação, junta e resume todos os artigos da fé: os que se referem à Trindade, pois Ele é Deus, o Filho do Pai, e revela-nos a Trindade e, os que se referem aos desígnios e obras de Deus, pois Ele levou a cabo o plano da sua vontade salvífica. Há de se concordar com Weil que há uma extrema distância no seio da Santíssima Trindade e, além do mais, passa a inserir o elemento da Paixão de Cristo no seu conceito de criação para enfatizar que esse é o cenário em que um ser humano pode estar mais distante de Deus, mas, a maneira mais próxima de estar totalmente inserido nele. É em nome desse amor que as pessoas começam o movimento de ascese em direção a Deus ou ao Bem Absoluto (Weil, LR, p. 57).

Percebe-se que a reflexão teológica vai ensinar a meditar e a sistematizar o pensamento. Entretanto, é preciso antes de tudo silenciar, sondar as profundezas da consciência e deixar o Espírito falar. Mas como saber se é de fato a voz do Espírito? É necessário arriscar, visto que o pensamento pode ocorrer de modo místico, mágico, pois as explicações por vezes perpassavam

⁹⁶ C.F. Campanha da Fraternidade.

no fundamento dos deuses, o qual desemboca nos mais diversos âmbitos: social, econômico, cultural e político. Desse modo, é preciso “sentir Deus numa experiência globalizadora e menos com o pensar Deus, associando-a ao espírito do tempo com a função de religar e unificar a experiência da prática” (Silva, 2009, p. 233).

Contudo, é significativo pensar na ausência de Deus, nas diversas circunstâncias existenciais aos que não podem esquadrear-se inteiramente na organização institucional religiosa, porém, dentro dessas limitações podem e devem encontrar a esperança.

De acordo com Moltmann (2000, p. 36) “Por esse motivo, a teologia cristã deverá reconhecer o próprio Deus na Paixão de Cristo e descobrir essa paixão de Cristo em Deus Mesmo”. Isso implica dizer que nos momentos em que parece que Deus está ausente se interpõe a presença do Pai Amoroso. Temos que conhecer a Trindade pela ação do serviço ao próximo, que está guiada através da comunidade dos fiéis para não adaptar Deus a seu próprio juízo.

Deus é puro e eterno amor. A união com Deus Pai passa pelo amor e pela fé em Jesus, o filho de Deus, pelo amor ao próximo, o amor é doméstico e entre os cristãos se exige reciprocidade “amemo-nos uns aos outros, pois o amor é de Deus” (1Jo 4, 7) princípio do novo nascimento.

Assim, conforme atesta Tepe (1987, p. 28) “é um antigo axioma teológico que em Deus tudo é comum, menos a relação pela qual cada pessoa da Santíssima Trindade é identificada”. Desse modo, a primeira Pessoa é o Pai, isto é, o arché, a fonte, a origem. A segunda Pessoa é o Filho, em relação ao Pai é originada, gerada, já que o Pai é Ingênito. E a terceira Pessoa procede do Pai e do Filho, que é o Espírito Santo.

Contudo, os argumentos doutrinários isoladamente da especulação da Trindade Imanente mais a escondem do que a revelam. Portanto, o melhor método teológico de sua inteligência é a sua autocomunicação, assim, tem-se proeminência a centralidade do evento Pascal e, mesmo com esse enfoque deve-se partir da humildade e do fato de que a Trindade constitui um Mistério impenetrável. Isso não significa que não deve ser especulado, mas sim, que a revelação do Deus triúno continua um mistério inesgotável.

Há certa compreensão nas afirmações reveladas acerca do Deus único Pai, Filho e Espírito Santo. Exerceram grande influência em todo o mundo Ocidental, levando à elaboração de muitos conceitos, nomeadamente de hipóstase, pessoa, essência, processão e relação, a Trindade Imanente, revelada na existência de cada pessoa humana, como se constata na Vida de Weil e Comblin.

Para o padre José Comblin a experiência da Santíssima Trindade na Igreja dos pobres é uma experiência tão concreta e forte que se cessa a explicação. É preciso experimentar esse

Jesus Cristo, a sua Palavra, pois somente através da força do Espírito Santo o indivíduo vai se humanizando a tal ponto que, quando a escatologia chegar haverá a alegria eterna onde o Homem e a Mulher serão plenificados da graça de Deus.

A linguagem litúrgica cristã é imensamente rica em fórmulas trinitárias sobre a divina salvação, vinda do Pai, pelo Filho no Espírito em anáforas doxológicas, símbolos de fé, que testemunham a orientação trinitária da catequese e da liturgia na Igreja Antiga. A comunidade foi entendendo, “em razão de sua relação constitutiva com a Santíssima Trindade que o homem é, por conseguinte, imagem de Deus Pai, pelo Filho, no Espírito Santo; nele se reflete o Amor amante, visto ser amado originalmente na unidade” (Forte, 1987, p. 173).

Para tanto, é preciso deixar-se mergulhar no mistério da fé, estar atento à Trindade, colocar-se na sua presença, adorá-la, considerar um encontro face a face. O “nosso eu” pode se dirigir não apenas a uma única, mas às três Pessoas distintas da Santíssima Trindade, e iniciar um diálogo com cada uma” (Tepe, 1987, p.39). Esse diálogo foi traduzido nas formulações do Novo Testamento (cf. Tt 3, 4.6; 1Pd 1, 2; Jd. 20, 21; Ap. 1, 4, 5; Hb 6,4). Reflexão pautada pelos principais místicos e teólogos dos séculos III e IV, traduzido em formulários as experiências de fé, de celebração e de instrução catequética das comunidades cristãs em doutrinas com escritos que deixam clara a unidade de natureza e de comunhão e a Trindade de Pessoas no mistério do Deus Cristão. De fato, a Tri-unidade é modelo máximo e insuperável de toda verdadeira comunhão humana, especialmente da comunidade cristã.

A decisão do ser humano por Jesus, abre-se, portanto para a “lógica do amor que se evidencia na autocomunicação, histórica narrativa de Deus” (Werbick, 2012, p. 460), pois a Trindade ama a sua criação e se amplia em ver e de unir-nos a Si. Deste modo, o Espírito Santo convida a humanidade a unir-se com insistência e aí encontram-se os perfeitos contempladores em um dom livre da vontade de Deus, que ilumina a inteligência enchendo-se do Evangelho de Jesus alimentando-se de Deus mesmo.

Tudo isto é possível desde o evento Pascal que revela a história do Pai como aquele que entregou o Filho por amor à sua criatura. Por meio do Filho, o Pai estende a toda humanidade pecadora, agora filhos no Filho, o dom de vida e reconciliação. Assim, “a Trindade é fonte e imagem da Igreja é, enfim a sua meta: nascida do Pai, pelo Filho, no Espírito, a comunhão eclesial, deve, no Espírito voltar ao Pai” (Forte, 1987, p. 190).

Os esforços da teologia fecundaram a dogmática da Santíssima Trindade: três pessoas em um só Deus. Isto é, chegou à concepção de que há uma só natureza na Divindade; ou melhor, três pessoas concebidas com relações subsistentes iguais e distintas de forma que a unidade na Natureza não impede a pluralidade de Pessoas. A Trindade primeiramente é o protótipo do

Reino de Deus é um ideal que deve corresponder as realidades presentes e que ainda está longe de nosso mundo. Como pode-se notar, a ordem da argumentação sempre é pobre, no sentido de que é preciso abandonar-se, mergulhar-se no profundo conhecimento bíblico, teológico, místico e doutrinal. Destarte, a Igreja, obra da Trindade, não deve fazer oposição cristológica e pneumatológica, em que de Cristo seria tudo institucional: sacramentos, hierarquia, doutrinas; do Espírito Santo, todos os movimentos livres e carismáticos. Na Igreja o Pai lavora sempre com as duas mãos (Tepe, 1987, p. 95).

A vida segundo o Espírito nos incorpora aos critérios, à sabedoria e à sensibilidade espiritual com que Jesus vivia e atuava, envolvendo-se, assim, “na ternura do amor trinitário, reveste-se, portanto, a história num sentido profundo” (Forte, 1987, p. 205). A vida segundo o Espírito transmite a “mentalidade” e os “costumes” de Deus. É a isso que o orante, místico, teólogo busca incansavelmente para que unido à Trindade por amor, no tempo presente a vê pelos olhos da fé antecipando de certa forma aquela contemplação perfeita que terá na Glória.

A força do Espírito Santo será dada também para se tomar iniciativas, para convencer os animadores, a comunidade, o povo, para enfrentar autoridades, as pessoas mais idosas, homens e mulheres. Não será uma força de fúria, mas uma força alegre, irradiante, força de Espírito Santo. E com essa força a missão será propagar o evangelho de Jesus no meio da comunidade. Não somente para dizer palavras, pois o mais importante é fazer na comunidade o que Jesus fazia no meio do povo.

Ademais, “como se reza, assim se crê (*Lex Orandi, lex credendi*)”. “A liturgia é a celebração da fé e se torna fonte contínua de renovação para fé” (Tepe, 1987, p. 80). Assim, pode-se afirmar que a Contemplação e a ação Missionária têm suas raízes na fé autêntica dos cristãos e dessa maneira, a alegria da Ressurreição, que é comunicada pelas mulheres (cf. Mt 28, 9-10),) faz com que esse júbilo de vitória, seja a certeza de que o Cristo acompanha a humanidade. De fato, a maneira como Ele se deu a conhecer entregando-se por amor e Amar como Jesus amou é difícil. Temos que conhecer a Trindade pela ação do serviço ao próximo através da comunidade dos fiéis para não apropriar Deus a seu próprio juízo.

Comblin afirma que (1983a, p. 255) “a pobreza das Pessoas divinas, que tudo têm em comum, também é origem e fundamento de toda a comunidade dos pobres, a comunidade dos que nascem pobres ou que caem na pobreza sem querer”. Por isso, é preciso enfatizar a vida comunitária. Deus que vive neste intercâmbio e dom, que se definem por seu dom mútuo que é o mistério central da fé e da vida cristã é o mistério da Santíssima Trindade, “por isso, os cristãos são batizados “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19). A Trindade é um mistério de fé escondido em Deus que só pode ser conhecido se for revelado. Os cristãos não

adoram três deuses diferentes, mas um único ser que desabrocha em três, permanecendo tudo em um. A Trindade é uma, Substancial. “O Pai é aquilo que é o Filho, o Filho é aquilo que é o Pai, o Espírito Santo é aquilo que são o Pai e o Filho”, ou seja, um só Deus por Natureza.

Enfim, é brilhante e maravilhoso o dinamismo de como se pode chegar ao mistério Trinitário. Olhando para Jesus Cristo conhecemos a Deus como Pai e ter acesso a esse mistério no Espírito Santo, é o caminho da unidade para a vida de oração.

O teólogo ao discursar sobre a vida cristã vai afirmando ser mistério e participação no mistério de Deus Trino e que se deve procurar a Deus nessa harmonia trinitária, onde ele se deixa encontrar e nos acolhe através da meditação, da contemplação da espiritualidade mística. Na oração experimenta-se a paz, a harmonia infinita que habitam um no outro. Tal perspectiva eleva a alma do teólogo que declama diante de Deus a triplicação da alegria quando se penetra na inabituação dos Três. A vocação de todos os homens é entrar no Reino de Deus inaugurado por Jesus.

Deus para nós, Deus na História, Deus agindo a nosso favor, tudo isso só se compreende e se sente na comunicação trinitária que se experimenta na vida e não há limitação no divino. O que se experimenta não esgota o que Deus Trindade é, e não se experimentam migalhas. Vida que não cessa, amor, pluralidade que enriquece. Comungar nas diferenças, homogeneidade, em Deus há espaço para o diferente, para a diversidade.

Com este ensaio se compreende que somos todos Um! (Jo 17, 21), em Deus Trino, para tanto devemos nos acostumar a dialogar, rezar na Trindade. Além da presença comum às três Pessoas, cada uma delas estabelece com a humanidade uma relação especial. Não se deve falar em termos de um Deus vago e unipessoal, como se costuma fazer habitualmente. Para que a Trindade não seja apenas uma fórmula teórica, mostra o que é pessoa em Deus, como amor e entrega de si, como exemplo e estímulo para as pessoas humanas. Na linguagem e nas comunidades sempre se deve ter como fundamento a Santíssima Trindade, que é o mistério central da fé cristã.

Entre história e Reinado eterno não haja mais barreira, mas continuidade. Cristo ressuscitado e subido ao céu não está todavia mais longe da terra, ou melhor, graças à ascensão de Jesus, a terra não está mais longe do céu. *Mateus* abre-se com a ‘boa nova’ do nascimento do Salvador, o Emanuel, o Deus conosco. E conclui-se não com uma partida de Cristo dos seus, mas com a promessa da sua permanência até o fim dos séculos. Jesus fica para sempre o companheiro do caminho da humanidade, até que ela chegue à sua meta gloriosa, no seio da Trindade divina.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o Reinado Trinitário do Deus Cristão na perspectiva de Simone Weil e de Joseph Comblin foi explanado de forma a assegurar que filosoficamente e teologicamente, pode-se vivenciar a experiência da Trindade consubstancial e supra-essencial. Essa vivência leva a comprometer-se com os mais vulneráveis da sociedade, reconhecendo a causa criadora de toda essência do Amor.

Os textos estudados e a metodologia aplicada promoveu a capacidade de atribuir significados à proposta da dissertação denominada o Reinado Trinitário do Deus Cristão na perspectiva de Simone Weil e Joseph Comblin. A utilização da técnica de fichamento, leituras, comparações e análises permitiu uma abordagem mais aprofundada dos dois autores em questão, aproximando seus pensamentos filosófico-teológicos. Além disso, o método dedutivo, quantitativo e comparativo utilizado contribuiu para uma análise sistemática dos conceitos fundamentais da teologia trinitária, estabelecendo relações entre os autores e esses conceitos.

A metodologia adotada foi adequada para alcançar os objetivos propostos na dissertação que encontrou uma teologia dogmática da Revelação, deparando-se com o resultado bíblico de que Jesus ao ter uma familiaridade única ensina aos discípulos a suplicar ao Pai o envio do Espírito Santo.

A realidade dogmática é de que o Espírito Santo está em união com o Pai e o Filho, permitindo que o cristão tenha conhecimento da sabedoria de permanecer em Cristo e em comunhão com a Trindade. É o Espírito Santo quem concede ao ser humano total liberdade para entrar no Reino de Deus representado pelos sacramentos: Batismo, Crisma, Eucaristia, Reconciliação, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio. No Reinado de Deus, o Espírito Santo é responsável por ungir e consagrar os indivíduos, o que é conhecido como a unção. Aqueles que permanecem no Senhor são considerados discípulos e, como tal, são ungidos pelo Espírito Santo e vivem como novas criaturas.

Refletiu-se o conceito de Trindade Econômica e Trindade Imanente como sendo compilações que, tanto a filosofia como a teologia usam para poder encontrar a marca da Santíssima Trindade nas suas relações autênticas entre si e com a humanidade.

Em seguida, na caminhada de Simone Weil, verificou-se que sua filosofia e mística, em sua gênese, têm em si algo que as unem: a busca pelo conhecimento. A filosofia pela via da razão, da lógica, da cientificidade e a mística pela via da subjetividade, do mistério e da interioridade, não deixando, por isso, de ter sua própria razão e sua própria lógica. Mas uma

está para complementar a outra, e por isso, em sua história de vida e na sua busca constante pela Verdade, Simone Weil é batizada.

Com a sua filosofia, chega ao ápice do dogma da presença real de Jesus na Eucaristia, bem associada ao mistério da cruz. Esta realidade abre-se ao mistério da cruz experimentada antes. Fez-nos compreender que a cruz não é um fato indutivo, um fato ocasional produzido por uma conjuntura na vida do Senhor. A Eucaristia é o sinal que une o céu e a terra. E desse modo, pela cruz, a vida se estende até o céu. Verificou-se com Weil que a Eucaristia é um alimento simples, como o pão, mas é o único que sacia, porque não há amor maior. Nela se encontra realmente Jesus, e se partilha da vida d'Ele, sentindo o seu amor. Na Eucaristia se pode experimentar o que é realmente a morte e ressurreição Jesus. E, por isso, quando se crê que Jesus está realmente na Eucaristia, o fiel recebe d'Ele o Espírito Santo e encontra paz e alegria.

Enveredou-se também na vida do padre José Comblin, um sacerdote diocesano belga, que veio como missionário para a América Latina, radicou-se no Brasil e trabalhou inserido no meio dos pobres do Nordeste. A princípio, viu-se o trabalho com formação para Seminaristas engajados no meio rural, em seguida, na formação de Missionários do Campo.

Este trabalho dedicou-se a apresentar a sua atuação na formação da associação das Missionárias do Meio Popular. Neste contexto a fé, a esperança e o amor no caminho do discipulado para Jesus Cristo impulsionam cada vez mais à opção preferencial pelos pobres, que vai além da assistência, promovendo a acolhida para a transformação. Trata-se de caminhar juntos, deixando-se evangelizar por eles, que conhecem bem Cristo sofredor, deixando-se “contagiar” pela sua experiência de salvação, sabedoria e criatividade.

Sendo assim, chegou-se às reflexões filosóficas-teológicas de Simone Weil, especificamente sobre o *Pater Noster*. E se fez um comparativo com a explicação Trinitária do padre José Comblin, no último tema do primeiro tomo do Breve curso de teologia: Jesus Cristo e sua missão. Assim, infere-se que o lugar central, de onde partem as linhas filosóficas ou teológicas, convergem no ponto culminante essencial que é a Trindade em si. Isto é, a Divindade é Unidade, a Trindade que atrai para si todos os seres humanos. O Deus *Logos* de Deus Pai existe misticamente em cada um que deseja amar o próximo como a si mesmo. Portanto, quem recebe o mandamento que é o anúncio do Reinado de Deus e o cumpre, recebe o *Logos* de Deus presente no mandamento do Amor, através do Espírito Santo.

Conclui-se que Weil e Comblin são profetas do Reinado Trinitário, já que para ambos é preciso denunciar as injustiças feitas ao pobre, mas para além de denunciar é preciso conviver com eles, o que significa enriquecer-se uns aos outros, através do dom do Espírito Santo. E se

existem estruturas sociais doentes que lhes impedem de sonhar com o futuro, Weil e Comblin convocam a todos para trabalharem em conjunto para curar e mudar a sociedade que está imbuída do antirreino. Para isto, é preciso conduzir a humanidade ao amor de Cristo que nos amou até o extremo (Jo 13, 1) e chega inclusive aos confins, às margens, às fronteiras existenciais. Aquele que recebeu e cumpriu com o mandamento da Caridade, recebeu e traz em si misticamente e profeticamente a Santa Trindade.

Com as obras póstumas de Weil (O Enraizamento) e Comblin (O Espírito Santo e a Tradição de Jesus), essa pesquisa aponta para um trabalho minucioso de compreensão sobre a humanidade, crente ou não, viva no signo da Páscoa, isto é, o mistério do Ressuscitado que traça o caminho paradigmático da Igreja e encontra na Face do Pobre o rosto do Cristo e anuncia a eles a salvação e a libertação, graças ao Espírito Santo. Mediante uma vida de fé que só poderá conduzir a uma regra de conduta de vida que está na ética e na moral, já que Jesus Cristo, revela esse amor do Pai a toda a humanidade. Pede que seus discípulos/as sejam testemunhas da bondade para trazer ao mundo a novidade da verdade e da vida que é Jesus, o Filho amado.

O Cristo que se encontra numa relação única com o Pai, foi por ele enviado para introduzir a humanidade na inefável circulação de caridade e humildade que liga, na Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo.

Ao considerar a encarnação do Verbo, que estava no seio do Pai, veio ao mundo para revelar Deus, com a Ressurreição. O ser humano que estava afastado de Deus num puro *malheur*, é reconduzido no seu seio, feito filho no Filho, onde Homens e Mulheres são convidados ainda hoje a propagar, assumir o *malheur* em vista da sua total libertação. Sendo a Santíssima Trindade uma essência única que ultrapassa o intelecto e a razão, bem como uma divindade oculta que é procurada nas explicações teológicas-filosóficas, pode-se afirmar que as qualidades supracitadas que vemos ao redor dela são semelhantes, pois a Trindade Econômica é a Trindade Imanente. Desse modo, chega-se a compreender que tanto Weil como Comblin abraçaram com a vida a perspectiva do Reinado Trinitário Cristão.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo. Edições Paulinas, 1985.
- A BÍBLIA. Tradução Ecumênica. 3ª Edição: 2020, São Paulo: Loyola, 1994.
- AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. Tradução do original latino e introdução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.
- ALBERIGO, Giuseppe. **História dos Concílios ecumênicos**. Tradução de José Maria de Almeida; revisão Honório Dalbosco. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- ANTOLOGIA LITÚRGICA**: textos litúrgicos, Patrísticos e canônicos do primeiro Milénio. 2 ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia Casa Santa Ana, 2014.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2012.
- BASÍLIO Magno, Santo, bispo de Cesareia. **Homilia sobre Lucas 12, Homilias sobre a origem do homem, Tratado sobre o Espírito Santo**. Tradução de Roque Frangiotti: Homilia sobre Lucas 12. Monjas beneditinas do mosteiro Maria Mãe de Cristo, Caxumbo (MG): Homilias sobre a origem do homem. Tratado sobre o Espírito Santo. São Paulo: Paulus, 2015.
- BARBAGLIO, Giuseppe. **Jesus, hebreu da Galileia**: pesquisa histórica. Tradução de Walter Eduardo Lisboa. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BARBOSA. Maria das Graças da Cruz; IVO. Felipe Cavalcanti; CARVALHO. Maria Elizete Guimarães. **A Escrita de si de DOM José Maria Pires: Entre Cartas Pastorais e Homilias (1975-1980)**. In: Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 07, n. 22, p. 658-676, set./dez. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/14961/10801> Acesso: 04 Set 2023.
- BALTHASAR, Hans Urs Von. O Acesso à Realidade de Deus. In: **Mysterium Salutis**: compêndio de Dogmática Histórico-salvífica. Editado por Johannes Feiner e Magnus Löhrer. Petrópolis, Vozes, 1972.
- BELLO, Angela Ales. **O Sentido do Sagrado** da arcaicidade à dessacralização. Tradução de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, Dilson Daldoce Júnior.
- BLOOM, Anthony. **Oração Viva**. Tradução de M. A. Leme Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1987.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2012.
- BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. **Deus-Amor**: a graça que habita em nós. Trindade e Graça II. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2003.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Crer e dizer Pai, Filho e Espírito Santo (algumas reflexões sobre a Trindade hoje). In: **Atualidade Teológica** ano V nº 9, Julho/Dezembro 2001.

BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. **Deus trindade**: a vida no coração do mundo. 2. ed. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, ²⁰⁰⁹.

BINGEMER, Maria Clara. Simone Weil. **Una Mística en los limites**. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2011.

BINGEMER, Maria Clara. Simone Weil. La Prière du Pater et L'Expérience Trinitaire de Simone Weil. In: **Cahiers Simone Weil**: Les écrits de Marseille IV. Revue trimestrielle publiée par l'Association pour l'étude de la pensée, de Simone Weil. Juin, 2013.

BINGEMER, Maria C. **Simone Weil: a força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro. Rocco. 2007

BINGEMER, Maria Clara. PUENTE, Fernando Rey. Simone **Weil e a filosofia**. ed. PUC RIO e ed. Petrópolis RJ, vozes, 2011.

BOFF, Leonardo. **Trindade e a Sociedade** série II: o Deus que liberta seu Povo. 3 ed. Petrópolis RJ, vozes, 1987.

BOFF, Leonardo. **Trindade e a Sociedade** é a melhor comunidade. 11. ed. Petrópolis RJ, vozes, 2009.

BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOSI, Ecléia. Simone Weil. In: **Simone Weil**. A condição Operária e outros estudos sobre a opressão. Selação e apresentação de Ecléia Bosi. Tradução de Therezinha G. G. Langlada. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

BROWN, Colin & COENEN Lothar. **Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento**. v.I-II 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BURUCCHI, Aurea Marin. **Deus Trindade**. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 522-537, abr./jun. 2012.

CALADO, Alder Júlio Ferreira; CANOVA, Hermínio. **Inventividade Revolucionária da Pedagogia Combliniana: Experiências emblemáticas do Legado de José Comblin**. In. José Comblin Guia de Leitura. Org. Adauto Guedes et. Al. Campina Grande: EDUEPB, 2022.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **José Comblin: Memória, Compromisso e Reinvenção** In. José Comblin Guia de Leitura. Org. Adauto Guedes et. Al. Campina Grande: EDUEPB, 2022.

CASTRO.V. J de. **Espiritualidade cristã Mística da realização humana**. São Paulo, Paulus, 2008.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO JOSÉ COMBLIN. Disponível em: <http://www.unicap.br/comblin/>.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição dogmática, Lumen Gentium*, In. Compêndio do Vaticano II, Petrópolis, Editora Vozes, 1991.

CONCÍLIO VATICANO II, *Decreto, Ad Gentes*, In. Compêndio do Vaticano II, Petrópolis, Editora Vozes, 1991.

CONCÍLIO VATICANO II Decreto, Apostolican Actuositatem, In. Compêndio do Vaticano II, Petrópolis, Editora Vozes, 1991.

CONCÍLIO VATICANO II Declaração, *Nostra Aetate*, In. Compêndio do Vaticano II, Petrópolis, Editora Vozes, 1991.

CNBB, 104. **Comunidade de Comunidades: uma nova Paróquia** São Paulo: Paulus, 2013.

CNBB, 100. “Comunidade de Comunidades: uma nova Paróquia a conversão Pastoral da Paróquia. Edições CNBB, 2014.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/ Campanha da fraternidade 2024: Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CELAM. *Documentos do CELAM: Rio – Medellín – Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004.

CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS/ Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CROCE, Giovanna della. **I Mistici del Nord**. Edizioni Studium – vita nova copyright, 1981.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a Tradição de Jesus**. José Combin; organizado por Ermínio Canova. São Paulo: Paulus, 2023.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a Tradição de Jesus**. São Bernado do Campo: Nhanduti Editora, 2012.

COMBLIN, José. **Padre Ibiapina**. São Paulo, Paulus, 2011a.

COMBLIN, José. **O Povo de Deus**. 3 ed. São Paulo, Paulus, 2011b.

COMBLIN, José. **Padre Cícero de Juazeiro**. São Paulo: Paulus, 2011c.

COMBLIN, José. **Jesus, Enviado do Pai**. São Paulo, Paulus, 2009a.

COMBLIN, José. **Jesus de Nazaré**. São Paulo, Paulus, 2010a.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo no Mundo**. São Paulo, Paulus, 2009b.

COMBLIN, José. **A Oração de Jesus**. São Paulo, Paulus, 2010b.

COMBLIN, José. **Vocação para a Liberdade**. 4 ed. São Paulo, Paulus, 2005.

COMBLIN, José. **Um novo amanhecer da Igreja?** 2. ed Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

COMBLIN, José. Saudades da América Latina. In: **A Esperança dos Pobres vive**: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2003.

COMBLIN, José. **Retiros para missionárias**. João Pessoa, 1991.

COMBLIN, José. **Cristãos Rumo ao século XXI**. Novos caminhos de libertação. São Paulo: Paulus, 1996.

COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos vol. I: 1-12**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

COMBLIN, José. **O Caminho**. Ensaio sobre o Seguimento de Jesus. São Paulo, Paulus, 2004.

COMBLIN, José. Jesus Cristo e a sua Missão. In: **Breve curso de teologia**. São Paulo: Paulinas, 1983a.

COMBLIN, José. O Espírito Santo e a sua Missão. In: **Breve curso de teologia**. São Paulo: Paulinas, 1983b.

COMBLIN, José. A Igreja e sua Missão no Mundo. In: **Breve curso de teologia**. São Paulo: Paulinas, 1983c.

COMBLIN, José. A Sabedoria Cristã. In: **Breve curso de teologia**. São Paulo: Paulinas, 1986.

COMBLIN, José. O direito de associação na Igreja. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Tomo 53, Fasc. 212, 1993.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos e declarações de fé e moral**. 3. ed. São Paulo: Paulinas: edições Loyola, 2015.

DIETRICH, Luiz José. **Em busca da Palavra de Deus**: uma leitura do Deuteronômio entre contradições, ambiguidades, violências e solidariedades/ Luiz José Dietrich, Rafael Rodrigues da Silva – São Paulo: Paulus, 2020.

DIETRICH, Luiz José e KAFER, Ademar José. A Formação do povo de Israel. In: Kafer, José Ademar. **Uma história de Israel**: leitura crítica da Bíblia e arqueologia / José Ademar Carlos Frizzo, Maria Antônia Marques; organizado por Shigeyuri Nakanose, Luiz José Diethich. São Paulo: Paulus, 2022.

DOGLIO, Claudio. **Literatura Joanina**. Tradução de Leonardo A.R.T. dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

DROBNER, Humbertus R. **MANUAL DE PATROLOGIA**. Tradução de Orlando dos Reis e Carlos Almeida. 3 ed. ampliada e revisada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

ESTELRICH, Bartomeu. **Simone Weil's Concept of Grace**. Modern Theology. v.25, n.2, pp. 239-251. 2009.

ELOWSKY, Joel. Introdução. **Creio en el Espírito Santo** *In: El Credo Comentado por Los Padres de La Iglesia y otros autores de la época patrística*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2021.

EICHER, Peter. **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

FIGUEREDO, Cristina de Oliveira. **O Malheur e a verdade em Simone Weil [manuscrito]: uma interpretação do sofrimento humano**. / Cristina de Oliveira Figueiredo. Dissertação: Universidade Federal de Ouro Preto, 2021. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/13455/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_MalheurVerdadeSimone.pdf. Acesso 02 de Set. 2023.

FORTE, Bruno. **A Trindade como história**: ensaio sobre o Deus cristão. São Paulo: Paulinas, 1987.

FORTE, Bruno. **Maria, a Mulher ícone do Mistério**: ensaio de mariologia simbólico-narrativa. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANGIOTTI, Roque. **História das Heresias**: séculos I-VII: conflitos ideológicos dentro do Cristianismo. São Paulo, Paulus, 1995.

GABELLIERI, E. **Ontologie de la médiation** Simone Weil, le grand passage. Question de n° 97, Albin Michel, p. 75-85, 1994.

GABELLIERI, E. **De la métaphysique à la phénoménologie**: une « relève » ? Revue philosophique de Louvain, p.625-645, nov. 1996.

GEBARA, Ivone. **Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas**. Uma perspectiva ecofeminista. São Paulo: Paulinas, 1994.

GEBARA, Ivone. As mulheres e o processo de libertação na América Latina: uma homenagem ao amigo José Comblin. In: **A Esperança dos Pobres vive**: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2003.

GRÉGOIRE, Réginald. **La Vocazione Sacerdotale**: I Canonici regolari nel Medioevo. Edizioni Studium – vita nova copyright, 1982.

GONZÁLEZ, Antonio. El Reinado Trinitario Del Dios Crisitano. In: **A esperança dos Pobres vive**: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2003.

HAMMAN, Adalbert. A Trindade na Liturgia e na Vida Cristã. In: **Mysterium Salutis**: compêndio de Dogmática Histórico-salvífica. Editado por Johannes Feiner e Magnus Löhrer. Petrópolis, Vozes, 1972.

HEGEL, G.W.F. **Introdução à História da Filosofia** (Introdução). In: Os Pensadores, SP, Abril, 1996, p.440.

HEGEL, G. W. F. **Lectures on the history of philosophy**. Vol. 3. Trans. R. F. Brown and J. M. Stewart. Berkeley: University of California Press, 1990.

HILBERATH, Bernd Jochen. A Vida a partir do Espírito. In: **Manual de Dogmática**/ editado por Theodor Scheneider; elaborado por Bernd Jochen Hilberath... [et al]; tradutores Ilson Kayser, Luís Marcos Sander, Walter Schupp. 3 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

HOORNAERT, Eduardo. A Teologia da Enxada: Quarenta anos depois. In: **José Comblin**: Guia de Leitura. Adauto Guedes Neto, Alder Júlio Calado, Eduardo Hoornaert (Org.) Campina Grande: EDUEPB, 2022b.

HOORNAERT, Eduardo. O Espírito de José Comblin. In. José Comblin Guia de Leitura. Org. Adauto Guedes et. Al. Campina Grande: EDUEPB, 2022a.

IBIAPINA, José. **Instruções espirituais do Padre Ibiapina**. In: COMBLIN, José (Org). São Paulo: Paulinas, 1984.

IRINEU, Santo, bispo de Lião. **Contra as heresias**. Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização e notas bíblicas Roque Frabgiotti; tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Christifideles Laici**. A Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo. 16ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

JOSAPHAT, Carlos. **Paradigma Teológico de Tomás de Aquino**: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da suma teológica. São Paulo: Paulus, 2012.

JUSTINO de Roma. **I e II Apologias; Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 1995.

KAFER, José Ademar. **Uma história de Israel**: leitura crítica da Bíblia e arqueologia / José Ademar Carlos Frizzo, Maria Antônia Marques; organizado por Shigeyuri Nakanose, Luiz José Diethich. São Paulo: Paulus, 2022.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Essais de Théodicée**. Paris: Flammarion, 1969.

LACOSTE, J. Y. (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. Tradução: Paulo Meneses et alli. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

LADARIA, Luis Francisco. **O Deus vivo e verdadeiro**: o mistério da Trindade. Tradução de Paulo Gaspar Meneses. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

LADARIA, Luis Francisco. **A Trindade**: Mistério de comunhão. Tradução de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

LADARIA, Luiz F. **Introdução à Antropologia Teológica**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 7º ed. São Paulo: Loyola, 2016.

LECIONÁRIO DOMINICAL, A-B-C. Palavra do Senhor. São Paulo: Paulus, 1994.

LEO IB-26. **Especial Monseñor Leônidas Proaño**. Quito, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IXxeQKeXoNo>. Acesso: 12 jun. 2023.

LORENZEN, Lynne Fabber. **Introdução a Trindade**. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2002.

LÓPEZ MARTÍN, Julián. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ. Vozes, 2022.

MARIANI, Ceci Baptista. **Mística e Teologia**: Desafios contemporâneos e contribuições. Atualidade Teológica. Ano XIII nº33, setembro a dezembro/2009.

MAURILLE, Miche. I Canonici Olandesi in Brasile. In: **Presenza dei Canonici Regolari Lateranensi in America**. Curia Generalizia, Roma, 2008.

MASCILONGO, Paolo. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos** / Paoli Mascilongo, Antonio Landi. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

MARSILI, Salvatore. **Sinais de Cristo**: teologia litúrgica dos sacramentos espiritualidade e ano litúrgico. Tradução de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2009.

MACKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

MCGUCKIN, John Antony, ODEN, Thomas, C. (editor geral); RODRÍGUEZ, Marcelo Merino (Versión al Cateliano). **Creio em um solo Señor, Jesucristo** In: El Credo Comentado por Los Padres de La Iglesia y otros autores de la época patristica. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2021.

MESTERS, Carlos. Carta a Comblin. In: **A esperança dos Pobres vive**: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2003.

MISSAL ROMANO. Edição da Tradução portuguesa do Missal Romano para o Brasil. Edições CNBB, Brasília DF.

MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia**: os filósofos do Ocidente vol.3 tradução de Benôni Lemos; revisão de João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 2005.

MOLINARO, Aniceto. **Léxico de metafísica**. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2000.

MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus** uma contribuição para a teologia. Tradução de Ivo Martinazzo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MUGGLER, Mônica Maria. **Padre José Comblin, uma vida guiada pelo Espírito**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora. 2013.

MUGGLER, Mônica Maria. A páscoa do Pe. José Comblin (22-03-1923 / 27-03-2011). Disponível em: <https://revistaconsciencia.com/a-pascoa-do-pe-jose-comblin-22-03-1923-27-03-2011/>. Acesso em 24 de maio 2023.

NOVACIANO. **A Trindade, Escritos éticos, cartas**. Tradução de Heres Drian de O. Freitas. São Paulo: Paulus, 2017.

PALAVRAS DE UM PASTOR: Dom Marcelo Pinto Carvalheira. Arcebispo Emérito da Paraíba / Adriano Lima, Organizador. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, UFPB/BC, 2016.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. Tradução de Gentil Avelino Tilton. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PAGOLA, José Antonio. **O Caminho Aberto por Jesus**: Marcos. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. Tradução: Santa Sé. Brasília – DF, Edições CNBB, 2023.

Padres Népticos **Filocalia**. Volume V Simeão o Novo Teólogo a Gregório o Sinaíta. Tradução do grego Jacques Touraille Abbaye de Bellefontaine Sob supervisão do Pe. Boris BOBRINSKOY Tradução Luis. Portugal: Editora. KEHL M M X I I

PIERINI, Franco. **Curso de História da Igreja**. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1998.

PINHEIRO, M. R.; BINGEMER, M. C. L. (Orgs.). Filosofia da religião: mística e filosofia. In: PINHEIRO, M. R.; BINGEMER, M. C. L. **Mística e filosofia**. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 2010. p. 7-8.

PIRES. Dom José Maria. Varredor que Varres as Ruas, Tu Varres o Reino de Deus. In: **A Esperança dos Pobres vive**: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2003.

POITIERS, Santo Hilário. **Tratado da Santíssima Trindade**. Tradução de Cristina Penna de Andrade. São Paulo: Paulus, 2005.

PREFEITURA DE GUARABIRA. **Dom Marcelo**: Dom da ternura. Guarabira-PB. Exibido na TV Assembleia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QZfDKVsaCvc>. Acesso em 31 mai. 2023.

PSEUDO-DIONÍSIO. o Areopagita. **Obra completa / Pseudo-Dionísio**. o Areopagita: tradução de Roque Aparecido Frangiotti. São Paulo: Paulus. 2004.

PUEBLA. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da III Conferência do Episcopado Latino-Americano. Puebla de los Angeles, México, 27-1 a 13-2 de 1979. 5 ed. Edições Paulinas.

RAHNER, Karl. O Deus Trino, Fundamento Transcendente da história da salvação. In: **Mysterium Salutis**: compêndio de Dogmática Histórico-salvífica. Editado por Johannes Feiner e Magnus Löhrer. Petrópolis, Vozes, 1972.

RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé**: introdução ao conceito de Cristianismo. Tradução de Alberto Costa; revisão de Edson Gracindo. São Paulo: Paulinas, 1989.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia, 6:** de Nietzsche à Escola de Frankfurt. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005, 407-411.

REINERT, João Fernandes. **Trindade:** Mistério de Relação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

RITUAL DA PENITÊNCIA. Tradução portuguesa para o Brasil. 2.Ed. São Paulo: Paulus, 1999.

ROBERTO, Sérgio Paulo. **Introdução ao Estudo dos Dogmas da Igreja Católica.** Juiz de Fora, MG, Editora: Martyria, 2015.

ROSSI, Edson. **Sociedade 4.0:** ética e filosofia vão reger as novas fronteiras da tecnologia. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/sociedade-4-0-etica-e-filosofia-va-reger-as-novas-fronteiras-da-tecnologia/> Acesso em: 15 de Novembro de 2023.

SANTA SÉ. **Código de Direito Canônico.** São Paulo: Loyola, 2001.

SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. **Os Missionários do Campo** e a caminhada dos pobres no Nordeste. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Julho de 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11491?locale=es> Acesso em: 24 de Julho de 2023.

SANTOS, Sérgio Ricardo Coutinho dos. **Um Olhar Sobre a Igreja no Brasil em Tempos de exílio:** Cartas do pe. José Comblin Interceptadas Pelo SNI em 1976. In: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1461> Acesso em 24 de Julho 2023.

SALVADOR, C. C.; EMBIL, J. M. U. **Dicionário de Direito Canônico.** São Paulo: Loyola, 1993.

STEIN, Edith. **A ciência da cruz.** Tradução de D. Beda Kruse. São Paulo: Loyola, 2014.

SESBOUÉ, Bernard. (dir.) **O Deus da Salvação.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2002.

SERRATO, Andréia Cristina. **Mística e Corporeidade: Experiência, Ética e Práxis em Simone Weil.** Tese de Doutorado PUC-Rio, 2015. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmninnibpcapjcgclcfndmkaj/https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30412/30412.PDF> Acesso em: 25 de Julho de 2023.

SCHMID, Konrad; SCHRÖTER, Jens. **O surgimento da Bíblia.** Dos primeiros textos às Sagradas Escrituras. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. 2023.

SCHIERSE, Franz Josef. Revelação Trinitária Neotestamentária. In: **Mysterium Salutis:** compêndio de Dogmática Histórico-salvífica. Editado por Johannes Feiner e Magnus Löhrer. Petrópolis, Vozes, 1972.

SCALABRINI, Patrizio Rota. **Livros Proféticos.** Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SCHÖKE, Luís Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. **Profetas I: Isaías e Jeremias**. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988.

SILVA, Maria Freire da. **Trindade, criação e ecologia**. São Paulo: Paulus, 2009.

TEPE, Dom Valfredo. **Nós somos um: retiro trinitário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

TOMÁS, de Aquino. **SUMA TEOLÓGICA**. Tradução de Alexandre Corrêa, organização de Rólio Costa e Luis A. De Boni, introdução de Martin Grabmann. 2.ed. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Livraria Sulina Editora; Caxias do Sul, Universidade Caxias do Sul, 1980.

TORRES QUEIRUGA, A. **Um Deus para hoje**. São Paulo: Paulus, 2006.

VATICANO. Site do Vaticano, 1946. Acta Apostolicae Sedis. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-38-1946-ocr.pdf>. Acesso em: 3 Mai. 2023.

WEIL. Simone. **Pela Supressão dos partidos políticos**. Tradução de Lucas Neves. Praça Carlos Chagas, 49 2º andar. Belo Horizonte – MG, Âyiné, 2021.

WEIL. Simone. **O Enraizamento**. Tradução de Maria Leonor Loureiro, Bauru, SP: EDUSC, 2001.

WEIL. Simone. **O Enraizamento**. Preludio para uma declaração dos deveres para com o ser humano. Tradução de e notas de Júlia Ferreira e José Claudio. Relógio d'Água editores, Lisboa, 2014.

WEIL. **Simone Weil**. A condição Operária e outros estudos sobre a opressão. Selação e apresentação de Ecléia Bosi. Tradução de Therezinha G. G. Langlada. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

WEIL, Simone. **Contra o Colonialismo**. Tradução de Carolina Selvatici. Bazar do Tempo produções e Empreendimentos Culturais Ltda. Rio de Janeiro, 2018.

WEIL.Simone **Carta a um religioso**. Tradução de Monica Stahel. Rio de janeiro: Vozes, 2016.

WEIL. Simone. **Espera de Deus**. Trad. Manuel Maria Barreiros. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

WEIL, S. **La condition ouvrière**. Paris: Gallimard, 1951.

WEIL, Simone. **Oeuvres complètes** VI -1. *Cahiers I (1933-septembre 1941)*, Paris, Gallimard, 1994.

WEIL, Simone. **Oeuvres complètes** I – *Primiers Écrits Philosophiques*, Paris, Gallimard, 1988.

WEIL, Simone. **Oeuvres complètes** IV – *Écrits de Marseille*, Paris, Gallimard, 1988.

WEIL, Simone. **Attente de Dieu**. Paris, Editions du Vieux Colombier, 1950.

WEIL, Simone. **Lettre à um Religieux**. Paris, Gallimard, 1951.

WEIL, Simone. **Cahiers: (juillet 1943)**. La connaissance surnaturelle (cahiers de New York et Londres). In: Oeuvres Complètes. Paris: Gallimard, 2006. Tome VI.

WERBICK, Jürgen. M. Doutrina da Trindade. In: **Manual de Dogmática**/ editado por Theodor Scheneider; elaborado por Bernd Jochen Hilberath... [et a]; tradutores Ilson Kayser, Luís Marcos Sander, Walter Schupp. 5 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.

WIEDERKEHR, Dietrich. Fundamentos Vitais. In: **Curso de Espiritualidade**: experiência, sistemática, projeções / Bruno Secondin, Tullu Goffi. Tradução de Bertoli Brodi. São Paulo: Paulinas, 1993.

WICKS, Jared. **Introdução ao Método Teológico**. Tradução de Nadyr de Salles Panteado. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FONTES SECUNDÁRIAS

BARROS, Elcio da Silva. **São Pedro Fourier**. São Paulo: Palavras & Prece, 2010.

COMBLIN, José. **Teologia da enxada**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

CONDINI, Martinho. **Dom Hélder Câmara**: Modelo de Esperança na caminhada para Paz. Dissertação de mestrado. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/1998/1/Martinho%20Condini.pdf>. Acesso: 12 de Mar. de 2024.

DOM HELDER CAMARA (1909-1999). Documentário realizado por ocasião do aniversário de sua morte. Documentaire réalisé à l'occasion du cinquième anniversaire de la mort de Dom Helder. 2004 – 26 mn - Réalisation : Marie Viloin - Producteurs : France 2 et CFRT/Le Jour du Seigneur. Disponível em: <https://www.heldercamara-actualites.org/le-jour-du-seigneur/>. Acesso: 17 de mar. 2024.

ELSO MATIAS. **Com a Palavra Dom Marcelo Carvalheira**. João Pessoa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aZ5ZprcMT7s> Acesso: 05 de set. de 2023.

ELSON MATIAS. **Caso Manoel Luiz - São Miguel de Taipu-PB**. João Pessoa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BN9BXeq8XOk>. Acesso: 05 de Set. de 2023.

Eusébio de Cesaréia. **La préparation évangélique I**. Paris: Cerf, 1974.

Eusébio de Cesaréia. **La préparation évangélique VIII**. Paris: Cerf, 1991.

FRAGOSO, Hugo. As Beatas do Padre Ibiapina: uma forma de Vida Religiosa para os sertões do Nordeste. In: DEROCHERS, Georgette.; HOONAERT, Eduardo (Orgs.). **Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres**. Revisão de Eliane Henrique. São Paulo: Paulinas, 1984.

FRANCISCO. Papa. Carta Apostólica sob forma de “Motu Próprio”. *Spiritus Domini*. Sobre a modificação do Cân. 230 § 1 do *código de direito canônico* acerca do acesso das pessoas do

sexo feminino ao ministério instituído do leitorado e do acolitado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html Acesso: 19 mar. 2024.

Chanoines Réguliers du Latran. Beauchêne – Maison provinciale (Archidiocèse de Potiers) Disponível em: <https://chanoines-du-latran.com/province/> Acesso: 19 mar. 2024.

GHELDRES. Philippe. **Alix Le Clerc** fondatrice, Première Mère de L'ordre de la Congrégation de Notre-Dame. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5614837r/f31.item>. Acesso 6 mar. 2024.

GEBARA, Ivone. **Ordenação de mulheres:** para qual Igreja e com qual teologia? Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/569049-ordenacao-de-mulheres-para-qual-igreja-e-com-qual-teologia-artigo-de-ivone-gebara>. Acesso: 19 mar 2024.

LITURGIA DAS HORAS. Próprio dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, 2017.

LOPES, Pedro Felipe Terra. **A evolução das redes de computadores e as filosofias tecnopolíticas nos finais do século XX:** para uma genealogia dos novos media. Faculdade de Letras da Universidade do Porto setembro de 2015. Disponível em: [hrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfndmkaj/https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/80743/2/36768.pdf](https://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfndmkaj/https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/80743/2/36768.pdf). Acesso: 15 de Nov. de 2023.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **A influência da ação social dos religiosos holandeses no processo de desenvolvimento de Arara-PB (Décadas de 1970 e 1980).** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

NESPVIDEOS. **Igreja da Libertação.** Autorização: Pedro Ribeiro de Oliveira https://www.youtube.com/watch?v=4_dCuibquzY Acesso: 21 set 2023.

PARAIBA IMAGENS. **Uma questão de Terra** (1988, Malfredo Caldas). João Pessoa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4p8CcpcAyWw> Acesso: 21 set 2023.

VERNAZZA, Battistina. **"Commento al Pater Noster"** de Dona Battistina Vernazza de Gênova (1497- 1587). Coletti Editore Roma, 1968.

ZOVATTO, Pietro. Experiência Espiritual na História. *In: Curso de Espiritualidade: experiência, sistemática, projeções* / Bruno Secondin, Tullu Goffi. Tradução de Bertoli Brodi. São Paulo: Paulinas, 1993.